

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

O PAVOR DA CARNE

**Riscos da pureza e do sacrifício
no corpo-imagem contemporâneo**

MARIA PAULA SIBILIA

Rio de Janeiro
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

O PAVOR DA CARNE

**Riscos da pureza e do sacrifício
no corpo-imagem contemporâneo**

MARIA PAULA SIBILIA

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Saúde Coletiva, Curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva – área de concentração em Ciências Humanas e Saúde do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. Benilton Bezerra Jr.

Rio de Janeiro
2006

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

O PAVOR DA CARNE

Riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo

Maria Paula Sibilía

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Saúde Coletiva, Curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Área de concentração em Ciências Humanas e Saúde do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Benilton Bezerra Jr.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Francisco Javier Ortega

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Jurandir Freire Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Maria Cristina Franco Ferraz

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Paulo Vaz

Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

A Benilton Bezerra Jr., pelas orientações sempre agradáveis, inteligentes e amigas, pela força e pela confiança.

A Francisco Ortega, um agradecimento muito especial pelo diálogo fértil, pelas muitas sugestões, idéias e livros, confiança e ajuda.

A Jurandir Freire Costa, pela generosidade do pensamento; e ao grupo do IMS, bela surpresa junto ao Maracanã.

A Maria Cristina Franco Ferraz, por ser minha estrela-guia nestes alegres trópicos, e por tudo o mais.

A Paulo Vaz, pelas frutíferas trocas na Comunicação e no CiberIdea, agradeço a boa acolhida, os diálogos e as discussões, a cordialidade e a força.

À CAPES, pelo apóio nos dois primeiros anos à realização desta pesquisa.

Aos meus caros amigos e afetos, que acompanharam este percurso com suas valiosas ajudas, dicas, paciências e alegrias. Muito especialmente a Rodrigo (pelas leituras generosas e argutas, e pelas ajudas infindáveis) e a Tadeu, por tantas incontáveis coisas e coisinhas; e a Geisa, Kleber, Ilana, Alexandre, Robério, Luciana, Erick, Rafaela, Claudinha e Tiago... e também aos de *allá* e ainda *más allá*: Christian, Vivi, Estela, Vanda, Miguel, Mariana, Manolo, Margarita; e a Cecilia y Fernanda, a meus pais... enfim!

E ao meu Rio de Janeiro, por continuar a me acolher tão calidamente.

Creia-me, querida, exista o Deus que existir, está eliminando lentamente os intestinos e o sistema alimentar do ser humano para dar origem a um ser mais elevado, mais espiritual.

Lord Clifford Chatterley¹

*La calavera, el corazón secreto,
los caminos de sangre que no veo,
los túneles del sueño, ese Proteo,
las vísceras, la nuca, el esqueleto.
Soy esas cosas. Increíblemente. [...]*

*Más raro es ser el hombre que entrelaza
palabras en un cuarto de una casa.*

Jorge Luis Borges²

¹ LAWRENCE, D.H. *El amante de Lady Chatterley*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1983. p. 296.

² BORGES, Jorge Luis. "Yo". In: *La rosa profunda*. In: *Obras completas*, v. 3. Barcelona: Emecé, 1996. p. 79.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Paradoxos do corpo contemporâneo: adorado ou rejeitado?..... 10

CAPÍTULO 1 : CORPO

O sujeito informatizado e o corpo como uma imagem moldável..... 15

CAPÍTULO 2 : BELEZA

Um modelo cada vez mais tirânico: todos devem ser jovens, belos e magros... 45

CAPÍTULO 3 : COMIDA

A moral da comida impura: entre hedonismo, distinção e moderação..... 71

CAPÍTULO 4 : OBESIDADE

Frutos do *excesso*: horror à gordura no Planeta Fome..... 88

CAPÍTULO 5 : FOME

Misérias da *falta*: os excluídos do Planeta Obesogênico.....97

CAPÍTULO 6: RISCOS

A lógica empresarial do custo-benefício: administrar prazeres e privações.....111

CAPÍTULO 7: SACRIFÍCIO

Novos ascetismos: dor, tempo e dinheiro pelo “corpo perfeito”..... 119

CAPÍTULO 8: PUREZA

Toda viscosidade orgânica será repelida: o ideal da pureza digital..... 130

CAPÍTULO 9: IMAGEM

A sensualidade redefinida: o “corpo belo” é uma miragem bidimensional..... 147

CAPÍTULO 10: BISTURI

Da beleza como dom divino aos imperativos fáusticos..... 161

CONCLUSÕES

Agruras da perfeição imaterial (e da felicidade lipoaspirada)..... 176

BIBLIOGRAFIA 186

RESUMO

Esta tese procura discutir algumas idéias, imagens e vivências do corpo humano na sociedade ocidental contemporânea. Para isso, parte de um aparente paradoxo: aquele que consegue conjugar uma adoração exacerbada e um violento desprezo pelo corpo no mundo atual. Por um lado, último refúgio da subjetividade e expoente visível do que cada um é, exige cuidados e é cultuado sem pausa. Por outro lado, finita e teimosamente imperfeita, a materialidade da carne não deixa de incomodar e suscitar rejeições. Este conflito merece ser analisado à luz do contexto histórico, político e sócio-cultural que o torna possível: um planeta interconectado pelo capitalismo globalizado dos inícios do século XXI, capaz de gerar (e vender) doses inusitadas de *excesso* e de *falta* ao mesmo tempo. A ênfase no consumo, no marketing e na produção automatizada não contradiz o aumento da miséria e da exclusão social em todo o mundo. Um quadro no qual ainda cabe um veloz crescimento da “epidemia de obesidade” e sua conseqüente *lipofobia*, um horror visceral (e um combate acirrado) aos tecidos adiposos que conformam o corpo humano. Nesse contexto, longe de ter desaparecido, o *fantasma da fome* é abafado pelo *fantasma da gordura*, que alimenta estratégias individuais de estilização corporal e todo um mercado do aprimoramento físico. Bem delimitadas em termos sócio-culturais e econômicos, essas duas ameaças extremas assombram os sujeitos contemporâneos de formas bastante diversas e até mesmo contraditórias (e, provavelmente, também complementares). Em ambos os casos, embora de maneira perversamente distinta, impõe-se idêntico sacrifício: *não comer*. Por isso é tão intensa a corrida dos cientistas para descobrir entidades como o “gene da obesidade” (ou da magreza) e o “hormônio da fome” (ou da saciedade), que sejam capazes de *desprogramar* a vontade de comer e, sobretudo, a capacidade de engordar. Mas tal busca não visa a resolver o clássico problema da fome: pretende saciar os vorazes apetites daquela outra parcela da humanidade, insidiosamente assombrada pelo *fantasma da gordura*, que constitui um mercado dos mais promissores. Além disso, diversas práticas bio-ascéticas (musculação, dietas, cirurgias) também apontam para o mesmo sonho de dominar esse inefável lastro carnal; uma luta desigual na qual se almeja atingir uma virtualização imagética e desencarnada. Toda impureza orgânica deve ser repelida, mediante novos sacrifícios da carne que implicam intensos investimentos de tempo, dinheiro e dor. Numa “gestão de si” guiada por parâmetros empresariais de custo-benefício e pela constante negociação dos riscos, a responsabilidade individual constitui a base de toda uma série de condenações morais que estigmatizam certas aparências e certas práticas corporais. Assim, novas formas de *ascetismo* se desenvolvem na procura de um corpo construído como uma imagem insuflada pelo imaginário digital que permeia a nossa cultura: um corpo-ícone inspirado nas imagens e nos discursos midiáticos, um corpo exclusivamente desenhado para o consumo visual.

Palavras-chave: corpo, digitalização, imagem, fome, obesidade.

ABSTRACT

A Horror of Flesh

Risks of Purity and Sacrifice in the Contemporary Body-as-Image

This thesis aims to discuss some ideas, images and individual experiences of the human body in contemporary western society. To that end, it starts from an apparent paradox: the one that conjugates an extreme worship and a violent despise of the body in the present times. On one hand, as the last refuge of subjectivity and visible exponent of what each one is, the body should be taken care of and worshipped endlessly. On the other, as the finite and tenacious imperfection, the flesh materiality does not cease to bother and provoke its rejection. Such a conflict deserves to be analyzed in the light of the historic, political and sociocultural context that makes it possible: the planet interconnected by globalized capitalism of the beginning of the 21st century, capable of generating (and selling) unusual doses of *excess* and *lack* at the same time. The emphasis on consumption, marketing and automated production does not contradict the rise in poverty and social exclusion in all parts of the world. A landscape in which there is still room for a rapid growth of the “obesity epidemics” and its subsequent *lipophobia*, a visceral horror of (and fierce combat against) the adipose tissues that make the human body. In this context, far from disappearing, *the hunger ghost* is suffocated by *the fatness ghost*, that feeds individual strategies of body stylization and a whole market of body improvement. Very well shaped in sociocultural and economic terms, those two extreme threats hang over contemporary subjects in various and even contradictory ways (and, probably, also complementary). In both cases, although in a perversely different manner, an identical sacrifice is imposed: *not to eat*. That is why it is so intense the scientific career towards discovering the “obesity gene” (or the thinness gene) and the “hunger hormone” (or the satiety hormone), that would make it possible to *disprogramme* the desire to eat and, above all, the capacity to put on weigh. But that search does not aim at solving the classical hunger problem but rather at satisfying the voracious appetite of another parcel of humankind, insidiously spelled by the *fatness ghost*, a very promising market. Besides, several bio-ascetic practices (gym, diets, surgery) are also directed towards achieving the same dream of dominating the ineffable flesh ballast; an unfair fight in which the goal is to attain an imaginary and fleshless virtualization. All organic impurity must be repelled, through new sacrifices of the flesh that involve intense investments in time, money and pain. In an auto-administration guided by business parameters of cost-benefit and by a constant negotiation of the risks, the individual responsibility becomes the basis of a whole series of moral condemnations that stigmatize certain body appearances and practices. Thus, new forms of *ascetims* are developed in the search of a body constituted as an image insufflated by the digital imaginary that permeates all our culture: a body-icon inspired in the mediatic images and discourses, a body exclusively designed for visual consumption.

Key words: body, digitalization, image, hunger, obesity.

RESUMEN

El Pavor de la carne

Riesgos de pureza y sacrificio en el cuerpo-imagen contemporáneo

Esta tesis pretende discutir algunas ideas, imágenes y vivencias del cuerpo humano en la sociedad occidental contemporánea. Para eso, parte de una aparente paradoja: aquella que logra conjugar una adoración exacerbada y un violento desprecio por el cuerpo en el mundo actual. Por un lado, último refugio de la subjetividad y exponente visible de lo que cada uno es, hay que cuidarlo y venerarlo sin pausa. Por otro lado, finita y tenazmente imperfecta, la materialidad de la carne no deja de molestar y suscitar rechazos. Este conflicto merece analizarse a la luz del contexto histórico, político y sociocultural que lo hace posible: un planeta interconectado por el capitalismo globalizado de principios del siglo XXI, capaz de generar (y vender) dosis inusitadas de *exceso* y de *falta* al mismo tiempo. El énfasis en el consumo, el marketing y la producción automatizada no contradice el aumento de la miseria y la exclusión social en todo el mundo. Un cuadro en el cual todavía cabe un veloz crecimiento de la “epidemia de obesidad” y su consecuente *lipofobia*, un horror visceral (y un combate feroz) a los tejidos adiposos que conforman el cuerpo humano. En ese contexto, lejos de haber desaparecido, el *fantasma del hambre* se ve sofocado por el *fantasma de la gordura*, que alimenta estrategias individuales de estilización corporal y todo un mercado del perfeccionamiento físico. Muy bien delimitadas en términos socioculturales y económicos, esas dos amenazas extremas penden sobre los sujetos contemporáneos de formas bastante diversas y hasta contradictorias (y, probablemente, también complementarias). En ambos casos, aunque de manera perversamente distinta, se impone idéntico sacrificio: *no comer*. Por eso es tan intensa la carrera de los científicos por descubrir entidades como el “gen de la obesidad” (o de la delgadez) y la “hormona del hambre” (o de la saciedad), que sean capaces de *desprogramar* las ganas de comer y, sobre todo, la capacidad de engordar. Pero esa búsqueda no apunta a solucionar el clásico problema del hambre sino a saciar los apetitos voraces de aquella otra parcela de la humanidad, insidiosamente hechizada por el *fantasma de la gordura*, que constituye un mercado muy promisorio. Además, diversas prácticas bio-ascéticas (gimnasia, dietas, cirugías) también apuntan a realizar el mismo sueño de dominar ese inefable lastre carnal; una lucha desigual en la que se anhela alcanzar una virtualización imagética y desencarnada. Toda impureza orgánica debe ser repelida, mediante nuevos sacrificios de la carne que implican intensas inversiones de tiempo, dinero y dolor. En una auto-administración guiada por parámetros empresariales de costo-beneficio y por la constante negociación de los riesgos, la responsabilidad individual constituye la base de toda una serie de condenas morales que estigmatizan ciertas apariencias y ciertas prácticas corporales. Así, nuevas formas de *ascetismo* se desarrollan en busca de un cuerpo construido como una imagen insuflada por el imaginario digital que infiltra toda nuestra cultura: un cuerpo-icone inspirado en las imágenes y discursos mediáticos, un cuerpo exclusivamente diseñado para el consumo visual.

Palabras clave: cuerpo, digitalización, imagen, hambre, obesidad.

INTRODUÇÃO

**Paradoxos do corpo contemporâneo:
adorado ou rejeitado?**

—É pena que uma criatura tão radiosa deva envelhecer — suspirou Wilde.
—Realmente — concordei. Que beleza se Dorian pudesse ficar exatamente como é, e o retrato envelhecesse e se enrugasse em seu lugar! Faço votos para que seja assim.

Oscar Wilde³

O mundo atual ostenta, entre muitos outros, um paradoxo que pode parecer desconcertante. Por um lado, percebe-se um evidente enaltecimento do corpo. Último grande refúgio da subjetividade, o corpo humano é obstinadamente submetido a toda uma série de estratégias de design epidérmico que apontam para o cultivo das “boas aparências”, numa era na qual a visibilidade e o reconhecimento no olhar alheio são fundamentais na definição do que cada um é. Por outro lado, ao mesmo tempo — e é aqui que o mencionado paradoxo se ergue, desafiando o pensamento para além das evidências — o corpo é desprezado com uma violência inédita.

É precisamente a condição carnal e material do corpo humano, a sua viscosidade orgânica e biológica, que se tornou o alvo de uma rejeição ativa nas sociedades ocidentais dos inícios do século XXI. Trata-se de um tipo de formação social que assiste pela primeira vez na história a um crescimento desmesurado da obesidade em todo o mundo, e a uma curiosa conseqüência dessa expansão: a **lipofobia**, um horror visceral aos tecidos adiposos que *naturalmente* conformam o corpo humano. Assim, enquanto o capitalismo dos **excessos** e da opulência, do marketing hedonista e da gula consumista, vai solapando a velha economia da **escassez**, o costumeiro *fantasma da fome* — um eterno companheiro indesejável da humanidade — parece ofuscado por um recém-chegado: o temível *fantasma da gordura*.

Alguns dados estatísticos podem servir para esboçar o quadro: atualmente, por exemplo, 65% dos adultos dos Estados Unidos têm excesso de peso; essa proporção equivale a 120 milhões de pessoas, enquanto 61 milhões são considerados obesos. O aumento tem sido vertiginoso na última década, e os números continuam engordando.⁴ Mas o problema não se restringe aos Estados Unidos, e nem sequer aos países mais abastados do planeta. Diversas pesquisas indicam que os quilos a mais são motivo de

³ WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001; p. 15.

⁴ *Science*, 7/02/2003. <http://www.sciencemag.org>.

preocupação também nos países menos favorecidos, especialmente entre as crianças: calcula-se que o sobrepeso e a obesidade já estejam afetando nada menos que 35% da população infantil mundial.⁵

Tendo em vista as dimensões que esse espectro apavorante está ganhando, não surpreende que a sua sombra inchada agite os mercados. O fantasma da gordura não desvela apenas os cientistas em seus laboratórios (que desejam descobrir a panacéia para exorcizá-lo), mas também e sobretudo a ansiosa iniciativa empresarial (que desvaira por comercializar tal poção mágica) e os igualmente ansiosos consumidores (que desesperadamente querem comprá-la para vê-la agir em seus próprios corpos).

Apesar dessas novidades que fluem da ressaca da festa consumista, nos cantos mais esquecidos do planeta não deixa de aumentar a porção da humanidade que cotidianamente morre de fome: 24 mil pessoas por dia, 11 crianças por minuto. Longe dos holofotes e sem alardes midiáticos, obscuramente, o problema da fome tem crescido nos últimos anos, afetando um quarto dos habitantes do mundo.⁶ Somente no Brasil, são 47,4 milhões as pessoas que sofrem cronicamente a falta de acesso aos alimentos. E também aqui está em aumento: a parcela da população nacional que não ganha o suficiente para comer passou de 26 % em 2002 para 27 % dois anos mais tarde.⁷ Mas não adianta apelar para o catastrofismo das cifras, pois a despeito de sua brutal consistência, tais dados se perdem na maré da informação cotidiana e seus efeitos potenciais são anestesiados no esquecimento prático. Não há como negar, então: no burburinho do nosso cotidiano altamente midiático, o problema da **obesidade** está sufocando o velho problema da **fome**. E a procura de soluções — tanto estritamente tecnológicas como biopolíticas — visa quase exclusivamente a resolver a primeira questão, relegando a segunda à letra pequena do contrato social global.

Assim, em meio a um mundo esfomeado que incita à voracidade constante, os cidadãos-consumidores que monopolizam o drama contemporâneo colocam em cena toda uma série de táticas e estratégias de estilização corporal, visando a esconjurar o

⁵ “La obesidad, problema en uno de cada 3 niños”. *La Nación*, Buenos Aires, 22/08/2004. <http://www.lanacion.com.ar/629360>.

⁶ *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29/05/2004. Mais, em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=18915>.

⁷ OLIVEIRA, Flávia. “Mais de 47 milhões na miséria”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14/10/2004. Os dados são do último relatório do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), coordenado pelo economista Marcelo Neri e baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad-2003) do IBGE.

fantasma da gordura. Essas práticas, que invadiram o dia-a-dia nos últimos anos e estão se tornando uma verdadeira obsessão para boa parte da humanidade, procuram concretizar um sonho que ainda continua parecendo impossível: o de dominar essa carnalidade inefável e incômoda, sempre imperfeita, flácida, gordurosa, fatalmente submetida à dinâmica abjeta das secreções e da decomposição orgânica — o corpo. Almeja-se, nessa luta desigual contra a teimosia da carne, atingir uma virtualização imagética tão *descarnada* como *descarnante*. Alguns ingredientes desses sonhos etéreos merecem ser investigados, levando em conta sua gênese histórica e suas raízes nitidamente políticas, pois tais tendências respondem às severas exigências de um determinado projeto de sociedade, atualmente vigente em vastos setores do nosso planeta globalizado.

As novas práticas *bio-ascéticas* dos regimes alimentares, das cirurgias plásticas e dos exercícios físicos se expandem velozmente na procura do *fitness* — isto é, da árdua *adequação* dos corpos humanos a um ideal exalado pelas imagens midiáticas cada vez mais onipresentes e tirânicas, impondo por toda parte um modelo corporal hegemônico e disseminando uma rejeição feroz diante de qualquer alternativa que se atreva a questioná-lo. Os indivíduos são interpelados por esses discursos midiáticos e por essa aluvião de imagens que ensinam as formas e as leis do “corpo bom”, e ao mesmo tempo são informados sobre todos os riscos inerentes aos “estilos de vida” que podem afastá-los perigosamente desse ideal. O mero fato de *viver* — isto é, o acaso de *ser* um corpo vivo, orgânico e material — já é uma enorme desvantagem nessa missão, pois quase tudo conduz à fatal deterioração física. Comer, por exemplo, mesmo que seja apenas “alimentos leves e saudáveis”; ou simplesmente estar no mundo enquanto o tempo transcorre e vai deixando suas abomináveis seqüelas na carne — tudo conduz, inexoravelmente, à degeneração.

Ainda assim, nos é dito que é possível prevenir o pior — ou, pelo menos, que seria possível demorar a sua fatídica chegada. Pois os riscos (ainda?) não podem ser eliminados de vez, só podem ser parcialmente controlados ou, no melhor dos casos, diminuídos, recorrendo a grandes doses de prudência e sacrifício, privações e sofrimentos. Ou seja, graças a uma boa “gestão de si” que envolva não apenas o indispensável autocontrole, mas também um bom conjunto de práticas *bio-ascéticas*. Basta, portanto — conforme nos é dito uma e outra vez — estarmos sempre alertas e informados sobre os riscos que corremos e sobre as diversas formas de contorná-los,

para tomarmos as decisões adequadas e agirmos corretamente, a fim de manter sob controle os inevitáveis desbordes do nosso lastro demasiadamente carnal. Assim, a responsabilidade individual constitui a base de toda uma série de novas condenações morais, que têm o corpo como seu principal alvo e campo de ação.

Dois termos graves, carregados de múltiplos e complexos sentidos, parecem chaves nestes processos: **pureza** e **sacrifício**. Toda impureza orgânica será repelida e, para isso, impõe-se um amplo catálogo de rituais de um novo tipo de sacrifício da carne, que envolve o intenso investimento de três recursos dos mais prezados na cosmologia contemporânea: tempo, dinheiro e dor. Assim, junto com um certo *neo-gnosticismo* de inspiração digital, que pretende “virtualizar” o corpo humano ultrapassando os limites da sua materialidade orgânica, novas formas de *ascetismo* se desenvolvem. Tudo isso na procura de um corpo construído como uma imagem tersa e pura, um modelo insuflado pelo imaginário digital que permeia a nossa cultura. Isto é, um corpo-ícone desenhado exclusivamente para o consumo visual.

1

CORPO

**O sujeito informatizado
e o corpo como uma imagem moldável**

Todo corpo se nutre, morre e renasce continuamente. Porque o alimento só pode entrar onde o alimento anterior já foi consumido, e onde não haveria mais vida se o alimento desaparecido não fosse substituído por uma quantidade igual. Mas se dia após dia devolveses ao corpo o que foi consumido, renascerá tanta vida como se tenha consumido; assim como ocorre com a luz das candeias, nutrida pelo sebo derretido que continuamente vai se restaurando... até que seu resplendor se converte em escura fumaça e a luz morre.

Leonardo da Vinci ¹

As aeromoças são desidratadas, é preciso acrescentar-lhes ao pó bastante água para se tornarem leite.

Clarice Lispector ²

O que é — e o que pode — um corpo? O leque de respostas possíveis para esta pergunta é muito amplo. A história e a imensa diversidade humana mostram que o corpo da nossa espécie é flexível, e que sem dúvida ele pode muito. São incontáveis as características que se consideravam limites orgânicos intransponíveis, barreiras impostas pela rigidez da nossa constituição biológica, que no entanto escondiam certa permeabilidade e acabaram sendo ultrapassadas. Graças às ferramentas culturais e à sua plasticidade *natural*, o corpo humano é capaz de se adaptar às mais diversas situações, estendendo as suas potencialidades e ampliando o campo do possível.

Não é só o corpo anatomo-fisiológico mas também o “esquema corporal” que muda e se ajusta às novas circunstâncias, de acordo com a perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty.³ Este filósofo fornece um exemplo que já se tornou clássico para ilustrar essa dinâmica: o da integração da bengala ao corpo de quem começa a precisar desse instrumento para se locomover. Aos poucos, com a experiência e a familiaridade do uso cotidiano, esse artefato outrora externo e alheio se incorpora ao esquema corporal do sujeito, quem passa a sentir e utilizar a bengala como se fizesse parte do seu próprio corpo. Algo semelhante ocorre com outras “próteses” de uso bastante comum entre nós, tais como os óculos ou as dentaduras postiças, e com

¹ DA VINCI, Leonardo. *Apuntes de Cocina: Pensamientos, Misceláneas y Fábulas*. Buenos Aires: Distal, 2003. p. 142.

² LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973. p. 36.

³ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

aparelhos mais sofisticados como os membros artificiais e as cadeiras de rodas. De modo semelhante, carros, roupas, maquiagens e telefones celulares também alteram e flexibilizam o esquema corporal de quem os utiliza. Porque as fronteiras entre organismo e ambiente são mais elásticas do que costuma indicar nosso credo individualista, assim como são porosos os confins entre o eu, os outros e o mundo.

Atualmente, com os avanços em áreas como a teleinformática e as biotecnologias, fala-se do advento de uma certa “evolução *pós-biológica*”, que estaria dando origem a uma humanidade *pós-orgânica*. Graças a sua hibridação com os dispositivos técnicos, tal criatura *pós-humana* teria condições de ultrapassar os limites de sua materialidade corporal tanto no sentido espacial (através das “tecnologias da virtualidade”) como no sentido temporal (por meio das “tecnologias da imortalidade”).⁴ Acoplada ao corpo físico e integrada ao esquema corporal, toda essa aparelhagem acabaria estendendo as possibilidades humanas e modificando o clássico perfil do *homo sapiens*.

Outros exemplos dessa maleabilidade — e da sua capacidade de flexibilizar os limites biológicos que constroem a espécie — provêm das culturas não-ocidentais. É o caso dos iogues e faquires orientais, por exemplo, que praticam proezas que poderiam parecer “humanamente impossíveis”, tais como permanecer submersos na água por longos períodos de tempo sem a ajuda de qualquer equipamento técnico, apenas controlando a respiração mediante exercícios de concentração mental. Inclusive nas sociedades ocidentais há quem desenvolva certas habilidades para além das fronteiras consideradas “normais”, como os atletas que quebram recordes de velocidade ou executam movimentos nunca antes realizados. Sendo mais um órgão do corpo humano, o cérebro também possui uma assombrosa plasticidade: diversas pesquisas neurológicas com sujeitos afetados por patologias que inviabilizam determinadas funções cerebrais, mostram que o cérebro consegue se adaptar às novas circunstâncias desenvolvendo capacidades imprevistas.⁵

⁴ Cf. SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002.

⁵ Cf. RAMACHANDRAN, Vilayanur. *Fantasma no Cérebro*. São Paulo: Record, 2002; DAMASIO, Antonio. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; e *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A despeito de todos esses prodígios e mesmo considerando a dócil mobilidade dos limites biológicos, cumpre admitir que o corpo humano possui um elenco de características básicas que — pelo menos até agora — são inerentes à espécie e que o definem como tal: trata-se de uma criatura bípede, que possui uma estrutura anatômica e fisiológica determinada, com um par de olhos na frente, dois braços, etc. Tudo isso faz com que a experiência propriamente humana difira daquelas que poderiam ter outros seres vivos, seja uma mosca, um cachorro, um arbusto ou um morcego.⁶ Dentro dessas vastas fronteiras demarcadas pela contextura da nossa espécie, entretanto, as possibilidades do corpo humano são múltiplas e estão em aberto. E o a cultura constitui um fator primordial, tanto na definição desses limites corporais como nas chances de ultrapassá-los. Contextualizando toda experiência individual e subjetiva, as histórias e as geografias oferecem inúmeras variações dessa influência cultural na lapidação dos corpos humanos.

Na Idade Média, por exemplo, as idéias e as imagens a respeito do corpo divergiam consideravelmente daquelas que atualmente vigoram entre nós, e outro tanto devia ocorrer com as vivências corporais mais habituais na época. Pois naquele extenso período da história européia, severamente dominado pela Igreja e pelas doutrinas cristãs, a alma desempenhava um papel fundamental. No entanto, longe das conotações mais usuais que hoje exala essa palavra, aquela alma medieval não era uma entidade imaterial e separada do corpo (ou dele separável). Ao contrário, intimamente ligada à carne, supunha-se que a alma animava a vida e se misturava com as matérias orgânicas que conformam o corpo, impregnando-as de modo indestrinçável.

As discussões em torno da ressurreição de Cristo são uma boa fonte de informações a esse respeito: com base nesses textos, a medievalista Caroline Bynum mostra até que ponto a alma estava entrelaçada à carne naquele universo. Pois até o próprio Deus tinha encarnado em um corpo, o de Cristo, e só poderia ressuscitar reencarnando nessa idêntica matéria.⁷ Mesmo depois de mortos, os corpos não se descolavam da alma que os insuflara: ambos seguiam juntos, inseparáveis, rumo ao

⁶ Cf. NAGEL, Thomas. “How is it like to be a bat”. *The Philosophical Review* LXXXIII, 4/10/1974. p. 435-450. Também disponível em http://members.aol.com/NeoNoetics/Nagel_Bat.html.

⁷ BYNUM, Caroline. “Why All the Fuss about the Body? A Medievalist’s Perspective”. *Critical Inquiry*, 22. Chicago: The University of Chicago Press, 1995, p. 1-33; Cf. também BYNUM, Caroline. *The resurrection of the body in Western Christianity, 200-1336*. Nova York: Columbia University Press, 1995.

Além — e, quem sabe, talvez ainda poderiam regressar ao lodo terreno.⁸ Mesmo se o cristianismo jamais consentiria uma celebração do corpo *per se*, que excluísse a alma, “a redenção contemplava ambos”; portanto, as práticas ascéticas não exprimiam um desprezo pelo corpo humano, mas se consideravam formas de preparar esse corpo para que pudesse receber o espírito divino.⁹ Até os fantasmas medievais distavam de serem etéreos e invisíveis: ao contrário, eram bem carnais e perfeitamente visíveis, já que naqueles tempos a identidade corporal só podia ser eterna. Era inconcebível, nesse contexto, a mera idéia de uma subjetividade **desencarnada**.

Apesar da pluralidade de perspectivas em conflito e da riqueza inabordável que caracterizam todas as épocas — inclusive, é claro, a vasta Idade Média — e que recomendam desconfiar de qualquer generalização apressada, os historiadores parecem coincidir em um ponto. É o seguinte: até finais do século XVI vigoraram, de maneira hegemônica, as noções acima resumidas acerca das relações entre corpo e alma — tanto na filosofia escolástica de origem aristotélica como na “cultura popular” — segundo as quais uma subjetividade desencarnada não poderia sequer ter sido imaginada.

A despeito do estranhamento inicial que parece contradizer as nossas idéias preconcebidas sobre aquele período histórico, essa cosmovisão faz todo o sentido pois ela é pré-dualista: na Idade Média, corpo e alma eram manifestações do mesmo ser, portanto a subjetividade cristã não podia deixar de ser **encorpada**.¹⁰ Tudo isso faz sentido, também, por outro motivo: é conhecida a caracterização do corpo medieval como *dionisíaco*, “grotesco e carnavalesco”, uma linhagem interpretativa iniciada nas análises do crítico russo Mikhail Bakhtin.¹¹ De acordo com essa perspectiva, tal corpo não procurava disfarçar — e muito menos ultrapassar — a sua condição orgânica e finita. Ao contrário, aliás, pois a imagem que esses estudos nos oferecem é a oposta: as bases materiais da subjetividade se reafirmavam cotidianamente na vida medieval, tanto

⁸ Cf. “Espaço da alma”. In: WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço, de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 33-55.

⁹ VIDAL, Fernando. “Brains, Bodies, Selves and Science: Anthropologies of Identity and the Resurrection of the Body”. *Critical Inquiry*, 28. Chicago: The University of Chicago Press, 2002, p. 935.

¹⁰ A própria Bynum denuncia esses clichês tão habituais nas teorizações contemporâneas sobre o corpo, que costumam banalizar toda a riqueza da tradição filosófica ocidental “de Platão a Descartes” como sendo simplesmente “dualista”, esquecendo especialmente as nuances do período medieval. BYNUM, Caroline. “Why All the Fuss about the Body? A Medievalist’s Perspective”. *Critical Inquiry*. Nº 22. Chicago: The University of Chicago Press, 1995, p. 6.

¹¹ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: UNB, 1987.

no convívio permanente com outros corpos (vivos e mortos, humanos e animais) como na intensa familiaridade com o perecível.

Uma tal mistura parecia ignorar certos conceitos que são fundamentais na cultura contemporânea, como as nossas acepções de lixo, sujeira e nojo. “O corpo medieval era totalmente diferente daquele que surgirá no ambiente aristocrático-capitalista”, sintetiza o antropólogo José Carlos Rodrigues, e prossegue: “era o corpo da boca que cospe, que vomita, que arrota, que exala hálito; era o corpo do ânus que expele gases, do nariz que escorre... não era um corpo contido pela musculatura”. E ainda há mais: “nada dessa couraça muscular que oprime os orifícios para que não se manifestem em público, para que se retenham, para que se escondam; nada de uma rigidez que separa o interior corporal do exterior, que desenha os limites do corpo, restringindo-os à sua corporalidade individual”.¹² É fácil vislumbrar que se trata de uma configuração corporal bem diferente daquela que mais tarde se impôs como hegemônica, embora aquela outra ainda pertença à civilização ocidental e nem esteja tão distante de nós em termos cronológicos.

É evidente, portanto, que as coisas mudaram muito nos últimos séculos. Aludir a René Descartes é inevitável, pois foi este filósofo quem enunciou, no século XVII, a visão dualista que logo seria batizada com seu nome: aquela que cindiu de vez **corpo** e **mente** por serem duas substâncias diferentes e separadas. Daí em diante, o ser humano passaria a ser um misto de elementos **materiais** e **imateriais**, curiosa amálgama na qual estes últimos detinham uma nítida superioridade ontológica com relação aos primeiros. “Eu poderia supor não possuir um corpo”, meditava Descartes, mas não podia admitir a própria existência sem a possibilidade de pensar (*cogito ergo sum*), que por sua vez era fruto do “espírito incorpóreo”. Eis a grande novidade histórica: “sou realmente distinto do meu corpo e *posso existir sem ele*”.¹³ O corpo não faz parte da essência do sujeito; é dispensável, pois o pensamento dele independe. Esta redução do *self* à consciência como uma função da alma ou do cérebro, portanto, é algo relativamente recente na nossa história: somente no século XVII, sob a influência da metafísica cartesiana, “a antiga ênfase na unidade psicossomática se deslocou

¹² RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001. p. 64.

¹³ DESCARTES, René. *Meditaciones metafísicas*. Navarra: Ed. Folio, 1999. (Os grifos são meus.)

para a unidade da mente, e esta última se converteu no elemento capaz de definir da identidade”.¹⁴

Outra referência iniludível neste percurso é John Locke. Os escritos deste filósofo inglês também contribuíram para a inauguração da nossa era, nos remotos primórdios da Modernidade: uma época que não só conseguiu imaginar, mas também entronizar, uma **subjetividade desencarnada**. Com a psicologização da personalidade, o cerne da identidade de cada ser humano passou a residir na mente ou na consciência, livrando-a do vínculo outrora necessário com a matéria.¹⁵ Assim, paralelamente à mecanização do mundo, aos avanços da tecnociência, do racionalismo e do capitalismo industrial, entre os séculos XVII e XVIII nasceu esta visão do homem cujo corpo é equiparável a uma máquina. Um mecanismo de carne e ossos, habitado por uma entidade misteriosa com características vagamente divinas. Chame-se alma, mente, psique ou consciência, é um “fantasma” capaz de animar aquela carcaça toscamente material: o corpo.¹⁶ Apesar de todas as reviravoltas e dos sedimentos acumulados nos últimos séculos, de alguma maneira este personagem perdurou até hoje, e ainda habita o nosso imaginário e as nossas realidades: um sujeito cuja *essência* é **imaterial**.

Mas qual é o lugar do corpo neste novo quadro, que emergira com tantos ímpetos três ou quatro séculos atrás? Tradicionalmente desprezado por ser o pólo **material** do par dualista (uma perspectiva que enaltece as qualidades mais elevadas e etéreas da mente ou da alma), o corpo têm suscitado uma pertinaz desconfiança nas sociedades ocidentais dos últimos séculos. Baixa e impura, a indecorosa materialidade corporal passou a exigir novos tipos de *purificação*. Toda uma série de métodos foi implementada, com o objetivo de purificar os corpos que (também eles) deviam ser absolutamente modernos: higiene, normas de conduta, saúde, disciplina, limpeza, ordem. Trata-se daquilo que Norbert Elias denominou “processo civilizador” e que Michel Foucault estudou aplicando os conceitos de “biopoder” e “biopolíticas”, a fim de mostrar o gradativo enquadramento do tempo, do espaço e dos corpos nas sociedades urbanas e industriais que então nasciam e rapidamente se reproduziam como fungos na

¹⁴ VIDAL, op. cit., p. 939.

¹⁵ LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. Para uma boa análise sobre estas e outras fontes da subjetividade moderna, ver TAYLOR, Charles. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

¹⁶ Sobre a noção de “fantasma na máquina”, ver RYLE, Gilbert. *The concept of mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.

paisagem européia.¹⁷ Sabe-se que não foi fácil impor a catequese da higiene e da saúde: a proeza demandou certa violência, com a intervenção da polícia e de outros dispositivos de controle pouco amáveis, porém bastante eficazes em sua rigorosa tarefa de disciplinamento e purificação.¹⁸

Assim, aquela mistura impudica que imperava no universo medieval, grudando uns corpos aos outros e ao cosmos, foi arduamente conquistada — aos poucos e não sem resistências — pelos ideais modernizadores de separação, ordem, limpeza e pureza. Todo um conjunto de “autocontroles civilizadores” passou a operar, visando a “um controle mais firme, mais geral e uniforme das emoções”; e dessa forma foi se constituindo uma espécie de cápsula protetora: uma parede invisível que separava o “mundo interno” de cada sujeito do “mundo externo” que permaneceria *fora* dele, separando convenientemente o indivíduo da sociedade.¹⁹ Outro ingrediente imprescindível destes processos de implantação do “espírito do capitalismo” e do seu credo cientificista e individualista foi uma certa “ética protestante”, de acordo com as célebres análises de Max Weber. As práticas ascéticas, a moral do trabalho, a organização racional da vida cotidiana, a valorização da ordem e da autodisciplina, bem como um “sentido religioso da profissão”,²⁰ contribuíram para conseguir algo nada fácil: ortopedizar os corpos a fim de adequá-los ao modo de vida urbano exigido pelo capitalismo industrial.

Tudo isso deflagrou fortes mudanças nos comportamentos, nos hábitos e costumes, nas formas de pensar e nos modos de ser. Muitas dessas novidades daquela época ainda vigoram, passando a constituir o equipamento básico do nosso esquema corporal. Pois os corpos foram os protagonistas desses árduos processos: apesar da histórica desconfiança com relação ao pólo material do dualismo cartesiano, na modernidade ele se tornou um objeto primordial de atenção, alvo privilegiado dos saberes e dos poderes que procuravam entender suas engrenagens, especialmente para atravessá-lo e ajustá-lo às novas circunstâncias. De acordo com as análises de Foucault,

¹⁷ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994; FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹⁸ Cf. ROSEN, George. *Da Polícia Médica à Medicina Social: Ensaio sobre a história da assistência médica*. Rio de Janeiro: Graal, 1980; e VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

¹⁹ ELIAS, *op. cit.*; p. 246.

²⁰ WEBER, Max. *La ética protestante y el espíritu del capitalismo*. Bs. As.: Ed. Andrómeda, 2004. p. 67.

inclusive, o corpo teria “nascido” na segunda metade do século XVIII, ao se tornar ao mesmo tempo objeto e efeito dos exames médicos e das indagações das ciências humanas e sociais.²¹

Já em anos mais recentes, o corpo humano vem despertando uma renovada atenção. Chegamos, então, aos turbulentos dias de hoje, uma era na qual o corpo se converteu em um dos objetos prediletos de cientistas, filósofos e artistas que pretendem esmiuçá-lo e compreendê-lo; e também dos cidadãos de todas as classes, idades e estilos que povoam nosso planeta globalizado e olham para os corpos próprios e alheios com crescente interesse. Hoje o corpo se apresenta como a grande âncora da subjetividade, no turbilhão de um capitalismo que exorbitou o consumo (tanto de produtos e serviços como de identidades e outros bens simbólicos), e no auge do individualismo propulsado pelas benesses da livre-escolha no mercado universal. Nesse ambiente confuso e mutante, é na superfície corporal onde cada um *exibe* as suas *verdades*. Essa ênfase nas aparências corporais emerge como uma característica marcante da nossa época, e são imensas as implicações desse deslocamento do foco. Pois a crescente proeminência do aspecto físico complementa um outro fenômeno igualmente relevante no mundo atual: a crise da **interioridade** subjetiva.²²

Os indícios desse colapso não cessam de proliferar: estaria se esvaziando aquele espaço secreto, íntimo e privado, localizado “dentro” de cada indivíduo, onde costumava se ocultar a *essência* de cada um. Por aconchegar tamanho tesouro, tal espaço *interior* constituía o objeto sobre o qual se debruçara com avidez um campo de saber fundamental nos dois últimos séculos: a psicologia, um componente imprescindível dos processos civilizadores. Adubada zelosamente ao longo da era moderna, a “vida interior” foi o eixo em torno do qual as subjetividades se definiam, em uma minuciosa tarefa cotidiana que visava a fortalecer esse âmago fértil porém sempre oculto nas próprias profundezas. O *homo psychologicus* viveu seu apogeu neste período histórico, com um cultivo primoroso daquilo que Richard Sennett denominara “as

²¹ FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2003.

²² Cf. BEZERRA Jr., Benilton. “O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica”. In: PLASTINO, C. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002; p. 229-239; BEZERRA Jr., Benilton. “Seremos sujeitos amanhã?”, *Cadernos de Psicanálise*, n. 21. Rio de Janeiro: CPRJ, 1999; BEZERRA Jr., Benilton. “A retomada do futuro: tempo e utopia na subjetividade contemporânea”. In: JOBIM, S.; SOUZA (orgs.). *Mosaico, imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Rios Ambiciosos, 2000; SIBILIA, Paula. “Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico: a crise da interioridade”. Revista *Semiosfera*, ECO-UFRJ, Rio de Janeiro, Ano 3, Nº 7, 2004.

tiranias da intimidade”.²³ Pois embora esta nova modalidade subjetiva tenha surgido como uma promessa de liberação das hipocrisias e maneirismos que vigoravam nos ambientes excessivamente teatrais da Corte, logo demonstraria sua capacidade de se tornar uma nova prisão: o refúgio na intimidade distanciou os sujeitos da ação pública, para se extraviarem em suas pequenas delícias e frustrações privadas.

Mas o que ocorre hoje em dia? Essas enigmáticas essências íntimas parecem ter perdido boa parte de seu peso e seu valor na hora de revelar o que cada um é. Essas verdades já não se escondem dentro de cada um: elas estão à flor da pele, são visíveis — ou, pelo menos, se esforçam por atingir o cobiçado campo da *visibilidade*. “Se na cultura do psicológico e da intimidade o sofrimento era experimentado como conflito interior, ou como um choque entre aspirações e desejos reprimidos e as regras rígidas das convenções sociais”, explica Benilton Bezerra Jr, “hoje o quadro é outro”. Em um mundo onde as regras do espetáculo se espalharam por todos os âmbitos, “o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental que falha, muito mais do que numa interioridade enigmática que causa estranheza”. Assim, em vez de solicitar a interrogação, a interpretação e os mergulhos no interior de uma subjetividade conflituosa e cheia de mistérios, as novas vivências demandam explicações técnicas e intervenções corretivas, “numa cultura cientificista que privilegia a neuroquímica do cérebro em detrimento de crenças, desejos e afetos”.²⁴ Nesse quadro, que também recebeu o nome de **cultura somática** — um universo no qual a “moral das sensações” vem minando a antiga “moral de sentimentos” — o corpo e sua superfície epidérmica assumem um papel primordial, pois é na própria imagem corporal que cada sujeito *mostra a verdade* sobre si.²⁵ Cada vez mais está aí, à vista de todos, *aquilo que se é*.

O que significa tudo isto? Estaríamos nos aproximando de uma libertação, rompendo enfim com o velho dualismo que condenara o corpo humano a ser um eterno

²³ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: Tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Cf. também sobre este assunto ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

²⁴ BEZERRA Jr., Benilton. “O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica”. In: PLASTINO, C. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002; p. 229-239.

²⁵ Sobre o conceito de “cultura somática”, ver “A personalidade somática de nosso tempo” e “Notas sobre a cultura somática”, em COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 185-242. Sobre a passagem da “moral dos sentimentos” para a “moral das sensações”, ver também outro livro do mesmo autor: COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Sobre o conceito de “sociedade do espetáculo”, ver DEBORD, Guy. *La sociedad del espectáculo*. Buenos Aires: Ed. La Marca, 1995.

prisioneiro dessa entidade gasosa e moralmente superior, a alma? Vale lembrar aqui daquela instigante frase de Foucault: “a alma, prisão do corpo”.²⁶ Nessa provocação, o filósofo invertia o dogma cristão de uma alma límpida e etérea, porém fatalmente aprisionada no barro carnal e dele inseparável. Toda a tradição ocidental abunda em referências desse tipo: o corpo como uma obscura “prisão da alma”. E não apenas dos rigores cristãos da Idade Média aos pudores burgueses da era industrial: desde tempos ainda mais imemoriais, a carne tem insistido em aprisionar (e contaminar) aquela essência etérea que misteriosamente nos habita. Basta lembrar da célebre passagem do diálogo *Fedro* de Platão, que compara o corpo humano a “um túmulo que carregamos conosco”, um peso inerte “ao qual estamos amarrados como a ostra à sua concha”.²⁷

Mas o trocadilho de Foucault é desconcertante, não apenas porque desafia o nosso senso comum (junto com boa parte da nossa herança filosófica); mas também porque a cambalhota ainda esquiva a necessidade de decretar a inexistência daquela entidade misteriosa que, conforme a nossa profusa tradição, anima os corpos dos homens. Etérea “ilusão dos teólogos”, a alma não só conseguiu sobreviver aos esclarecimentos racionalistas dos séculos XVII e XVIII, como também se revigorou sob as novas Luzes. A alma foi reinventada no mundo industrial: ao se converter tanto no efeito como no instrumento de uma nova “anatomia política”, a alma acabou se tornando uma dura prisão para os corpos modernos.

O problema do dualismo corpo-alma, portanto, bem como as diversas maneiras com que ele é “resolvido” em cada época, constituem sérias questões políticas. Os dispositivos e as diversas técnicas, práticas e discursos que afetam os corpos e as almas, em todos os tempos e lugares, costumam obedecer aos interesses de um determinado projeto histórico que tende a ser hegemônico, embora esteja em luta constante com outras forças que também batalham tentando se impor.

E o que está acontecendo agora, no que tange a estas diferenciações, submissões e lutas ancestrais? Será que o corpo contemporâneo ainda é cativo daquela alma tirânica da modernidade? Aquela entidade tão etérea como opressiva que Foucault denunciara em suas análises do mundo industrial, continua aprisionando insidiosamente os nossos

²⁶ “Mas não devemos nos enganar: a alma, ilusão dos teólogos, não foi substituída por um homem real, objeto de saber, de reflexão filosófica ou de intervenção técnica... A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo”. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 31-32.

²⁷ PLATÓN. “Fedro”. In: *Diálogos*. México: Editorial Porrúa, 1991.

corpos? Será que ainda subsiste aquela alma que interiorizava as normas sociais para disciplinar e canalizar produtivamente as potências dos corpos na sociedade industrial? Ou, talvez, com todas as transformações que têm ocorrido, mudaram também as complexas relações entre os corpos e as almas na civilização ocidental? Nesse caso, as potências do corpo estariam, enfim, livres e soltas para agir criativamente no mundo? A resposta não parece tão simples, e inclusive poderia estar apontando na direção contrária.

É possível que estejam se desenvolvendo novas formas de um dualismo radical, anunciando a conformação de novas prisões etéreas para os nossos corpos. Trata-se de uma versão mais sutil e complexa, porém tão corrosiva como aquela que fincara as suas raízes na mais pura metafísica ocidental. De acordo com esta perspectiva recentemente reciclada, a verdadeira *essência* de cada sujeito residiria na **informação** que o faz ser quem *realmente* é. Segundo certos saberes emanados pela tecnociência contemporânea, esses dados vitais e singulares — tão próprios de cada um e que definem, portanto, a *identidade* de cada indivíduo — estariam alojados no cerne do seu substrato biológico. Mas eis que surge aqui outro curioso paradoxo, pois as entidades encarregadas de hospedar essa valiosa informação são quase etéreas: os circuitos cerebrais e o código genético.

Assim, redefinida com as mais recentes reviravoltas conceituais, a subjetividade torna a repousar sobre bases **imateriais**. Nesta reciclagem do dualismo clássico que ainda está em andamento, são as próprias moléculas orgânicas do corpo humano que se “desmaterializam” para se converter em energia vital — como resultado de uma operação tão metafórica e conceitual como *real*, sobretudo no que tange a seus efeitos. Uma tal re-significação não surpreende no contexto da física contemporânea, que perscruta todos os elementos do real em nível microscópico e, sob esse olhar, a matéria deixa de ocupar um lugar no espaço para ser estudada como uma forma de energia. Essa energia imaterial costuma adquirir, cada vez com maior frequência, um rosto bem atual: o da informação. “A noção de informação hoje tende a se generalizar, em detrimento da de massa e da de energia”, constata Paul Virilio.²⁸

A culminação total dessa generalização constitui o cerne de um sonho: o da transmutação de todos os átomos em bits, anunciado com toda a pompa midiática pelo

²⁸ VIRILIO, Paul. “Do super-homem ao homem superexcitado”. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

guru digital Nicholas Negroponte em seu best-seller *Being Digital*, que foi publicado em inglês em 1995 e imediatamente traduzido para várias dezenas de línguas. Nessas páginas, bem como em inúmeras entrevistas e palestras, o autor explicava que os bits constituem “o DNA da informação”, e logo pressagiava a iminente conversão de todos os elementos constitutivos da realidade material nessa conspícua substância virtual. Pois o velho mundo da **matéria**, composto de **átomos**, “é um lugar marcadamente **analógico**”; ao contrário do que ocorre com o software, ele é contínuo, não é digital, pois não é composto de ínfimas unidades de uns e zeros, sinais elétricos que se ligam e se apagam para construir sentidos.²⁹ E tudo isso era mostrado como uma falha flagrante do bruto mundo material, um problema que logo seria resolvido graças aos prodigiosos avanços da tecnociência digitalizante.

No entanto, o mesmo autor destacava um detalhe: no nível microscópico, as coisas são diferentes. Por isso, a índole analógica da matéria poderia ser uma questão de percepção, de mero ponto de vista, pois a sua continuidade supostamente intrínseca seria o resultado da forma com que a percebemos e experimentamos na escala macroscópica. “A aparição de uma continuidade a partir de pixels individuais equivale a um fenômeno similar que se produz numa escala bem mais fina no familiar mundo da matéria”, que se constitui de átomos, como explica o próprio Negroponte. No entanto, o autor acrescenta que se fosse possível observar em escala subatômica uma superfície de metal polida, logo veríamos uma série de orifícios. O que significa isto? Pois bem, nada menos que o seguinte: “a dimensão ínfima desses elementos descontínuos é o que faz com que eles apareçam, diante dos nossos olhos, como uma superfície sólida e polida”. E a conclusão parece tão lógica como inevitável: “é a mesma coisa que ocorre com a reprodução digital”.³⁰ Portanto, a aparente solidez e continuidade das coisas poderia ser uma mera ilusão óptica. E agora, no mundo contemporâneo, a escala subatômica ameaça com extrapolar o domínio do microscópio e dos demais aparelhos de laboratório, passando a constituir “a essência das coisas”.

As reverberações desse sonho de “digitalização universal” não cessam de proliferar, nos âmbitos mais diversos e nas mais variadas tonalidades. Por exemplo: “o principal acontecimento do século XX é a superação da matéria”, sentencia um dos

²⁹ NEGROPONTE, Nicholas. *Vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cf. também SIBILIA, Paula. “El profeta digital. Entrevista con Nicholas Negroponte”. *Internet Magazine*, Buenos Aires, v. 6, p. 34-38, nov. 1996.

³⁰ NEGROPONTE, op. cit., p. 23.

tantos manifestos que a nova “era da informação” tem inspirado entre seus adeptos, e que circulam agilmente pelos labirintos da Internet.³¹ Os espaços virtuais das redes teleinformáticas constituem, aliás, um dos focos onde proliferam estas idéias, atingindo especialmente o corpo humano. No romance em cujas páginas foi cunhado o termo “ciberespaço”, por exemplo, o *Neuromancer* de William Gibson, o protagonista é condenado a viver no próprio corpo, longe da atmosfera desencarnada dos ambientes virtuais; e a pena acaba sendo insuportável, pois nesse mundo a própria carne demonstra ser a pior das prisões.³²

É possível entrever, nestas tendências, o renascer de um certo *gnosticismo*. O sociólogo português Hermínio Martins detecta esses ímpetos, em seus instigantes ensaios sobre história e filosofia da tecnociência.³³ É claro que as versões atuais daquele misticismo clássico assumem outras formas bastante diferentes, porém alguns de seus aspectos fundamentais evocam aquela antiga corrente de pensamento, e a comparação é válida porque ajuda a esclarecer certas arestas das novas vertentes. Em ambos os casos, a materialidade do corpo é rejeitada como algo que deve ser superado. De que forma? Exacerbando o lado imaterial do par dualista: a alma pensante, o espírito puro, a luz... a informação. Em ambas as manifestações do gnosticismo — a dos alvares da era cristiana e a contemporânea — essas ânsias de superar as limitações do corpo humano denotam uma certa repugnância pelo orgânico em geral, uma espécie de aversão pela viscosidade do corpo anatomo-fisiológico. Este recebe uma grave acusação: é limitado e perecível, imperfeito e impuro, fatalmente condenado à obsolescência.

Talvez este percurso tenha começado em 1950, quando Norbert Wiener — fundador da cibernética e autor, junto com Claude Shannon, da teoria da informação —, declarou que era teoricamente possível telegrafar um ser humano. Wiener demonstrou que a informação “essencial” a determinado elemento podia ser desmaterializada e transferida através de diversos meios sem sofrer alterações. A partir dessa constatação, a

³¹ *A Magna Carta for the Knowledge Age*, assinado por um grupo de figuras proeminentes na divulgação e teorização sobre as novas tecnologias: Esther Dyson, George Gilder, George Keyworth e Alvin Toffler; <<http://www.pff.org/position.html>>.

³² GIBSON, William. *Neuromancer*. Nova York, Ace Books, 2000. Para aprofundar neste aspecto, ver FELINTO, Erick. “O corpo impuro: sobre a digitalização da matéria no imaginário da cibercultura”. CD-ROM *XIII COMPÓS*, UESP, São Bernardo do Campo, Julho 2004; e FELINTO, Erick. *A religião das máquinas*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

³³ MARTINS, Hermínio. “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica”; “Tecnologia, Modernidade e Política”. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Edições Séclo XXI, 1996.

idéia da **imaterialidade** da **informação** começou a marcar todos os discursos e impregnar as mais diversas práticas. Pois foi assim como a informação perdeu seu corpo: foi operada uma cisão conceitual que a desvinculou do seu suporte material, desqualificando este último e convertendo a primeira em uma sorte de “fluido desencarnado” que é capaz de transitar entre diferentes substratos sem perder a forma nem o sentido.³⁴ Dessa maneira, a informação adquiriu uma relevância universal e uma certa onipresença, como denominador comum a todas as coisas — tanto vivas quanto inertes.³⁵ E não apenas isso: nesta redefinição do mundo que poderia ser considerada uma verdadeira mudança de paradigma com relação ao universo “mecanizado” que vigorou entre os séculos XVII e XX, a informação também acabou assumindo uma certa supremacia tácita sobre a *reles matéria*.³⁶

Retomando, então, as reflexões sobre as mais recentes configurações do corpo humano, é neste sentido que tanto a informação que trafega pelos **circuitos cerebrais** como pelo **código genético** constituem substâncias “imateriais”. E o mais importante é que, por tal motivo, essas entidades impalpáveis são comodamente compatíveis com a aparelhagem digital que hoje comanda o mundo: todo um arsenal muito eficaz, fruto do matrimônio entre a informática e as novas ciências da vida. Cada vez mais, os laboratórios e os profissionais da saúde dependem destes artefatos para efetuar diagnósticos e tratamentos sobre os nossos corpos. Exemplo disso são os sequenciadores de DNA, capazes de ler os códigos genéticos a partir de qualquer molécula orgânica; bem como os aparelhos de ressonância magnética, capazes de mapear em vistosas imagens os cérebros que escaneiam. Graças a esta *compatibilidade* entre os organismos vivos e estas reluzentes ferramentas eletrônicas, toda a informação vital que define a “essência” dos seres humanos poderia ser *digitalizada*. Não apenas para decifrá-la e lê-la, mas também — e sobretudo — para alterá-la: reprogramá-la, desprogramá-la e *programá-la*.

³⁴ Sobre os processos semânticos e políticos que vêm “desmaterializando” a informação ao longo da história recente, ver as análises de HAYLES, Katherine. *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

³⁵ Para maiores discussões sobre o estatuto da informação, ver LASH, Sott. *Crítica de la información*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

³⁶ Cf. SIBILIA, Paula. “A digitalização dos corpos”. In: BENTES, Ivana (Org). *Corpos Virtuais*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Telemar, 2005; p. 118-121; SIBILIA, Paula. “A digitalização do mundo”. Revista *Cibercultura*. São Paulo: Itaú Cultural, Julho 2004. <http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2014&cd_materia=1242>.

Não é por acaso que o *software* constitui uma metáfora privilegiada na hora de aludir aos engenheiros genéticos que “editam” as cadeias de DNA para criar organismos transgênicos (animais e vegetais) ou para efetuar ajustes no código de uma pessoa doente, por exemplo, como se cada ser vivo estivesse animado por um programa de computador que pode ser alterado e reprogramado à vontade. Por sua vez, a metáfora do *microchip* é fartamente utilizada para descrever a tarefa dos neurocientistas, que pretendem tornar compatíveis os sinais cerebrais com os mais diversos circuitos eletrônicos para devolver os movimentos aos paraplégicos, a visão aos cegos, a alegria aos deprimidos e o sossego aos hiperativos. Embora sendo uma peça de hardware, e portanto tão material como o próprio cérebro, o microchip só ganha seus mágicos poderes se for animado por um sistema operacional. Isto é, novamente: **software**, entendido como uma série de instruções, como informação imaterial.

De acordo com esta perspectiva, parece coincidir o grande sonho dessas duas áreas privilegiadas das novas ciências da vida — a engenharia genética e as neurociências — que hoje tecem as grandes narrativas hegemônicas sobre o corpo, a subjetividade e a vida. Pois ambos os tipos de saberes procuram desvendar os códigos, os sinais e os circuitos pelos quais trafega a informação vital dos seres humanos, a fim de manipulá-la à vontade, corrigindo eventuais “falhas” ou “defeitos”, e efetuando outros ajustes e “melhorias” de acordo com as preferências do usuário-portador-consumidor. Em todos os casos, o foco aponta para a informação. Estendendo ainda mais a metáfora digital, trata-se de decifrar e intervir no **sistema operacional** que comanda a *essência* de cada sujeito, seja sua programação genética ou seu mapa cerebral. Fazendo um *upgrade* bio-informático em nossa ilustre herança cartesiana, é o valioso *software* humano que hoje recebe atenção privilegiada: ou seja, a informação que anima cada corpo para torná-lo aquilo que é.³⁷

Basta pensar no “sujeito cerebral” que vem protagonizando as últimas décadas da nossa era, uma época dominada pelo paradigma antropológico que Fernando Vidal definiu com um termo bastante claro embora de difícil tradução para o português: *brainhood*.³⁸ De acordo com esta perspectiva, ser alguém é ser um cérebro. São vários e

³⁷ Cf. SIBILIA, Paula. “Tirantias do ‘software humano’: redefinições de saúde e doença”. Revista *Logos*. Rio de Janeiro: UERJ, Ano 11 N° 20, 2004. p. 39-59; e SIBILIA, Paula. “A desmaterialização do corpo: da alma (analógica) à informação (digital)”. Revista ESPM, São Paulo, 2006 (no prelo).

³⁸ VIDAL, Fernando. “Brainhood”. Conferência proferida no encontro *Mind, Brain and Education*. Pontifical Academy of Sciences, Roma, Novembro 2003 (inédito). Versão em francês disponível em

bem diversos os exemplos que demonstram a validade desta afirmação no imaginário contemporâneo. Basta citar as pesquisas em “inteligência artificial” realizadas pelo renomado cientista Hans Moravec, que se propõem a criar um dispositivo capaz de garantir a imortalidade de qualquer sujeito, uma vez falecido o corpo, fazendo *download* do conteúdo da sua mente e transferindo essa informação para um outro suporte físico. “Imaginemos um cérebro em uma cuba”, explica Moravec, “conectado eletronicamente a uma série de simulacros corporais em realidades virtuais, ou a corpos artificiais localizados em regiões remotas”.³⁹ Na mesma linha, recentemente o “diretor de futurologia” da empresa British Telecom, deflagrou um pequeno escândalo midiático internacional ao declarar que logo seria possível fazer *download* do cérebro para um computador. Precisamente, a tecnologia estaria disponível em 2050, seria custosa e exclusiva no começo, mas iria se popularizar a partir de 2075; então, sim, “a morte será coisa do passado”.⁴⁰ Ou, como diz o artista performático Stelarc, cujas obras costumam dialogar com estas manifestações: “logo a morte será uma estratégia evolutiva ultrapassada”, pois o corpo humano “deve tornar-se imortal para se adaptar” às novas exigências do mundo informatizado.⁴¹

A criogenia ou criônica, por sua vez, uma técnica de congelamento de cadáveres que visa à sua revitalização no futuro, fornece outra pista sobre a vigência do paradigma do “sujeito cerebral” em nossa cultura. As empresas que fornecem esse tipo de serviços, como é o caso da Alcor Life Extension Foundation, oferecem uma opção mais econômica aos clientes que não têm condições de pagar os elevados custos do congelamento total do corpo. Essa opção menos onerosa é promovida como igualmente eficaz para atingir a imortalidade desencarnada, e consiste em congelar apenas a cabeça ou o cérebro do sujeito interessado, pois seria precisamente aí onde a sua “identidade” se concentra. Em uma perspectiva perfeitamente alinhada com o horizonte *digitalizante*, para os adeptos desta técnica é a informação que constitui a “essência do ser”, e a

<http://www.brainhood.net>. Cf. também DUMIT, Joseph. *Picturing Personhood. Brain Scans and Biomedical Identity*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2004.

³⁹ MORAVEC, Hans. *Robot: Mere Machine to Transcendent Mind*. Oxford University Press, 2000.

⁴⁰ PEARSON, Ian. “Futurólogo sugere download do cérebro em 2050” (fragmentos da entrevista concedida ao jornal britânico *The Observer*). *Terra Notícias*. São Paulo, 23/05/2005. <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI537645-EI4801,00.html>.

⁴¹ STELARC. Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *A arte no século XXI: A humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 52-62.

preservação desses dados pessoais (arquivados no cérebro) equivaleria de algum modo a manter o sujeito *vivo*. Por isso, para os defensores da criogenia, a definição de *morte* vigente não passa de uma “confissão da ineficácia da medicina atual”, pois uma definição mais à altura da nossa ambiciosa tecnociência deveria contemplar essa possibilidade: a de conservar a informação que constitui a identidade de cada sujeito — para eventualmente recuperá-la e, como isso, ultrapassar a reles finitude da carne.⁴²

Um último exemplo que comprova a vigência do “sujeito cerebral” entre nós, provém de uma técnica com menos ares de ficção-científica que as duas mencionadas nos parágrafos anteriores: a dos transplantes de órgãos. É significativo o fato de que, pelo menos até agora, jamais tenha sido efetuado (e nem sequer cogitado) um transplante de cérebro. Contrariamente ao que ocorre com outros órgãos, seria no mínimo polêmico estipular se o corpo que recebe um novo cérebro conservaria a sua identidade anterior ou assumiria a do sujeito cujo cérebro foi transplantado.

As implicações desta nova perspectiva *digitalizante* para as materialidades do corpo, tão longamente castigadas, podem ser tão nocivas como as que emanavam de suas versões ancestrais. Se o ser humano é considerado uma criatura fundamentalmente cerebral e geneticamente determinada — pois é na informação contida em seu cérebro e em seu DNA onde reside a própria “identidade” — então o resto do seu corpo é um mero ornamento desse núcleo identitário. E a consequência mais importante desta constatação é que esse corpo pode ser modificado, sem que tais mudanças coloquem em risco suas raízes individuais e sua *personalidade*.

Contudo, embora se trate de uma peça secundária, não há dúvidas quanto à sua relevância, pelo menos em um aspecto: o corpo está aí para ser mostrado e exibido, portanto *deve* ter uma boa aparência. Por vezes, sua principal função parece ser precisamente essa: ostentar um “bom visual”. Em uma quantidade crescente de âmbitos e ambientes da nossa sociedade o corpo passou a ser, mais do que nada, uma **imagem**. E tal substância é dócil e moldável, conforme apregoa essa eficaz aliança implícita entre a tecnociência, a mídia e o mercado. Tão plástica como o esquema corporal é a sua imagem,⁴³ pelo menos neste sentido: recorrendo às mais diversas técnicas à venda, o corpo-imagem de cada um pode (e *deve*) ser aprimorado.

⁴² Alcor Life Extension Foundation: <http://www.alcor.org>.

⁴³ As discussões em torno dos conceitos de “imagem corporal” e “esquema corporal” são muito ricas e complexas, envolvendo questões como as representações corporais e a auto-percepção interoceptiva e

Como a identidade do sujeito está inscrita em regiões recônditas e quase virtualizadas do seu cérebro e do seu capital genético, é justamente aí onde a sua *verdadeira essência* se concentra. É por isso que o mundo, o ambiente, os outros e a própria carne parecem alheios a essas essências confinadas nas íntimas moléculas imaterializadas. E é precisamente neste contexto que o corpo humano se torna *descartável*. Ou melhor: *moldável*. Isto significa que pode ser esculpido com a miríade de produtos e serviços de reformatação corporal oferecidos no mercado, da musculação às dietas, dos cosméticos à cirurgia estética. Um corpo-imagem, enfim, que pode (e *deve*) ser comprado e constantemente reciclado no grande supermercado global. Mas a linguagem é traiçoeira: com suas conotações tridimensionais e de luta contra a matéria que resiste, termos como moldar, esculpir e plasticidade não conseguem dar conta do fenômeno. É preciso recorrer a outro vocabulário para expressar plenamente as suas nuances, pois o corpo atravessa um processo de “bidimensionalização”: cada vez mais, é tratado como uma imagem que deve ser retocada ou redesenhada. Ou até mesmo *editada*, como se também neste caso se tratasse de uma peça de software entregue ao bisturi *clean* (e super-eficaz) do *PhotoShop* e outras ferramentas de edição digital de fotografias.

Paradoxalmente, é a carne — ou, insistindo nas metáforas digitais: é o hardware mais duramente material e até grosseiramente orgânico — que torna a apresentar sua flexibilidade. De acordo com algumas das narrativas mais pregnantes do imaginário contemporâneo, a carne pode (ou até mesmo *deve*) ser trabalhada como uma imagem. Pois uma de suas principais funções é, precisamente, a de servir de cartão-de-visita para expor a própria subjetividade: o que se deseja exibir a respeito de si. E numa era na qual as diferenças entre aparências e essências parecem se desvanecer (pois só *é* quem e como *aparece*), o caráter se torna externo e cada um passa a *ser* aquilo que *mostra* de

exteroceptiva do eu corpóreo; porém, infelizmente, estes assuntos excedem os propósitos e limites desta tese. Ainda assim, alguns aspectos desta discussão serão retomados nos capítulos 8 e 9 desta tese, orientados para os propósitos mais específicos do tema aqui desenvolvido. Um bom panorama sobre as discussões atuais em torno destes assuntos, pode ser consultado em CASH, Thomas; PRUZINSKY, Thomas (Orgs.). *Body Image: A Handbook of Theory, Research, and Clinical Practice*. Nova York: Guilford Press, 2003. Ainda para aprofundar nesta vertente, recomenda-se GALLAGHER, Shaun. “Dimensions of Embodiment: Body Image and Body Schema in Medical Contexts”. In: TOOMBS, S. Kay (Org.) *Handbook of Phenomenology and Medicine*. Boston e Londres: Kluwer Academic Publishers, 2001, p. 147-175; COSTA, Jurandir Freire. “Considerações sobre o corpo em psicanálise”. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 55-88; LACAN, Jacques. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 96-103.

si.⁴⁴ O corpo, neste novo contexto, revela-se como um lastro demasiadamente carnal e — na grande maioria dos casos — incomodamente inadequado, devendo portanto ser depurado e aperfeiçoado em seu aspecto visual: como uma bela imagem para ser exposta aos olhares alheios.

Com o gradativo apagamento da interioridade psicológica — um terreno sempre obscuro e opaco, que resiste às sondagens técnicas e possui características *analógicas* — a identidade se desloca rumo a entidades aparentadas com o universo *digital*, e compatíveis com a sua aparelhagem. É o caso dos **circuitos cerebrais** e a **programação genética** de cada um, como vimos, mas também da sua **imagem visível**. Se estas reflexões são corretas, cabe concluir que as nossas visões e vivências corporais estariam atravessando uma transição. Uma crise? Como se sabe, tais momentos costumam abrir oportunidades: são pontos culminantes, encruzilhadas, ocasiões propícias para que surjam novas possibilidades. Talvez com esta convulsão estejam se abrindo novos caminhos rumo à indagação e ao questionamento, trilhas que ultrapassem as grades dos dualismos para começar a vivenciar, enfim, uma subjetividade encarnada e arraigada no mundo, tendente a superar o isolamento solipsista do sujeito transcendental.

Não é à toa que o corpo está no centro do palco, suscitando tantos discursos e afetos e sendo investido por todos eles. Não há dúvidas de que o leque das experiências corporais pode se enriquecer neste novo contexto, desafiando antigas restrições morais, psicológicas e cognitivas, além de inaugurar novos ideais de realização pessoal e ampliar os horizontes de interação com os outros e o mundo. De fato, junto com os “relatos oficiais” da tecnociência hegemônica aqui comentados, que se apresentam como grandes narrações cosmológicas ou como poderosos mitos cientificistas, hoje proliferam discussões extremamente ricas e variadas sobre o estatuto do corpo. Análises e debates que procuram superar os entraves e rigidezes do dualismo ontológico apontando para o *embodiment*, o caráter necessariamente encarnado da experiência humana;⁴⁵ e resgatando o *self ecológico*: a participação fundamental do mundo e dos outros na constituição do *eu*.⁴⁶

⁴⁴ Cf. BRUNO, Fernanda; PEDRO, Rosa. “Entre Aparecer e Ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea”. In: CD-ROM *XXVII INTERCOM*. Porto Alegre: PUC-RS, 2004. Cf. também SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

⁴⁵ Sobre o conceito de “*embodiment*” recomendam-se, entre outros: CSORDAS, Thomas (Org.). *Embodiment and experience: The existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001; WEISS, Gail e HABER, Honi Fern (Orgs.) *Perspectives on Embodiment: The*

Todas essas visões rejeitam as tradições metafísicas na compreensão do corpo, em proveito de uma subjetividade corporalmente inscrita no mundo e em fértil contato com os outros. Estas análises costumam retomar, portanto, a curiosa reversibilidade do corpo: sua capacidade única de ser ao mesmo tempo um **objeto** (que se *tem*) e um **sujeito** (que se *é*), fugindo assim da crua objetivação que insiste em mutilar as suas potências. Na raiz destas tematizações não é raro descobrir as análises fenomenológicas de Merleau-Ponty, quem propôs os conceitos de “corpo vivo” e “corpo vivido” para nomear essas duas dimensões da unidade corporal na experiência subjetiva, que apenas uma mudança de perspectiva ou do foco da atenção seria capaz de diferenciar.⁴⁷ A aproximações deste tipo procuram fugir das limitações dos **dualismos ontológicos** (sejam idealistas ou materialistas), na tentativa de abranger a complexidade do real sem cercar suas riquezas. Para isso, não é necessário negar a óbvia distinção entre expressões *físicas* e *mentais* do corpo, mas também é preciso ter cuidado para não colocarmos uma barreira infranqueável entre ambos os tipos de manifestações *corporais*, como se fossem duas entidades metafísicas diferentes e separadas. Ao contrário, haveria uma continuidade e uma interpenetração entre ambos os tipos de fenômenos (físicos e mentais), e por isso é viável fazer referência a um **dualismo fenomênico**. Não se trata de uma distinção ontológica mas meramente operacional: tudo é questão de perspectiva.

Seja como for, algo é inegável: o corpo está prolixamente presente na cena contemporânea. Logo ele, que segundo os instigantes estudos de Drew Leder se caracteriza pela ausência, pelo apagamento, pelo discreto deslocamento para um

Intersections of Nature and Culture. Londres e Nova York: Routledge, 1999; O'DONOVAN-ANDERSON, Michael (Org.) *The Incorporated Self: Interdisciplinary Perspectives on Embodiment*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 1996; TODES, Samuel. *Body and World*. Cambridge: The MIT Press, 2001; VARELA, Francisco e THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada: Ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed-Bookman, 2003; WILLIAMS, Simon e BANDELOW, Gilliam. *The lived body: Sociological themes, embodied issues*. Londres e Nova York: Routledge, 1998; WEISS, Gail. *Body images: Embodiment as intercorporeality*. Nova York e Londres: Routledge, 1999.

⁴⁶ Sobre o conceito de “*self ecológico*” recomendam-se, entre outros: BERMUDEZ, José Luis; MARCEL, Anthony; EILAN, Naomi (Orgs.). *The Body and the Self*. Cambridge: 1998; REED, Edward. *Encountering the World: Toward an Ecological Psychology*. Nova York: Oxford University Press, 1996.

⁴⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2002; Para uma discussão crítica sobre estes conceitos, ver AISENSON KOGAN, Aída. *Cuerpo y persona: Filosofía y psicología del cuerpo vivido*. México: FCE, 1981; e COSTA, Jurandir Freire. “Considerações sobre o corpo em psicanálise”. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 55-88.

segundo plano em favor da ação.⁴⁸ As nossas vísceras costumam permanecer caladas, desenvolvendo secretamente as suas funções vitais sem solicitar nossa atenção: em condições saudáveis, não ouvimos o silêncio dos órgãos. Salvo em casos excepcionais, como em situações patológicas ou quando algum deles se manifesta através da dor, por exemplo, e passa a demandar cuidados especiais. Nesses casos, ocorre um aparecimento doentio ou disfuncional do corpo, que Leder denomina *dis-aparecimento*. Mas a sua atordoante presença atual leva a perguntar: será que hoje o corpo dói? O corpo contemporâneo sofre um *dis-aparecimento* crônico? A sociedade contemporânea, com toda a sua ênfase nas aparências físicas, estaria deflagrando novos tipos de sofrimento nos corpos humanos?

Sabe-se que, para uma porção crescente da população mundial, o aspecto visual do próprio corpo se converteu em causa de aflição. Com os modelos cada vez mais exigentes que se impõem e proliferam por toda parte, a aparência corporal de cada indivíduo tem grandes chances de ser inadequada, além de reclamar investimentos constantes que serão sempre insuficientes. Essa mistura de insatisfação e obsessão pode desembocar em conseqüências funestas, como a submissão compulsiva aos modelos ideais irradiados pela mídia, a estigmatização daqueles que se desviam desses mandatos, e a proliferação de transtornos vinculados à imagem corporal. Enfim: o corpo parece ter se tornado uma fonte inesgotável não só de prazeres e sensações, mas também de preocupações, infortúnios e constrangimentos. É por isso que o corpo contemporâneo está presente o tempo todo, não cala jamais, inclusive naqueles momentos em que seria mais prudente e produtivo que a sua presença se aquietasse, permanecendo solapado em um segundo plano para permitir a ação criativa e vital dos sujeitos no mundo. Mas esse corpo tão ruidosamente onipresente da atualidade recusa o seu feliz esquecimento, inibindo um saudável descolamento da auto-percepção que, ao contrário, insiste em se centrar — literalmente — no próprio umbigo.

Em mais de um sentido, a referência ao umbigo não é casual. Além de metaforizar certos exageros narcísicos do individualismo contemporâneo e as atenções desmedidas que o corpo não cessa de exigir, é fácil perceber que essa parte da anatomia humana — o umbigo, sobretudo o feminino — tem sido particularmente fetichizada nos últimos anos, com a proliferação de roupas que permitem exibi-lo em público e,

⁴⁸ LEDER, Drew. *The absent body*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1990.

também, como receptor privilegiado de jóias inseridas mediante piercings, tatuagens e outros enfeites. A primeira vista, uma tendência como essa pareceria exprimir uma certa libertação. Apoiando essa tese, convém lembrar o que aconteceu no longínquo ano de 1946, quando o biquíni foi inventado e procurou-se uma modelo para divulgar a novidade — talvez caiba esclarecer que naqueles tempos, ecoando o vocabulário mecanicista prévio aos processos contemporâneos de “digitalização” do mundo e dos corpos,⁴⁹ as moças que desempenhavam tais funções não se chamavam *modelos* mas *manequins*. Respeitando os tabus da época, porém, nenhuma delas consentiu em ser fotografada vestindo tamanha ousadia. Seu criador, o engenheiro francês Louis Réard, que tinha batizado a nova roupa com o nome de umas ilhas recentemente atingidas pela bomba atômica, teve que contratar uma bailarina de cabaré para poder divulgar sua audaz invenção. Quase dez anos mais tarde, em 1955, a primeira mulher (de que se tenha notícia) que ousou aparecer numa praia da Argentina vestindo um biquíni foi violentamente obrigada a se retirar do espaço público.⁵⁰

A nudez do umbigo — origem do mundo e fonte da vida, cujas volutas talvez antecipem outras zonas umbrosas da feminilidade — provavelmente fosse um dos tabus que protelaram a aceitação inicial do biquíni. Para corroborar tão pecaminosas associações, basta lembrar que na Idade Média os umbigos das damas eram pudicamente apagados ou esfumaçados em alguns dos quadros que as representavam, de maneira semelhante a como hoje são *deletados* a celulite e outros “defeitos” nas fotografias de corpos femininos estampadas nas páginas e nas telas midiáticas. Contudo, convém esclarecer que embora duas práticas tão distantes possam parecer semelhantes, é bem provável que seus sentidos divirjam estrepitosamente: se os virtuosos pincéis medievais e os afiados *PhotoShops* de nossos designers e programadores visuais fazem coisas similares, tampouco há dúvidas de que ambos obedecem a pudores e pavores bem distintos.

De qualquer forma, para constatar que as coisas mudaram bastante nos últimos séculos — e sobretudo nas últimas décadas — basta conferir o estrondoso sucesso atual

⁴⁹ Cf. SIBILIA, Paula. “A digitalização dos corpos”. In: BENTES, Ivana (Org). *Corpos Virtuais*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Telemar, 2005; p. 118-121; SIBILIA, Paula. “A digitalização do mundo”. Revista *Cibercultura*. São Paulo: Itaú Cultural, Julho 2004. <http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2014&cd_materia=1242>.

⁵⁰ AMATO, Alberto. “La bikini cumple hoy 50 años”. Revista *Viva*, Jornal *Clarín*, Buenos Aires, Jul. 1996.

não só do biquíni e dos umbigos, mas também de um tipo de evento outrora restrito e pouco interessante para o grande público: os desfiles de moda — e, muito especialmente, de suas cintilantes protagonistas: as *modelos*. Ao que parece, os umbigos voltaram a ser o centro do mundo. Pois, curiosamente, não parecem ser as roupas a principal atração desses eventos tão contemporâneos, os desfiles de moda; ao contrário, são festivais de corpos. Não qualquer corpo, é claro: apenas de corpos *exemplares*. Corpos extremamente jovens, delgados e pulcros; enfim: *corpos modelos*.

Mas de que corpo se trata? Que corpo é esse que encandeia os olhares ao desfilar com seus passos sinuosos, desafiando o fulgor dos flashes e dos holofotes? Que corpo é esse, infinitamente reproduzido nas telas eletrônicas e nas páginas brilhosas das revistas? Essas silhuetas esguias, de longas pernas e ventres torneados, parecem repelir os excessos da sociedade contemporânea com sua magreza, exprimindo uma árdua luta contra a própria volúpia. “O fascínio da maioria decorre do perfil longilíneo e anoréxico das manequins”, arrisca Nelson Ascher, “e o ponto físico onde convergem as aspirações femininas de renascer esteticamente coincide com aquele que nos remete ao nascimento original: o umbigo”.⁵¹

Assim como em outros tempos (nos quais a escassez e a *secura* eram a norma), o acúmulo de gordura no abdome das mulheres era apreciado como um sinal de abundância e fertilidade,⁵² os ventres lisos e enxutos das modelos de hoje em dia evidenciam outras qualidades. Quase descarnados de tão gráceis, esses vultos etéreos exorcizam os exageros da nossa festa consumista mediante um trabalho disciplinado sobre as formas do corpo: “estoicismo, força de vontade, ambição e sorte”, resume Ascher. Além de encarnar esses valores — mais próximos do ideal apolíneo que do dionisíaco, mais perto do ascetismo que do hedonismo — tais corpos são desenhados, exibidos, copiados e consumidos como *imagens*. São lampejos visuais que pretendem atingir uma pureza quase imaterial, cuidadosamente afastada de todo lastro carnal e notavelmente aparentada com o universo *digital* dos programas para editar fotografias.

⁵¹ ASCHER, Nelson. “Barriga, pra que te quero?” *Folha de São Paulo*, Caderno Ilustrada. São Paulo, 6/09/2004. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0609200416.htm>.

⁵² Os estudos sobre as transformações nos cânones de beleza na nossa tradição ocidental, e inclusive em outras culturas, revelam interessantes dissonâncias com relação aos padrões atuais. Cf. ECO, Umberto. *História da Beleza*. São Paulo: Ed. Record, 2004; PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998; VIGARELLO, Georges. *Historia de la belleza*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005. Sobre o fetiche da gordura na corte francesa, ver também DARNTON, Robert. *Boemia literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; *Edição e Sedição: o Universo da Literatura Clandestina no Século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Pois a mensagem é clara: a carne pode (e *deve*) ser trabalhada como uma imagem, para ser exibida e observada, para ser consumida visualmente.

Mas isso não é tudo: com sua nudez desalmada (pura pele exposta aos olhares), com sua pertinaz ausência de palavras, esses corpos-imagens que transitam pelas passarelas da moda parecem emitir uma impugnação para os comuns mortais de carne e osso que os admiram. Orgulhosos em seu andar triunfante, esses corpos não parecem aprisionar alma alguma. Em vez de degradarem com sua brutal carnalidade alguma essência etérea que estaria além de seus domínios, o gesto das *modelos* parece até mesmo moralizador. Com o semblante altivo, ostentam suas figuras como os frutos vitoriosos de uma abnegação que todos deveríamos emular: dietas, malhação, cirurgias plásticas, e toda uma cartilha de cuidados e privações.

“As proporções de Rachel eram estranhas”, diz o personagem do caçador de andróides Rick Deckard, no romance que inspirou o filme *Blade Runner*. “Nem o menor excesso sequer: ventre liso, traseiro pequeno, seios ainda mais exíguos”, continua a descrição desta *replicante* quase perfeita, fruto da engenharia genética e da teleinformática mais avançada de um futuro que quarenta anos atrás tateava entre o impossível e o verossímil: “as pernas delgadas tinham um caráter neutro, assexuado, sem muitas curvas”. Na conclusão, o escritor Philip Dick resumia na voz de seu famoso personagem: “no entanto, a impressão total era de beleza; porém a de uma garota, não a de uma mulher; a exceção do olhar agudo e inquieto”.⁵³ Embora possa parecer trivial esta rápida alusão à mais recente “evolução do umbigo” e seu desenlace com sucesso triunfal nos atuais templos da moda, tudo temperado pela visionária ironia da velha ficção-científica, talvez sirva como uma breve alegoria do tema aqui estudado; ou melhor: da inquietação inicial que originou esta pesquisa.

Cabe acrescentar, ainda, uma outra vertente inesperada. A etimologia e a filologia são ciências quase ocultas: às vezes, a leitura dos sinais que se escondem sob a superfície da linguagem pode revelar algumas arestas escondidas porém bastante eloqüentes das nossas verdades. É o que ocorre com termos como o ubíquo *fitness*, por exemplo, que remete à *adequação*: uma e outra vez, esse vocábulo parece ressoar nas academias de ginástica como uma palavra de ordem que exige *to fit*, incitando seus devotos a se *adequarem* ao modelo hegemônico. Do mesmo modo, também pode ser

⁵³ DICK, Philip. *Blade Runner. ¿Sueñan los androides con ovejas eléctricas?*. Barcelona: Edhasa, 2000; p. 152

interessante remontar as raízes de outros termos deste mesmo campo semântico, porém mais locais, como os populares *sarado*, *malhado*, *bombado* e *turbinado*. Os dicionários revelam que *sarado* é “aquele que se curou”. Mas se curou de quê? “Do seu próprio corpo, ora”, ironiza Sergio Rodrigues, especialista nas curiosidades da língua portuguesa falada no Brasil. “Sarado é aquele que se curou como se cura um paciente crônico ou um queijo minas”, acrescenta; nesse processo, o corpo troca sua textura “molhada, molenga e fofinha (de frescal) por uma constituição seca e rija (de curado), mais ao gosto do nosso tempo”. Ainda há outros termos inspiradores: *malhar* os próprios músculos, por exemplo, significa castigá-los: “descer o cacete neles, exatamente como o ferreiro faz com seu lingote em brasa e as crianças de subúrbio com seus Judas de palha e pano”.⁵⁴

Reformulando, então, a pergunta que abriu este capítulo: o que é e o que pode *hoje* um corpo? Não obstante todas as turbulências que nos últimos anos o têm sacudido — e, sem dúvida alguma, o estão transformando — o corpo humano não parece ter se libertado das dolorosas amarras que ao longo dos tempos o confinaram. Ao contrário, novas e mais poderosas forças sócio-culturais emergem dispostas a escravizá-lo, apesar da diversidade e da riqueza das experiências subjetivas, e de todas as estratégias individuais ou coletivas que sempre desafiam tais tendências. Talvez caiba, ainda, um esclarecimento neste sentido: pode ocorrer que certas alusões aos fenômenos e processos aqui estudados pareçam reduzir a complexidade do real, agrupando uma diversidade incomensurável e uma riquíssima multiplicidade de experiências sob títulos pouco definidos como “a cultura contemporânea”. No entanto, a intenção desta pesquisa é delinear certas tendências que aparecem como hegemônicas na nossa sociedade (ocidental globalizada, com uma ancoragem especial no contexto brasileiro), cuja origem remete aos setores urbanos mais favorecidos em termos sócio-econômicos e com acesso privilegiado aos bens culturais, porém a sua irradiação pelos meios de comunicação passa a impregnar o imaginário com seu tecido de crenças, desejos, afetos, idéias e metáforas.

Mas a pergunta torna a aparecer: o corpo contemporâneo continua sendo um prisioneiro da alma? Ainda vigora, entre nós, a interiorização das normas e daqueles rigores disciplinares explicados por Foucault, frutos da vigilância e da moral minuciosa

⁵⁴ RODRIGUES, Sergio. O sarado e o doente. In: *What língua is esta?*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

da era industrial?⁵⁵ Ou talvez, agora, considerando a crise da “vida interior” e o desenvolvimento do capitalismo pós-industrial com seus saberes *digitalizantes* e seu canto ao individualismo triunfante e às benesses da livre-escolha no consumo, o corpo vivo e carnal teria se tornado prisioneiro do seu próprio **cérebro**? Ou dos enigmas cifrados em seu **código genético**? Ou, por ventura, estaria submetido aos ardilosos feitiços da **imagem ideal**, como uma nova norma que rege as aparências cada vez mais obrigatórias e tortuosamente inatingíveis?

Pode ser proveitoso retornar aqui, brevemente, àqueles processos civilizadores que alguns séculos atrás começaram a agir sobre os corpos, a fim de purificá-los, organizá-los e discipliná-los de acordo com os ideais modernizadores. Junto com eles, desenvolveu-se um certo “refinamento da sensibilidade”,⁵⁶ em concordância com os decoros e bons modos burgueses que estavam se tornando hegemônicos. Mas essa sofisticação sensorial teve um efeito colateral digno de nota: parece ter gerado um **pavor da carne** bem mais intenso daquele que vigorara nos sombrios tempos medievais.

“A vida, com toda sua variedade voluptuosa e seu cálido deleite, foi arrancada do mundo do pensamento protestante”, constata o historiador Lewis Mumford em sua monumental obra intitulada *Técnica e civilização*. Com o paulatino incremento da quantidade e diversidade de máquinas povoando as paisagens e invadindo todos os âmbitos — moinhos, canhões, teares, relógios, autômatos que “pareciam vivos” — também se estenderem por toda parte as analogias do mecanismo, contagiando inclusive o reino do vivo. Eis uma curiosa decorrência, provavelmente inesperada, daqueles titânicos processos civilizadores que acompanharam a mecanização do mundo e sua cruzada purificadora dos corpos: “o orgânico desapareceu”.⁵⁷ Aos poucos, foi se espalhando uma desconfiança e uma progressiva rejeição no que tange à matéria orgânica e perecível, especialmente àquela que conforma o corpo humano.

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977; *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980. Cf. também DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992; p. 209-226.

⁵⁶ RODRIGUES, op. cit. p. 76. A este respeito, pode ser esclarecedora uma leitura do romance de SÜSKIND, Patrick. *O perfume*, História de um assassino. São Paulo: Record, 1992. Cf. também CORBIN, Alain. *Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁵⁷ MUMFORD, Lewis. *Técnica y civilización*. Madri: Ed. Alianza Editorial, 1994. p. 58.

Após o desencantamento e a dessacralização que o atingiram junto à Natureza, o corpo não se converteu apenas em uma máquina; ou então, tal metamorfose nunca chegou a atingir sua feliz culminação. Pois nas bordas e saliências de suas engrenagens, os mecanismos corporais secretam turvos humores, e essa viscosidade orgânica logo iria assumir qualidades *nojentas*.⁵⁸ Se os antigos cristãos sabiam-se eternamente condenados pela “maldição da carne” e aprenderam a viver sob a ameaça desses horrores — tanto em termos da **tentação** como da **corrupção**, com toda a sua explícita simbologia de perdições demoníacas e quedas do paraíso — caberia concluir que hoje essa história está se repetindo como corresponde. Isto é, em tom de farsa.

Em ambos os momentos históricos acima contemplados, nos horrores suscitados pela carne colidem conflitos de índole moral, social, cultural e política. Mas se antes o drama tinha uma fisionomia claramente religiosa, envolvendo pecados terrenos e expiações divinas, a nova versão recicla as antigas culpas para reorganizá-las em torno de um eixo que é da ordem das aparências. Assim, hoje a carne incomoda porque também tende às **tentações** e à **corrupção**; mas as primeiras agora assumem as formas de alimentos hiper-calóricos, certas drogas, cigarros, hábitos sedentários e outros costumes insalubres ou *non-sanctos*, enquanto a segunda se apresenta como gordura, flacidez, espinhas, rugas, manchas na pele, celulite e outros sinais da organicidade perecível.

Na administração destes temores e castigos, como sabemos, já há tempos que o **mercado** desbancou a Igreja. Além disso, o teatro de operações onde este drama se desenvolve também mudou: não é mais nas nebulosas trevas da alma (na *interioridade*) onde tais mazelas ardem e se expressam, porém no aspecto visual do corpo (na sua *exterioridade*). E ainda há mais: além de ter perdido seu significado alegórico profundo e toda a simbologia da transcendência que o acompanhava, o pavor atual parece mais intenso porque a condenação não é necessariamente universal e eterna. E a ansiedade cresce até o paroxismo, pois a salvação hoje pode ser *comprada*. A tecnociência aliada ao mercado e à mídia vende a promessa de que uma boa “gestão de si” permitiria superar — ou pelo menos contornar, de maneira transitória porém efetiva — os problemas acarretados pela nossa indigna condição carnal. Recorrendo às mais diversas técnicas e saberes à venda, nos é dito que tais obstáculos podem ser ultrapassados,

⁵⁸ Cf. MILLER, William Ian. *Anatomía del asco*. Madri: Ed. Taurus, 1998.

eliminados, sarados, lipoaspirados... A salvação é individual e pode ser adquirida em prestações, aqui e agora. Contudo, logicamente, é preciso *pagar* por ela.

A despeito das prodigiosas potências do corpo humano, então, e de toda a plasticidade física do seu esquema corporal, as narrativas cosmológicas que procuram explicá-lo e defini-lo nas diversas épocas — e, cada vez mais, também as imagens que o modelam e tipificam — parecem constituir os mais rígidos limites para a realização de suas potencialidades. Assim, nos alvares do século XXI, o corpo humano aparece incrivelmente aprisionado por uma série de crenças e valores cada vez mais tirânicos, entre os quais se destaca aquilo que Naomi Wolf denominou “o mito da beleza”.⁵⁹ Todo um credo que parece refluir certas tendências *ascéticas* e até mesmo *masoquistas* na sociedade contemporânea, mais complementando do que contrariando outros ingredientes do nosso imaginário e da nossa realidade cotidiana: os consabidos narcisismos e hedonismos consumistas, os imperativos do gozo e da felicidade, as celebrações do corpo, a moral das sensações à flor da pele, as leis da sociedade espetacular e as alegrias do marketing.

Todas essas crenças e valores tão contemporâneos parecem envolver com sua dura crosta o nosso senso-comum, causando sofrimento e paralisando a nossa capacidade de ação criativa no mundo. Mas a verdade “é uma espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada”, como dizia Foucault parafraseando Nietzsche, “porque o longo cozimento da história a tornou inalterável”.⁶⁰ E, como bem pinçara Gilles Deleuze, cada época tem as verdades que merece. Por tudo isso, talvez seja preciso descolar dos nossos corpos essas *verdades mentirosas* que a história mais recente se obstina em tatuar em suas peles. Pois talvez ainda seja possível (e certamente desejável) libertar a carne dessas etéreas amarras que a teimosa panela da história insiste em cozinhar para amordaçar os corpos.

Se ontem foi a **alma** — uma entidade opaca e confessadamente *analógica* — hoje é a **informação digital**, um fluído virtualmente manipulável por meio das tecnologias mais variadas. Essa informação imaterial, que atualmente parece comandar os corpos e as subjetividades, apresenta seu rosto de *verdade* em diversas versões: o código genético, os circuitos cerebrais e a imagem do “corpo perfeito”. Enfim: novas e

⁵⁹ WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991.

⁶⁰ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história”. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979. p. 19.

velhas, porém sempre etéreas prisões da carne. Os próximos capítulos desta tese procurarão mergulhar nos diversos meandros desta problemática, a fim de tornar mais visíveis — e, com isso, mais vulneráveis aos nossos questionamentos — essas grades aparentemente impalpáveis.

2

BELEZA

**Um modelo cada vez mais tirânico:
todos devem ser jovens, belos e magros**

Se fosse possível enxergar a beleza em si, limpa, pura, sem mistura, sem estar contaminada de carnes humanas, de cores e de outras muitas miudezas mortais, mas se fosse possível avistar a beleza divina em si, especificamente única...

Platão¹

A beleza do corpo reside por inteiro na pele. Certamente, se os homens vissem o que se encontra sob a pele, dotados como os lincos de Beócia de penetração visual interior, bastar-lhes-ia ver uma mulher para terem náuseas: toda essa graça feminina não é mais do que saburra, sangue, humores e fel. Reflitamos no que se esconde no nariz, na garganta, no ventre: só imundice. E nós que sentimos repugnância ao tocar, mesmo que com a ponta dos dedos, o vômito e o esterco, como é que podemos sentir o desejo de estreitar em nossos braços tamanho saco de excrementos?

Odon de Cluny²

*Hombres necios que acusais / a la mujer sin razón
sin ver que sois la ocasión / de lo mismo que culpáis...
... pues en promesa e instancia / juntáis diablo, carne y mundo.*

Sor Juana Inés de la Cruz³

Nenhum homem é livre para amar uma mulher gorda.

Simone de Beauvoir⁴

*Ela [a modelo Gisele Bündchen] é tão magra
que nunca arranjaria marido aqui na tribo*

Índio do Xingu⁵

O que é a beleza? O que seria, mesmo, um corpo *belo*? Evidentemente, não há uma resposta absoluta e definitiva para tais perguntas. No entanto, todas as culturas possuem certos padrões de beleza, que disseminam seu cânone e — em certos casos — propagam uma “normalização” da população em torno dessa proposta ideal. Na sociedade contemporânea, porém, tal modelo parece se impor de maneira cada vez mais

¹ PLATÓN. “El Banquete”. In: *Diálogos*. México: Editorial Porrúa, 1991.

² CLUNY, Odon de (século X). Apud: PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998; p. 109.

³ DE LA CRUZ, Sor Juana (século XVII). *Obras Completas*. México: FCE, 1951.

⁴ BEAUVOIR, Simone de. Apud: WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991; p. 225.

⁵ Revista *Época*. Rio de Janeiro, 06/09/2004.

opressiva e generalizada, investindo os corpos e as subjetividades com uma potência inédita. A força incomum desse imperativo na época atual decorre, sem dúvida, da importância que vem ganhando o mercado das aparências.

O apagamento daquele magma interior que nos tempos modernos costumava dar consistência ao *homo psychologicus*, parece estar cedendo terreno para outras construções subjetivas. Assim, tendências exibicionistas e performáticas alimentam as novas modalidades de construção e consumo identitário, numa **espetacularização do eu** que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, o cobiçado fato de *ser visto*. Pois a *marca* de cada um se expõe nos sinais visíveis emitidos por seu corpo. Sem a proteção que ofereciam os sólidos muros do decoro burguês, em uma sociedade articulada pelas leis da intimidade e do sentimentalismo (com todas suas dores e delícias), hoje a subjetividade parece se mostrar na exterioridade da pele. Agora *somos* apenas e tão somente aquilo que *aparentamos* ser, mas também somos tudo aquilo que em nós se vê. Tendo perdido a possibilidade de ocultar ou dissimular aquilo de que não gostaríamos ou que seria preferível manter em pudico segredo, a identidade se exhibe escancaradamente na superfície da própria pele, à vista de todos.

Junto com a auspiciosa libertação das muitas travas e tapumes herdados da era burguesa, nesta virada aparecem também algumas complicações imprevistas: se o aspecto corporal assume tamanha importância em nosso meio sócio-cultural, tal primazia também desperta uma susceptibilidade especial diante de qualquer problema ou “defeito” que altere a almejada limpidez de seus relevos. Se a subjetividade se alicerça na superfície visível do corpo, é portanto nesse campo onde opera o severo escrutínio *moral* dos outros. E é também nessa arena onde se livra a batalha capital da visibilidade, rivalizando constantemente pela captação dos olhares alheios em um mundo saturado de estímulos visuais.

É impossível deixar de aludir, também, às fortes mudanças comportamentais ocorridas nas últimas décadas, que certamente exercem influências sobre os processos aqui analisados: tanto sobre os padrões de beleza hoje vigentes como sobre o setor da população que se considera impelido a obedecer a tais critérios. Em decorrência dos movimentos de “liberação sexual” das décadas de 1960 e 1970, que flexibilizaram as rígidas normas sociais no plano dos relacionamentos afetivos e permitiram uma liberdade de ação e de escolha até então inusitada (especialmente para as mulheres),

poderíamos dizer que na sociedade contemporânea foi ampliado enormemente o “mercado do desejo”. E, junto com ele, também aumentaram as exigências de sermos “desejáveis”. De novo, então, as reviravoltas sócio-culturais não mostram apenas as suas delícias mas também as suas dores. Porque ao se tornarem permeáveis e transponíveis aqueles limites que antes eram rígidos e até mesmo irrevogáveis para ter acesso ao mencionado “mercado do desejo” (tais como a idade, o gênero, as tradições familiares e locais, o estado civil, etc.), os requisitos da “boa presença” se estenderam para abranger um segmento crescente da população.⁶ Além disso, é preciso apontar as novas cobranças que implica a generalização de um certo “imperativo do gozo e da felicidade” como valores universalmente compartilhados, que também reverberam no cuidado da saúde e do aspecto físico, e no cultivo das sensações.

Os resultados dessa enorme ampliação das liberdades individuais, porém, não revelaram somente uma face positiva. Hoje, já tendo avançado nas entranhas do século XXI, é surpreendente que uma revista semanal de grande influência sobre as jovens mulheres brasileiras, sugira o seguinte: “nada causa mais inquietação às adolescentes do que o corpo, a moda e a beleza”; por isso, em suas páginas abundam (quase exclusivamente) os conselhos no estilo “use seu corpo como um *outdoor*, mostre ao mundo quem você é”.⁷ Pois, ao que parece, “ser bela” tem se convertido em uma espécie de *dever* para essas adolescentes — e não apenas para elas.

Até as primeiras décadas do século XX, a beleza tinha sido uma espécie de dom divino e a sua falta uma verdadeira maldição da natureza; enfim: sérios ditames do Além, em cuja sublime arbitrariedade era perigoso intervir.⁸ Graças à comercialização das mais diversas técnicas de embelezamento, porém, a beleza foi se convertendo em um recurso democratizado, algo acessível aos comuns mortais. Nos últimos anos,

⁶ Sobre outras implicações igualmente interessantes destas mudanças, ver FERRER, Christian. “La curva pornográfica. El sufrimiento sin sentido y la tecnología”. *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 5, p. 5-11, fev. 2004.

⁷ Trata-se da revista *Capricho*, que lidera o segmento de publicações dirigidas ao público “feminino juvenil” no Brasil, um segmento no qual ainda cabem vários produtos similares e igualmente populares, tais como *Atrevida*, *Malhação* e *TodaTeen*. A tiragem da *Capricho* é de 185.000 exemplares semanais, e sua circulação líquida é de 37.000 assinaturas e 84.000 vendas avulsas por semana. Seu público-alvo é constituído por 15% de homens e 85% de mulheres, na faixa de 10 a 19 anos. Cf. FREIRE FILHO, João. “Poder de compra: Pós-feminismo e consumismo nas páginas da revista *Capricho*”. CD-ROM XIV COMPÓS, UNESP, Bauru-SP, Junho 2006.

⁸ Cf. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. “Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil”. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

contudo, acompanhando as intensas transformações brevemente comentadas acima, a beleza parece ter se convertido não apenas em um *direito* universal, mas também e cada vez mais em uma *obrigação*. Por isso, para “adequar” o próprio corpo aos severos imperativos do *fitness*, é preciso recorrer ao arsenal de produtos e serviços à venda. Assim, o “corpo belo” está se tornando um ideal repentinamente opressivo e tirânico, cada vez mais universalizado para o conjunto das culturas aglutinadas pelo mercado global.

Tudo isto constitui, de fato, uma novidade histórica. Mas esta constatação não deixa de ser paradoxal em uma sociedade como a nossa, que atravessou a “liberação feminina” e prega a defesa da “autenticidade” e da “liberdade de escolha” em todos os âmbitos. Ao que parece, os mitos ancestrais sobre a feminilidade não mudam apenas de cor para sobreviverem, mas pelo visto ainda têm a capacidade de se tornarem mais asfixiantes ao se atualizarem. Assim, se as lutas sociais e políticas dos séculos XIX e XX conseguiram que a mulher se libertasse das históricas amarras que a sujeitavam, brutalmente simbolizadas pelo **espartilho**, hoje seu corpo *deve* se submeter a métodos ainda mais cruentos de modelagem e sujeição corporal: **cirurgias plásticas, dietas, malhação**. E o mais curioso de tudo é que ninguém parece querer se “libertar” destas renovadas tiranias.

Os mecanismos do poder são extremamente ardilosos, como bem ensinara Michel Foucault: absorvem as resistências para reciclar seus dispositivos e se tornarem mais e mais “efetivos” quanto mais aumenta a sua capacidade de produzir prazeres, discursos e saberes.⁹ Somente desde esta perspectiva é possível compreender que hoje, pela primeira vez na história ocidental, a “boa forma” física tenha se convertido em garantia de admiração moral — enquanto seus desvios são estigmatizados com duros julgamentos e condenações igualmente morais. Se a superfície da pele se torna um campo propício para a expressão do que cada um é, então o corpo também se transforma em um espaço de criação e *design de si*. E essa obra eminentemente visual plasmada na própria pele *deve* ser bela.

Mas o que seria exatamente, hoje em dia, essa **beleza** que se tornou obrigatória? Quais são suas raízes e suas leis? Remontando até o *Gênese*, descobrimos que o nascimento das ambíguas artes da beleza foi posterior à expulsão de Eva do

⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979; e *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

paraíso. Originalmente, Deus tinha criado uma mulher dotada de uma beleza eterna, mas suas descendentes perderam o direito à eternidade desse dom divino devido ao pecado da primeira dama. Por isso foi um anjo de qualidades enganosas, Azazel, quem ensinou às mulheres as técnicas e os artifícios da beleza, a começar pela fabricação de adornos e braceletes, bem como os segredos da maquiagem: “a arte de pintar o contorno dos olhos com antimônio, e os ardis para embelezar as pálpebras, e as pedras mais belas e preciosas, e todas as tintas para dar a cor, e com isso transformou-se o mundo”.¹⁰ Mas essa metamorfose é ambivalente, pois a revelação de Azazel às mulheres não é apenas um morno consolo por aquela perda eterna: também tem algo de diabólico. Para constatá-lo, basta lembrar que em seguida veio o Dilúvio, “como se as chuvas do céu tivessem a virtude de lavar os rostos das mulheres pintadas e corruptas”.¹¹

Mas a rejeição moral à maquiagem e aos sortilégios da beleza *artificial* não se limita apenas às Sagradas Escrituras. Embora haja registros sobre a existência deste tipo de práticas desde o terceiro milênio antes de Cristo, no Antigo Egito — como pinturas para a pele, perfumes, perucas e cremes —, a história também abunda em proibições e castigos para àquelas que recorriam a estes truques capazes de modificar as aparências corporais. Na Grécia homérica (séculos XII a VIII a.C.), por exemplo, o uso de adornos e de qualquer artifício no cuidado do corpo era ativamente desdenhado. Isso não pode surpreender em uma cultura que enaltecia a beleza “em si”, como uma idéia superior e divinizada, distante de todo vínculo com “as carnes humanas” que pudesse corromper esse ideal puro e límpido.¹² Neste sentido platônico, a beleza é uma *verdade incorpórea*, tão distante da matéria carnal como das aparências sensíveis. “Nem tampouco se parecerá a beleza com um rosto, umas mãos ou qualquer outra coisa das quais um corpo participa”, explicava Platão, “nem em absoluto com algo que existe em outra coisa, por exemplo em um ser vivente, na terra, no céu ou em algum outro ser, mas a própria beleza em si, que é sempre consigo mesma especificamente única”.¹³ Portanto é indubitável: nesta perspectiva, a beleza não é um atributo dos corpos humanos, mas algo

¹⁰ *Livro de Henoc*. Apud: PAQUET, op. cit.; p. 13.

¹¹ PAQUET, op. cit.; p. 14.

¹² PLATÓN. “El Banquete”. In: *Diálogos*. México: Editorial Porrúa, 1991. Cf. Também Cf. GUERRERO, Luis Juan. *Qué es la belleza*. Buenos Aires: Ed. Columba, 1954.

¹³ PLATÓN. op. cit.

que pertence à ordem superior do cosmos — e é daí que também emanam, curiosamente, emanam as origens do termo “cosmética”.

Na Grécia Antiga havia uma diferenciação bastante significativa entre os termos **cosmética** (*kosmêtikê technê*) e **comótica** (*kommôtikê technê*). O primeiro se refere à higiene e demais cuidados corporais, tais como a ginástica e as massagens; enfim: todas práticas destinadas a realçar a “beleza natural”. Já o segundo termo tinha uma carga pejorativa e aludia às condenáveis artes da maquiagem, que poderiam conduzir à ilusão, ao engano e ao artifício.¹⁴ Por isso, no mundo grego eram habituais os exercícios físicos, os banhos, o tratamento dos cabelos, a depilação e outras técnicas de asseio, pois se considerava importante trabalhar virtuosamente o próprio corpo como uma parte importante do cuidado de si. No entanto, era mal visto todo artificialismo que pretendesse ir além de certos limites. Em Esparta, inclusive, Licurgo chegou a proibir os cosméticos e a pintura corporal, que assim como os adornos eram considerados elementos corruptores do bom comportamento feminino.

Essas diferenças entre uma beleza idealizada — que se enaltecia e se procurava homenagear com os cuidados do corpo *natural* — e os ambíguos métodos de embelezamento *artificial*, talvez remetam ao caráter dual da beleza feminina, tutelada por duas divindades bem diferenciadas. Por um lado, Afrodite, “harmônica e doce”, e por outro lado Pandora, “pérfida e fatal”.¹⁵ No entanto, com a decadência grega, as diferenças outrora marcantes entre ambas as práticas e ambos os perfis prototípicos foram perdendo força; assim, a cosmética passou a abranger tanto o asseio como a maquiagem, que por sua vez se tornou menos condenável e mais habitual. Foi no período helenístico (séculos III a I a.C.) quando esse desprezo e as conseqüentes interdições começaram a ser suavizadas. Finalmente, os hábitos bárbaros com influência oriental terminariam se impondo em Atenas, especialmente entre os séculos II e V da era cristã. Os avanços do artifício culminariam com seu pleno triunfo no Império Romano, onde os historiadores coincidem em detectar certo exagero nas artes do dissimulo e da ornamentação. No entanto, apesar da ampliação das tolerâncias, tais recursos sempre conservaram uma face demoníaca que devia permanecer oculta, como recomendava Ovídio em seu clássico *A Arte de Amar*: “que vosso amante não vos

¹⁴ PAQUET, op. cit.; p. 20.

¹⁵ PAQUET, op. cit.; p. 18.

surpreenda com as caixinhas abertas sobre a mesa, pois a arte de embelezar o próprio rosto não deve ser mostrada”.¹⁶

Já na Idade Média, as autoridades da Igreja se ocuparam de predicar profusamente contra os excessos na vaidade e na frivolidade, bem como nas práticas de asseio. Os exemplos abundam, envolvendo os calorosos discursos de São Gregório e São Jerônimo, e também os do profeta Isaías ou as epístolas de São Paulo. Todos eles partiam de uma constatação inicial: o pecado original de Eva condenara as mulheres à austeridade, aos pudores e às mais duras práticas ascéticas. Pois os truques da maquiagem poderiam tecer uma máscara diabólica que desfiguraria o rosto criado por Deus, e as mulheres vaidosas que cedessem a essas estratégias ilusórias correriam o risco de não serem reconhecidas por Cristo no Juízo Final; nesse caso, poderiam ser enviadas para o Inferno. Tanto os adornos como os banhos se tornaram pecaminosos neste período, e a sujeira começou a ganhar certo ar de virtude, enquanto a pintura no rosto simbolizava luxúria, prostituição e vulgaridade. Como escrevera Tertuliano, um teólogo romano do século III: “pecam contra Ele aquelas que lastram sua pele com drogas, sujam suas bochechas com pó vermelho, alargam seus olhos com sombras escuras... o que é **natural** é obra de Deus, o que **artificial** é obra do Diabo”.¹⁷ Somente “a seda da honestidade, o linho da pureza e o púrpura do pudor” seriam capazes de conceder às boas mulheres uma beleza casta e verdadeira. Por isso, no século XIV, o príncipe e predicador Jacques de la Marche impedirá terminantemente o uso de maquiagem, liberando a proibição apenas para as virgens núbéis que procuravam marido e para aquelas que sofriam de alguma doença “repulsiva”. Pois se tratava de um ligeiro *ornatus vanus*: “engalanar-se com artifícios é uma traição adúltera”.¹⁸ De todas maneiras, curiosamente, acreditava-se que certas técnicas de maquiagem interditas poderiam causar infecções urinárias, leves castigos divinos que se encarregariam de eliminar dolorosamente os enfeites das mais ousadas através da urina.¹⁹

A despeito da clara mensagem medieval com relação aos artifícios da maquiagem, segundo a qual seria vã e perigosa a tentação de embelezar aquilo que não é mais que um futuro cadáver indigno desses tratos, a partir do século XII começam a

¹⁶ OVÍDIO. *A arte de amar*. Apud: PAQUET, op. cit., p. 27.

¹⁷ TERTULIANO. *O asséio das mulheres*. Apud: PAQUET, op. cit., p. 32.

¹⁸ DE LA MARCHE, Jacques. Apud: PAQUET, op. cit.; p. 33.

¹⁹ PAQUET, op. cit., p. 41.

proliferar as receitas para cuidar do corpo, com a publicação dos primeiros tratados e manuais de beleza. A “bela” medieval era muito jovem, loira e branca, com um imprescindível ar puro e angelical; para isso, devia ter a testa ampla e as sobrancelhas bem depiladas. Os cânones do resto do corpo são menos definidos porque permanecia oculto aos pudicos olhares, porém os quadris deviam ser estreitos, os seios pequenos e o ventre proeminente e inchado. Para depilar a testa, as mulheres usavam misturas altamente perigosas de arsênico e cal viva ou fervida em óleo; e para manter a brancura e limpeza da área, recorriam a substâncias com ingredientes como o sangue de morcego ou rã, extrato de cicuta, cinza de repolho com vinagre. Os cabelos loiros deviam ser lavados com misturas de assas de abelha, nozes assadas e cinzas de ouriço.²⁰ Como resultado destes delicados e complexos rituais, podia obter-se um aspecto que revelasse uma “naturalidade” extremamente custosa e exigente.

Com o ressurgir do pensamento clássico na Renascença, a beleza do corpo feminino começa a recuperar alguns valores esquecidos; inclusive, imbuída pela atmosfera do neoplatonismo, chega a ganhar certos ares divinizados. “Uma mulher formosa é o mais belo objeto que se possa contemplar, e a beleza é o dom mais prezado que Deus tenha colocado à disposição da criatura humana”, escrevera Agnolo Firenzola em seu *Dialogo delle bellezze delle donne*, publicado em 1578. “Visto que pela virtude daquela”, prosseguia, “elevamos nosso espírito à contemplação, e por meio da contemplação, ao desejo das coisas celestes”.²¹

No que tange ao pensamento sobre o corpo e a sua representação, como se sabe, a Renascença é uma época muito rica, na qual brilham a redescoberta da harmonia ideal e das proporções justas, e toda uma sistematização matemática e simbólica dos cânones da beleza corporal. Assim, a geometria e arquitetura processam minuciosamente as formas do corpo humano, cujo modelo ideal surge dos cálculos, regras, medidas, equivalências e diagramas de artistas como Leonardo da Vinci e Albrecht Dürer, que retomam e atualizam os ensinamentos clássicos de Policleto e Lisipo. Aparecem neste período histórico, também, figuras emblemáticas e possuidoras de um saber legítimo sobre o assunto: o médico e o boticário, que oferecem fórmulas milagrosas para conservar a saúde e a beleza. A farmacopéia renascentista combinava os ensinamentos da botânica e outros saberes científicos com a magia e outras ciências ocultas. Assim,

²⁰ PAQUET, op. cit.; p. 39.

²¹ FIRENZOLA, Agnolo. *Dialogo delle bellezze delle donne*. Apud: PAQUET, op. cit.; p. 43.

Catarina Sforza recomendava uma receita infalível para branquear a pele em sua obra *Gli Experimenti*, escrita no final do século XV: “leite de ama de cria, na qual se fez destilar uma andorinha com suas penas”; a fórmula não desdenha outros condimentos adicionais igualmente exóticos, como os diversos membros das pombas, das cobras e dos crocodilos. Já um livro publicado em 1573, *Instructions pour les jeunes dames*, aconselhava um preparado para efetuar a depilação composto por “fezes de gato secas, finamente picadas, misturadas com vinagre bem forte”.²²

Nesse turbilhão, extingue-se o ideal da lânguida ninfa medieval para dar passo a um modelo de “mulher suculenta”: um corpo robusto e sensual, com perfis sólidos e arredondados. Os esplendorosos retratos desta época mostram a encarnação de uma beleza corporal re-significada pela sinestesia e pela recuperação da sensualidade secular. Conforme um dos abundantes tratados estéticos da Renascença, a “beleza perfeita” devia responder a cinco elementos, que por sua vez correspondiam aos cinco sentidos: a forma (vista), a harmonia (ouvido), a suavidade (gosto), a doçura (olfato) e a brandura (tato).²³ Assim, a influência italiana terminou espalhando pela Europa um padrão de “beleza barroca” que implicava um profuso catálogo de cuidados e adornos corporais destinados a atingir esse ideal. A veneziana Catarina de Medicis foi uma das principais embaixadoras deste modelo, que recomendava uma pele fina e transparente, cabelos loiros e cumpridos, e lunares postiços para dissimular os “defeitos” do rosto — muitas destas técnicas, aliás, eram utilizadas não só pelas mulheres mas também pelos homens da aristocracia.

Entretanto, todo este auge dos cosméticos sofreu uma nova queda no final do século XV, quando tornam a priorizar-se a higiene e o asseio *naturais* aos ardis da beleza *artificial*. O termo “maquiagem” foi cunhado neste período, precisamente, com seu sentido vulgar e pejorativo de “truque ilusório” que persistirá até o século XIX. No entanto, apesar do crescente fortalecimento dessa vertente moralista, a corte do Rei Sol e dos Luizes brilhou durante todo o século XVII e boa parte do XVIII com seus abusos de perucas brancas, bochechas vermelhas, peles cobertas de fino pó, lunares postiços, disfarces e outros preciosismos — tanto para as damas quanto para os cavaleiros. Como bem disse o sedutor mais famoso de todos os tempos, Casanova: “a graça reside em que

²² PAQUET, op. cit.; p. 44.

²³ NIFO, Augusto. *A beleza e o amor* (1549). Apud: PAQUET, op. cit.; p. 46.

o pó vermelho nas bochechas não pareça natural”.²⁴ Esses rostos pintados como bonecas de porcelana acompanhavam corpos armados com toda uma série de complexas estruturas que se escondiam sob as fartas vestes: espartilhos que estreitavam o talhe, armações que alargavam os quadris, bem como pernas e pés igualmente modelados por meio de complicados artefatos ortopédicos. Nestes ambientes impregnados de ociosidade e jogos de espelhos, porém, e a despeito destes árduos rituais que amordaçavam as carnes, os corpos musculosos eram desprezados por evocarem um esforço físico que era indigno da nobreza. A beleza corporal assumia as formas arredondadas e acolchoadas da abundância: “o pescoço suntuoso, os braços torneados e rechonchudos, os quadris mais amplos que os ombros, as canelas roliças alongadas por finos tornozelos, que auguravam delícias brandas e voluptuosas”.²⁵

Em meados do século XVIII, porém, as idéias prevalecentes sobre a natureza do corpo começam a mudar novamente. Com o advento do Iluminismo, os artifícios excessivos da Corte começaram a incomodar, e preconizou-se um retorno à simplicidade *natural*. Tanto os saberes da medicina como o renovado respeito pela “autenticidade” e pela “sinceridade” de uma subjetividade interiorizada terminaram condenando os enganosos jogos daquelas aparências copiosamente recarregadas. Surge nesta época uma reivindicação da beleza natural e sentimental, mais comovedora que geométrica ou teatral, que além disso passa a ser fortemente singular: o rosto e o corpo revelam o “eu íntimo” de cada um, a beleza própria e exclusiva de cada alma individual. Sob a influência do romantismo, esta tendência naturalista da saúde e da pureza desembocará também nos esteticismos enfermiços da palidez e dos espíritos atormentados, dos rostos e das formas corporais que expressavam as paixões e os sofrimentos interiores.

É neste contexto de intenso naturalismo sentimental, porém, que irá emergir também uma reação provocadora: a reivindicação moderna dos artifícios, belamente promulgada por um poeta “maldito” como Baudelaire no século XIX e pelas vanguardas estéticas de princípios do século XX. “O que a natureza dá é horrível”, dirá o poeta para escandalizar a boa consciência burguesa em 1863, legitimando a metamorfose das

²⁴ PAQUET, op. cit.; p. 54.

²⁵ PAQUET, op. cit.; p. 57.

aparências graças aos mais diversos artifícios.²⁶ Do mesmo modo, tanto através das artes como da filosofia, os modernismos se ocuparam de desarticular a suposta unidade e harmonia do corpo humano, desconstruindo a clássica pureza apolínea das formas para desnudar sua fragmentação e seu potencial dionisíaco, sua “beleza terrível” e todas suas “partes malditas”.²⁷ Além de Baudelaire, outros escritores “decadentistas” reivindicaram a maquiagem como um símbolo da potência do falso; entre eles, Joris Karl Huysmans e Auguste Villiers de l’Isle Adam — este último, aliás, encarnaria tais atributos em uma “mulher perfeita” e plenamente artificial, a androide protagonista do seu romance *A Eva Futura*.²⁸ Para bem ou para mal, o decorrer da história logo apoiaria as teses destes poetas e artistas: os produtos cosméticos e farmacêuticos destinados ao embelezamento corporal se popularizaram notoriamente no final do século XIX, com uma indústria florescente que já vendia milhões de produtos e começava a explorar com sucesso os recursos da publicidade.

Ao longo do século XIX, porém, os bons costumes burgueses relegavam as maquiagens recarregadas para as “mulheres da vida”, enquanto as verdadeiras damas deviam apelar à discrição e ao bom gosto. Nesse contexto, os hábitos de limpeza passaram a liderar os cuidados com o corpo e sua beleza, e por meio deles a burguesia se distinguiu do proletariado.²⁹ Entretanto, convém ressaltar que tais cuidados tinham uma intensidade bem menor e uma regularidade pouco freqüente para os nossos parâmetros: por exemplo, os pés deviam lavar-se a cada oito dias, segundo o *Nouveau Traité de Civilité* publicado em 1850; os cabelos, a cada dois meses, de acordo com *L’Omnibus de la Toilette*, de 1838; e os dentes uma vez por semana, conforme as indicações do *Code de la Toilette*, de 1828. Contudo, junto com estes novos costumes higiênicos se espalha toda a retórica da limpeza, da pureza e da frescura dos corpos

²⁶ BAUDELAIRE, Charles. “Elogio del maquillaje”. In: *El pintor de la vida moderna*; p. 25-28. <<http://www.educarchile.cl/autoaprendizaje/estetica/modulo4/clase4/doc/ baudelaire.doc>>.

²⁷ Cf. MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível: A decomposição da figura humana*, de Lautréamont a Bataille. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002; BATAILLE, Georges. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975; BORGES, Contador. “A beleza terrível”. *Revista Verve*, v. 6. São Paulo: Nu-Sol/PUC-SP, Nov. 2004; NIETZSCHE, Friedrich. *El nacimiento de la tragedia*. Madri: Alianza, 1981; NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. *Nove variações sobre temas nietzschianos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

²⁸ VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, Auguste. *A Eva Futura*, São Paulo: Edusp, 2001.

²⁹ Cf. VIGARELLO, George. *O limpo e o sujo: Uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996; BOURDIEU, Pierre. *La distinción: Criterios y bases sociales del gusto*. Madri: Taurus, 1988.

“belos”. Os manuais recomendam, também, dietas especiais para “purgar os humores nocivos”.³⁰

Assim, respeitosa de todos estes conselhos e rituais, a beleza típica das damas do século XIX expressa todo o bem-estar e a feliz opulência da família burguesa. São corpos “abastados e rotundos”, tratados com todos os cuidados e bem alimentados na ociosidade da vida urbana. Por isso, as mulheres magras demais costumavam recorrer a um tipo peculiar de espartilho denominado “Venus de Milo”: toda uma complexa estrutura que alargava os quadris e incluía até mesmo um par de seios de borracha animados por uma espécie de mola, que lhes concedia uma vitalidade mecanicista porém “perfumada e palpitante”.³¹ No entanto, já avançando no conturbado século XX, os corpos começavam a se desnudarem e a se exibirem à flor da pele; por conseguinte, todos aqueles aparatosos métodos mecânicos ficaram logo obsoletos na formatação oculta dos corpos. Em seu lugar, tanto a ciência como a estética recomendavam a prática oxigenante e modeladora dos exercícios físicos, sobretudo ao ar livre. Assim, aos poucos, tanto os músculos como o tom bronzeado tornaram a ganhar renovado prestígio: não mais como uma evocação do esforço físico no trabalho braçal dos operários e camponeses, mas como os sinais de um organismo saudável, produtivo, ágil e dinâmico; enfim: moderno. Com o tempo, ficar *sarado* perderia todas as conotações pejorativas que ligavam o termo aos corpos dos trabalhadores da terra, “rijos e secos” devido aos árduos esforços cotidianos nas lavouras, para se transformar na meta a ser alcançada *malhando* duramente nas academias urbanas da nossa sociedade dos excessos, da “epidemia de obesidade” e da *lipofobia*.³²

Este breve percurso pela história da beleza corporal teve como objetivo não apenas apontar as variações nos cânones, padrões e critérios ao longo das diversas épocas, como também evocar os sofrimentos que a adequação a esses modelos sempre demandou.³³ No Antigo Egito, por exemplo, quando as criadas lavavam os corpos de suas amas, também faziam com que seus ossos tangessem e as açoitavam nos quadris

³⁰ PAQUET, op. cit.; p. 63.

³¹ PAQUET, op. cit.; p. 73.

³² Cf. RODRIGUES, Sergio. “O sarado e o doente”. In: *What língua is esta?*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

³³ Cf. também ECO, Umberto. *História da Beleza*. São Paulo: Ed. Record, 2004; VIGARELLO, Georges. *Historia de la belleza*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

para que estes ficassem mais largos.³⁴ Por sua vez, é fartamente conhecida a prática de torturar os pés das jovens chinesas, a partir do século X, pois seu tamanho pequeno e sua forma pontiaguda constituíam uma característica indispensável da beleza feminina. Já no Ocidente que anunciava a Modernidade com todas suas Luzes, em 1580, Montaigne se espantava das crueldades que as damas de sua época eram capazes de infligir ao próprio corpo a fim de obter “o porte fino e elegante das espanholas, a quantas torturas se sujeitam, afeitadas, arrochadas, entaladas até se ferirem e por vezes morrerem”.³⁵ Já em 1929, um médico do Collège de France vociferava indignado contra os perigosos produtos de embelezamento que “pinçam, trituram, amassam e estilhaçam a carne feminina”.³⁶ No entanto, em todos estes casos são as jovens moças a procura de marido, com certa posição social, que devem se submeter aos mais rígidos rigores; o resto da população, em geral, é liberado dessas torturas e relevado da penosa obrigação da beleza.

Agora, porém, tal imperativo não só afinou as medidas consideradas “perfeitas” e se tornou bem mais exigente em suas demandas, como também ampliou seu rádio de ação para um segmento crescente da população. Somente neste novo quadro poderia ocorrer um drama como o vivenciado pelo jovem músico brasileiro Marcus Menna, integrante do grupo pop LS Jack. Com 27 anos de idade e um aspecto físico que poderia ser considerado “normal” — tanto em todos os momentos históricos mencionados nas páginas prévias como hoje em dia —, o músico entrou em coma após se submeter a uma cirurgia de lipoaspiração no abdômen em uma clínica do Rio de Janeiro. Menna fazia sucesso com sua banda, era “felizmente casado” e tinha um filho de nove meses, porém “não estava satisfeito com o próprio corpo” e resolveu fazer a intervenção cirúrgica “por uma questão de auto-estima”.³⁷

O imperativo do “corpo belo” que vigora entre nós ostenta uma voracidade inclusiva jamais vista. Um certo “totalitarismo de mercado”, em uma eficaz aliança tácita com a mídia e a prolífica tecnociência de nossos dias, espalha velozmente um credo cada vez mais consensual: os poderosos mitos da beleza, da saúde e da boa forma.

³⁴ PAQUET, op. cit., p. 17.

³⁵ MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. Volume 1, p. 75.

³⁶ PAQUET, op. cit., p. 82.

³⁷ ARAÚJO, Luís Edmundo. “O drama do LS Jack”. *Istoé Gente*, 7/7/2004. <http://www.terra.com.br/istoegente>.

Como consequência dessa incitação a adequar-se ao modelo do *fitness*, percebe-se também uma insólita proliferação do *monstruoso*: por toda parte, assomam os corpos inadequados e estigmatizados, aqueles que se distanciam do modelo “ideal” porém inatingível. Apenas uma decorrência daquilo que Naomi Wolf denominara “mito da beleza”, e que ela própria define como “uma violenta reação contra o feminismo” por parte da nossa sociedade ainda fortemente patriarcal, “que utiliza imagens de beleza feminina como arma política para refrear os avanços da mulher”.³⁸ Seja como for, esta curiosa construção sócio-cultural, política e econômica consegue que hoje em dia 45% das mulheres com um peso inferior ao normal se considerem “gordas demais”, e que a maioria confesse sua preferência de emagrecer entre cinco e sete quilos em vez de conquistar outras metas nos âmbitos pessoais ou profissionais.³⁹

Uma posição semelhante à de Wolf assume a psicanalista brasileira Silvia Alexim Nunes em suas teses sobre a pregnância da **imperfeição** feminina no imaginário contemporâneo. Cada vez mais, na nossa sociedade, as mulheres passam a perceber o próprio corpo como um obstáculo. Para exemplificar, a autora cita um caso específico: “tentando alcançar seu ideal desenvolveu uma relação de mortificação com o próprio corpo na qual alterna períodos onde passa fome com episódios de bulimia, numa relação onde sacrifício e punição são as marcas fundamentais”.⁴⁰ Ao que parece, o mito de Pigmalião permanece e ainda se revigora entre nós. Apesar de toda a retórica que abunda em referências ao **natural** nos onipresentes discursos publicitários e midiáticos relacionados à beleza, deste ponto de vista parece evidente que só a mulher **artificial** teria condições de fugir do estigma carnal da imperfeição feminina. Pois apenas um corpo duramente *artificializado* será capaz de cumprir o árduo mandato da **perfeição**.

Todas estas crenças, normas, modelos, imagens e narrativas que hoje se espalham com tanto vigor entre nós parecem suscitar uma luta contra o próprio corpo inadequado, uma batalha contra essa imagem de um *eu monstruoso* que os espelhos insistem em mostrar, e um trabalho de purificação constante para se adequar ao modelo hegemônico. Deste ponto de vista, é indubitável que se trata de um programa de caráter

³⁸ WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991; p. 14.

³⁹ WOLF, op. cit., p. 239.

⁴⁰ NUNES, Silvia Alexim. “De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea”. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial. Rio de Janeiro, 2003; p. 3. Ainda sobre o trabalho desta psicanalista, Doutora em Saúde Coletiva pelo IMS-UERJ, ver RODRIGUES, Carla. “Oprimidas pelo ideal de beleza”. *No Mínimo*. Rio de Janeiro, 17/11/2003.

político, pois tal corpo vendido como ideal é funcional a um determinado projeto de sociedade, e essa procura desesperada por atingi-lo serve a seus propósitos. Pois todas estas novas mitologias, tão pregnantes no imaginário e nas realidades contemporâneas, alimentam um negócio extremamente lucrativo, que não hesita em desdobrar estratégias tão sedutoras como terroristas, embora pareça alicerçado em bases algo ilusórias: já na década de 1980, a indústria de produtos de beleza investia em publicidade até 80% do seu orçamento.⁴¹

Mas cabe aqui um esclarecimento importante: não se trata de um fenômeno exclusivamente feminino, apesar da especial incidência entre as mulheres — aspecto que enfatizam as mencionadas Naomi Wolf e Silvia Alexim Nunes, com seu viés “feminista”. Basta constatar que a bibliografia que focaliza a incidência destes processos entre os homens também é abundante e continua a crescer.⁴² Por outro lado, é sintomático que proliferem polêmicas midiáticas como aquela que anunciava a aparição de um novo tipo de masculinidade, o “metrossexual”, enquanto aumenta o mercado de produtos e serviços de beleza destinados ao público masculino.⁴³ Cada vez está ficando mais e mais obsoleto, ao que parece, o velho conselho de Ovídio: “beleza sem alinhamento quadra bem aos homens”, recomendando apenas a limpeza e o vigor, e deixando os cuidados mais vaidosos com o aspecto físico “às jovens coquetes ou ao torpe varão, caso houvesse, que pretenda conquistar outro varão”.⁴⁴

⁴¹ Isso equivaleria, somente nos Estados Unidos e no ano de 1985, a 900 milhões de dólares. HIGONNET, Anne. “Mujeres, imágenes y representación”. In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *Historia de las Mujeres en Occidente*; v. 9: El siglo XX: Guerras, entreguerras y posguerra. Madri: Ed. Taurus, 1993. p. 383. Sobre este tópico, também vale a pena consultar as instigantes análises de WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991.

⁴² Cf. ROSENBERG, Jocelyne Levy. *Lindos de Morrer: Dismorfia Corporal e Outros Transtornos Obsessivos*. São Paulo: Ed. Celebris, 2004; OLIVARDIA, Roberto; POPE JR., Harrison; PHILLIPS, Katharine. *O complexo de Adonis: A obsessão masculina pelo corpo*. São Paulo: Ed. Campus, 2000; SABINO, César. “Anabolizantes: Drogas de Apolo”. In: GOLDENBERG, Miriam. (Org.) *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188; GILMORE, David. “The Beauty of the Beast: Male Body Imagery in Anthropological Perspective”. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 191-214; COURTINE, Jean-Jacques. “Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In: SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.

⁴³ SIMPSON, Mark. “Eu, eu mesmo e eu também”. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, São Paulo, 18/01/2004; ROIG, Catherine. “Metrosexuais: cuando más cuidados más hermosos”. *Elle*, Buenos Aires, Jun. 2004; SIMPSON, Mark. “Metrossexual”. *Veja*, Edição Especial *Homem*, São Paulo, nº 34, ano 37, p.22, Ago. 2004.

⁴⁴ OVÍDIO. *A arte de amar*. Apud: PAQUET, op. cit., p. 99.

A **mídia** reflete claramente todos estes fenômenos e, ao mesmo tempo, constitui um motor imprescindível do seu desenvolvimento, sempre atento às últimas descobertas da **tecnociência** e aos últimos lançamentos do **mercado**. A saúde, a beleza e a obsessão pela aparência ganham cada vez mais destaque nos jornais, revistas e programas de rádio e televisão do mundo inteiro. Dessa forma, os meios de comunicação assumem seu papel pedagógico na propagação do imperativo da prevenção de doenças, e na intimação à procura do “corpo belo, jovem e saudável”. Todos os dias, uma infinidade de notícias e reportagens sobre o assunto é publicada em todo o planeta. Mas das telas cintilantes e das páginas coloridas não irradia apenas um abundante catálogo de modelos corporais (a serem copiados ou a serem evitados) e o conseguinte receituário de técnicas e saberes para se aproximar desse ideal; além disso, constantemente são enxurrados novos dados, resultados de estatísticas e outras novidades sobre o tema.

Vejamos um exemplo: trata-se de uma pesquisa envolvendo 21 mil mulheres em 24 países, encomendada pela companhia de cosméticos Avon, segundo o qual “as brasileiras se importam mais com a aparência do que qualquer outra mulher no mundo”. Pelo menos a metade da população feminina do país estaria disposta a se submeter a cirurgias plásticas “para ficarem mais atraentes”. Em nenhum lugar do mundo, conclui o estudo, “a cirurgia plástica é tão popular como no Brasil”.⁴⁵ De fato, tanto o Brasil como a Argentina figuram entre os países que registram as maiores quantidades de cirurgias estéticas por ano, em relação com sua quantidade de habitantes; e o Brasil ainda é o segundo do mundo em termos absolutos. A explicação para tal fenômeno costuma ser mercadológica: alude ao “esforço das mulheres para entrar no mercado de trabalho nesta parte do planeta, onde ainda são pouco representadas em muitas áreas”. Citando a diretora local de planejamento e marketing da empresa, o mencionado artigo pontifica: “é importante parecer bem e sentir-se bem, se você quer enfrentar o mundo executivo dominado pelos homens”.⁴⁶ Não se trata, de modo algum, da única reportagem lançada no turbilhão da mídia internacional a enfatizar a importância crescente da aparência e da beleza física: “para 61% das pessoas, é o fator mais importante para obter sucesso social”, conclui um estudo realizado pelo Instituto Gallup, que fora igualmente exposto nos meios de comunicação de vários países.

⁴⁵ LIBEDINSKY, Juana; SCHERER, Fabiana. “La belleza global”. Revista *La Nación*. Buenos Aires, 10/10/2004. <http://www.lanacion.com.ar/642983>.

⁴⁶ HAY, Andrew. “Brasileiras são as mais vaidosas do mundo, diz estudo”. Agência Reuters, 01/09/2003. <http://br.rd.yahoo.com/news/?http://br.news.yahoo.com//030901/16/dssv.html>.

De acordo com pesquisas desse tipo, os latino-americanos depositam enormes (e crescentes) esperanças na possibilidade de modificar e “melhorar” o próprio corpo. Recorrendo às técnicas disponíveis, almejam encontrar a eterna juventude, parecer-se com alguma celebridade midiática, melhorar seu aspecto para obter sucesso na vida profissional ou até mesmo para fugir da discriminação social — pois, apesar da diversidade étnica do continente, o padrão de beleza hegemônico continua sendo o europeu nórdico: pele branca, cabelos loiros, olhos claros, altura e magreza bem superiores às médias locais, etc. Recentemente, como ressonâncias de uma extensa reportagem de capa publicada na revista norte-americana *NewsWeek*, longas matérias ocuparam várias páginas em veículos midiáticos de ampla tiragem dos diversos países da região, dedicadas ao “novo modelo de beleza” que estaria se impondo no mundo globalizado e que teria características “multirraciais”. Chama a atenção, porém, a quantidade de dados e comentários citados nos próprios artigos que apóiam a tese contrária, como bem ilustra a moda das cirurgias dirigidas a “ocidentalizar” os traços orientais nos países asiáticos. A despeito das escassas e bem delimitadas concessões a um eventual “exotismo”, o modelo que está se impondo globalmente parece ser, cada vez com mais ênfase, o branco ocidental.⁴⁷ Que, além disso, deve ser magro e esguio.

Essas alterações na própria aparência que a tecnociência aliada ao mercado e à mídia permitem e incitam a efetuar, e que tantas promessas parecem alimentar, estão se tornando cada vez mais acessíveis para uma boa parcela da população latino-americana, embora para a grande maioria ainda sejam impensáveis. Na Argentina, os preços de algumas intervenções — como o lifting facial, por exemplo — caíram até 400% na última década.⁴⁸ Nesse mesmo período, em toda a América Latina, a prática da cirurgia estética aumentou mais de 200%. Em todo o mundo, por sua vez, o incremento foi de 226% nos últimos sete anos.⁴⁹ As mulheres continuam sendo as principais usuárias; correspondendo aos homens apenas 10% do mercado, embora esse abismo pareça estar

⁴⁷ “The global makeover”. *Newsweek*, 10/11/2003.

⁴⁸ “A Argentina se converteu, no último ano, na Meca da cirurgia plástica da região, devido à conveniência de preços após a desvalorização da moeda local. Os chilenos, por exemplo, podem ter acesso aos ‘retoques de final de semana’, pacotes turísticos que incluem diversos tratamentos nas cidades de Mendoza ou Buenos Aires”. LIEBER, Elisa. “La belleza obsesiona a las latinoamericanas”. *La Nación*, Buenos Aires, 3/12/2003. Algo semelhante ocorre em outros países da região, como a Colômbia e o próprio Brasil.

⁴⁹ LIBEDINSKY, Juana; SCHERER, Fabiana. “La belleza global”. Revista *La Nación*. Buenos Aires, 10/10/2004. <http://www.lanacion.com.ar/642983>.

diminuindo gradativamente. Em nível internacional, somente os Estados Unidos superam o Brasil em quantidade absoluta de cirurgias estéticas. Na Argentina, calcula-se que uma de cada 30 pessoas já se submeteu a uma operação para remodelar seus traços faciais ou corporais. Todos esses dados confirmam que, nesta região do planeta, “a pressão social por se ver melhor é tão intensa que até mesmo as mulheres das camadas sociais menos favorecidas procuram encontrar a maneira de conseguir o dinheiro necessário para efetuar uma cirurgia plástica”.⁵⁰

A aparência que se deseja atingir, na imensa maioria dos casos, remete à reprodução de um padrão de beleza fortemente pautado e codificado pela mídia, com características comuns em nível global. Isto é, da já quase velha (porém eternamente jovem) boneca Barbie às *top-models* internacionais que parecem cloná-la uma e outra vez, passando pelas diversas “celebridades” que desfilam nas telas midiáticas nas diversas temporadas. Não surpreende que os traços inatingíveis da Barbie sejam os mais almejados: tendo habitado a infância das meninas do mundo inteiro há mais de quatro décadas, esta famosa boneca tornou-se um verdadeiro clássico na imposição das leis do “corpo bom” em nossa sociedade, toda uma pioneira na configuração daquele que talvez seja o modelo corporal mais tirânico da história ocidental.

Pois as medidas da Barbie são humanamente impossíveis, conforme demonstrara um estudo realizado em 2003 e divulgado originalmente no jornal *The New York Times*. Se os 29 centímetros de plástico oco que conformam a célebre boneca fossem transformados em carne feminina, para conservar as gráceis proporções de sua silhueta curvilínea demandariam uma altura de 2,10 metros e as seguintes medidas de peito, cintura e quadris: 95-45-82 centímetros. Isto significa que até mesmo as modelos que conseguem aproximar seus corpos dessa imagem ideal, ainda estariam longe de se parecerem à boneca perfeita. As medidas habituais das profissionais da passarela são 1,75 metro de altura e 90-60-90 centímetros. Quanto às mulheres “reais”, o mencionado estudo provou que para que a norte-americana média conseguisse as formas da Barbie deveria esticar sua altura corporal em 40 cm, extrair 15 cm de sua cintura e ainda acrescentar 12 cm nos seios.⁵¹

⁵⁰ LIEBER, Elisa. “La belleza obsesiona a las latinoamericanas: Apelan a cirugías, dietas y ejercicios”. *La Nación*, Buenos Aires, 3/12/2003. Disponível em http://www.lanacion.com.ar/03/12/03/dx_551157.asp.

⁵¹ “Barbie: una meta imposible”, in: *Gordos.com*; reprodução do jornal *Clarín*. Buenos Aires, 8/13/2003. <<http://www.gordos.com/defaultSecciones.aspx?ID=213>>.

É significativo que esta altíssima loira de silicone tenha nascido no emblemático ano de 1959, preanunciando a popularização das modelos hiper-magras que seguiram o exemplo da *mannequin* Twiggy. Com suas inéditas medidas enxutas e sua aparência “desnutrida”, esta modelo britânica escandalizou o mundo quando apareceu pela primeira vez nas páginas da revista *Vogue*, em 1965; porém, apesar das convulsões iniciais, suas formas descarnadas logo conquistaram tanto o público como os mercados: hoje, suas medidas e seu aspecto parecem “normais”. Na apresentação desta modelo, no entanto, a própria revista feminina de meados dos anos sessenta admitiu o choque da novidade que tais formas corporais apresentavam, publicando a seguinte advertência junto às fotografias: “suas pernas fazem pensar que não tomou suficiente leite quando era bebê, e seu rosto mostra a expressão que deviam ter os habitantes de Londres durante a guerra”.⁵²

Paralelamente a estes fenômenos que marcaram os primeiros passos do advento deste novo ideal do corpo feminino, o mundo se via transtornado também pela mencionada “liberação da mulher” e a flexibilização das rigidezes morais que até então costumavam constranger os relacionamentos e os costumes. Nesse quadro, começava a agonizar a velha cultura da intimidade que levou à construção da subjetividade *interiorizada* do “homem sentimental” ou do *homo psychologicus* ao longo da Modernidade. Um mundo, enfim, no qual os sofrimentos se experimentavam como conflitos interiores (pessoais e privados), muitas vezes provocados pela necessidade de “reprimir” os desejos individuais em face à rígida moral vigente. Começava a despontar, portanto, neste momento histórico, todo um novo regime de constituição das subjetividades e da imagem do corpo, que daria início a uma crescente *exteriorização do eu*. É evidente que deste processo participaram ativamente aquelas duas personagens femininas: tanto a boneca Barbie como o tipo de corpo-modelo cuja linhagem inaugurara Twiggy.

Constantemente renovam-se e atualizam-se as roupas, os estilos e os incontáveis “acessórios” dos produtos que a empresa Mattel comercializa há 46 anos sob a lucrativa marca Barbie... mas a figura da boneca permaneceu idêntica ao longo de todo esse tempo. Os motivos são evidentes: a loira esguia continua sendo a líder de vendas entre as bonecas do mundo inteiro; com presença nos mercados de 140 países, todos os anos

⁵² WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991.

vendem-se mais de 100 milhões de exemplares. De acordo com a revista *Smithsonian*, “se colocássemos todas as *pernudas* bonecas que foram vendidas nos primeiros trinta anos, enfileiradas da ponta das madeixas sedosas aos pés notoriamente curvos, seria possível dar quatro vezes a volta ao mundo”.⁵³

Contudo, não se trata apenas de uma mercadoria a mais, porém de um produto intensamente “fetichizado”. Existem até mesmo sérios colecionadores em todo o planeta, que montam clubes, associações, workshops e convenções para discutir o assunto e negociar certos “modelos exclusivos”. por valores de até dez mil dólares.⁵⁴ Nos Estados Unidos há, inclusive, pelo menos uma revista periódica especializada no assunto: a *BarbieBazaar*.⁵⁵ A boneca já foi tema de sérios estudos acadêmicos,⁵⁶ e também protagonizou dezenas de exposições em museus e centros culturais de todo o mundo.⁵⁷ Sob o nome de “complexo de Barbie”, ainda, conhece-se a síndrome específica que leva algumas mulheres a recorrer a técnicas como a cirurgia plástica para provocar drásticas mudanças em seus corpos tendentes a se aproximarem da imagem desta boneca.⁵⁸

Vale a pena reproduzir brevemente aqui algumas reflexões suscitadas em ocasião dos 40 anos de idade desta famosa boneca de origem norte-americana. Imaginada pela primeira vez em 1958 pela esposa do dono da empresa Mattel, o design foi encomendado a um especialista com um currículo expressivo: Jack Ryan. “Que um mesmo homem tenha sido um dos ‘pais’ da boneca Barbie e ao mesmo tempo um designer de mísseis para o Pentágono não supõe um paradoxo mas uma continuidade lógica”, afirma o sociólogo argentino Christian Ferrer.⁵⁹ Como se sabe, os brinquedos não são artefatos neutros ou “inocentes”, mas assuntos bastante sérios: propõem

⁵³ DUBIN, Steven. “Who’s that Girl? The World of Barbie Deconstructed”. In: MCDONOUGH, Yona Zeldis (Org.). *The Barbie Chronicles*. Nova York: Touchstone, 1999; p. 19.

⁵⁴ MOURA, Ana Carolina. “Mundo cor-de-rosa: A boneca Barbie é uma paixão que resiste ao tempo.”. *MSN News Brasil*, 27/07/2005. <<http://www.msn.com.br/mulher/noticia/Default.asp>>.

⁵⁵ *BarbieBazaar*, <<http://www.barbiebazaar.com>>.

⁵⁶ Entre outros, vale consultar a compilação de ensaios de MCDONOUGH, Yona Zeldis (Org.). *The Barbie Chronicles*. Nova York: Touchstone, 1999.

⁵⁷ Em meados de 2005, por exemplo, o Centro Cultural Senac Lapa, da cidade de São Paulo, apresentou a exposição intitulada “Barbie na Moda: Do Egito Antigo ao século XXI”, onde cerca de 90 bonecas desta marca mostravam a evolução da moda desde o Egito Antigo até nossos dias.

⁵⁸ Entre os exemplos mais conhecidos figura o caso de Cindy Jackson, <<http://www.cindyjackson.com>>, também comentado no Capítulo 9 desta tese.

⁵⁹ FERRER, Christian. “Barbitúrica. La Barbie cumple cuarenta años”. *Clarín*, Revista “Viva”. Buenos Aires, 07/02/1999.

modelos pedagógicos e sensoriais capazes de influenciar os modos de ser de toda uma geração. Nesse sentido, a Barbie não é “apenas” uma boneca, mas sobretudo um tipo de corpo: um poderoso modelo corporal que com ela nasceu e com ela ainda se desenvolve.

Acompanhando a vigorosa influência cultural desse modelo, também foram mudando os padrões de beleza vigentes na nossa sociedade. E junto com eles, foi se metamorfoseando a silhueta das mulheres reais de todo o planeta. Em 1951, a jovem que ganhou o concurso de Miss Suécia media 1,58 metro de altura e pesava 60 quilos; pouco mais de três décadas de pois, sua colega de 1983 media 1,79 metro e pesava 44 quilos.⁶⁰ Outro barômetro das mudanças nos critérios da beleza feminina, a revista *Playboy*, mostra uma tendência semelhante: as moças que habitam suas páginas pesavam 11% menos que a média das mulheres em 1979, enquanto oito anos mais tarde já pesavam 17% menos. Hoje, tanto as modelos como as atrizes e outras celebridades midiáticas são mais magras que 95% da população; há uma geração atrás, as modelos pesavam 8% menos que a média, enquanto atualmente essa diferença é de 23%.⁶¹ Confirmando esta inclinação ao emagrecimento e alongamento dos padrões ideais, recentemente, as revistas brasileiras anunciavam que “as medidas de Gisele Bündchen são perfeitas: 1,79 metro de altura e 54 quilos”. Por isso, talvez o designer Jack Ryan seja mais um êmulo do mítico escultor grego Pigmalião: afinal, ele também foi capaz de criar, artificialmente, uma mulher mais “perfeita” que qualquer exemplar *real* e carnal do gênero feminino, que logo se converteria no modelo ideal a ser desejado e imitado fervorosamente.

As bonecas, “seja como artefatos materiais, invenções artísticas ou objetos de desejo, povoam o imaginário da auto-modelação feminina”, afirma Beatriz Jaguaribe em seu ensaio sobre o tema, no qual cita inclusive as palavras do poeta alemão Rainer Maria Rilke: a boneca seria o espaço vazio que acolchoamos com nossas fantasias.⁶² Com o crescente aumento do realismo destas mulheres artificiais, aumenta também o

⁶⁰ Para constatar as mudanças nos critérios que delimitaram os padrões de beleza e saúde nas últimas décadas em nossa sociedade ocidental, e que revelam essa tendência em direção a um ideal de corpo mais magro, alto e esguio, cf. VIGARELLO, Georges. *Historia de la belleza*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

⁶¹ Os dados da *Playboy* e das modelos foram extraídos de WOLF, op. cit., p. 228.

⁶² RILKE, Rainer Maria. “Reflexões sobre a boneca”. Apud: WARNER, Marina. “Waxworks and Wonderlands”. In: COOK, Lynne; WOLLEN, Peter. *Visual Display: Culture beyond Appearances*. Nova York: New Press, 1995, p. 195.

estranhamento provocado por suas formas; levado ao extremo, esse fascínio desemboca na fetichização de uma determinada figura feminina. Nas bonecas que representam belas mulheres com um realismo extraordinário, como é o caso da famosa Barbie, “este fetiche é carregado de erotismo e desvenda um deslocamento do desejo”.⁶³ Se nenhuma boneca pode ser “inocente”, então, ao que parece, a nossa Barbie merece ainda menos um tal qualificativo.

“Enquanto as antigas bonecas de porcelana ou de pano jamais perderam sua figura de ‘bebê’, a Barbie antecipa as cerimônias corporais e os significados comerciais da ‘senhorita adulta’”, continua Ferrer, “é solidária das exigências que se auto-impõe a mulher moderna: quem brinca com Barbies se imagina juíza da corte suprema ou modelo de passarela, apresentadora de jornais ou rainha consorte de um coronel da indústria”. E ainda cabe uma comparação: trinta anos atrás, as crianças que encaixavam porcas e parafusos nos brinquedos do tipo Meccano sonhavam com uma sociedade desenvolvimentista e positivista, e costumavam terminar suas vidas como engenheiros ou sociólogos. Já o nascimento da Barbie assinalou “o fim de uma imagem recatada do corpo e o triunfo por via perversa das reclamações dos anos 60: a liberação sexual e a rejeição das formalidades”. Talvez a Barbie tenha antecipado a definitiva transformação do corpo em mercadoria que se acelerou notoriamente nas últimas décadas, ao mesmo tempo em que contribuía fortemente para a sua reprodução. Por isso, não deveria surpreender que as mulheres adultas que não conseguem atingir o sucesso social que a Barbie lhes prometera em suas infâncias, e nem o talhe esguio daquele “corpo perfeito” modelado em plástico, resolva recorrer “ao silicone ou ao antidepressivo, ou àquele sedativo que naquela época era conhecido sob o nome de *barbitúrico*”.⁶⁴

Mesmo constituindo um ideal inatingível, as a possibilidade de “comprar” o rosto e o corpo da Barbie — bem como seus clones e suas variações midiáticas mais valorizadas — é vendida nas mais diversas embalagens. Inclusive também, agora, através de uma nova leva de reality-shows: um novo tipo de programas de TV transmitidos em todo o planeta, que prometem mudar radicalmente o aspecto dos participantes por meio de cirurgias plásticas e outras técnicas de “retoques” cosméticos, a fim de aproximá-los do modelo de beleza hegemônico. Um desses programas, *I want*

⁶³ JAGUARIBE, Beatriz. “Bonecas Hiper-Reais e Virtuais: o fetiche do desejo”. Rio de Janeiro, 2005 (inédito).

⁶⁴ FERRER, op. cit.

a famous face, transmitido pela rede MTV, mostra a “transformação” de pessoas que se submetem a duros sofrimentos e gastam dezenas de milhares de reais para ficarem mais parecidas com celebridades midiáticas como Britney Spears ou Brad Pitt.⁶⁵ Nesta mesma linha, ainda merece alguns comentários o programa *Dr. 90210*, transmitido pelo canal E! Entertainment, cujo protagonista é um médico brasileiro chamado Robert Rey. “Sua enciclopédia estética está nos modelos da revista *Vogue*”, afirma uma matéria jornalística que cita seus próprios depoimentos. “Tento copiar aquelas belezas”, confirma o cirurgião, embora reconheça que há certas variações nas encomendas, dependendo das modas de cada temporada: “a barriga enxuta de Britney Spears, por exemplo, causou febre pelo ‘abdome tábua’”, enquanto “as nádegas de Jennifer Lopez motivaram demanda por bumbuns avantajados”. De resto, a tendência geral é clara: “fazemos todos parecer escandinavos, é uma exigência dos clientes”.⁶⁶

Mas o tipo nórdico, escandinavo ou *ariano* não é a única demanda. Para além do desejo de possuir na própria carne os traços faciais considerados “corretos” ou “belos”, aquilo que os consumidores de beleza realmente não parecem dispostos a tolerar em seus corpos é outra coisa. Eis a voz de uma especialista consultada em um dos incontáveis artigos jornalísticos dedicados ao tema: “a preocupação maior, o grande motivo de consultas ao cirurgião plástico e também nas academias de ginástica, é sem dúvida a celulite”. E ainda acrescenta: “todas querem ser magras e sem flacidez”. Para concluir, um dado bastante significativo: “preocupa-lhes mais serem magras do que serem bonitas”.⁶⁷

Acontece que **magreza** e **beleza** estão se tornando sinônimos, quando há pouco tempo atrás podiam chegar a ser antônimos — especialmente para as mulheres, como vimos ao historizar brevemente os padrões de beleza feminina na sociedade ocidental. Por isso não surpreende que a indústria de produtos e serviços destinados à perda de peso seja uma das que mais crescem atualmente. Alimentos e bebidas dietéticos, academias e clínicas especializadas, livros e revistas, remédios e suplementos, são alguns dos componentes desse catálogo em expansão, que já soma dezenas de bilhões

⁶⁵ “Anônimos com cara de famosos”. *Veja*, Nº 1852 . São Paulo, 05/05/2004.

⁶⁶ EDUARDO, Cléber. “Médico brasileiro afirma em reality show que cirurgião plástico é misto de psiquiatra e artista”. *Época*, Nº 335. Rio de Janeiro, 18/10/2004. <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT826022-1661-2,00.html>>.

⁶⁷ PANDOLFO, Malú. “El terror de la celulitis”. *La Nación*, Buenos Aires, 3/12/2003. <http://www.lanacion.com.ar/03/12/03/dx_551157.asp?origen=premium>.

de dólares por ano. Somente as bebidas e comidas de baixas calorias, nos Estados Unidos, representam um movimento anual de 40 bilhões de dólares.⁶⁸

Assim, alimentando vorazmente esse mercado, os avanços do modelo corporal magro parecem dispostos a enxugar, gradativamente, todas as alternativas que a diversidade étnica e cultural do mundo pré-globalizado tinha a oferecer. Um exemplo é bem local: as famosas mulatas do carnaval carioca que, cada vez mais, recorrem à lipoaspiração e ao silicone para tornear seus corpos de acordo com o padrão global.⁶⁹ Outro exemplo é bastante longínquo, remete àquelas silhuetas exóticas que alguma vez encantaram o pintor Paul Gauguin e foram imortalizadas em todas as cores de sua obra. Trata-se de um arquipélago da Micronésia rodeado pelo Oceano Pacífico, onde os corpos e certos hábitos das nativas estão mudando de um modo especialmente chamativo. De acordo com um estudo publicado recentemente, poucos anos depois da televisão dos Estados Unidos irromper no cotidiano desse grupo de ilhas outrora isoladas, as mulheres começaram a se preocupar intensamente com o próprio peso e aspecto corporal, recorrendo a severas dietas e exercícios físicos. Além de mudarem os padrões de beleza ancestrais, multiplicaram-se os casos de anorexia e bulimia na região.⁷⁰

Esse quadro coincide com as observações da antropóloga Heloisa Buarque de Almeida sobre o “horror à gordura” no mundo contemporâneo. Após analisar várias revistas brasileiras especializadas no assunto, tais como *Boa Forma* e *Corpo e Plástica*, a pesquisadora concluiu que os grandes inimigos dos consumidores desse tipo de produtos são as adiposidades, que perturbam a perfeição dos contornos e a lisura das linhas na imagem corporal. “O ideal de beleza de cada um pode variar um pouco entre mais magra ou mais musculosa, mas (...) em todos os casos, há os grandes inimigos contra os quais só existe a opção de lutar: as apavorantes flacidez, gordura localizada,

⁶⁸ Os cálculos são da Federal Trade Commission. KOLATA, Gina. “Health and Money Issues Arise Over Who Pays for Weight Loss”. *The New York Times*. Nova York, 30/09/2004. <<http://www.nytimes.com/2004/09/30/business/30obese.html?oref=login&th>>.

⁶⁹ NEJAMKIS, Guido. “Carnaval provoca falta de silicone”. *Yahoo Notícias*, 06/02/2004; SIBILIA, Paula; RODRIGUES, Carla. “O carnaval da beleza globalizada (entrevista)”. *No Mínimo*. Rio de Janeiro, 16/02/2004.

⁷⁰ LIBEDINSKY, Juana; SCHERER, Fabiana. “La belleza global”. Revista *La Nación*. Buenos Aires, 10/10/2004.

celulite”.⁷¹ Esses sinais indesejáveis da viscosidade orgânica no próprio corpo são, portanto, o alvo principal a ser *deletado* na conquista do tão sonhado “corpo perfeito”.

O termo *deletar* não é inocente. Esse neologismo emanado das telas e teclados dos computadores remete à possibilidade de apagar algo de forma total e absoluta, como somente podem fazê-lo as técnicas digitais. Impossível evitar a evocação, aqui, do efeito provocado pelo deslizamento do mouse sobre as fotografias retocadas pelo designer Greg Apodaca, especializado em edição digital de imagens.⁷² Ao deslizar o mouse sobre qualquer uma das imagens do seu *portfolio* expostas na Internet, imediatamente surge na tela a fotografia original, que exhibe o corpo ou o rosto das modelos antes da intervenção digital. O que aparece e torna a desaparecer de maneira intermitente, junto com a setinha do mouse, é o aspecto pré-digitalizado da figura humana, sempre em contraste com sua versão digitalizada. É muito interessante o jogo visual que produz essa observação superposta das imagens de *antes* e *depois* dos retoques, pois o primeiro efeito da aparição da fotografia original é um estranhamento e até mesmo uma certa impressão de *monstruosidade*, em contraste com a versão límpida e pura que resultou da aplicação dos truques digitais. Em seguida, porém, o olhar detecta a artificialidade da imagem retocada e toda a sensação de estranheza logo se esvai — ou, inclusive, chega até a se deslocar para a versão digitalizada.

⁷¹ BUARQUE de ALMEIDA, Heloisa. “A construção do corpo na sociedade de consumo”. *CD-ROM XXVII Encontro Anual ANPOCS*. Caxambu-MG, 2003.

⁷² Greg’s Page: <<http://homepage.mac.com/gapodaca/digital/digital.html>>. Mais sobre este assunto, no Capítulo 9 desta tese.

3

COMIDA

**A moral da comida impura:
entre hedonismo, distinção e moderação**

*Uma sucessão de pratos como no século passado,
quando as pessoas se atreviam a comer.*

Friedrich Dürrenmatt ¹

*Cerca de 22 litros de água. Isso foi tudo que eu ingeri nos últimos 7 dias.
Fiquei feliz por ter conseguido ficar esse tempo todo em No Food (...) No
sábado voltei a comer, mas foram apenas 99 calorias e muita malhação....*

Luiza – *Light Lu* ²

*Eis que a felicidade do homem é comer e beber;
desfrutando do produto do seu trabalho;
e vejo que também isso vem da mão de Deus.*

Eclesiastes 2,24

Ao longo da sua vagarosa evolução biológica, o corpo da espécie humana precisou se acostumar a lidar com a escassez. Conseguir alimentos não foi nada fácil para os primeiros hominídeos, que surgiram na África há quatro milhões de anos, e tampouco foi fácil para todos seus sucessores, incluindo a estirpe completa do *homo sapiens*. Nos cem mil anos que abrange a linhagem desses seres cuja anatomia é idêntica à nossa, a sobrevivência foi um resultado quase milagroso de árduas lutas. Os primeiros víveres obtinham-se colhendo frutas e outros vegetais silvestres encontrados ao acaso; depois a dieta foi se diversificando, inclusive com a incorporação de restos de animais mortos. Assim, aos poucos, o homem se tornou um espécime realmente *onívoro*.³ A invenção de técnicas como a agricultura e as mais diversas ferramentas para processar a comida, ajudou a garantir cada vez mais o acesso regular aos alimentos.⁴

¹ DÜRRENMATT, Friedrich. “El desperfecto”. In: *El juez y su verdugo*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana-Planeta, 1984. p. 162.

² Luiza tem 16 anos, mora em Belém do Pará e reconhece apresentar sintomas de anorexia nervosa há quatro anos;. Agora mede 1,63 m. e diz pesar “menos de 50 quilos”, porém tem como meta chegar aos 40 “no mínimo”. Seu weblog na Internet se chama *Ligth Lu*, com endereço em <http://light-lu.weblogger.terra.com.br>. As frases aqui reproduzidas foram postadas na Web nos dias 11 e 13/09/2004. Alguns trechos de seu diário também foram citados em EPPRECHT, Catharina. “Grupos defendem anorexia e bulimia”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/9/2004.

³ Cf. SILVA MELLO, A. *Alimentação, instinto, cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

⁴ Há quem sublinhe, porém, o preço excessivo – em termos de tempo e esforços – que a humanidade deve pagar por tal “conforto”, insinuando que as sociedades verdadeiramente “opulentas” teriam sido

Enquanto isso, ao longo de todo esse tempo, a fisiologia do corpo humano foi desenvolvendo uma qualidade muito valiosa, toda uma vantagem adaptativa: a capacidade de suportar melhor a **fome** que o **excesso** de comida.⁵ Assim, até pouquíssimo tempo atrás, a sobrevivência era um prêmio para aqueles que — além de esquivar com sucesso os perigos de um ambiente normalmente inóspito — possuíam os organismos melhor adaptados; isto é, aqueles indivíduos capazes de armazenar mais energia e queimar menos calorias.

Nos anos mais recentes dessa longa história, porém, o quadro tem se revertido para uma boa parcela da população mundial: aqueles que agora podem desfrutar da opulência propiciada pelo capitalismo da super-produção, das alegrias do marketing e dos consumos hedonistas — e, conseqüentemente, dos excessos de toda índole. Inclusive, é claro, na hora das comidas. Além dessa abundância de alimentos, a nova era trouxe outra novidade histórica: o sedentarismo. Mas tais benefícios, decorrentes do acesso fácil àquilo que antes fora tão difícil de se obter, também acarretaram suas próprias mazelas: esses corpos privilegiados estão engordando demais. Para eles, então, um organismo realmente “premiado pela Natureza” seria aquele capaz de queimar rapidamente a maior quantidade possível de calorias. Pois junto com esse aumento notável da obesidade em todo o planeta, está nascendo uma nova fantasmagoria: o horror à gordura. Essa crescente repugnância pelas adiposidades corporais se espalha por toda parte e já tem até nome próprio: *lipofobia*.

Mas a alimentação (ainda?) é uma necessidade vital do corpo humano. Em que pese ao arrogante personagem de Lord Clifford Chatterley — criado pelo escritor D.H.

aquelas que hoje ainda se consideram “primitivas”. Intui-se, nessa interessante provocação, algo que poderíamos chamar “o mal-estar da pré-história”. Mas esse é, sem dúvida, assunto para outras teses — embora tenha fortes ressonâncias com o tema aqui tratado: se a fome evidentemente o precedeu, a obesidade e os distúrbios alimentares só poderiam ter nascido após a instauração desse “mal-estar”. Cf. SAHLINS, Marshall. *Economía de la Edad de Piedra*. Madri: Akal, 1983.

⁵ Ao que parece, tal estratégia evolutiva não é privilégio exclusivo da espécie humana. De acordo com pesquisas divulgadas recentemente, ratos que ingeriram um terço de calorias a menos que seus “colegas” do laboratório viveram 30% mais tempo que as cobaias “bem alimentadas”. E, ao mesmo tempo, se mantiveram magros e com menos probabilidades de contrair doenças associadas com a idade, como diabetes e câncer. A extensa matéria sobre o assunto publicada no jornal do MIT, revela também o seguinte: “já há quase 70 anos que os cientistas sabem que a restrição calórica pode estender a expectativa de vida dos mamíferos em até 50%, mas o motivo continuava sendo um mistério”. Agora, pelo visto, a tecnociência teria encontrado a resposta. Em coincidência com o paradigma do sujeito digitalizado, eis a descoberta: trata-se do gene SIR2, que poderia ser manipulado para propiciar a tão sonhada longevidade (e magreza!) aos seres humanos. SCANLON, Lisa. “The Longevity Gene: A gene that releases stored fat may be the key to a longer life”. *MIT Technology Review*, Oct. 2004. <http://www.technologyreview.com/articles/04/10/scanlon1004.asp?trk=nl>.

Lawrence em seu famoso romance *O amante de Lady Chatterley* —, quem já em 1928 vaticinara que os intestinos e o sistema alimentar do ser humano seriam eliminados gradativamente “para dar origem a um ser mais elevado, mais espiritual”.⁶ Nos últimos anos, a insólita previsão que Lord Clifford pronunciara diante do olhar cético de sua esposa celebrenemente adúltera, transformou-se em um intenso desejo para muitos, embora ainda permaneça no terreno dos sonhos irrealizados. Mas as promessas de *digitalização* de todas as matérias (vivas e inertes) pela tecnociência contemporânea contribuiu para a expansão deste sonho, multiplicando as propostas “concretas” para a sua realização, como veremos mais adiante.

Pelo menos por enquanto, porém, a ingestão regular de alimentos constitui um requisito fundamental para manter o organismo vivo. Apesar da obviedade de uma tal asseveração, ela precisa ser reformulada à luz das tendências “virtualizantes” que tornaram a associar a comida com a **poluição**; considerando toda gordura como um elemento abjeto capaz de degradar os corpos que deveriam ser *puros*. Assim, disseminase todo um leque de novas crenças e práticas alimentares com vistas a controlar algo cada vez mais importante e também mais difícil de ser realmente controlado: a aparência do corpo como uma imagem que deveria ser sempre bela e pura. É evidente a conotação moral — e, portanto, política — desses processos.

A despeito da novidade deste fenômeno, vale a pena esboçar aqui uma breve genealogia dos azedos vínculos entre comida e **moralidade**. Longe de serem específicos da nossa formação histórica, tais nexos estão (e sempre estiveram) presentes em todas as culturas, originando uma série de regras de comportamento e um conjunto de proibições com relação aos alimentos.⁷ Tudo começou com Adão e Eva, que viviam felizes no paraíso enquanto jejuavam, mas foram expulsos por terem *comido* o fruto da árvore proibida. Não por acaso, o porco é o animal que simboliza este pecado: a **gula**. Depois, como sabemos, veio a **luxúria** e tudo o mais.

Como bem reza a sabedoria popular, seguindo as palavras originalmente pronunciadas por um exímio cozinheiro francês do século XVIII, o cultuado Jean-Anthelme Brillat-Savarin: “dize-me o que comes, e eu te direi quem és”.⁸ Pois então não

⁶ LAWRENCE, D.H. *El amante de Lady Chatterley*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1983. p. 296,

⁷ Cf. LEVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido - Mitológicas* 1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991; DOUGLAS, Mary. “Deciphering a Meal”. In COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny van. *Food and Culture*. Londres: Routledge, 1997. p. 36-54.

⁸ BRILLAT-SAVARIN, Jean-Anthelme. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

é nenhuma novidade: se realmente somos o que comemos, o ato de se alimentar jamais poderá ser inocente. Desde que exista algum grau de *escolha* do que se pode comer — incluindo, é claro, a possibilidade de *não comer nada* — sempre será possível efetuar a escolha certa ou a errada na hora de levar alguma coisa à boca, de acordo com as estipulações de cada universo simbólico. Na sociedade ocidental, por exemplo, a história de tais regras é longa e densa. Além de polir as formas e domesticar as maneiras, o processo civilizador que veio engendrar a modernidade e o capitalismo industrial — munido com toda sua ética protestante e todos seus disciplinamentos do corpo — não podia deixar de desdobrar uma infinidade de prescrições dietéticas.⁹

Inclusive hoje em dia, o peso moral vinculado aos alimentos exala uma apimentada variedade de valores, entre os quais é impossível ignorar a distinção social e o hedonismo. Mas tampouco convém esquecer a moderação, a gula, o luxo, o pecado, o jejum, o erotismo, a abstinência, o prazer, a saúde... enfim, é imensa a lista de valores que podem temperar os pratos servidos nas mais diversas mesas. Os que revelam o vigor mais inusitado, entretanto, hoje em dia, são aqueles ligados a seus efeitos potencialmente poluidores de algo muito prezado: a **imagem corporal**. Temem-se, sobretudo e cada vez mais, os eventuais impactos dos alimentos consumidos na aparência de quem come. Essa ênfase na repercussão *visual* da matéria “proibida” que se ingere constitui, certamente, uma novidade histórica. Outra novidade é o nível de importância social que hoje envolve o tema, saindo de um sectarismo religioso ou ideológico sempre restrito a uns poucos “extremistas” ou “fanáticos”, para atingir progressivamente todas as camadas da população global. Um processo que, ainda em seus primórdios, levou a revista *Psicology Today* a enunciar uma asseveração que em 1971 talvez podia ter parecido exagerada ou no mínimo visionária, mas que agora desperta poucas dúvidas: “a **alimentação** está substituindo o **sexo** como objeto de **culpabilidade**”.¹⁰

Com a crescente permissividade dos costumes e o relaxamento dos antigos rigores ligados à sexualidade, as perversões de outrora — aquelas que foram

⁹ Cf. TURNER, Bryan. “The discourse of diet”. In: FEATHERSTONE, Mike; HEOWORTH, Mike; TURNER, Bryan (Orgs). *The Body: Social Process and cultural theory*. Londres: Sage, 1992; SCHWARTZ, Hillel. *Never satisfied: A cultural history of diets, fantasies and fat*. Nova York: Anchor Books, 1990.

¹⁰ LEVENSTEIN, Harvey. “Dietética contra gastronomia: tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos”. In : FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 840.

meticulosamente entomologizadas pelo saber psiquiátrico da sociedade industrial — não mais constituem as condutas desviantes primordiais da nossa sociedade.¹¹ Ao contrário, inclusive, desvendando até o último véu dos tabus eróticos, hoje é possível perceber os velozes avanços de uma “curva pornográfica”, que estaria dominando com sua estética e sua temática não apenas a publicidade e a indústria cultural, mas invadindo também todos os cantos do nosso planeta globalizado.¹² De modo que as *perversões* mais insidiosas e corriqueiras — e, portanto, as mais condenáveis — da atualidade não parecem ter muita relação com os velhos “desvios” de índole sexual. Ao contrário, as condutas mais “perversas” de hoje em dia costumam se vincular à falta de autocontrole no consumo, especialmente de alimentos.

Assim, hoje, a **luxúria** se reproduz em infinitas versões pasteurizadas e vende-se empacotada, esvaziada de sua antiga carga pecaminosa e cada vez mais banalizada pela mídia como um imperativo cotidiano. No extremo oposto, a **gula** talvez seja o derradeiro pecado capital ainda em vigor. Porém, também é claro que as coisas mudaram bastante, inclusive nestes domínios. Embora a gula seja o único pecado que ainda consegue suscitar tanto a desaprovação **pública** como os remorsos **privados**; isto é, dois tipos de consternações, uma de origem grega e outra de raízes cristãs: a **vergonha** e a **culpa**.¹³ Se na Antiga Grécia a desmesura era o mais condenável dos vícios, hoje ela não parece ser vergonhosa *per se* — e ainda menos pelos virtuosos motivos helênicos — porém o autocontrole é fundamental, especialmente no que tange

¹¹ Para ilustrar esse solapamento da sexualidade pela alimentação, talvez seja interessante aludir aqui à análise que a psiquiatra Jean Goodwin e a psicóloga Reina Attias realizam a partir de certos casos clínicos diagnosticados como transtornos da alimentação: “comer, em todos seus aspectos, como a sexualidade em todos seus aspectos, pode se tornar o foco de múltiplos sintomas secundários pós-traumáticos”. GOODWIN, Jean; ATTIAS, Reina. “Eating disorders in survivors of multimodal childhood abuse”. COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 32.

¹² Um sintoma destes instigantes processos, é o fato de que um dos maiores best-sellers literários da última temporada nos Estados Unidos tenha sido *How to make love like a porn-star*, um volumoso misto de autobiografia e auto-ajuda assinado por uma famosa atriz de filmes pornográficos: Jenna Jameson. WYATT, Edward. “Sex, Sex, Sex: Up Front in Bookstores Near You”. *The New York Times*, Nova York, 24/08/2004. <http://www.nytimes.com/2004/08/24/books/24wyat.html?th>. A tendência também motivou uma matéria de capa na revista *Época*, segundo a qual “a indústria pop foi tomada por egressos dos filmes pornográficos” e “a pornografia é o novo rock and roll”. BERNARDES, Ernesto. Pornô é cultura. *Época*. Rio de Janeiro, 18/10/2004. <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT639042-1664,00.html>. O conceito de “curva pornográfica” foi cunhado pelo sociólogo argentino Christian Ferrer. FERRER, Christian. “La curva pornográfica. El sufrimiento sin sentido y la tecnología”. *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 5, p. 5-11, fev. 2004.

¹³ ASCHER, Nelson. “Barriga, pra que te quero?”. *Folha de São Paulo*, Caderno “Ilustrada”. São Paulo, 6/09/2004. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0609200416.htm>.

ao consumo desmesurado de alimentos; por isso, impõem-se negociações constantes entre riscos e prazeres, novas (e bem diferentes) versões daquele clássico “cuidado de si” estudado por Foucault.¹⁴

Por outro lado, se em tempos medievais o mergulho nos abismos da gula tinha implicações profundamente *espirituais*, suas vertentes pecaminosas de outrora se reciclam nos dias de hoje para ganhar conotações ligadas à *doença* — dos horrores do colesterol aos perigos associados aos carboidratos ou aos triglicerídeos — ou, de novo: àquelas que atingem as sacrossantas *aparências*. Pois os efeitos da gula sobre a corrupção do aspecto **visual** do próprio corpo são apavorantes, capazes de induzir e justificar qualquer sacrifício. Cabe lembrar, porém, que para um de seus grandes exegetas, Santo Tomas de Aquino, o pecado da gula estava intimamente ligado ao da luxúria, a ponto de considerá-lo um “prazer do **tato**”.¹⁵

Ambos os pecados, a gula e a luxúria, eram comparáveis por vários motivos: primeiro, porque ambos condenam os *excessos* em atividades anatomo-fisiológicas que em níveis *moderados* eram toleradas, até mesmo porque os organismos humanos precisam delas para sobreviverem. Inclusive, para diferenciar o cristianismo do judaísmo, com suas complicadas regras dietéticas, os padres da Igreja teriam colocado em boca de Jesus a seguinte frase: “não podemos ser corrompidos pelo que comemos”; restando importância a tais questões meramente carnis e focalizando nos aspectos espirituais: “o que penetra nossas bocas não pode nos contaminar, mas o que sai de nossas bocas”.¹⁶ Assim, a Igreja medieval não proibia a alimentação e nem as relações sexuais, mas condenava apenas o **prazer** deles derivados. Era possível consumir ambas atividades quotidianamente, mas não era permitido delas usufruir. Como afirma Santo Agostinho em suas *Confissões*: “eu não temo a impureza da carne, mas a impureza do desejo”.¹⁷ Pois o pecado não residia na comida em si e nem nos conseqüentes volumes do corpo, mas no próprio apetite, na vontade, nos desejos, nos prazeres e nas tentações.

¹⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade* v. 2 (O uso dos prazeres) e v. 3 (O cuidado de si). Rio de Janeiro: Graal, 1984/1985.

¹⁵ MILLER, William Ian. *Anatomía del asco*. Madri: Ed. Taurus, 1998. p. 238. Cf. também COLL, Eduardo. *Los vicios capitales en la Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino. La Gula*. Análisis de Suma Teológica, II-II, q. 148.

¹⁶ PROSE, Francine. *Gula*. São Paulo: Ed. ARX, 2004; p 35 e 52. Sobre este assunto, ver também o interessante artigo de SOLER, Jean. “The Semiotics of Food in the Bible”. In: COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny Van. *Food and Culture: A Reader*. Nova York: Rutledge, 1997; 55-66.

¹⁷ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Apud: PROSE, op. cit., p. 43.

Ainda mais explicitamente, cabe citar o exemplo de São Francisco de Assis, que usava cinzas para temperar suas comidas a fim de extinguir todo traço de sabor e prazer no ato meramente fisiológico e necessário de se alimentar.¹⁸

Sob esta perspectiva, é evidente que hoje em dia o quadro é outro. Apesar de premiar os resultados da moderação na boa forma física, a nossa cultura não só não proíbe como até mesmo estimula a fruição sexual e gastronômica. Porém, os excessos descontrolados neste último aspecto são considerados, cada vez mais, sob o estigma do **vício**. Embora não se trate mais de uma transgressão *espiritual*, a gula ainda é uma grave falta *moral*. Nesta nova perspectiva, aquele que come demais é um “viciado” que necessita ajuda médica e força de vontade para ultrapassar as misérias de sua doença. A falta que o obeso comete já não ofende os desígnios divinos, mas algo bem mais valorizado entre nós: as boas formas corporais. Contudo, isso não implica que seu comportamento seja menos condenável no sentido moral. Neste novo contexto, o gordo é culpado por ser fraco e por sucumbir às tentações sem conseguir se auto-controlar. O castigo, como sabemos, é cruelmente visível.

“Comer é viciante e pode provocar uma doença: a obesidade”, explica o médico argentino Máximo Ravenna, que administra uma série de negócios bem-sucedidos em torno de programas de emagrecimento. Os alimentos são como drogas, segundo a teoria do Dr. Ravenna, pois “produzem um efeito de necessidade por atuarem sobre os neurotransmissores cerebrais”. Por isso, considerados viciados, os pacientes são tratados com dietas muito estritas (600 calorias diárias) e métodos severos: “os transgressores precisam de limites”, constata o médico, “assim como os ladrões vão à prisão, a parte gorda de cada um de nós é um ladrão de vida e de saúde que precisa ser punido”.¹⁹ De alguma maneira, embora estejamos muito longe das querelas espirituais da Idade Média, parece que em nossa sociedade o peso moral do *vício* envolvido nos excessos alimentares é ainda mais forte que o seu caráter da *doença*. “O caráter aparentemente voluntário da gula por comida serve para ilustrar que ela parece mais *criminosa* do que doente”, explica o sociólogo Stanford Lyman em seu estudo sobre os sete pecados capitais, “um ato de desvio moral mais do que de patologia médica”. Por isso, embora a gula (ainda?) não seja condenada pela lei na nossa sociedade, “ela compartilha algumas

¹⁸ Cf. PROSE, op. cit.; p. 40.

¹⁹ RAVENNA, Máximo. “Comer poco despeja la mente” (Entrevista com Any Ventura). Revista *La Nación*. Buenos Aires, 16/04/2006; p. 38-39.

das sanções sociais e entendimentos morais que governam as orientações voltadas para os criminosos”. Pois os exageros na alimentação demonstram um excesso de auto-indulgência, certamente culpável, e “mesmo em seu desrespeito pelo corpo ela supervaloriza o ego, que servilmente satisfaz”.²⁰ São as boas formas do corpo, porém, as que deveriam ocupar o lugar prioritário.

Certamente, personagens de outras épocas como o célebre glutão Gargântua, que comia “sem qualquer limite ou decoro”, até a barriga “cair de pesada”, ou o próprio Santo Tomas de Aquino — cujo corpo tinha a forma de um barril de vinho, segundo as descrições de Chesterton, demandando o corte de uma meia lua na beirada da mesa para permitir que ele se sentasse — não estavam preocupados com o colesterol e nem com os “quilinhos a mais” que seus bacanais culinários poderiam adicionar a seus corpos usualmente robustos.²¹ É difícil imaginar que teriam desejado possuir uma “barriga tanquinho” como as que hoje estão na moda, para poder exibir “sem culpas” seus umbigos malhados ou lipoaspirados. Não há dúvidas de que seriam outras — caso as houvesse — as contrições capazes de estragar as sensuais comilanças que deleitavam os corpos medievais.²² Nesses contextos tão distantes, até o próprio Deus podia ser representado com um “glutão insaciável”, com uma barriga gigantesca e uma vontade descontrolada de comer e beber, e inclusive Jesus podia ser comparado a um bêbado que distribuiu copos de vinho à farta para semear uma divina embriaguez.²³

Nesse universo, cabe supor, as práticas culinárias também diferiam bastante das que hoje são habituais entre nós. Basta lembrar, por exemplo, que um método usual para amolecer a carne — a fim de torná-la mais comestível — consistia em colocá-la sob a sela dos cavaleiros; assim, após uma longa cavalgada, os cortes de carne ficariam “aquecidos e prensados no suor do cavalo”.²⁴ Impacto semelhante na fina sensibilidade do leitor contemporâneo podem causar as receitas que, ao que parece, Leonardo da Vinci mandava preparar na corte de Ludovico Sforza: em pleno século XV, eram

²⁰ LYMAN, Stanford. *The seven deadly sins: society and evil*. Nova York: St. Martin's Pres, 1978; p. 220.

²¹ RABELAIS, François. *Gargantúa y Pantagruel*. Madri: Akal, 1994. A obra foi escrita na França em 1535. Santo Tomás, monge medieval, viveu na cidade italiana de Aquino entre 1227 e 1274; CHESTERTON, G.K. *Saint Thomas Aquinas*. Nova York: Image Books, 2001.

²² Cf. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: UNB, 1987.

²³ RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001. p.72

²⁴ FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Comida: Uma História*. Record, 2003. p. 24.

comuns as combinações de múltiplos ingredientes que hoje pareceriam esdrúxulos. De acordo com as anotações do *Códice Romanoff*, em suas funções como Conselheiro de Fortificações e Mestre de Banquetes e Cerimônias, o gênio renascentista reclamava de certos costumes que não considerava à altura do seu nobre patrão — embora naqueles tempos fossem usuais — tais como o hábito de amarrar coelhos às cadeiras dos convidados à sua mesa “para que eles possam limpar as mãos sujas de gordura nas peles dos animais”, ou “limpar a faca nas vestes do vizinho de mesa”.²⁵ Todo um delicioso cardápio de descrições semelhantes aparece nos capítulos intitulados *Do corpo medieval* e *Do comportamento à mesa*, do famoso livro de Norbert Elias. Vejamos apenas alguns exemplos do século XIII: “não limpes os dentes com a ponta da faca”, e “o homem que limpa a garganta pigarreando quando come e o que se assoa na toalha da mesa são ambos mal-educados, isso vos garanto”.²⁶

Percorrer os hábitos alimentares de outras culturas espalhadas no tempo e no espaço pode ser esclarecedor, além de fascinante, pois permitem perceber até que ponto se diferenciam dos nossos. Hoje existe, aliás, um forte interesse por esse tipo de relatos: nesta época de “declínio da leitura”, a gastronomia é uma das especialidades literárias de maior sucesso. Vendem-se em todo o mundo, não apenas livros de receitas belamente ilustrados e infinitos manuais sobre os segredos do vinho e dos temperos, mas também toda classe de teorizações, análises históricas e outras pesquisas relacionadas com o assunto.²⁷ O fenômeno reflete outras tendências sócio-culturais, que talvez mereçam ser resumidas com certa ironia: quiçá o renovado interesse pelas artes culinárias, envolvendo certo culto à “comida caseira” e a todas suas variantes “étnicas” ou “gourmet”, não seja mais que um novo nicho de mercado — decerto, bastante fecundo. O ensaísta francês Jacques Attali se refere assim a essa moda que, cada vez mais, mistura áreas como gastronomia, turismo, terapêutica, marketing e espetáculo para fazer um bom negócio: haveria um retorno “mediante o simulacro, à cozinha feita à

²⁵ O *Códice Romanoff* é um manuscrito a partir do qual foram publicadas, recentemente e em várias línguas, as *Notas de Cozinha* atribuídas a Leonardo da Vinci, embora haja muitas dúvidas sobre a sua autenticidade. DA VINCI, Leonardo. *Apuntes de Cocina: Pensamientos, Misceláneas y Fábulas*. Bs. Aires: Distal, 2003. p. 27.

²⁶ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 97-98.

²⁷ Basta citar, a modo de ilustração, apenas alguns dos vários lançamentos recentes que tiveram uma boa repercussão na crítica e foram sucessos de vendas no Brasil, um fenômeno que parece se repetir em todo o mundo: FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998; FERNANDEZ-ARRESTO, Felipe. *Comida: Uma História*. Record, 2003.

mão... assim como ocorre na música — onde o karaokê cria a ilusão de fazer alguma coisa e de ser uma estrela — cai bem dar uma de cozinheiro”.²⁸ A proliferação de enólogos amadores e cozinheiros de fim-de-semana, que se entregam a tais ocupações com extrema dedicação e entusiasmo, decorre dessa nova *epidemia gourmet*, que é muito bem saciada pelo mercado com os mais diversos produtos e serviços. Uma fome voraz de distinção social costuma governar tais consumos, recheando os menus com todos os requintes técnicos e étnicos que se possa imaginar, e atualizando sem cessar os significados do *bom comer* e do *bom beber*.

A enorme distância que parece separar o universo descrito no parágrafo anterior, tanto com relação ao mundo medieval como ao renascentista, não foi transitada sem percalços. Entre esses universos aparentemente irreconciliáveis, foi necessária a ação do já mencionado processo civilizador, que ditou suas regras de etiqueta e impôs novos hábitos de higiene, normas de saúde e — era inevitável — parcos regimes alimentares. Mas as recomendações de moderação apoiadas em bases científicas não vieram sozinhas: toda a estilização burguesa as acompanharia, com sua gastronomia cuidadosamente cultivada como uma das belas artes.²⁹ É nesta época que a idéia de *nojo* se entrelaça com as de *gosto* e *sabor*, precisamente quando estas últimas se convertem em metáforas de critério estético e social.³⁰ Assim, novas políticas de **distinção** invadiram as mesas, e nunca mais as abandonaram.³¹ Junto com elas veio seu companheiro fiel: o nascente “bom gosto” (e seu companheiro ainda mais fiel: o “mau gosto”), um casal que contribuiria grandemente para a introdução de um viés de classe na inexorável fetichização dos alimentos.

Com a industrialização e a urbanização do mundo capitalista, a comida sofreu uma importante mutação. Dessa metamorfose surgiram os “produtos alimentares”, ou seja: mercadorias que se compram no supermercado e que já vêm processadas, fracionadas e embaladas, prontas para serem consumidas. A partir da década de 1920, a “liberação” da dona de casa foi profusamente apresentada na mídia da época como uma consequência direta da tecnificação da vida cotidiana e da automatização das tarefas do lar. A cozinha foi protagonista dessa modesta revolução caseira: enquanto os “criados

²⁸ ATTALI, Jacques. *Diccionario del siglo XXI*. Barcelona: Ed. Paidós, 1999. p. 38.

²⁹ Cf. BRILLAT-SAVARIN, Jean-Anthelme. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

³⁰ Cf. MILLER, William Ian. *Anatomía del asco*. Madri: Ed. Taurus, 1998. p. 34

³¹ Cf. BOURDIEU, Pierre. *La distinción: Criterios y bases sociales del gusto*. Madri: Taurus, 1988.

elétricos” lavavam, processavam, coziam e mantinham a comida refrigerada, proliferavam os produtos alimentares enlatados e seu complemento indispensável — o fogão a gás.³² Não cessou de aumentar, assim, até se perder de vista, a distância entre “a natureza e a mesa”. E não apenas isso: cada vez mais, em cada mordida devoravam-se **marcas e estilos**. Ao longo do século XX, somente um setor da economia gastou mais dinheiro em publicidade que o de produtos de beleza: a indústria da alimentação.

Poucos passos separam a distinção do espetáculo, e todos eles foram pressurosamente transitados nas últimas décadas. Por isso, hoje temos à nossa disposição (ou à do nosso cartão de crédito) todo um catálogo de produtos e serviços que exploram o requintado universo *gourmet*: dos canais de TV e revistas especializadas aos pacotes turísticos com sabores exóticos, passando pelos incontáveis cursos de *sommelier* ou de cozinha tailandesa ou marroquina. Toda essa oferta se orienta a saciar a sede de um novo *target*: o dos “acumuladores de sensações” ou “coleccionadores de experiências” — de acordo com as denominações que Zygmunt Bauman dera à nova configuração subjetiva.³³ Mas tais **prazeres** sempre escondem seus conhecidos **riscos**, portanto o jogo entre **hedonismo, distinção e moderação** irá se tornar cada vez mais complicado. É claro que bilhões de pessoas permanecem excluídas deste apetitoso e distinguido universo, pois a fome ignora tanto o refinamento como a diversidade de sabores. Mas esse assunto será discutido mais adiante; por enquanto, basta admitir que essa presença surdamente excluída não parece afetar o desenvolvimento desta tendência — talvez, inclusive, poderia adicionar um observador mordaz, até contribuía para alimentá-la.

Retornemos agora, brevemente, aos meados do século XX. Após o entusiasmo inicial que acompanhou a proliferação de eletrodomésticos, produtos enlatados e outros artifícios com “saborizantes, edulcorantes, conservantes, aromatizantes e colorantes *permitidos*”, que com sua aparição triunfante facilitaram a vida da “mulher moderna”, chegou algo que talvez fosse inevitável: uma certa ressaca (ou seria uma indigestão?). Apesar da sua inegável praticidade, os alimentos industrializados logo perderam boa parte do seu charme e tiveram que ceder uma fatia do seu reino a algo que emergiu como uma reação: a alimentação “natural e saudável”. Não se trata exatamente de uma

³² COTT, Nancy. “Mujer moderna, estilo norteamericano: los años veinte”. In: In: DUBY, George; PERROT, Michelle (Orgs.). *Historia de las Mujeres en Occidente*; v. 9: El siglo XX: Guerras, entreguerras y posguerra. Madri: Ed. Taurus, 1993. p. 92.

³³ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

novidade histórica, pois existem fortes antecedentes nas prédicas moralistas dos puritanos norte-americanos do século XIX — como Sylvester Graham, com sua cruzada contra os demoníacos atributos da farinha branca e da carne vermelha, e John Harvey Kellogg, pioneiro inventor da granola e dos *spas* dietéticos.³⁴ Mas, apesar de se inscrever claramente nessa rica (embora austera) linhagem, também é evidente que o culto renovado aos alimentos “orgânicos”, “naturais”, “saudáveis”, *ligh* e *diet* possui outras características.

Nascida nas décadas de 1960 e 1970, essa tendência foi mudando seu perfil até se converter, hoje em dia, em um segmento de mercado em constante e veloz crescimento. Entre seus muitos paradoxos e contradições, cumpre destacar aqui alguns deles.³⁵ Envolvidos em uma certa aura de sofisticação e distinção, os produtos alimentares desse tipo costumam ser mais caros que seus equivalentes “não-naturais”, “não-orgânicos” e “não-saudáveis”, ocupando um setor específico (e reduzido) nos supermercados, ou preenchendo as lojas especializadas com sua discreta abundância. Ironicamente, os alimentos *ligh* e *diet*, assim como muitos outros “produtos saudáveis”, costumam ser fruto de um processamento industrial ainda maior que os demais (aqueles condenados por serem *não-naturais*), pois é preciso um trabalho e um cuidado adicionais para deles extrair aquilo que a indústria (ou o mundo industrializado) fatalmente adicionou, a fim de lhes devolver — um tanto artificialmente — a sua condição *natural* e *orgânica*.

É neste contexto de apogeu dos hábitos alimentares “alternativos” em prol da saúde (além da beleza/magreza), que surgem distúrbios alimentares específicos como a *ortorexia* — a compulsão pelo consumo exclusivo de alimentos considerados “naturais e saudáveis”.³⁶ Engrossando as filas antes ocupadas apenas por clássicos como os

³⁴ Cf. BELASCO, Warren. “Food, morality and social reform”. In: BRANDT, Allan; ROZIN, Paul (Orgs). *Morality and health*. London: Routledge, 1997. p. 185-200. Cf. também LEVENSTEIN, Harvey. “Dietética contra gastronomia: tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos”. In: FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 825-840; GUSFIELD, Joseph. “Nature’s body and the metaphors of food”. In: LAMONT, M.; FOURNIER, M. (Orgs). *Cultivating differences: Symbolic boundaries and the making of inequality*. Chicago: The Chicago University Press, 1992; SCHWARTZ, Hillel. *Never satisfied: A cultural history of diets, fantasies and fat*. Nova York: Anchor Books, 1990.

³⁵ Vários outros são destrinchados em GUSFIELD, Joseph. “Nature’s body and the metaphors of food”. In: LAMONT, M.; FOURNIER, M. (Orgs). *Cultivating differences: Symbolic boundaries and the making of inequality*. Chicago: The Chicago University Press, 1992.

³⁶ ORTEGA, Francisco. “Da ascese à bio-ascese, ou do corpo submetido à submissão ao corpo”. In: ORLANDI, Luiz; RAGO, M. e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 164.

vegetarianos ou os macrobióticos, hoje surgem versões mais sofisticadas de tais linhagens; algumas delas, inclusive, exibem um oportuno *upgrade* metafórico e conceitual rumo ao universo *digital*. É o caso dos partidários do *biochip*, por exemplo, cuja dieta se baseia em brotos de grãos e sementes; como os de lentilha, ervilha, girassol, painço, alpiste, linhaça, grão-de-bico e alfafa. Um curioso hábito alimentar que se apoia em um credo ainda mais peculiar: “a semente é o próprio biochip, é uma unidade de memória; assim como o chip do computador, também está viva”, explicam os seguidores de Ana Branco, professora do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio e principal difusora desta tendência. “O chip do computador tem silício dentro de uma molécula de água, esse silício guarda a informação que alguém colocou lá dentro; isso foi copiado dos vivos, porque também há silício dentro de uma molécula de água na semente”, continua o raciocínio, que conclui assim: “só que a informação que está lá dentro é biológica, e é milenar”. Os brotos das sementes constituem, portanto, a base da “alimentação viva”. Pois além da sua “incrível potência nutricional, essas pequenas unidades de memória viva contêm informações... que podem ser decodificadas a partir do contato direto com o alimento”. De acordo com esta impressionante versão vegetariana e ecológica da atual *digitalização* do corpo e do mundo, no ato de comer seria possível recuperar “a nossa memória de mamíferos, a sabedoria de lidar com a terra e com os outros seres vivos”.³⁷

Para além da indubitável (e provavelmente inabordável) riqueza de cada experiência individual e de alguns projetos coletivos, percebe-se nesta tendência um aumento dos **moralismos** com relação aos hábitos alimentares e sua incidência sobre o corpo. Não é raro que aqueles que aderem a este tipo de práticas alimentares procurem se distinguir categoricamente daqueles que não seguem os mesmos hábitos e não comungam com seus credos – os *outros*. Assim, a velha retórica dos *escolhidos* se renova perigosamente, matizando a já clássica distinção social com julgamentos de índole moral. Não surpreende, neste quadro, que certos autores se refiram a tais comportamentos e crenças como sendo verdadeiras “ideologias”, batizando-as como *healthism* e *bodyism* e chamando seus adeptos de “nazistas da saúde”.³⁸ Pois a

³⁷ Informações extraídas do site *Biochips: aprendendo com os alimentos vivos*. http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/anabranc/portugues/arquivos/biochip_mayra.doc. O site pessoal da Prof. Ana Branco também contém abundantes, saborosos e nutritivos dados sobre o tema: <http://venus.rdc.puc-rio.br/anabranc>.

³⁸ Cf. por exemplo EDGLEY, Charles; BRISSETT, Dennis. “Health nazis and the cult of the perfect body: some polemical observations”. *Symbolic Interaction*. Vol. 13, n. 2, 1990.

associação é quase automática: aqueles sujeitos que se esforçam por serem saudáveis são virtuosos e, portanto, *bons*. Aos outros, como quase sempre, resta o inferno.³⁹ Mas talvez esta questão tenha raízes mais arcaicas do que parece: nas rígidas tradições da cultura hindu, uma pletora de regras organiza os mais diversos aspectos dos hábitos alimentares; há, por exemplo, dietas específicas para grupos de certos *status* sociais: o vegetarianismo é próprio das castas superiores e “mais puras”, enquanto o consumo de carne e bebidas alcoólicas está associado às “menos puras”.⁴⁰

Para ilustrar estes processos com exemplos mais próximos do nosso espaço-tempo, cabe citar aqui a comparação que os mencionados adeptos do *biochip* efetuam entre os “alimentos vivos” que eles escolheram consumir quotidianamente — também chamados *biogênicos* ou *bioativos* — e aqueles que não entram nessa límpida categoria: ou seja, todos os demais, sintomaticamente denominados *biocidas*. Vale a pena prestar atenção a certos detalhes do argumento: “a atual alimentação inventada pelo homem para sua comodidade envenenou durante séculos as células com as carnes, laticínios e produtos industrializados”. Assim, a grande maioria da população mundial teria vivido, ao longo de milênios, sob o estigma de um erro terrível: “vacas, porcos, aves e ovelhas foram transformados em monstros genéticos, em total desprezo pelas leis da natureza”. Além de destruir a biosfera, os hábitos alimentares mais comuns “degradam a saúde”, pois o organismo “acumula toxinas nos intestinos, gordura nas artérias, se acidifica enfraquecendo pouco a pouco o sistema imunológico e abrindo as portas para as doenças da civilização”. Felizmente, parece que haveria uma solução: “a regeneração do corpo se dá com a mudança de atitude diante da vida e um esforço de desintoxicação”.⁴¹

Moralismos, culpas e expiações são, ao que parece, temperos que empeçonham sem medidas os pratos contemporâneos. A revista do *New York Times* publicou um extenso artigo intitulado “Nosso Distúrbio Alimentar Nacional”, a propósito de uma pesquisa que dera o seguinte resultado: nos Estados Unidos, a idéia que a maioria das pessoas associam com a imagem de um bolo de chocolate é *culpa*. Uma pergunta

³⁹ Vale jogar aqui uma pérola (ou uma cereja?) que talvez mereça maiores sondagens: na Idade Média, uma metáfora usualmente utilizada para representar o Inferno era a de “uma eterna digestão”. BYNUM, Caroline. “Why All the Fuss about the Body? A Medievalist’s Perspective”. *Critical Inquiry*, 22, Chicago: The University of Chicago Press, 1995, p. 17

⁴⁰ FERNANDEZ-ARRESTO, Felipe. *Comida: Uma História*. Record, 2003. p. 26.

⁴¹ Informações extraídas do site *Vida Saudável*, de Rubens da Silva. <http://www.riototal.com.br/saude/arqsau54.htm>.

semelhante foi formulada na França, aonde a palavra que primeiro vem à língua é outra: *prazer*.⁴² Paradoxalmente (ou não), nesse último país, no qual a ansiedade com o par saúde-magreza e as preocupações com os eventuais efeitos da comida no próprio corpo são bem menores que nos Estados Unidos, e onde os alimentos costumam ser escolhidos em função do sabor e do prazer — sem pensar tanto nas calorias, nos carboidratos, nos índices de ômega B e nos níveis de betacaroteno — as pessoas são mais saudáveis e, sobretudo, são mais magras.⁴³

Tudo isso faz sentido, de algum modo, pois existe um vínculo incontestável entre os alimentos e o corpo como matéria viva, sensual e orgânica. No entanto, em uma época que procura *virtualizar* e “desmaterializar” aquilo que o ser humano teria de mais *essencial* (aquilo que constitui o cerne da sua identidade, como vimos), essa organicidade corporal é deslocada para um segundo plano e, inclusive, é rejeitada. Assim, em total consonância com o paradigma do “sujeito cerebral” e o horizonte *digitalizante* no qual se inscreve, a tecnociência pretende resolver todos os problemas decorrentes dessa união insensata (comida e corpo), criando milagres mais adequados às novas cosmologias — com o firme objetivo, é claro, de vendê-los. Os exemplos são inúmeros e ainda haverá ocasião de analisá-los em detalhe.

Aqui, por enquanto, basta mencionar um caso bastante emblemático: a invenção da **comida digital**. Trata-se de alimentos compostos apenas de software, substâncias imateriais escritas em código informático. Esse sonho já foi apresentado na ficção-científica. Na primeira parte da trilogia *Matrix*,⁴⁴ por exemplo, diante de um suculento prato de comida prestes a ser devorado, um personagem explica a outro que tanto o prato como os alimentos que ele contém na realidade não existem, pois tratar-se-ia de mera informação; ou seja, instruções de software capazes de disparar *no cérebro* todos os efeitos sensoriais que uma versão real do alimento produziria materialmente.

Mais uma vez, a tecnociência se propõe a realizar os sonhos da ficção-científica que povoam o imaginário contemporâneo, como anunciou o periódico *Technology Research News*: “pesquisadores da Universidade Tsukuba elaboraram um simulador de

⁴² POLLAN, Michael. “Our National Eating Disorder”. *The New York Times*. Nova York, 17/10/2004. <http://www.nytimes.com/2004/10/17/magazine/17EATING.html?th>.

⁴³ A este respeito e em um sentido semelhante, também é interessante toda a polêmica (e o sucesso) provocada pelo lançamento do livro *As mulheres francesas não engordam*, de Mireille Guiliano, tanto nos Estados Unidos como na França.

⁴⁴ *Matrix* (Andy e Larry Wachowski, EUA, 1999).

comida que reproduz os sons, as texturas e os sabores associados ao ato de comer comida real”. O aparelho consiste em uma complexa interface para morder, um altofalante que acrescenta o som (das mordidas, da mastigação e do ato de tragar), um vaporizador que espalha cheiros e aromas, e um dispositivo que combina os elementos básicos que definem o sabor (doce, azedo, amargo, salgado), todos captados com sensores específicos a partir de alimentos reais.⁴⁵ O que se come, porém, é *nada*. Mera **informação** imaterial processada pelos circuitos cerebrais. Por tal motivo, o curioso e ainda precário artefato parece traduzir um grande sonho da subjetividade contemporânea: conservar o prazer sensorial de consumir certos alimentos, mas sem acrescentar matéria alguma ao corpo que “come” — evitando, também, as conseqüentes culpas e promessas de sacrifícios.

O mencionado Jacques Attali prevê uma futura popularização deste tipo de projetos, que decorrem das mais diversas tentativas de digitalizar os sentidos humanos e, portanto, parecem tão adequados aos sonhos e desejos destes inícios do século XXI: “Serão reproduzidos alguns dos dez mil receptores situados sob a língua humana (cada um deles equipado com uma centena de receptores químicos substituídos a cada dez dias, em conexão com o sistema nervoso). Depois se procurará transmitir ao cérebro esta percepção artificial, antes de comercializar seu uso em espetáculos virtuais nos quais o espectador rico poderá saborear à distância os pratos dos melhores cozinheiros, comerá no banquete de Nero ou na mesa de Luis XIV, consolará Vatel e dará os parabéns a Brillat-Savarin; enfim, degustará as melhores receitas inclusive antes destas terem se materializado”.⁴⁶ Resta saber, se tal fantasia de fato se concretizar algum dia, como serão recriados em sua versão virtual aqueles banquetes medievais, por exemplo, quando as normas “civilizadoras” relatadas por Norbert Elias ainda estavam longe de serem implantadas. Por acaso serão digitalizados, também, os fedores, a sujeira e as “grosserias” que então abundavam à mesa? É nos detalhes onde cintila a face mais convincente da verdade: talvez essa eventual limpeza e desodorização digital cuidadosamente dissimulada possa explicar mais sobre os nossos complexos hábitos e crenças alimentares (e corporais), que muitos compêndios teóricos e vãos dados estatísticos.

⁴⁵ “Device Simulates Food”. *Technology Research News*. 6/08/2003. http://www.technologyreview.com/articles/rnb_080603.asp.

⁴⁶ ATTALI, Jacques. *Diccionario del siglo XXI*. Barcelona: Ed. Paidós, 1999. p. 165.

4

OBESIDADE

**Frutos do *excesso*:
horror à gordura no Planeta Fome**

As sobras vinham amontoadas sobre uma imensa travessa, numa desordem indescritível – pedaços de pão, nacos de gordura e de carne de porco, juntas chamuscadas, ossos, enfim, os restos que sobravam dos dedos e das bocas de doentes que sofriam de todo tipo de moléstia. Os homens mergulhavam as mãos naquela balbúrdia, cavando, manuseando, revirando, examinando, descartando e revolvendo tudo aquilo. Não era nada bonito. Porcos não fariam pior.

Jack London ¹

Sabe o que é mais engraçado? Ler essas gordas invejosas descontroladas que comem, comem e têm cheiro de gordura de porco derretendo... É triste ser gorda, porca e oleosa.

Anne ²

Este capítulo não podia deixar de começar aludindo a um episódio que, no ano passado, suscitou certa polêmica e fartas discussões no cenário brasileiro. Em meados de janeiro, o jornal *The New York Times* publicou uma matéria sobre as alterações que estariam sofrendo os corpos dos cidadãos brasileiros devido a uma “epidemia de obesidade”, insidiosamente ilustrada com fotografias de banhistas anônimos nas praias do Rio de Janeiro.

O fenômeno já tinha sido denunciado na mídia local pouco tempo antes, através de uma pesquisa oficial do IBGE cuja divulgação também provocara debates calorosos, nos quais até mesmo o presidente do país chegara a participar. Segundo tais sondagens, “o Brasil tem 38,8 milhões de pessoas acima do peso, sendo 10,5 milhões de obesos, e apenas 3,8 milhões de pessoas abaixo do peso, muitas delas por fatores hereditários e não por falta de comida”.³ O artigo do jornal norte-americano, por sua vez, ia além da revelação desses dados secos, argüindo inclusive uma explicação para a reação negativa de Luiz Inácio Lula da Silva diante dos estudos: “ele próprio vivenciou a fome quando era um menino pobre, e ainda lembra da sensação de ir para a cama com o estômago

¹ LONDON, Jack. *O Povo do Abismo: Fome e Miséria no Coração do Império Britânico* (1902). São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

² Comentário deixado no dia 20/10/2004 no blog *ProAna*, <http://www.anorexianervosa.weblogger.terra.com.br>.

³ WEBER, Demetrio. “Obesidade mata mais que fome no Brasil”. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, 30/01/2005. <http://oglobo.globo.com/jornal/pais/164062115.asp>. Trata-se da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

vazio”, enquanto hoje, convertido em presidente e com vários anos, quilos e experiências há mais, “é um desses brasileiros que lutam para manter seu peso sob controle”.⁴

Além de ser um assunto bastante complexo, que ultrapassa a redução estatística e o mero contraste numérico com intenções sensacionalistas, não se trata de um problema restrito ao Brasil. São vários os indícios e é farta a bibliografia que dá conta do novo fenômeno: neste mundo cada vez mais globalizado, onde a sofisticação do *bom comer* (que é bastante diferente do velho e clássico *comer bem*) tornou-se um catalisador da distinção social e um propulsor do supermercado das sensações, o modelo de beleza magro e esguio está se impondo em todo o planeta. Um modelo que deglute vorazmente todas as alternativas. É precisamente nesse contexto que a obesidade se tornou uma verdadeira pandemia. Vivemos, hoje, em um mundo *obesogênico*,⁵ um ambiente que favorece o acúmulo de gordura.

Curioso destino para um mundo que já foi batizado como Planeta Fome. Foi nos últimos anos do século XVI, quando o astrônomo Johannes Kepler formulou seu *Mysterium Cosmographicum*, uma teoria segundo a qual os seis planetas conhecidos naquela época —de Mercúrio a Saturno — giravam ao redor do Sol numa harmonia perfeita de esferas regulares. Contudo, Kepler se perguntava por que os planetas seriam apenas seis, e não sete, dez ou cem; e também por que apresentavam entre suas órbitas circulares o espaçamento que Copérnico tinha deduzido. Entretanto, o fato de Pitágoras ter demonstrado que matematicamente só eram possíveis cinco poliedros regulares, inspirou a Kepler a proposição de uma analogia com os planetas: a mão do Divino Geômetra criara órbitas circulares que estavam inscritas em seis esferas concêntricas, cujos cinco intervalos eram ocupados pelos sólidos perfeitos. Depois de ter exposto sua bela teoria diante de reis e colegas, porém no início do século XVII, Kepler teve que admitir que aquele tranquilizador “mistério cósmico” era um fracasso. As órbitas circulares eram incompatíveis com as observações realizadas por seu admirado mestre Tycho Branhe. “O universo leva impresso o ornamento de suas proporções

⁴ ROHTER, Larry. “Beaches for the Svelte, Where the Calories Are Showing”. *The New York Times*. Nova York, 13/01/2005.

⁵ A expressão, belamente elucidativa, foi proferida pelo endocrinologista Márcio Mancini, ex-presidente da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade, e publicada em COLAVITTI, Fernanda. “Epidemia de Gordura”. Revista *Galileu*. Nº 160. Rio de Janeiro, 04/10/2004. <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,,ECT832682-1706,00.html>.

harmônicas, mas é preciso acomodar as harmonias à experiência”, escreveu desiludido com o Divino Geômetra, pois a elipse não parecia uma forma tão divina nem tão perfeita como o círculo. De todo modo, foi assim como nasceu a teoria da mecânica planetária com base em órbitas elípticas que vigora até hoje, publicada no livro *As harmonias do mundo*. Pois a pesar daquela desilusão com as formas divinas, para Kepler ainda existia a música do universo: os planetas se movimentavam logicamente pelo espaço e pelo tempo seguindo uma melodia composta pelas sete notas musicais. Como a Terra se encontrava entre Fá e Mi, na sua dança pelo escuro vazio cantava *fa-mi-fa-mi-fa-mi* que ressoava como a palavra latina que significa “fome” (*famen, faminis*). Cabe lembrar que, naquela época, hordas de mendigos invadiam as cidades da Europa, devido às grandes fomes decorrentes das mutações da economia medieval e das guerras da Reforma. Graças a Deus, então, tudo recuperava sua sagrada coerência: “a lúgubre palavra descrevia muito bem este lugar do universo, e o astrônomo não resistiu à tentativa de rebatizar a Terra como **Planeta Fome**”.⁶

É evidente que as coisas mudaram muito desde aqueles tempos em que o cosmos ainda detinha certos traços de fino encantamento. Entretanto, considerando alguns dos fatos analisados nesta tese, um apelido tão sombrio para o astro celeste que habitamos quiçá seja hoje mais merecido do que nunca: o problema da fome tem crescido nos últimos anos, e atualmente calcula-se que afeta um quarto dos moradores deste mundo.⁷ No entanto, por vários motivos, é aquele outro epíteto que parece bem mais atual, aquele que não pára de ressoar com estrépito na mídia e nos mercados: hoje vivemos, ao que parece, em um **Planeta Obesogênico**. Ainda mais curioso ou paradoxal, contudo, é que não parece haver uma contradição flagrante entre um apodo e o outro; ao contrário, talvez ambos se complementem de uma forma diabolicamente *harmoniosa* — como poderia concluir o espirituoso Kepler.

A “epidemia de obesidade” é considerada um problema grave para a saúde pública planetária, pois o excesso de peso favorece a aparição de uma série de doenças crônicas relacionadas com os maus hábitos alimentares e a falta de exercícios: problemas cardíacos, diabetes, hipertensão e inclusive alguns tipos de câncer. Estima-se, por exemplo, que a terceira parte das mortes em todo o planeta se devam a

⁶ LABRIOLA, Rodrigo F. *A fome dos outros: Literatura, comida e alteridade na Conquista*. Dissertação do Mestrado em Letras da UFF. Niterói, 2005; p.9-11.

⁷ *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29/05/2004. Mais, em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=18915>.

inconvenientes ligados ao sobrepeso, ao sedentarismo e ao consumo de tabaco. Diante desse quadro, a Organização Mundial de Saúde (OMS) acaba de sancionar a *Estratégia Global sobre Dieta, Atividade Física e Saúde*, um “projeto para deter a obesidade no planeta”. Fortemente apoiado pelos Estados Unidos e pelo lobby das indústrias alimentícias (embora pareça haver aqui algum paradoxo), em meados de 2004 o projeto foi aprovado pelos 192 representantes nacionais que integram a organização, após superar as controvérsias levantadas pela oposição dos países produtores de açúcar significativamente liderados por Cuba. “Os pontos essenciais da estratégia são comer mais vegetais, frutas e alimentos com baixo índice de gordura, e fazer mais exercícios”, proferiu o diretor-geral da agência da ONU.⁸ Para que o plano seja assimilado pela população mundial e que a situação possa ser revertida ou contida, pretende-se que os governos nacionais trabalhem junto a grupos de defesa dos direitos dos consumidores a fim de adequar o marketing e a rotulagem dos alimentos.⁹

Em um dossiê especial dedicado ao novo problema na revista *Science* foram publicadas diversas pesquisas efetuadas nos Estados Unidos, que indicam um forte aumento da obesidade naquele país: de 23% para 30% em apenas quatro anos (1994 a 1998). Se a tendência continuar no mesmo ritmo, o cálculo é simples: 39% dos habitantes dos EUA serão obesos em 2008. Atualmente, sem chegar aos limites do que se considera obesidade, 65% da população adulta do país tem um peso excessivo; essa proporção equivale a 120 milhões de pessoas, enquanto 61 milhões são obesas. A opulência de tais dados não surpreendem, entretanto, se forem complementados com as cifras procedentes da indústria alimentar, que fornece o equivalente a 3800 calorias diárias por pessoa; isto é, exatamente o dobro da quantidade que se considera necessária para nutrir de maneira “saudável” o corpo humano.¹⁰

Contrariamente ao que ocorre com a **fome**, porém, velho estigma da humanidade, esta **abundância** e seus concomitantes excessos constituem uma novidade histórica, e parecem ter encontrado os organismos humanos despreparados para lidar com ela. Pela primeira vez na história, provavelmente, pelo menos em algum sentido, uma sociedade é organizada em função do *excesso* e não mais da *falta*. Daí decorrem as explicações fornecidas pela antropologia biológica e pela perspectiva evolucionista:

⁸ “OMS espera aprovar plano antiobesidade na próxima semana”. *Reuters*, 14/05/2004.

⁹ “Aprovado plano mundial de combate à obesidade”. *Reuters*, 22/05/2004.

¹⁰ *Science*. 7/2/2003. <http://www.sciencemag.org>.

“em sua luta pela sobrevivência, a espécie humana foi impulsionada pela escassez e não pelo excesso de comida”, explica um cientista do Centro de Pesquisas sobre Obesidade da Universidade de Columbia. “Ao longo de milhares de anos, o corpo humano tem desenvolvido os mecanismos para se defender da fome: quando a comida falta, diminui o metabolismo basal — ou seja, o uso de energia — e surge o estímulo para procurar comida e ingeri-la”. Entretanto, quando os alimentos abundam demais e a fome deixa de ser uma preocupação fisiológica, surge outro problema completamente inédito: “aumentamos de peso e não temos um mecanismo capaz de **apagar o apetite**”.¹¹ Na ausência de um dispositivo *natural*, a busca de uma versão *artificial* desse “mecanismo” tem se tornado uma prioridade da tecnociência e uma verdadeira obsessão da mídia, do mercado e de boa parte da população mundial.

Pois o fenômeno não se limita aos Estados Unidos ou aos países mais ricos; ao contrário, está se espalhando em alta velocidade por todo o planeta. Os cálculos divergem, mas estima-se que hoje haveria no mundo entre um e dois bilhões de pessoas com sobrepeso. As abordagens mais “conservadoras” calculam a existência de 1 bilhão de indivíduos com sobrepeso em todo o planeta, dos quais 300 milhões seriam clinicamente obesos.¹² Ao que parece, porém, o problema está só começando. Basta observar o que ocorre com as crianças: calcula-se que o sobrepeso e a obesidade já estejam afetando nada menos que 35% da população infantil mundial.¹³

Por enquanto, os índices de sobrepeso ainda são superiores nos países mais abastados, especialmente nos Estados Unidos, mas o crescimento nas nações menos desenvolvidas é tão veloz que logo serão equiparados ou até mesmo ultrapassados. De acordo com um estudo realizado em 36 países da Ásia, da África e da América Latina, por exemplo, há mais mulheres acima do peso do que abaixo: “a prevalência de obesas entre as jovens nos países em desenvolvimento atingiu um estado alarmante”, explicam cientistas norte-americanos e brasileiros, autores da pesquisa publicada no *American*

¹¹ PI-SUNYER, Xavier. “A Clinical View of the Obesity Problem”. *Science*. 7/2/2003.

¹² COLAVITTI, Fernanda. “Epidemia de Gordura”. Revista *Galileu*. Nº160. Rio de Janeiro, 04/10/2004. <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,,ECT832682-1706,00.html>. Já a International Obesity TaskForce (IOTF) estima que o excesso de peso afeta atualmente 1,7 bilhão de pessoas. REANEY, Patricia. “Hay 1700 millones de obesos en el mundo”. *La Nación*. Buenos Aires, 21/03/2003. http://www.lanacion.com.ar/03/03/21/sl_482412.asp.

¹³ “La obesidad, problema en uno de cada 3 niños”. *La Nación*, Buenos Aires, 22/08/2004. <http://www.lanacion.com.ar/629360>.

Journal of Clinical Nutrition.¹⁴ Já na Europa, a obesidade infantil está aumentando em todo o continente; porém, os números são inferiores nos países mais ricos: 15% das crianças do norte e 30% das do sul têm sobrepeso. Nos Estados Unidos, por sua vez, o excesso de peso aumentou mais entre os hispânicos e os pré-adolescentes de raça negra, dobrando os índices da população total do país.¹⁵ Pesquisas efetuadas no Brasil confirmam a tendência: na região Sudeste, 14% das mulheres consideradas “pobres” estão acima do peso, enquanto nas classes média e média-alta o índice é de 9%.¹⁶

“O mundo em desenvolvimento irá sentir particularmente o peso enorme deste aumento de quilos”, sentencia o diretor de políticas da International Obesity Task Force (IOFT), uma organização com sede em Londres. É habitual, por exemplo, que crianças **desnutridas** se tornem **obesas** após iniciar uma dieta regular e adotar os hábitos alimentares e o sedentarismo que caracterizam o estilo de vida “globalizado”. Acontece que, justamente, entre as causas apontadas pelos especialistas para este aumento vertiginoso da obesidade nos últimos anos, figuram as seguintes: a oferta crescente de alimentos hiper-calóricos em porções cada vez maiores; o aumento da quantidade de refeições efetuadas em restaurantes e lanchonetes; o incremento do consumo de refrigerantes em vez de água; o uso mais freqüente de carros e outros transportes automotores; a diminuição das atividades físicas e o aumento dos lazeres sedentários, como ver televisão e jogar no computador.¹⁷ O modo de vida prototípico — ou vendido como **ideal** — nas sociedades ocidentais contemporâneas, portanto, parece conduzir inevitavelmente ao excesso de peso. Eis o mundo **obesogênico** antes mencionado, que fora toscamente satirizado no documentário *Super-size me: A dieta do Palhaço*.¹⁸

Especialmente interessante é um estudo realizado em 2002 pelos hospitais da rede pública da Argentina, com o objetivo de medir o grau de desnutrição infantil após a grave crise econômica que afetou o país. Os pesquisadores foram surpreendidos com um quadro oposto ao que esperavam encontrar: três em cada dez crianças de 6 a 13 anos de idade (28,9%) tinham sobrepeso ou eram obesas; um índice bem superior ao das

¹⁴ “Mundo tem mais mulheres obesas que subnutridas” <http://oglobo.globo.com/online/plantao/167217748.asp>. Reuters, 09/03/2005.

¹⁵ *La Nación*, Buenos Aires, 14/05/2004. http://www.lanacion.com.ar/04/05/14/sl_601032.asp.

¹⁶ “Cerco aos fast food”. *UERJ em questão*, Ano VIII, Nº 82, Rio de Janeiro, Jul/Dez 2003. http://www2.uerj.br/~emquest/emquestao82/fast_food.htm#topo.

¹⁷ *La Nación*, Buenos Aires, 14/05/2004. http://www.lanacion.com.ar/04/05/14/sl_601032.asp.

¹⁸ *Super-size me: A dieta do Palhaço* (Morgan Spurlock, EUA, 2004).

crianças desnutridas. Os dados obtidos são similares aos que revela um estudo semelhante efetuado na Espanha, onde a incidência de sobrepeso na população dobrou nos últimos 15 anos e 26,3% das crianças estão acima do peso considerado normal.¹⁹

O tamanho do problema também foi medido no Brasil, e as cifras coincidem com os estudos internacionais: em algumas capitais brasileiras, a porcentagem de crianças de 7 a 10 com excesso do peso é de 25% a 33%. Os números engrossaram muitíssimo nos últimos quinze anos: são seis vezes superiores aos revelados pela última Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição, realizada em 1989, segundo a qual a média de crianças acima do peso não ultrapassava 5%.²⁰ Outros estudos mostram conclusões realmente alarmantes: a prevalência de obesidade entre as crianças brasileiras teria crescido 240% nos últimos 20 anos, contra 66% nos Estados Unidos.²¹ Entre os adultos, os números tendem a inchar-se ainda mais: seis em cada dez argentinos, por exemplo, têm sobrepeso.²² No Brasil, o Ministério da Saúde calcula que o problema atinja 40% da população adulta, ou seja, 70 milhões de pessoas (o número teria triplicado nos últimos 20 anos), enquanto 12,2% das mulheres e 7% dos homens são obesos.²³

Pelo visto, todos esses dados não fazem mais do que confirmar o veloz crescimento da “epidemia de obesidade” nesta parte do planeta, que tanta algararra midiática provocara quando foi divulgado pelo IBGE, especialmente devido à sua “vergonhosa” seqüela na matéria do *The New York Times*. Tudo seria, então, consequência da disseminação nestas terras do mencionado “estilo de vida globalizado”, e do ambiente *obesogênico* que ele parece acarretar? É isso o que se vislumbra um tanto brutalmente no mencionado filme *Super-size me*, que aponta seus dardos não só aos hábitos alimentares (e ao sedentarismo) dos norte-americanos em geral, mas especificamente às redes de *fast-food*, sobretudo aos da empresa McDonalds. Depois da escandalosa “publicidade negativa” desse documentário — e para contornar a chuva de processos judiciais iniciados por ex-fregueses inconformados com os efeitos da “dieta

¹⁹ CASTRO, Angeles. “Sobrepeso y obesidad infantil: Tres de cada diez chicos con kilos de más”. *La Nación*. Buenos Aires, 13/04/2004. p.9. http://www.lanacion.com.ar/04/04/13/sl_591923.asp.

²⁰ ALBUQUERQUE, Liza. “Crianças sedentárias, adultos obesos”. *Ciência Hoje On-line*, 30/03/2004. <http://www2.uol.com.br/cienciahoje>.

²¹ “Cercos aos fast food”. *UERJ em questão*, Ano VIII, Nº 82, Rio de Janeiro, Jul/Dez 2003. http://www2.uerj.br/~emquest/emquestao82/fast_food.htm#topo.

²² NAVARRA, Gabriela. “De cada diez argentinos, seis tienen sobrepeso”. *La Nación*. Buenos Aires, 27/10/2003. http://www.lanacion.com.ar/03/10/27/sl_539685.asp.

²³ “Cercos aos fast food”. *UERJ em questão*, Ano VIII, Nº 82, Rio de Janeiro, Jul/Dez 2003.

do palhaço” sobre seus corpos — as companhias de comida rápida optaram por fazer algumas alterações “saudáveis” em seus cardápios, além de alertar seus clientes com profusas informações nutricionais. Como não podia deixar de ser, a onda se globalizou rapidamente e chegou até aqui

Se as *verdades* fluem e se modificam ao sabor dos tempos, junto com elas também mudam as *formas jurídicas* que as endossam e as reforçam. “Na tentativa de conter a disseminação da obesidade, o prefeito César Maia estabeleceu em julho um decreto obrigando as redes de *fast food* a afixar tabelas visíveis com a quantidade de calorias e de nutrientes dos seus lanches, ao lado dos valores recomendados mundialmente”, informou a imprensa local no ano passado. Outro decreto da prefeitura do Rio de Janeiro determinou que os alimentos fabricados e vendidos no município deverão trazer no rótulo a especificação da quantidade de gordura *trans* (vegetal hidrogenada) usada para dar consistência aos alimentos, pois tal ingrediente “está sendo apontado como um dos principais responsáveis pelo aumento do colesterol ruim (LDL) e diminuição do colesterol protetor (HDL)”.²⁴

Neste contexto, fartamente ilustrado pela enxurrada de dados e más notícias das páginas precedentes, não surpreende que seja tão intensa a corrida dos cientistas para descobrir o “gene da obesidade” (ou da magreza), o “hormônio da fome” (ou da saciedade) e outras entidades do gênero. O que se espera delas é que sejam capazes de *desprogramar* a **vontade de comer** e, sobretudo, a **capacidade de engordar**. As indústrias biomédicas e farmacêuticas não escondem seu interesse voraz nesse tipo de pesquisas. E também parece óbvio que a meta não consiste em resolver o clássico “problema da fome”, embora seja possível lançar aqui um outro turbilhão de dados que revelam o lado mais sombrio da tragédia: a miséria também não cessa de aumentar em todo o planeta. Inclusive no Brasil, apesar da intensa presença midiática e de toda a retórica envolvida no programa *Fome Zero*, um plano claramente “assistencialista” que constitui uma das principais bandeiras discursivas do atual presidente do Brasil.²⁵

²⁴ “Cerco aos fast food”. *UERJ em questão*, Ano VIII, Nº 82, Rio de Janeiro, Jul/Dez 2003.

²⁵ Fome Zero: <http://www.fomezero.gov.br>.

5

FOME

**Misérias da *falta*:
os excluídos do Planeta Obesogênico**

Teve época que eu fazia sopa de papelão. Um dia os meninos estavam tudo chorando, e eu precisava fazer uma coisa. Aí uma comadre me ensinou. Lavei o papelão que eu estava catando para vender e botei na panela com água, botei um salzinho... Eles pensaram que era comida e comeram. Depois, uma amiga me ensinou a botar um pedacinho de caldo de galinha, umas folhinhas de coentro, pra ficar igual canja de galinha. Aí fui fazendo assim, até os meninos ficarem grandinhos eu fazia. Depois deixei porque eles não quiseram mais. Fui fazendo mais pirão e eles me ajudando pra comprar farinha.

Val - Moradora da Favela Pelá¹

*Tú cuya lenta espada roe generaciones...
Madre antigua y atroz de la incestuosa guerra,
borrado sea tu nombre de la faz de la tierra.*

Jorge Luis Borges – “El Hambre”²

Poucos meses após a Organização Mundial de Saúde (OMS) ter sancionado o “projeto para deter a obesidade no planeta” mencionado no capítulo anterior, a versão internacional do programa *Fome Zero* foi apresentada na Organização das Nações Unidas (ONU) pelo presidente do Brasil. Foi na reunião de líderes mundiais contra a fome e a pobreza, em uma apresentação que teve boas repercussões em torno da “imagem” de Luiz Inácio da Silva na mídia internacional, porém nenhuma medida concreta foi tomada como resultado de tais intervenções diplomáticas.³ Na imprensa local, a notícia sobre o evento chegou a motivar vários comentários ácidos como o seguinte: “o *Fome Zero* para o mundo reboa na imprensa, enquanto na original versão cabocla tropeça em denúncias de utilização irregular na campanha eleitoral... entre o sucesso oratório e os resultados concretos há uma distância que separa a urgência dos famintos e dos sufocados pelo protecionismo dos ricos e a fragilidade dos que apenas gritam e não são ouvidos”.⁴ A proposta do presidente Lula na ONU contemplava a

¹ SOARES de FREITAS, Maria do Carmo. *Agonia da Fome*. Salvador: EdUFBA/Fiocruz, 2003; 116-117.

² BORGES, Jorge Luis. “El Hambre”. In: *El otro, el mismo*. In: *Obras completas*, v. 2. Barcelona: Emecé, 1996. p. 299.

³ FRANCO, Ilmar. “Lula: ‘Da fome e da pobreza jamais nascerá a paz’”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 21/09/2004. <http://oglobo.globo.com/online/pais/145969123.asp>.

⁴ CORRÊA, Villas-Bôas. “O pedreiro Lula assenta o tijolo do voto”. *No Mínimo*. Rio de Janeiro, 22/09/2004.

taxação das transações financeiras — que segundo os cálculos oficiais poderia render US\$ 17 bilhões anuais — para sustentar diversos programas de combate a fome no mundo. Mas a iniciativa foi rejeitada com o veto dos Estados Unidos, anunciando um futuro pouco promissor para a versão internacional do *Fome Zero* — não muito diferente, talvez, do que vem ocorrendo com a versão local original.

Pois aqui, de acordo com um estudo divulgado recentemente pela Fundação Getúlio Vargas e intitulado *Mapa do Fim da Fome II*, os “miseráveis” somam 33% da população e têm uma renda mensal abaixo de R\$ 79,00.⁵ Segundo outra pesquisa, os números são levemente inferiores, mas estão aumentando: a parcela da população nacional que não ganha o suficiente para comer teria passado de 26,23% em 2002 para 27,26% no ano seguinte. Isso significa um total de 47,4 milhões de pessoas.⁶ Tendo em vista esse quadro, são vários os estudos que reiteram um diagnóstico já conhecido: o Brasil seria a sociedade “mais injusta do mundo”, pois a distribuição das riquezas materiais e culturais no território nacional é a mais desigual do planeta. Para piorar a situação, nos últimos anos os mais ricos têm aumentado em quantidade, embora o patrimônio total não tenha crescido; isso significa que esse setor da população nacional incrementou as suas posses à custa dos menos favorecidos, concentrando ainda mais a renda e refletindo de maneira agravada um fenômeno que se repete em nível mundial.⁷

A despeito da prístina evidência destes dados, convém se afastar um pouco dessa crueza abstrata dos números para melhor compreender a magnitude do problema da fome, especialmente no Brasil. Uma forma de fazer isso é ouvindo e dando voz aos próprios famintos, como fez a nutricionista Maria do Carmo Soares de Freitas em sua tese de doutorado em Saúde Pública da UFBA, publicada no livro *Agonia da Fome*: um excelente (embora arrepiante) estudo etnográfico com um viés fenomenológico realizado em 1999 numa favela da cidade de Salvador. Nessas páginas, o espectro da

⁵ Mapa do Fim da Fome II: <http://www.fgv.br/cps/Nacional/Apresentacao.htm>.

⁶ OLIVEIRA, Flávia. “Mais de 47 milhões na miséria”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14/10/2004. Os dados são do último relatório do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), coordenado pelo economista Marcelo Neri e baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad-2003) do IBGE.

⁷ No Brasil, 2% da população concentra 33% da riqueza. Trata-se de famílias que possuem uma renda média acima de R\$ 22 mil, isto é, 14 vezes maior do que a média nacional e 80 vezes superior àquela considerada abaixo da linha da pobreza – onde se situa a grande maioria da população das favelas. Calcula-se que a erradicação da pobreza no país seria possível com uma contribuição mensal de R\$ 14,00 de cada brasileiro que se encontra acima da linha de pobreza, o que daria um montante de R\$ 2 bilhões por mês para investimentos em programas sociais. AMORIM, Ricardo Gomes; POCHMANN, Mário (Org.). *Atlas da exclusão social: Os ricos no Brasil*. São Paulo, Ed. Cortez, 2003 (v.3) e 2004 (v.4).

fome ganha vida e se materializa violentamente nos corpos das pessoas que com ele convivem: aqueles que estão habituados a se referir à fome como um fantasma, porém este é bem concreto e aparece regularmente na favela “para comer-lhes as carnes”, especialmente às crianças.⁸ Isso tudo, malgrado o estardalhaço midiático causada por aquele famoso artigo do correspondente do *The New York Times* no Brasil, segundo o qual a desnutrição e a fome seriam problemas secundários no país, cada vez mais engolidos pelo gigantesco problema da obesidade. As estatísticas, porém, como se sabe, desnudam algumas verdades; mas nesse mesmo processo também atropelam ou escondem outras. Em que pese, portanto, também, a todo o peso-pesado da “epidemia da obesidade”, que pretende sufocar com sua novidade a antiquada fome daqueles que nada possuem — como se fosse algo ultrapassado ou *démodé*. De maneira apressada, como convém aos moldes midiáticos, tudo costuma ser apresentado como se a aparição de um problema novo e radicalmente distinto (o da “epidemia de obesidade”) se contrapusesse de um modo lógico e total àquele outro velho problema já meio ultrapassado ou até mesmo obsoleto. E como se nesse movimento a gorda novidade tivesse a mágica capacidade de anular o fantasma mais antigo e delgado; enfim, como se fosse possível *deletar* a **fome** de uns com a **gordura** dos outros.

Mas tanto os frios números das pesquisas como os quentes corpos em evidência demonstram que as coisas não são bem assim. Abandonados pelos Estados e excluídos das benesses do mercado global, os “miseráveis” do mundo somam 1 bilhão de indivíduos — por ironia, uma quantia equivalente à dos que têm sobrepeso. Conforme dados das Nações Unidas, seriam 840 milhões as pessoas que passam fome nas diversas regiões do planeta; ou seja: mais do que a soma das populações de Canadá, Estados Unidos, Japão e toda a Europa juntas.⁹ E essa quantidade de famintos e subnutridos não cessa de aumentar, embora a oferta mundial de alimentos *per capita* tenha registrado uma expansão de 20% nos últimos 25 anos, ultrapassando a quantidade necessária para atender a demanda teórica de 2.500 calorias ao dia por habitante de todo o planeta.¹⁰ Parece claro, portanto, que nesta Terra da abundância e dos excessos, o persistente problema da fome não requer complicadas soluções tecnocientíficas, mas *apenas* uma

⁸ SOARES de FREITAS, op. cit.; p. 11.

⁹ “ONU lança mapa-múndi interativo para mostrar onde há mais fome”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 06/08/2004.

¹⁰ KUPFER, José Paulo. “O Fome Zero ainda não deu errado”. *No Mínimo*. Rio de Janeiro, 15/07/2004.

redistribuição das riquezas acionada politicamente. Um plano político-econômico capaz de ultrapassar, também, os meros projetos assistencialistas embebidos de marketing político e da maquiagem rutilante das celebridades.¹¹

Contudo, tendo em vista a dureza das cifras, é significativo que o problema da fome tenha perdido seu destaque na cartilha das preocupações políticas, econômicas e tecnocientíficas atuais. Recentemente, inclusive, a mesma ONU que aplaudiu (e vetou) os discursos do presidente Lula sobre o programa *Fome Zero* internacional, chegou a reconhecer o “fracasso” de outro plano assistencialista de “combate à pobreza”, que fora assinado por 179 nações em 1994. O motivo? Os países mais desenvolvidos vêm reduzindo as doações que tinham sido estipuladas, destinado anualmente a metade do montante acordado. E, em compensação, outra “solução” para um problema tão desagradável parece estar ganhando cada vez mais adeptos: “75% dos países tomaram providências para aumentar o rigor nas fronteiras”, visando a conter as inevitáveis “invasões bárbaras”.¹² Muito além desse letargo **político** — e **ético**, pois a fome dos outros não parece atingir nem ética nem afetivamente os cidadãos mais bem acomodados do mundo atual — uma das principais preocupações da tecnociência contemporânea é a de descobrir (e vender) uma “solução mágica” aos que pertencem àquela outra parcela da humanidade: não àquela que continua sendo assediada, em número crescente, pelo **fantasma da fome**, mas àquela outra que está sendo insidiosamente assombrada pelo **fantasma da gordura**.

Uma dessas pesquisas que hoje fervilham no mundo e na mídia, por exemplo, compara com o câncer o processo de engordar, e pretende tentar *curá-lo* da mesma forma. Segundo o responsável pela pesquisa, “as células de gordura se multiplicam como as do câncer e, portanto, teoricamente podem ser eliminadas com base no mesmo mecanismo”. Ou seja: interrompendo a irrigação sanguínea nas células *doentes*; assim, então, “como as células de gordura constroem um sistema de irrigação para si semelhante ao das cancerosas, os pesquisadores encontraram uma proteína que só existe em células de gordura e congelaram seu funcionamento”. Os ratos responderam

¹¹ É digno de nota, no caso do Programa *Fome Zero*, a presença midiática de “celebridades” que apóiam o projeto doando roupas, guitarras ou dois minutos de sua cintilante agenda para tirar uma foto com o presidente do país. Os exemplos são infinitos, e abrangem de Gisele Bündchen a Lenny Kravitz; como se tais gestos pudessem contribuir para a solução do grave problema da fome em nível nacional — cujos números apresentam níveis de fome endêmica tão graves em regiões do Norte e do Nordeste como nos mais pobres países africanos; cf. SOARES de FREITAS, op. cit.; p. 16.

¹² “Plano mundial contra pobreza fracassa, diz ONU”. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 16/09/2004.

corretamente a esta experiência no laboratório: uma vez bloqueada a proteína, a gordura de seus corpos foi “aspirada”. Teme-se ainda, porém, pelos efeitos colaterais que o tratamento poderia deflagrar se fosse aplicado em seres humanos.¹³

A comparação com o câncer não deve passar despercebida. Durante séculos, a fome era uma “doença” que afetava certos corpos individuais estigmatizados pela *falta*; dessa doença fatal derivava toda uma outra série de problemas de saúde associados com a pobreza — e, além disso, conformava sujeitos “tumores” muito bem localizados nos bolsões urbanos e em outras áreas esquecidas do nosso planeta.¹⁴ Hoje, porém, essa acusação aponta para outros males bem mais visíveis e constantemente expostos sob os holofotes midiáticos, tais como a obesidade e a *lipofobia*. Desse modo, se a pobreza, a miséria e a fome constituem uma espécie de **endemia** silenciosa e persistente; a obesidade assumiu o papel da nossa mais nova **epidemia** — e passou a concentrar todas as atenções da mídia, da tecnociência e do mercado.

“Todo mundo acima do peso está *doente*”, assevera o endocrinologista Márcio Mancini, ex-presidente da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade: “não precisa ser obeso, basta estar com IMC igual ou superior a 25”. Caso o veredicto não tenha sido suficientemente claro, o médico ainda esclarece que “essa história de gordinho saudável não existe; ou a pessoa não procurou direito, ou é mentira”.¹⁵ Em meio a uma crescente medicalização da sociedade, tornam a proliferar as condenações **morais** apontando para os corpos *doentes* daqueles que não conseguem se enquadrar nos padrões culturalmente impostos. Ouçamos, para confirmar, outro diagnóstico médico: “o obeso que culpa só o ambiente e a genética é como o bêbado que diz que a culpa não é dele, mas de suas companhias”, acusa o psiquiatra Arthur Kaufman, coordenador do Projeto de Atendimento ao Obeso do Hospital das Clínicas de São Paulo.¹⁶

¹³ “Mecanismo usado em câncer pode servir para emagrecer”. *O Globo*. Rio de Janeiro. 09/05/2004. Mais informações em *Nature*. 06/2004. <http://www.nature.com>.

¹⁴ Sobre a doença como metáfora, cf. SONTAG, Susan. *La enfermedad y sus metáforas*. Buenos Aires: Ed. Taurus, 1996

¹⁵ COLAVITTI, Fernanda. “Epidemia de Gordura”. Revista *Galileu*. Nº 160. Rio de Janeiro, 04/10/2004. <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,,ECT832682-1706,00.html>. Cabe lembrar que a definição técnica oficialmente aceita afirma que são obesos aqueles cujo índice de massa corpórea (IMC) é superior a 30, não a 25.

¹⁶ COLAVITTI, op. cit.

Não adianta, portanto, fugir das próprias responsabilidades: o sujeito excedido de peso é aquele que não consegue se **auto-controlar** na hora de consumir alimentos, avaliando corretamente riscos e possíveis conseqüências, negociando com sucesso **prazeres** e **sacrifícios**. Quando o autocontrole e a gestão de si fracassam, o indivíduo deve assumir a sua responsabilidade. E se for culpado, é claro que deverá *pagar* por isso. Foi exatamente esse o raciocínio que levou o governo da Austrália a cogitar na instauração de um imposto especial para os obesos mórbidos; e é também o mesmo argumento que levou o governo dos Estados Unidos a permitir descontar os tratamentos para emagrecer nos impostos de renda de seus cidadãos.

Esta transformação do sobrepeso em *doença* (além de *vício* ou falha moral) evoca um caso semelhante, porém referido a outro estigma para as nossas “boas aparências”: à baixa estatura. Nos anos 80, duas empresas das áreas farmacológica e biotecnológica, a Eli Lilly e a Genentech, obtiveram a patente e o monopólio para comercializar durante sete anos o hGH, um hormônio de crescimento projetado geneticamente. Trata-se de um produto dirigido a um mercado muito restrito: uns poucos milhares de crianças que sofrem de nanismo nos Estados Unidos. Entretanto, o hGH logo se tornou um dos produtos farmacêuticos mais vendido naquele país e um dos maiores sucessos comerciais da história. Pois o medicamento tinha extrapolado seu público-alvo, passando a ser consumido por crianças que se encontravam dentro da faixa de estatura considerada normal, e inclusive por jovens esportistas que desejavam aumentar sua massa muscular. Então, as empresas promoveram uma campanha publicitária junto aos médicos e às instituições da área, visando à redefinição da baixa estatura — que até então era considerada **normal** — como um tipo de **doença**. O episódio provocou uma pequena polêmica no ambiente sanitário dos Estados Unidos, levando a representante do Instituto Nacional de Saúde daquele país a se justificar alegando que tais crianças não eram precisamente “normais”; eram baixas, “numa sociedade que vê esse traço como desfavorável”.¹⁷

Contudo, quando as prescrições biopolíticas ameaçam atingir os cofres das empresas privadas para lipoaspirá-los em vez de engordá-los, certas *verdades* podem sofrer algumas contorções e mudar de face. Ao menos é isso o que parece indicar uma notícia publicada recentemente no *The New York Times*, comentando um conflito que

¹⁷ SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002; p. 190.

está desvelando às empresas de planos de saúde dos Estados Unidos. O dilema pode ser resumido da seguinte forma: é conveniente — em termos econômicos, logicamente — cobrir as complicadas e custosas intervenções cirúrgicas para tratar da obesidade de seus clientes? ¹⁸ A pergunta esconde uma outra, ainda mais cristalina: um sujeito obeso que se submete a uma intervenção desse tipo, se tornará uma pessoa mais “saudável” e portanto *gastará menos dinheiro* com o cuidado do seu organismo após a cirurgia? A resposta, aparentemente, é negativa.

Tanto as estatísticas como os depoimentos dos especialistas consultados pelas empresas levaram a uma conclusão surpreendente para quem vem sendo educado na pedagogia da mídia dos últimos anos: nada tem demonstrado, até agora, que a saúde melhore ao emagrecer; ao menos, nem tanto como se esperava ou para que a diferença seja economicamente significativa.¹⁹ Além disso, nesses casos costumam aumentar os riscos de contrair outras doenças, como por exemplo a anemia. Todos coincidem, isto é certo, em que a “auto-estima” dos clientes tende a melhorar, mas ninguém pode dizer que as companhias de saúde não recorram à sinceridade na hora de expor suas conclusões: “é muito bom saber que você está feliz, mas a questão é outra: *você está ajudando a economizar o dinheiro da nossa empresa?*”²⁰

Diante deste ambíguo quadro, talvez caiba dar mais uma volta de parafuso, introduzindo uma nova contraposição entre os dois pólos e os dois *fantasmas* que estão sendo analisados. Ninguém duvidaria, nos termos em que a questão do **sobrepeso** foi exposta acima (na avaliação financeira do problema conforme os interesses dos planos

¹⁸ A cirurgia bariátrica custa entre 30 e 40 mil dólares e é um tratamento cada vez mais freqüente em todo o mundo, apesar das complicações que costuma acarretar. Cabe mencionar que o Brasil é o segundo país em quantidade dessas cirurgias realizadas por ano (1.500), somente superado pelos EUA, onde se efetuam anualmente entre 100 e 150 mil. COLAVITTI, Fernanda. “Epidemia de Gordura”. Revista *Galileu*. Nº 160. Rio de Janeiro, 04/10/2004.

¹⁹ Há, ainda, outros indícios que levam a desconfiar da associação automática entre gordura e doença (e seus contrários, magreza e saúde — e, ainda, beleza) que invadiu o nosso senso-comum nesta era do *fitness*. Pois a magreza excessiva que hoje se impõe como padrão de beleza feminino em nível global também pode ser prejudicial para a saúde em vários sentidos, favorecendo transtornos como a osteoporose e a infertilidade — embora esteja longe de ser socialmente estigmatizada como o sobrepeso e os problemas de saúde que este acarreta. Na Argentina, ainda, recentemente alçou-se uma voz de alarma nos ambientes sanitários, quando uma pesquisa delatou que mulheres mais magras estavam dando à luz a filhos com menos peso: a média diminuiu 32 gramas nos últimos dez anos, em uma situação que os especialistas qualificaram como “preocupante”. Cf. NAVARRA, Gabriela. “Nacen con menos peso los bebes argentinos”. *La Nación*, Buenos Aires, 14/10/2004.

²⁰ KOLATA, Gina. “Health and Money Issues Arise Over Who Pays for Weight Loss”. *The New York Times*. Nova York, 30/09/2004. <http://www.nytimes.com/2004/09/30/business/30obese.html?oref=login&th>.

de saúde), que a **fome** é, sim, uma “doença mortal”. Todos os dias morrem, por essa causa, 24 mil pessoas. E a cada minuto, a desnutrição mata 11 crianças em todo o mundo.²¹ Entretanto, embora a solução do problema de todas essas pessoas em chave individual seria bem mais simples — e certamente menos onerosa — do que resolver a complicada situação dos obesos, também aqui “a questão é outra”, como concluíam as companhias norte-americanas de planos de saúde. Pois os famintos não costumam ter planos de saúde, e portanto jamais poderiam sobrecarregar ou aliviar os balanços de tais empresas ao perder sua indigna condição. A conclusão é óbvia: apesar de serem muitos, quase tantos (ou mais) que os gordos e obesos, eles simplesmente *não contam*. Não constituem um mercado, **não são consumidores**. Portanto, na atual configuração, praticamente *não existem*.

Assim, o problema da fome é ofuscado, enquanto continua a busca voraz pela solução mágica capaz de conter os insidiosos avanços da gordura. Um estudo publicado há poucos meses na revista *Science*, por exemplo, informa-nos que a leptina — um hormônio que afeta o peso e o apetite, e aparentemente “leva o cérebro a determinar se um animal será obeso ou magro por toda a vida” — poderia ser manipulada para ajudar as pessoas obesas a perderem peso e permanecerem magras.²² Do mesmo modo, um artigo publicado duas semanas antes na revista *Nature* examinava outros processos procurando explicar (e eventualmente manipular) a enigmática dinâmica do apetite e da saciedade: a resposta da enzima AMP-quinase a estímulos hormonais produzidos em diversas regiões do hipotálamo cerebral de um camundongo. Pois tal enzima “poderia ser uma importante mediadora na regulação da ingestão de nutrientes, do apetite e da saciedade”.²³ Um cientista britânico, por sua vez, divulgou os resultados de uma experiência efetuada em seres humanos com uma substância natural batizada como “hormônio anti-fome”, cuja capacidade de provocar a sensação de saciedade em ratos já

²¹ *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29/05/2004; <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detailhe.jsp?id= 18915>.

²² “Estudos mostram como hormônio da obesidade afeta o cérebro”. *O Globo*, Rio de Janeiro. 01/04/2004. Mais informações em *Science*. 02/04/2004. <http://www.sciencemag.org>.

²³ “Identifican una enzima que regula el apetito y la saciedad”. *La Nación*. Buenos Aires, 18/03/2004. http://www.lanacion.com.ar/04/03/18/sl_582744.asp. Mais informações em MINOKOSHI, Yasuhiko et al. “AMP-kinase regulates food intake by responding to hormonal and nutrient signals in the hypothalamus”. *Nature*. 1/04/2004. <http://www.nature.com>.

tinha sido comprovada em laboratório; a nova experiência, efetuada com doze pacientes obesos, “demonstrou uma redução do apetite em 30% durante todo um dia”.²⁴

Outros dois métodos que estão sendo testados também mostram, talvez ainda mais claramente, a atualíssima abrangência desse modelo *informático* do corpo humano, que decifra o organismo em termos **digitais**, e não mais **analógicos** como recomendavam os antigos modelos do *homem-máquina* e do *homo psychologicus*. Ao mesmo tempo, tais estudos mostram a vigência do paradigma do *sujeito cerebral*, segundo o qual ser alguém é ser um cérebro, pois é nos fluxos de informação inter-neuronal onde parece residir a identidade do indivíduo.

O primeiro desses dois estudos é apresentado criticamente pelo farmacologista norte-americano Arthur Leccese, em um artigo que questiona a utilização de “estimulantes anoréxicos” nos tratamentos para a perda de peso em pacientes obesos. A autor propõe uma discussão ética sobre “as políticas do sistema nervoso”, pois tais drogas induziriam variações no consumo e nas preferências alimentícias dos pacientes a partir de uma estimulação das células cerebrais capaz de gerar um “efeito anoréxico” em seu organismo.²⁵

Já a segunda pesquisa anunciada ostenta certos ares de ficção-científica. Assinada por uma equipe de psicólogos da Califórnia e de Washington, e publicada no jornal *Social Cognition*, é apresentada em tom quase publicitário: “imagine se as lembranças culinárias mais felizes da sua infância fossem de alimentos cozidos no forno em vez de fritos, folhas verdes em vez de carnes; pense na diferença que isso faria na hora de escolher as suas comidas”. E mais: “imagine se fosse possível modificar essas lembranças... nos adultos”. As primeiras tentativas de **alterar as instruções inscritas no cérebro** — como decorrência da própria experiência vital e subjetiva — que levariam a escolher um alimento ou outro, ao que parece, deram certo. Utilizando certos “truques” neurocientíficos, os pesquisadores conseguiram “enganar” suas cobaias, fazendo com que pensem que quando eram crianças de fato adoeceram ao consumir

²⁴ “Rumbo a la hormona antihambre”. *La Nación*. Buenos Aires, 05/09/2003. http://www.lanacion.com.ar/03/09/05/sl_524836.asp.

²⁵ LECCESE, Arthur. “Differential Prohibition, Scientific Discourse, and Anorexiant Stimulants”. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 108-125.

certas comidas. Uma semana mais tarde, 40% dos participantes disse que evitaria ingerir o alimento em questão se lhe fosse oferecido em uma festa.²⁶

Todas estas pesquisas visam a encontrar uma chave bioquímica, neurológica ou genética capaz de **desprogramar tecnicamente a tendência do organismo a engordar**. Na mesma linha desse amplo e variado conjunto se inscrevem aqueles estudos que procuram inventar a “comida digital” antes mencionada; isto é, um tipo de alimento imaterial programado em software informático.²⁷ E também aqueles outros que tentam criar um tipo de “gordura artificial”, um composto de celulose cuja consistência viscosa simula a gordura real nos alimentos com o intuito de substituí-la. Uma experiência desse tipo, porém, já foi testada e não deu certo. Talvez, cabe intuir, por se tratar de uma proposta tão brutalmente *analógica*? “O organismo humano é viciado em comer gordura, mas a pesquisa mostrou que não adianta tentar enganar a pessoa usando uma falsa gordura”, confessam os pesquisadores. No entanto, logo vem a conclusão do estudo, perfeitamente inserida no paradigma do sujeito *informatizado*: “o cérebro não se deixa ludibriar e continua clamando pelo alimento que, em excesso, causa problemas variados”.²⁸ Foi criado, ainda, um dispositivo capaz de provocar a sensação de saciedade mediante a estimulação do estômago com eletricidade, que parece ser uma versão “digital” e *clean* das ainda arriscadas e violentas cirurgias que reduzem o tamanho do estômago.²⁹

Convém insistir, mais uma vez, em um ponto primordial nesta tese: nenhuma destas inúmeras (e tão diversas) tentativas de encontrar a chave técnica dos misteriosos mecanismos que comandam o apetite nos organismos humanos, tem como público alvo os famintos, embora ninguém duvide que eles abundam cada vez mais neste planeta. Mas aparentemente seu problema também poderia ser “resolvido” caso tais experiências venham a ter sucesso. Em nenhum dos casos, porém, o estímulo à pesquisa parece emanar da vontade de resolver a persistente questão da fome.

²⁶ CAREY, Benedict. “But Sweetie, You Love Lima Beans”. *The New York Times*. Nova York, 31/08/2004. <http://www.nytimes.com/2004/08/31/health/psychology/31psych.html?th>.

²⁷ “Device Simulates Food”. *Technology Research News*. 6/08/2003. http://www.technologyreview.com/articles/rnb_080603.asp. Sobre este tema, ver também o Capítulo 3 desta tese, p. 86-87.

²⁸ BONALUME NETO, Ricardo. “Centros de recompensa no cérebro ignoram ingestão de falsa gordura”. *Jornal da Ciência*, Nº 2479, 09/03/2004. <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=16815>.

²⁹ ZACKS, R. “Stomach Pacemaker”. *Technology Review*. Nov. 2002. <http://www.technologyreview.com>.

São poucas as propostas contrárias a esta tendência geral, e a maioria — dentro desse grupo restrito — defende uma opção bastante polêmica: a produção de alimentos transgênicos enriquecidos com nutrientes. Um exemplo famoso é o *golden rice* ou “arroz de ouro”, programado para resolver os problemas de saúde pública da Ásia.³⁰ Embora costume se admitir que o problema da fome não é **técnico** mas **político**, tal parece ser a posição subjacente ao último relatório anual da Organização para a Agricultura e Alimentação (FAO), segundo o qual “o grande desafio da biotecnologia é desenvolver técnicas que combinem o aumento da produção, a redução dos custos, a proteção do meio ambiente e, ainda, garantam a segurança alimentar”, pois “a pesquisa agrícola pode tirar pessoas da pobreza, ao aumentar os lucros e reduzir o preço dos alimentos”. O próprio jornal *O Globo*, ao divulgar a notícia, destacou que “a posição da FAO vai de encontro às teses mais difundidas, segundo as quais o problema da fome não está relacionado à escassez de alimentos, mas sim à má distribuição”. Conforme dados dessa agência da ONU, mais de 70% das pessoas mais pobres do mundo vivem em áreas rurais e dependem diretamente da agricultura para sua sobrevivência, porém “nem o setor público nem o privado investem significativamente em novas tecnologias genéticas para os chamados 'cultivares órfãos', como o sorgo e o painço, essenciais para os povos mais pobres do planeta”.³¹

Como mostram os diversos exemplos expostos ao longo deste capítulo, portanto, a enorme maioria das pesquisas nesta área aponta sua cobiçosa mira para um objetivo bem diferente. Almeja inventar o remédio do século: aquela droga ou aquele dispositivo que seja capaz de **deletar a gordura** — e, assim, **purificar os corpos** — sem que seja mais necessário recorrer aos sacrifícios e às disciplinas bio-ascéticas que hoje estão se tornando obrigatórias (como as dietas e os exercícios físicos), ou às ainda cruentas e custosas cirurgias.

Enquanto a tecnociência demora em descobrir essa grande panacéia e em dar ao mundo a boa notícia (junto com o catálogo de produtos e serviços disponíveis para cada segmento do público), o mercado se encarrega de oferecer uma infinidade de soluções alternativas e igualmente “mágicas”. Como o creme *Ultimate Night System*, por exemplo, que seduz os espectadores de TV e os leitores de revistas e jornais, ou até na

³⁰ LEITE, Marcelo. *Os Alimentos Transgênicos*. São Paulo: PubliFolha, 2000.

³¹ “ONU respalda uso de transgênicos no combate à fome”. *Jornal da Ciência*, Nº 2526, 18/05/2004. <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=18588>.

própria Internet, com um slogan bem tentador: “Emagreça dormindo”.³² Os comprimidos *Instant Fat Burner*, por sua vez, propõem outra solução igualmente sedutora: “Transforme seu corpo em uma máquina de queimar gordura”.³³ Já o aparelho de “ginástica passiva” *Total Shape* promete um sonho dourado semelhante: “Você nem precisa mais se exercitar durante horas ininterruptas para emagrecer e perder centímetros! Pode ser usado enquanto você trabalha, dirige, faz compras, no lugar e na hora que você quiser!”.³⁴

Mas não é só nestas latitudes que fermenta esse mercado de prodígios emagrecedores: os leitores da versão *on-line* do *The New York Times*, por exemplo, há vários meses são bombardeados com anúncios que pretendem vender o pacote completo da *Dieta de South Beach* utilizando uma retórica igualmente milagrosa. De origem igualmente norte-americano, aliás, as pílulas dietéticas Hoodia se inscrevem ainda mais no paradigma do sujeito *informatizado* aqui estudado. De acordo com a publicidade enviada por e-mail e presente no website da empresa, esta droga “mata o apetite e ataca a obesidade”. Como? Embora sendo “orgânicas, sem métodos sintéticos ou artificiais”, os comprimidos possuem uma “molécula miraculosa” que “engana o cérebro e faz com que ele acredite que você está satisfeito, e inclusive faz com que você pare de pensar na comida”.³⁵

³² “Imagine se toda noite, quando você fosse dormir, seu corpo trabalhasse na eliminação do excesso de gordura através da ativação sanguínea, diminuindo a celulite, a flacidez e a gordura localizada. Imagine você acordando e descobrindo a cada dia um corpo mais esbelto, mais bonito e mais saudável. Agora pare de imaginar: 3 unidades por apenas 3 x R\$ 65,00, já com frete, compre já!”. <http://www.emagrecerdormindo.com.br/ig/home.html>.

³³ “Pare de se torturar, passando vontade na hora de comer. Chegou agora ao Brasil um emagrecedor que auxilia na redução do colesterol. Ele é composto por uma fibra natural de origem animal que possui inúmeros benefícios e aplicações. O Instant Fat Burner é solubilizado no estômago, formando um gel quimicamente ativo, em função dos grupamentos amino presentes na sua estrutura, o que auxilia na perda de peso e na redução do colesterol. Cada vez mais pessoas o adquirem, buscando a boa forma e aumentando sua auto-estima. Faça parte deste seletivo grupo, adquirindo o seu!”. O preço, significativamente, é idêntico ao do produto anterior. <http://www.instantfatburner.com.br>.

³⁴ “Quando você se olha no espelho, gosta do que vê? Você quer perder peso e tonificar o corpo sem perder tempo e sem sacrifícios? Então você precisa de Total Shape! (...) Livre-se da barriguinha, dos quilinhos a mais, das pernas e braços flácidos e das gordurinhas localizadas! (...) Com Total Shape, você emagrece, fortalece seus músculos e melhora seu condicionamento físico, tudo ao mesmo tempo! Emagreça até 7kg em um mês, sem sacrifícios! 10 minutos de Total Shape é equivalente a praticar 200 exercícios localizados, esse é o segredo para você conquistar o corpo que sempre quis de maneira fácil e rápida! (...) Selecione o local que deseja tonificar, ajuste a cinta elástica ao seu corpo, ligue e Total Shape faz o resto! A placa de silicone, acoplada à cinta, emite pulsos elétricos que contraem e relaxam sua musculatura, proporcionando o enrijecimento dos seus músculos”. <http://www.totalshape.com.br>.

³⁵ *Hoodia Pils*: <<http://armand008.releasehappiness.com>>.

Assim, então, enquanto os *fantasmas da fome* se tornam cada vez mais espectrais e invisíveis, acucados nas zonas mais obscuras e recônditas do planeta (muitas delas, inclusive, surdamente entremeadas nos grandes centros urbanos do Ocidente), o mundo parece disposto a continuar sua luta desigual contra assombrações bem mais medonhas e visíveis, obscenamente onipresentes: os temíveis *fantasmas obesos*. E suas principais armas nessa batalha parecem ser aquelas que compreendem o **corpo** como uma entidade circunstancialmente material, comandada por uma série de instruções alojadas em seus recantos mais *virtualizados* de suas células: o **código genético** e os **circuitos cerebrais**. Doses enormes de dinheiro, tempo, esforços, saberes e poderes são investidas na procura dessa solução de ambígua inspiração *digital*, que pretende *desprogramar* essa tenaz disposição do organismo humano a ser desmesuradamente orgânico e transbordar seus limites — neste caso, da maneira mais literal possível.

Cabe, ainda, efetuar uma última comparação entre os dois pólos analisados nestes dois últimos capítulos. Por um lado, as tentativas de *desprogramar* a capacidade de engordar, emblematizadas pela “comida digital” e outras experiências de laboratório; por outro lado, algumas vivências dos famintos que povoam as favelas brasileiras. É habitual, nessas precárias condições, que as crianças consumam “biscoitos de terra” e que famílias inteiras se alimentem com “sopa de papelão”.³⁶ O que se come, portanto, também nestes casos e por motivos bem diferentes, é *nada*.

Mas vale a pena insistir na comparação, para salientar que o paradigma do “sujeito cerebral” e do corpo informatizado está completamente ausente deste outro grupo de experiências. Ao contrário, é a materialidade carnal e a sensualidade do corpo “à moda antiga” que sustenta todos os sentidos e significados capazes de converter a ingestão de tais comidas realmente *virtuais* em verdadeiras refeições. Já no caso das experiências tecnocientíficas antes exemplificadas, as explicações e metáforas são todas *digitalizantes*, informáticas e imateriais. Pois nesses casos terríveis dos biscoitos de terra com açúcar e da sopa de papelão com sal, não são as informações genéticas e nem os sinais cerebrais os encarregados de dar consistência ao *nada* que se come a fim de convertê-lo em alimento, de maneira tão simbólica como *real*. Em vez disso, são os “temperos”, explicitamente ligados aos aromas, aos sabores, aos afetos e às sensações táteis, os que conseguem “enganar” a pessoa que (não) come.

³⁶ SOARES de FREITAS, op. cit.

6

RISCOS

**A lógica empresarial:
negociar prazeres e privações**

Se existe alguma possibilidade, por remota que ela for – prosseguiu Georgiana –, devemos tentar. Pouco importa o risco. O perigo não representa nada para mim; enquanto esta mancha odiosa me converter em causa de teu horror e tua repugnância, a vida... a vida é uma carga da qual me livraria com prazer.

Nathaniel Hawthorne ¹

Não sabia que fazer plástica doía.

Débora Secco

A imposição de um modelo de beleza corporal cada vez mais rígido implica a propagação de novos tipos de condenação moral, que envolvem a acusação de negligência àqueles que não conseguem se enquadrar nesse padrão. Assim, enquanto uma ampla parcela da população mundial ainda convive cruamente com os fantasmas da fome, os imperativos da prevenção e do *fitness* estão se tornando compulsórios para uma outra parcela da população igualmente grande — e em ritmo crescente. Espalha-se, por todos os cantos do nosso planeta globalizado, uma verdadeira obsessão pela saúde, pela juventude e pela beleza.

Tais fenômenos parecem alimentar novos vetores do **biopoder**, um tipo de poder que focaliza diretamente a vida a fim de controlar suas manifestações nos corpos, nas subjetividades e nas populações. Hoje, tais dispositivos se desenvolvem em um contexto novo e bastante diferente daquele que vigorava até pouco tempo atrás nas sociedades industriais do Ocidente. Nas últimas décadas, vem ocorrendo um fenômeno inédito: a privatização das **biopolíticas** (outrora estatais, e portanto públicas) e a disseminação da lógica da empresa por todos os âmbitos. Reformulando, portanto, esses conceitos forjados por Michel Foucault em suas análises da sociedade industrial, hoje as políticas que enfocam a vida e apontam para a modelação de suas reverberações não se dirigem prioritariamente aos cidadãos dos antigos Estados-Nação, mas a outro tipo de “sujeitos

¹ HAWTHORNE, Nathaniel. “La Mancha de Nacimiento” (1843). In: BERGA, Miquel (Org). *Cinco mujeres locas*. Cuentos góticos de la literatura norteamericana. Barcelona: Ed. Lumen, 2001; p. 27-28.

livres”): os consumidores, aqueles mais confortavelmente inseridos nos circuitos integrados deste nosso capitalismo pós-industrial e globalizado.²

Esses sujeitos são claramente **indivíduos**, e espera-se que ajam como tais. Pois no difícil contexto da sociedade contemporânea é preciso planejar a própria vida como os empresários delineiam as estratégias de seus negócios: avaliando os riscos e fazendo as escolhas certas; ou seja, aquelas que visem a maximizar a “qualidade de vida” de cada um. Como reza o nome de uma revista vendida todos os meses nas bancas do Brasil, cada um deve se comportar como um empresário que faz de si mesmo uma empresa: *Você S.A.* Neste mundo articulado pelas leis impiedosas do mercado universal, todos devem assumir seus papéis não apenas de consumidores mas também de gestores de si, administrando seus capitais vitais para exibir um bom desempenho e um perfeito domínio de si. No que tange à **imagem corporal** — assim como em todos os demais aspectos, porém com um cuidado especial devido à sua alta relevância deste elemento na nova lógica — os recursos pessoais e privados devem ser otimizados, gerenciando as opções de acordo com parâmetros de custo-benefício, performance e eficiência. Desse modo, o “espírito empresarial” se espalha pelo corpo social inteiro e penetra nos corpos individuais, passando a pautar todos os aspectos da vida.

A idéia de **risco** é especialmente proeminente nesta nova configuração, pois denota várias transformações com relação àquela outra sociedade que se organizava em torno do capitalismo ancorado na indústria. Esse tipo de formação social, que vigorou ao longo do século XIX e teve seu apogeu na primeira metade do século XX, ainda era uma **sociedade da escassez**. Como tal, devia ser administrada por um Estado regulador cuja função primordial consistia na **distribuição da riqueza**. Embora reproduzida de maneira um tanto esquemática, essa é a forma com que o sociólogo alemão Ulrich Beck conceitua o Estado de bem-estar em seu livro já clássico sobre a *Risk Society*, no qual elucida uma série de mudanças relativamente recentes na lógica de funcionamento das sociedades ocidentais.

Com a progressiva satisfação das necessidades materiais e, de certo modo, com a virtual eliminação do problema da escassez — afirma Beck — a partir dos avanços tecnocientíficos e dos conseqüentes excessos na produção de bens, teria emergido um

² Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980; FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000; FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1977. Cf. também SIBILIA, Paula. Biopoder. In: *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 157-202.

efeito colateral imprevisto: aumentaram consideravelmente o número e a dimensão dos riscos e das ameaças, tanto em nível individual como global. O lado obscuro do crescimento das forças **produtivas** na modernização é, curiosamente, um incremento paralelo das forças **destrutivas**. O filósofo italiano Roberto Espósito exprime muito bem uma das faces mais cotidianas e atuais deste paradoxo: “a hipertrofia das tecnologias de segurança que caracterizam cada vez mais as sociedades contemporâneas” não seria uma consequência direta do aumento na quantidade de perigos *reais*; ao contrário, seria um dos principais motores desse aumento, pois “em vez de adequar a proteção ao efetivo nível do risco, tende-se a adequar a percepção do risco à crescente demanda de proteção, convertendo assim a proteção em um dos maiores riscos”.³

Em decorrência de todos esses processos, nas últimas três décadas foi configurando-se um novo perfil estatal, vinculado às tendências privatizantes do neoliberalismo. Nesta **sociedade do risco**, a função do Estado passa a ser a de garantir uma certa **distribuição desses riscos** entre os membros da população — envolvendo a **prevenção** e o **controle** — e não mais uma distribuição da riqueza (já nem tão) escassa. Essa última tarefa seria deixada, cada vez mais, em mãos do **mercado** e dos próprios **indivíduos**.

Mas cabe acrescentar, aqui, um parêntese importante: é preciso adicionar a esse quadro a imposição de uma certa lógica vinculada ao **consumo** como um ingrediente fundamental da sociedade atual, que considera apenas certos segmentos da população e ignora – ou *exclui* – aqueles que ainda são atingidos pela velha (porém virulenta) lógica da escassez. E, portanto, não é mais necessário se ocupar deles, pois em vários sentidos eles *não existem*. A separação entre ambos os grupos sociais, porém — os que *contam* e os que *não contam* na sociedade contemporânea — parece exigir uma elaboração mais complexa daquela efetuada por Ulrich Beck como sendo, basicamente, uma diferença entre “primeiro mundo” e “terceiro mundo”. Uma tentativa mais precisa (em sua admitida imprecisão) é a que Bauman opera entre “turistas” e “vagabundos”, por exemplo, ambos entremeados nas sociedades ricas e pobres de um planeta cada vez mais globalizado, como categorias que se misturam no dia-a-dia das grandes cidades e que possuem limites difusos, com o *risco* permanente de qualquer uma delas se

³ ESPÓSITO, Roberto. *Immunitas: Protección y negación de la vida*. Madri: Ed. Amorrortu, 2005.

converter subitamente em seu oposto.⁴ Somente considerando estas importantes ressalvas é possível afirmar, junto com Beck, que hoje “o problema do **sobrepeso** toma o lugar antes ocupado pela **fome**”,⁵ como duas metáforas perfeitamente atinadas das fantasmagorias mais pregnantas, respectivamente, das sociedades da **abundância** e das sociedades da **escassez**.

Aparentados com os espectros obesos que se multiplicam sem cessar, esses riscos *high-tech* que hoje nos assombram também são decorrências do excesso, pois não se trata mais dos clássicos perigos vinculados à escassez ou à precariedade que tradicionalmente vigoraram em todos os tempos e espaços do longo drama humano. Pelo menos nesse sentido pontual, trata-se de um fenômeno radicalmente novo. E ainda há outra questão igualmente nova e inquietante: a **fome** (fruto da **escassez**), se for considerada um problema absoluto, é do tipo que poderia ser inteiramente resolvido: basta comer, e ela será saciada. Já o **risco** (fruto do **excesso**) é um problema de outra natureza, pois por sua própria definição *jamais* poderá ser eliminado de vez. O risco é uma probabilidade; e como tal, em maior ou menor grau, ele *sempre* existirá.

Essa variável do grau de incidência pode (e, cada vez mais, *deve*) ser calculada em cada circunstância particular, mas há uma verdadeira tragédia na base: o risco nunca poderá ser eliminado completamente. E ainda há outro elemento perturbador: mais uma vez, diferentemente de problemas como a **fome** (que afeta apenas a alguns e pode ser saciada), o **risco** afeta a *todos* os indivíduos — em menor ou menor *grau*, eis a questão.⁶ A conclusão é terrível: não há como fugir dele, e tampouco é possível esquivar a sua minuciosa lógica do cálculo, da negociação e da prevenção sem fim.

Vale a pena insistir mais um pouco nestes contrastes. Ao contrário do que ocorre com o exemplo da fome, só pode haver risco se for possível **escolher** entre várias opções disponíveis e, a partir daí, tomar **decisões**. Em total concordância com as regras básicas do ideário neoliberal, portanto, a responsabilidade é de cada indivíduo. Retomando o exemplo da obesidade e do sobrepeso como um *risco* que a todos pode afetar, cada um também pode — como empresário de sua própria vida — optar por limitar (*ou não*) certos prazeres atuais a fim de evitar o sofrimento no futuro. Assim, a

⁴ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

⁵ BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. Londres: Sage, 2002. p. 20.

⁶ Cumpre lembrar que essa é, também, uma das características fundamentais do biopoder, conforme as definições do próprio Foucault: a capacidade de afetar a todos os indivíduos, o tempo todo; ao longo de toda a vida. Cf. FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996.

lógica da distribuição do bem-estar foi relegada aos indivíduos, pois com a crise do Estado benfeitor cada um deve *cuidar de si*.

De acordo com seu novo perfil, agora o Estado só pode cuidar dos *prudentes*.⁷ Neste sentido, é sintomática a proposta do governo da Austrália de instituir um imposto especial para os obesos mórbidos — aqueles que excedem em mais de 50 quilos o peso considerado padrão — por eles onerarem o sistema público de saúde.⁸ A mensagem é clara: se a *culpa* é deles, então não cabe ao Estado assumir a responsabilidade; são eles próprios que devem *pagar* por isso.

É precisamente nesse contexto que, definidos como consumidores, todos os indivíduos devem possuir planos de saúde durante a vida toda; porque sempre estarão “virtualmente doentes”, sempre sob o risco de adoecer. Por isso todos os meses, todos os indivíduos (todos os que *contam*) devem pagar uma taxa às empresas médicas encarregadas de lhes garantir uma certa segurança perante a ameaça dos riscos. É claro que os famintos estão excluídos desta definição, como foi evidenciado no capítulo anterior: eles não possuem planos de saúde porque não são consumidores. Em mais de um sentido, portanto, eles *não existem*. Não é o caso dos obesos, nem dos que estão acima do peso e muito menos de todos os demais: aqueles que correm o risco de algum dia entrar nessas categorias; justamente por isso, todos eles constituem um mercado dos mais florescentes.

Cabe lembrar aqui da definição de Gilles Deleuze, para quem o consumidor é o homem *endividado* da sociedade contemporânea, um regime pós-disciplinar, que está deixando para trás o perfil dócil e útil daquele homem *confinado* analisado por Michel Foucault. Feliz possuidor de cartões bancários, de crédito e débito — e de planos de saúde — que oferecem acesso aos mais diversos bens e serviços por meio de senhas em sistemas digitais e, é claro, do pagamento de mensalidades suavemente obrigatórias, o consumidor está condenado à dívida perpétua. Diferente do que ocorria no capitalismo apoiado com todo seu peso sobre a indústria, em sua versão mais atual o endividamento não constitui um estado de exceção; em vez disso, é uma condenação permanente.

⁷ Sobre estas e outras questões relacionadas com a noção de risco, ver os estudos de Paulo Vaz, tais como: VAZ, Paulo. “Corpo e risco”. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F; KOSOVSKI, E. (org.). *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999; e VAZ, Paulo. “O corpo-propriedade”. In: NETO, Antonio Fausto; PINTO, Milton (org.), *Mídia e Cultura*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

⁸ DUARTE, Sara. “Guerra à fast-food”. *Época*, 16/08/2004. <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT794005-1664-1,00.html>.

Convertida em uma espécie de moratória infinita, a finalidade da dívida não consiste em ser liquidada mas em permanecer eternamente como tal: flexível, instável, negociável, contínua. Embora possa parecer paradoxal, na nossa sociedade do controle e dos riscos chega a ser um sinal de “pobreza” não ter dívidas: não dispor de acesso ao *crédito*, carecer de *credibilidad* no mercado.

Mas o próprio Deleuze ensina que, em algum sentido, essas mudanças não são tão radicais como parecem. Porque tanto o antigo esquema de confinamento, disciplina e vigilância, por um lado, como a nova modalidade de negociação constante entre riscos e seguranças, consumo desenfreado e dívida ilimitada, por outro lado; ambos representam mecanismos de **exclusão**. A miséria da maioria da população mundial parece ser uma característica estrutural do capitalismo, em todos os tempos e lugares em que foi implementado. Se durante o apogeu industrial um grande contingente permanecia às margens do esquema disciplinar porque seus membros eram “numerosos demais para confinamento”, agora se revelam “pobres demais para a dívida”. E o que é ainda pior: em grau e proporção crescentes. Estima-se que em 1750, quando o mundo adentrava na violenta aventura da industrialização a diferença econômica entre os países mais ricos e os mais pobres era de cinco para um. Dados do ano 2000 mostram que a greta tem se aprofundado em 390 vezes, e nada indica que esse brutal movimento centrífugo esteja prestes a se deter.

Longe de minguar seus efeitos, portanto, a virulência dos dispositivos de *exclusão* socioeconômica está aumentando hoje em dia, enquanto o marketing se transforma em um poderoso instrumento de controle social e de *inclusão* — mas apenas daqueles indivíduos antes definidos como “incluíveis” em sua própria lógica do consumo. Por isso, como diria Deleuze, os profissionais dessa atividade hoje conformam “a despudorada raça de nossos senhores”. E não surpreende, neste contexto tão dificilmente apreensível, que os métodos tradicionais de luta política tenham perdido eficácia. Por isso, o próprio Deleuze instou à busca de novas armas em seu célebre artigo de 1990: ferramentas políticas inovadoras, que sejam capazes de estremecer os circuitos integrados deste novo regime de poder, abrindo o horizonte para outras possibilidades. Como bem concluía o filósofo, cabe aos jovens descobrir “a que estão

levados a servir”, assim como seus bravos antecessores delataram “não sem esforço” os cruéis mecanismos da sociedade industrial.⁹

Em um mundo que consagra a *prudência* como um dos valores mais prezados e convenientes, porém, não surpreende que a **segurança** se torne a grande demanda social e o único fim ainda legítimo da política, e que a incerteza e o pânico dominem as subjetividades mais enfraquecidas e vulneráveis, inscritas em um nível jamais vivenciado de individualismo, de “declínio do homem público”, de “corrosão do caráter” e de enorme descrédito quanto às possibilidades da ação política.¹⁰ Tornam-se incompreensíveis, neste quadro, alguns elementos de outras cosmovisões, como a antiga “ética do guerreiro” e as conotações positivas que o ato de *se arriscar* poderia implicar.¹¹ Ao contrário, a epopéia mesquinha da “gestão de si” é individualista, refratária aos coletivos e fortemente apolítica.

Curiosamente, esta nova lógica se apresenta como mais uma torção da velha ética protestante, com seus tradicionais ascetismos e outros sacrifícios que residem na base do *pathos* burguês. A imagem que com mais força se evoca, porém, é a daquela medrosa toupeira que protagoniza uma das fábulas mais impressionantes de Franz Kafka: *A construção*.¹² Uma exacerbação do individualismo mais avarento combinada com o paroxismo da segurança — lembremos que as principais atividade da criatura kafkiana consistiam, precisamente, em acumular alimentos e em aumentar a segurança de sua toca — além de uma fobia feroz com relação aos outros e às infundáveis ameaças do mundo exterior. Em uma sociedade articulada pelos riscos, pelas políticas do terror e pelo pânico individual, é o futuro (possivelmente terrível para cada um) que determina e molda o presente (que, mesmo sendo morno ou medíocre, se quer imutável e eterno). Mas essa moldagem é exercida sob a forma da *prevenção*, da prudência e do medo, e não mais sob os ímpetus revolucionários da *construção*, da reflexão ética e da ação política, ou até mesmo das antiquadas utopias.

⁹ DELEUZE, Gilles. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle”. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 209-226.

¹⁰ Cf. SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: Tirantias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999. Cf. também BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

¹¹ Cf. TAYLOR, Charles. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

¹² KAFKA, Franz. *A construção*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

7

SACRIFÍCIO

**Novos ascetismos:
dor, tempo e dinheiro pelo “corpo perfeito”**

Vou me esforçar, preciso disso.. eu venho nessa há muito tempo, mas é o que sempre digo, se um dia eu tivesse parado, pode ter certeza, eu seria uma obesa mórbida, porque minha vontade de comer é intensa, e é essa a razão pela que eu tenho que forçar meu corpo a entrar em starvation... Gordos precisam de dieta para o corpo, magros precisam de Ana para a alma.

Netotchka - *Anorexic Life*¹

A culpa é sempre indubitável.

Franz Kafka²

O título deste capítulo pode parecer alheio a uma sociedade como a nossa, que alardeia os consumos hedonistas e na qual parece vigorar um imperativo do gozo constante e da felicidade compulsória. Por ventura, haveria lugar para qualquer **sacrifício** neste quadro? Como vimos, todo um conjunto de mitos, crenças, narrativas e metáforas que estão se espalhando rapidamente pelo nosso planeta, levam a desprezar a materialidade do corpo humano. Este é condenado por ser *impuro* em um novo sentido: imperfeito e finito; orgânico, demasiadamente orgânico. E, portanto, fatalmente condenado à decomposição e à obsolescência. Para compensar tais fraquezas carnis é preciso praticar uma certa *purificação*; e, para isso, impõe-se toda uma série de privações e sacrifícios.

A acusação de impureza relativa ao corpo humano não é uma novidade histórica. No entanto, a poluição atual não é idêntica à que vigorou em outros períodos da nossa civilização, apesar de algumas semelhanças bastante significativas. Neste nosso Ocidente secularizado, um universo globalmente sincronizado pelos vaivens e pela lógica do mercado, e abarrotado de dispositivos tecnocientíficos que cumprem os mais diversos fins, parece inconcebível qualquer expiação em nome dos valores transcendentais de outrora. Por isso, as novas formas de *ascetismo* que hoje se desenvolvem entre nós mantêm uma relação complexa e direta, embora aparentemente

¹ Netotchka tem 16 anos, mora em Marília e possui um blog na Internet chamado *Anorexic Life*. A frase aqui citada foi postada na Web no dia 24/10/2004. <http://www.anorexics.blogger.com.br>. Convém esclarecer que “Ana” é o termo utilizado para nomear a anorexia, no jargão das adeptas do movimento ProAnorexia, enquanto “Mia” nomeia a bulimia.

² KAFKA, Franz. *Na colônia penal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 15.

contraditória, com as práticas hedonistas do consumo e das sensações. Essa curiosa amalgama dá à luz a uma série de rebentos característicos da era atual: da prolífica bibliografia de auto-ajuda a toda a farmacopéia antioxidante, envolvendo uma miríade de produtos e serviços que cobrem das cirurgias estéticas aos suplementos vitamínicos e aos alimentos *ligh*t, dos *spas* e os *personal trainers* até os *jujitsu* e os *power-yoga*.

O novo receituário da expurgação compreende, assim, das dietas à musculação, toda uma série de práticas acéticas de novo cunho, que exigem dos sujeitos uma disciplina férrea e uma intensa série de sacrifícios – além de tempo e dinheiro, dois fatores primordiais na presente formação histórica. Tudo isso na procura de uma certa *pureza*. Mas de que pureza se trata? O objetivo explícito de tais rituais não consiste em alcançar a excelência pública (como na polis grega) ou a comunhão com Deus (como nas experiências místicas), pois não se almeja uma libertação dos caprichos do corpo para dominar a si mesmo e aos outros, ou para transcender a vida mundana atingindo outras alturas.³ A nova moralização das práticas corporais, entretanto, possui metas bem mais prosaicas: vencer no mercado das aparências, obter sucesso ou ganhar eficiência, efetuar uma boa performance física e sobretudo visual. Enfim: todos valores mercadológicos, todos fatores bem cotados no mercado de valores contemporâneo. O termo *fitness* torna a delatar, assim, sua origem etimológica em língua inglesa, e se mostra como uma palavra de ordem que incita a se *adequar* ao modelo hegemônico: tanto de forma literal como simbólica, trata-se de *incorporar* seus valores.

Em uma nossa sociedade cada vez mais impregnada pela cultura do espetáculo e pela moral das sensações, a procura pela adequação ao “corpo perfeito” tem desviado a atenção de setores crescentes da população global no que tange ao **cuidado de si**.⁴ Este conjunto de práticas, crenças e rituais não aponta mais para a vida *sentimental* (como na Modernidade) nem para a vida *pública* (como na Grécia Clássica) mas para a vida *física*. Assim, no contexto contemporâneo, “cuidar de si” deixou de remeter à preservação dos costumes e dos valores burgueses — a preocupação com o enriquecimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais — para focalizar suas atenções no **cuidado do corpo físico**: o cultivo das sensações e o trabalho do

³ Cf. ORTEGA, Francisco. “Da ascese à bio-ascese, ou do corpo submetido à submissão ao corpo”. In: RAGO, M.; ORLANDI, Luiz e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002: p. 9-20.

⁴ Sobre o conceito de “cuidado de si”, ver FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

aspecto corporal como uma bela imagem; a conquista da beleza, da saúde, da longevidade e da boa forma.

Enfim: todas novidades históricas, pois tanto a velha educação cívica como a sentimental, sempre mantiveram em um segundo plano as sensações corporais e o cuidado das funções e formas físicas — isto é, a trivialidade da vida biológica. O desdém pelo corpo orgânico é comum, tanto à antiga tradição política ou guerreira baseada na ação, como à educação burguesa intimista e sentimental. No primeiro quadro, o corpo era um mero instrumento bruto que devia utilizar-se para efetuar as conquistas cívicas; no segundo caso, a brutalidade da carne podia ser uma ameaça à delicadeza da interioridade psicológica. Por isso, as paixões baixas e os instintos agressivos deviam ser trabalhados e disciplinados, na procura do aprimoramento sentimental, intelectual, moral e espiritual. Em ambos os casos, portanto, o cuidado de si não apontava para o corpo físico como um *fim*, mas apenas como um *meio* para atingir outros fins tidos como mais “nobres” ou transcendententes.

Nas novas práticas aqui analisadas, porém, o cuidado de si passa a focalizar o corpo físico *per se*. É por isso que estas novas formas de preocupação consigo constituem, em seu conjunto, o que Francisco Ortega denomina *bio-ascese*.⁵ Toda uma série de práticas, técnicas e rituais que contribuem para a criação de *biodidentidades*, isto é, um tipo de identidade na qual as características anatomo-fisiológicas do corpo constituem o referente fundamental. Porque este renascer contemporâneo do ascetismo não implica um trabalho sobre si para se colocar a disposição dos outros e do mundo; trata-se, ao contrário, de uma *corpolatría* que se inicia e se esgota em si própria, como um tipo de ascese “humanamente pobre e socialmente fútil”.⁶ Este deslocamento do foco do cuidado de si pode acarretar importantes implicações éticas e políticas, pois se o corpo passa a ocupar “o nicho dos ideais”, em contrapartida será preciso desalojar ou espremer em algum recanto menos central das nossas preocupações os antigos protagonistas destas práticas; isto é: “os ‘grandes’ sentimentos, pensamentos ou ações”.⁷

⁵ ORTEGA, op. cit.

⁶ COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 20.

⁷ COSTA, op. cit.; p. 94.

Entretanto, embora pareçam tão modestas e até pífiyas, essas metas “pouco nobres” dos novos ascetismos não devem conduzir a engano, pois esses imperativos são levados muito a sério por seus devotos praticantes. Entende-se que em seu nome — e somente em seu nome — qualquer *sacrifício* seja legítimo; mesmo em uma sociedade como a nossa, na qual os antigos valores transcendentais aos que remete esse termo pareciam ter se esvaziado de sentido.⁸ Não é raro, porém, que as novas práticas bio-ascéticas levem seus adeptos até à morte, como informam as notícias já cotidianas sobre complicações em cirurgias plásticas ou falecimentos por ingerir anabolizantes de uso veterinário; sem mencionar uma vertente que ainda se mantém longe desse tipo de noticiários: a crescente incidência de doenças como a anorexia e a bulimia, que em suas versões mais graves costumam ser fatais.

Cada época, ao que parece, inventa suas próprias formas de *masoquismo*, e a nossa não é uma exceção. Se nos velhos tempos protagonizados pela subjetividade “sentimental”, dominados pelo ideal do amor romântico e pelo dispositivo da sexualidade, os sofrimentos jorravam dos desejos insatisfeitos que colidiam com as rígidas normas sociais; hoje, em pleno declínio da interioridade psicológica e de todo aquele paradigma subjetivo, muitas aflições parecem emanar fundamentalmente da inadequação corporal. Isto é, da falta de *fitness*. Por isso, o novo cuidado de si exige grandes doses de disciplina e força de vontade, e a moralização decorrente pode ser implacável no julgamento daqueles que não conseguem se adequar: os estultos, os negligentes, os fracos.

É curioso que esta procura tão intensa pela felicidade corporal, tanto em termos de beleza como de saúde e bem-estar físico, seja capaz de incitar também — em casos extremos — à própria destruição do corpo. Os exageros na tentativa de *sarar* e *malhar* o próprio corpo para adequá-lo aos padrões da boa imagem podem ter conseqüências imprevistas: em vez de se *curar*, o organismo humano pode evidenciar violentamente seus limites e *quebrar-se* ou até mesmo *morrer*.

A geração que hoje têm por volta de 50 ou 60 anos encarna a viva prova desta tendência: acostumados a praticar a cartilha completa do bio-ascetismo para manter-se

⁸ Sobre as relações entre dor, conforto, sacrifício e tecnologias do corpo na sociedade contemporânea, ver também FERRER, Christian. “La curva pornográfica. El sufrimiento sin sentido y la tecnología”. *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 5, p. 5-11, fev. 2004. Cf. também OCAÑA, Enrique. “Técnica y metafísica: sobre la esencia del dolor”. *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 2, p. 40-51, mar. 1998.

jovens, belos e saudáveis, esta nova leva de adultos está “desbordando os limites convencionais das capacidades físicas da mediana idade”. Como consequência destes exageros nas novas formas do cuidado de si, ao longo da última década, as lesões esportivas cresceram 33% nesse segmento de idade.⁹

Curiosamente, então, a corpolatria faz do próprio corpo um centro privilegiado de preocupações e sofrimentos, não apenas de prazerosas sensações. Pois, como explica Jurandir Freire Costa, “o narcisismo sensorial leva o eu a dirigir a agressividade motora para o corpo próprio, no intuito de torná-lo conforme a imagem ideal”.¹⁰ Nesses casos, por existir um forte desequilíbrio entre a intensidade das sensações e o nível de agressões, o sujeito pode até mesmo perder a noção de que a sua vida está em perigo. E ainda pode haver “ganhos masoquistas com a auto-mortificação”, independentes dos danos físicos e mentais que tais exageros possam acarretar.

São bastante diversas as variantes em que se manifesta essa tendência a dirigir a agressividade para o próprio corpo. Da compulsão pela “correção” cirúrgica de todos os “defeitos” presentes na própria superfície corporal, aos exageros na prática do fisiculturismo a fim de obter um corpo musculoso — um tipo de comportamento obsessivo conhecido como vigorexia. Da fixação pelo consumo exclusivo de alimentos “saudáveis e naturais” para evitar engordar ou adoecer (ortorexia) até a intensa procura pela magreza que pode desembocar em patologias como a anorexia ou a bulimia. Cabem ainda, neste conjunto, as ansiedades suscitadas pela temível exposição diante do olhar alheio que poderá julgar severamente o próprio aspecto corporal se este for “inadequado”, desencadeando fobias sociais como a síndrome de pânico.

Tudo isto exprime as diversas faces de uma “doença” tão penosa como vergonhosa: a desgraça da inadequação corporal. Daí a virulência, por vezes tão insensata que chega a beirar o absurdo, de todo esse ódio à flacidez e à gordura que impera entre nós. Pois tamanho desconforto com relação à materialidade orgânica do corpo humano costuma ter algumas ressonâncias insólitas — que, no entanto, podem ser interessantes para iluminar a tese aqui exposta, pois se apresentam como sintomas do problema aqui analisado. Uma delas é aludida em uma notícia publicada originalmente no jornal *The New York Times* sob o título “O jejum prolongado vira moda em um setor

⁹ PENNINGTON, Bill. “Mediana edad: El baby boom llena los gimnasios... y los consultorios”. *La Nación*. Buenos Aires, 17/04/2006; p. 12.

¹⁰ COSTA, Jurandir Freire. “O uso do corpo como objeto transicional”. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 123.

da classe média alta”. O artigo se refere a um novo hábito tido por *salutar*, explicado da seguinte maneira: “deixar de comer alguns dias ajuda a purificar o corpo contaminado pela comida-lixo e a mente fustigada pelo estresse”. Uma nutricionista citada no texto assevera que o jejum conduz a uma depuração completa do corpo: “permite que o sistema digestivo descanse e dá tempo para que as enzimas se dediquem a curar os órgãos, a rejuvenescer as células e voltar o tempo para trás, além de fazer com que a agulha da balança retroceda”.

Mas a reportagem também cita as vozes dissonantes de alguns profissionais da área de saúde, que alertam contra os perigos envolvidos nessa retórica da pureza corporal e esclarecem que “nossos corpos não estão sujos”. Uma psicóloga especializada em distúrbios alimentares, por sua vez, afirma que “a mera idéia de que seja possível superar as necessidades corporais e a estimulação ambiental à comida transmite uma sensação de pureza e de virtude”. A estranha moda talvez não seja tão estranha assim: ela tem “motivos óbvios”, conclui o artigo, porque hoje a dieta e a saúde despertam um interesse crescente: “muitas pessoas reagem com força diante da atitude insalubre da sociedade com relação aos alimentos, pois temem o impacto da comida-lixo em suas vidas e o fantasma da obesidade, que vai crescendo com os anos”.¹¹

Trata-se de uma releitura paradoxal — e, sem dúvida, carregada de feroz ironia — da famosa música de Chico Buarque, *Brejo da Cruz* (1984). Neste caso, porém, a novidade de “se alimentar de luz” não é mais um atributo exclusivo dos pobres abjetos esfomeados, mas também dos membros do extremo oposto da pirâmide social; aqueles que desesperadamente desejam fugir de uma nova ameaça de abjeção: a gordura. De novo, curiosamente, esses extremos parecem se encontrar hoje em dia, parodiando o capitalismo contemporâneo como uma fabulosa máquina de produção de **excesso** e de **falta** ao mesmo tempo. Assim, muito bem delimitados em termos sócio-culturais e econômicos, o *fantasma da fome* e o *fantasma da gordura* assombram os sujeitos contemporâneos de modos bastante diferentes e até mesmo contraditórios (e, talvez, inclusive complementares). Em ambos os casos, embora de forma perversamente distinta, impõe-se o mesmo sacrifício: *não comer*.

O fenômeno é ilustrado de maneira incrivelmente literal pelo “casal que se alimenta de luz”, uma notícia que foi bastante divulgada pela mídia em anos recentes,

¹¹ GRIGORIADIS, Vanessa. “El ayuno prolongado se puso de moda en un sector de la clase media alta norteamericana”. *Clarín*, Buenos Aires, 02/09/2003. <http://old.clarin.com/diario/2003/09/02/s-03701.htm>.

demonstrando uma capacidade singular para impregnar o nosso imaginário social. Parece uma fábula, mas não é: a brasileira Evelyn Levy Torrence, de 40 anos de idade, e seu marido Steve Torrence, norte-americano, contam a quem quiser ouvi-los que perderam “o vício de comer”. Ambos juram não ter ingerido absolutamente nenhum alimento desde 1999, diminuindo também drasticamente o consumo de líquidos. “Trata-se de um processo de purificação orgânica, como uma cura de desintoxicação”, explica o casal, que mora na Florida (EUA) e integra uma agrupação internacional composta por milhares de pessoas dedicadas a seguir os ensinamentos da australiana Jasmuheen, autora do livro *Viver da Luz*, quem também afirma praticar esse “estilo de vida” desde 1993.¹² De acordo com esta perspectiva, o hábito de comer não constitui uma necessidade biológica do organismo humano mas um “vício mortal”, que se pode (e se *deveria*) perder. “Só comemos porque estamos viciados em comida, uma dependência causadora de 90% das doenças da humanidade”.¹³

É interessante comparar o site deste etéreo casal na Web — intitulado *Vivendo da Luz*,¹⁴ com toda sua eloquência neo-gnóstica de espiritualização e superação triunfante dos limites corporais — com os weblogs que aderem ao movimento conhecido como *ProAnorexia*, nos quais adolescentes vítimas desse transtorno dismórfico e seus distúrbios alimentares confirmam sua opção por tais “estilos de vida” e defendem seus “direitos de não comer”. As autoras desses blogs publicam fotografias delas próprias e de suas heroínas que lhes proporcionam *thinspiration* ou “inspiração para emagrecer” (como a modelo Kate Moss e a atriz Calista Flockhart), trocam informações e truques para perder peso e glorificam a capacidade de “controlar” o próprio corpo. Uma delas, por exemplo, desabafa assim: “Tenho que tirar essa banha que está no meu corpo, tenho que conseguir e vou conseguir; nós todas vamos ser magras e lindas, vamos ser perfeitas; unidas, temos muito mais força para combater a comida!”.¹⁵ Outro desses sites se apresenta assim: “A anorexia não é uma doença e nem

¹² JASMUHEEN, *Viver da Luz*. São Paulo: Ed. Aquariana, 2001. <http://www.jasmuheen.com>.

¹³ SANTOS FERREIRA, Paula. “Viver da Luz”. *A Capital*. Lisboa, 7/09/2001.

¹⁴ Vivendo da Luz: <http://www.vivendodaluz.com>.

¹⁵ EPPRECHT, Catharina. “Grupos defendem anorexia e bulimia”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/9/2004.

um jogo; é uma habilidade, aperfeiçoada somente por umas poucas pessoas: os escolhidos, os puros, os impecáveis”.¹⁶

A retórica, como se vê, é quase idêntica à utilizada pelo casal que “se alimenta de luz”. E pode ser comparada, também, com os discursos dos adeptos do *biochip*.¹⁷ Os membros desse último grupo, cabe lembrar, defendem a adoção de uma dieta baseada em brotos de grãos e sementes, por serem portadores de nutrientes e — assim como os chips dos computadores — de “memória natural” e “informação viva”. No mesmo movimento tende-se a condenar todos os demais hábitos alimentares, aqueles adotados pelos “outros”, categoria contra a qual eles se recortam por serem *biocidas*: poluem a Terra, envenenam as células, intoxicam o corpo e degradam a saúde, entre outros malefícios igualmente sombrios.

O contraste entre os diversos tipos de estratégias purificadoras aqui apresentadas, no entanto, é atroz. Toda a pulcra imaterialidade, a pureza não-orgânica e a cândida luminosidade do primeiro caso, assim como a pureza “viva” e digitalizante dos *biochips*, se estilham no caso das *proanoréxicas*. Em contraposição àquela leveza supostamente incorpórea revestida com um verniz de *irrealismo zen* bem ao gosto midiático, aqui, corpos evidentemente mortificados protagonizam um drama marcado pela teimosia da carne e pelo intenso sofrimento psicofísico dessas jovens que desejam dela se livrar. De alguma maneira, porém, todas essas experiências estão aparentadas, e sugerem a existência de uma raiz comum: uma atmosfera que as excede e as engloba, um certo clima sócio-cultural, econômico e político que as acolhe e as torna possíveis. Não constituem, certamente, os únicos exemplos de artistas da fome” que hoje proliferam, genuínos fundamentalistas da **norma** em meio à crescente cultura do **risco**.¹⁸

Há quem enxergue, porém, nestas formas tipicamente contemporâneas de jejum voluntário, novas modalidades de “resistência”. Posições desse tipo costumam surgir de

¹⁶ DOMINGO, Laura. “Centenares de 'webs' proanorexia animan a jóvenes a adelgazar”. *El Mundo*, Madri, 15/9/2001. Convém esclarecer que sites deste tipo costumam ser banidos e retirados da Internet. No entanto, eles continuam a proliferar; basta digitar o termo “proanorexia” em um site de busca como o Google para se ter acesso a vários deles, dos mais diversos países e nas mais variadas línguas.

¹⁷ Ana Branco: <http://venus.rdc.puc-rio.br/anabranc>; Vida Saudável: <http://www.riototal.com.br/saude/arqsau54.htm>; *Biochips: aprendendo com os alimentos vivos*. http://www.users.rdc.puc-rio.br/anabranc/portugues/arquivos/biochip_mayra.doc. Ver também Capítulo 3 desta tese.

¹⁸ Cf. KAFKA, Franz. “Un artista del hambre”. In: BORGES, Jorge Luis (Org.). *Kafka: El buitre*. Buenos Aires: Ediciones Librería La Ciudad, 1979.

uma vertente bem delimitada: certo feminismo acadêmico norte-americano.¹⁹ Os argumentos mais habituais procuram provar que essa capacidade de mortificar e “controlar” o próprio corpo equivaleria a utilizar a última cidadela da autonomia para inscrever nela uma mensagem de oposição. O corpo flagelado seria, então, de acordo com essa perspectiva, um campo propício para exercer a resistência política quando já não restam outras formas de fazê-lo, assim como em outros tempos e outros espaços teria ocorrido com santos, faquires e grevistas.²⁰ Alguns autores reivindicam, inclusive, o parentesco entre estes comportamentos e outros tipos de resistências femininas à opressiva cultura patriarcal ao longo da nossa história, como é o caso de santas, bruxas e históricas.²¹

Apesar de levantarem vários pontos interessantes, as explicações deste tipo não terminam de convencer. Até porque não parece clara a fronteira entre o “controle do próprio corpo” e a falta total de controle, e tampouco compreende-se qual seria o valor político dessas resistências mortais. Em vez de um desafio às tirânicas regras vigentes, a estratégia da fome parece expressar uma obediência excessiva a tais ditames; inclusive abdicando, nesse gesto fatal, de toda possibilidade de realmente *fazer* alguma coisa. E além disso resta a pergunta: por que não seria possível exercer outras formas de ação política hoje em dia, movimentos capazes de ultrapassar os corpos individuais com ambições e metas coletivas?²²

Para concluir, deixando esse interrogante em aberto, cabe ainda deslizar aqui um último lembrete. Se sob o amparo de uma certa cultura *new age* de inspiração orientalista, a luz do sol é apresentada como capaz de nutrir os corpos humanos e mantê-los vivos — além de mais belos e sadios — sem a necessidade de poluí-los com

¹⁹ Alguns exemplos: ECKERMAN, Liz. “Foucault, embodiment and gendered subjectivities. The case of voluntary self-starvation”. In: PETERSEN, Alan; BUNTON, Robin (Orgs.) *Foucault, Health and Medicine*, London, Routledge. p. 151-169; BORDO, Susan. “Eating disorders: The feminist challenge to the concept of pathology”. In: LEDER, Drew (Org.). *The body in medical thought and practice*. Dordrecht/Boston/Londres: Kluwer Academic Pubs., 1992. p. 179-196; MILES, Margaret. “Textual Harassment: Desire and the Female Body”. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 49-63.

²⁰ GOODWIN, Jean; ATTIAS, Reina. “Eating disorders in survivors of multimodal childhood abuse”. COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 34.

²¹ Cf. FENDRIK, Sílvia. *Viagem ao País do Nunca-comer*. São Paulo: Ed. Via Lettera, 2005.

²² Possíveis respostas para esta questão podem ser encontradas em BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000; e SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: Tirânicas da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

alimentos grosseiramente materiais, vale lembrar ainda que uma proposta semelhante emerge de outro campo fundamental da cultura contemporânea: a tecnociência. Trata-se da já mencionada “comida digital”; isto é, a intenção de produzir alimentos compostos apenas de software, substâncias imateriais escritas em código informático.²³ Também neste caso, ingere-se apenas a mais pura luz, mas aqui ela é literalmente *digital*.

²³ “Device Simulates Food”. *Technology Research News*. 6/08/2003. http://www.technologyreview.com/articles/rnb_080603.asp. Ver também Capítulo 3 desta tese.

8

PUREZA

**Toda viscosidade orgânica será repelida:
o ideal da pureza digital**

– Georgiana, jamais pensaste na possibilidade de apagar essa mancha da tua bochecha? ...Saíste das mãos da Natureza tão próxima da perfeição que o menor defeito... escandaliza-me, por parecer um sinal visível da imperfeição terrena. Vendo-a tão perfeita em todo o resto, porém, aquele único defeito pareceu-lhe cada vez mais intolerável à medida que passavam os dias de sua vida em comum. Era o estigma fatal da humanidade, que a Natureza imprime sob uma ou outra forma em todos seus produtos, ora para que se entenda que são temporais e finitos, ora para indicar que a sua perfeição exigirá esforço e dor.

Nathaniel Hawthorne ¹

*Pois não irei encontrar entre rosas tão pálidas
uma flor que se aproxime do meu vermelho ideal.*

Charles Baudelaire ²

Ao longo dos diversos capítulos desta tese foi mencionado repetidamente o termo *pureza*. Mas que estranha forma da pureza é esta, cuja busca se impõe desesperadamente em um mundo que parece comandado pelas mais prosaicas leis do hedonismo, da gula consumista e das sensações corporais?

Em suas reflexões sobre o “mal-estar na pós-modernidade”, Zygmunt Bauman lembra dos ideais de ordem, limpeza, beleza e pureza que regiram a civilização moderna, e que levaram Sigmund Freud a enunciar a dinâmica do princípio de **liberdade** individual sendo sacrificado em nome da **segurança**, como foi belamente exposto em seu famoso ensaio *O mal-estar na cultura*. Mas, como Bauman assinala em seus próprios textos, isso ocorreu no distante ano de 1930, e de lá para cá muitas coisas mudaram. Essa lógica que vigorou ao longo da Modernidade e que Freud elucidou de maneira magistral, hoje teria se invertido. Agora os indivíduos sacrificam boa parte da sua **segurança** (outrora medida em termos de ordem, limpeza, beleza e pureza) em nome de um valor que seria ainda mais supremo e desejado: a **liberdade**. Com a troca de prioridades, porém, desdobra-se um interessante jogo paradoxal: “quando é a vez da segurança ser sacrificada no templo da liberdade individual, ela furta muito do brilho da

¹ HAWTHORNE, Nathaniel. “La Mancha de Nacimiento” (1843). In: BERGA, Miquel (Org). *Cinco mujeres locas*. Cuentos góticos de la literatura norteamericana. Barcelona: Ed. Lumen, 2001. p. 24.

² BAUDELAIRE, Charles. “El Ideal XVIII”. In: *Las flores del mal*. Barcelona: Ed. Planeta, 1984. p. 29.

antiga vítima”.³ E eis que, como sempre é mais prezado aquilo que se tornou escasso e faz sentir a sua falta, hoje, no suposto império das liberdades individuais sem limites e do hedonismo radical, nosso mercado de valores teria em alta nada menos que a segurança, com todo seu séqüito saudosista de velhas purezas.

Mas o que seria mesmo essa pureza que hoje renasce com tanto ímpeto? Uma certa visão do mundo, ao que parece: um equivalente da ordem. Por isso, o oposto do *puro* (isto é, o impuro, o sujo, a poluição, enfim: o *abjeto*) equivale àqueles elementos que desafiam uma certa *ordem* (isto é, um ambiente definido como regular e estável, um meio confiável). A busca da pureza, portanto, consiste em se livrar desses elementos perturbadores da ordem: as impurezas. Mary Douglas é uma das referências obrigatórias quando se trata deste assunto. Em seu famoso livro *Pureza e Perigo*, a antropóloga norte-americana também associa as impurezas à desordem, e conclui que a busca da pureza é universal: trata-se de um padrão cultural presente em todos os grupos humanos.

Não é difícil intuir o forte peso moral que a idéia de pureza carrega, com suas inevitáveis conotações do *bom*, do *limpo* e do *belo*, em franca oposição a seus contrários certamente indesejáveis: o *mau*, o *ruim*, o *sujo*, o *feio*. E, visto que para que existam os *puros* devem existir necessariamente os *impuros*, ressurge aqui outra categoria problemática: os *escolhidos*, ou seja, aqueles que se encontram mais perto da pureza que todos os demais — os *outros*. Não deve surpreender, portanto, que este conceito tenha sido um dos alicerces da doutrina nazista; no caso, a pureza da raça ariana. Como lembra Bauman em seu artigo precisamente intitulado “O sonho da pureza”, a Alemanha de Hitler guiou-se por um projeto estético que visava a aniquilar tudo aquilo que fugia de uma suposta ordem harmoniosa.

O ensaísta espanhol Félix de Azúa faz uma análise semelhante: o Terceiro Reich teria sido “um estado profundamente *artístico*”, tendente à implantação universal de um determinado “corpo belo”. Um projeto político fundado na “construção de uma obra de arte vivente: o ariano, que não se distinguiria por sua alma, seu espírito ou seu intelecto, mas por sua fisiologia, como as *top-models* que hoje tanto agradam e são tão simpáticas”.⁴ Assim, purificar a raça implicava uma tarefa ativa de eliminação das impurezas, lembra novamente Bauman, protegendo seu límpido ideal “da obstinada

³ BAUMAN, Zygmunt. “O sonho da pureza”. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998; p. 11.

⁴ AZÚA, Félix de. *Diccionario de las Artes*. Barcelona: Ed. Planeta, 1995; p. 68.

presença de pessoas que não se ajustavam, que estavam fora de lugar, que estragavam o quadro”. Pois tais sujeitos *inadequados* “ofendiam o senso esteticamente agradável e moralmente tranquilizador da harmonia”.⁵ É importante sublinhar que os motivos de tamanha inadequação não residiam na *interioridade* da sua alma ou psique, mas na *exterioridade* do seu corpo. O desajuste estava à vista: na própria aparência corporal, na cor da pele, do cabelo e dos olhos; nas medidas anatômicas; e no privilégio de se ter um certo sangue ou determinada herança genética.⁶

Embora possam parecer exagerados — e algo assustadores — são inegáveis os paralelismos dessa cosmovisão com os sonhos propagados pelas imagens da beleza e pelas metáforas da saúde que hoje assediam por toda parte, com sua persistente incitação ao *fitness*: a *adequação* corporal aos padrões vigentes. Para ilustrar essas “relações perigosas” também no que tange à saúde, cabe lembrar ainda que o próprio Hitler era vegetariano, que a “alimentação natural e saudável” foi um dos lemas de sua doutrina, e que as campanhas antitabagistas começaram no regime nazista. Tudo isso fazia parte do programa que visava a atingir uma determinada pureza corporal, que estaria intimamente vinculada à beleza *natural* do corpo ariano. Alguns estudiosos da atual obsessão com a saúde, de fato, relacionam de maneira bastante direta o nosso culto ao “corpo perfeito” e certos componentes do nazismo.⁷

Por um lado, entre nós, o *corpo ruim* se torna um dos alvos prediletos dos julgamentos e condenações morais. Por outro lado, valores capazes de hierarquizar categoricamente os indivíduos surgem daquilo que se considera o *corpo bom*: um organismo investido pelos novos saberes hegemônicos emanados da tecnociência; um corpo munido de todos os *gadgets* de praxe e impulsionado pelo sucesso (tanto midiático como técnico) das novas ciências da vida. Essa tendência contemporânea no está isenta de perigos, como se vê, pois o ressurgimento de critérios biológicos ou

⁵ BAUMAN, op. cit.; p. 13.

⁶ Essas ambições estéticas na busca da “pureza corporal” e da beleza da raça ariana podem ser corroboradas nos filmes de Leni Riefenstahl, a cineasta favorita de Hitler, especialmente *Olympia: the festival of beauty, the festival of the people* (1936) e *O triunfo da vontade* (1934). Também vale conferir os filmes do diretor sueco Peter Cohen: *Homo Sapiens 1900* (1998) e *Arquitetura da Destruição* (1989).

⁷ Cf. EDGLEY, Charles e BRISSETT, Dennis. “Health nazis and the cult of the perfect body: some polemical observations”. *Symbolic Interaction*. Vol. 13, n. 2, 1990. Para aprofundar nestas questões, ver as noções de *healthism* e *unhealthy other* nos seguintes artigos: CRAWFORD, Robert. “Healthism and the medicalization of everyday life”. *International Journal of Health Services*, vol. 10, n. 3, 1980; CRAWFORD, Robert. “The boundaries of the self and the unhealthy other: reflexions on health, culture and aids”. *Social Sciences and Medicine*, vol. 38, n. 10, 1994. E, ainda, consultar a coletânea ERICSON, Richard; DOYLE, Aaron (Orgs). *Risk and Morality*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

anatomo-fisiológicos para classificar os sujeitos pode desembocar em novas formas de discriminação com bases científicas; isto é, da ordem do inquestionável — tanto hoje em dia como em plena Modernidade. Não é casual que alguns autores estejam questionando o possível advento de uma “nova frenologia”,⁸ e de vertentes renovadas da fisiognomonia⁹ e da eugenia.¹⁰

Além das experiências genéticas, da eutanásia não consentida e de outras práticas já conhecidas por seu controvertido passado — e por sua filiação a projetos fáusticos de reformatação humana, não só na Alemanha nazista como também na antiga União Soviética —, a cirurgia plástica também possui uma história pouco digna, embora menos conhecida. Vínculos ancestrais ligam a origem dessa especialidade médica, no final do século XIX, à “correção” de traços raciais considerados *inferiores*, como as intervenções que permitiam “restaurar” narizes e orelhas associados ao fenótipo judeu, bem como outros traços condenados pela fisiognomonia.¹¹ Cem anos depois, quando tais saberes notoriamente racistas perderam toda legitimidade científica, já em plena era do “politicamente correto”, a cirurgia plástica se populariza em todos os cantos do nosso planeta globalizado. Porém, é significativo que tal auge denote uma incidência inusitada nos países asiáticos: a Coreia do Sul, por exemplo, registra a média mundial mais alta desses cirurgiões por habitante. Naquelas regiões, faz sucesso uma especialidade notável: as técnicas que prometem eliminar os traços tipicamente orientais para “*ocidentalizar as aparências*”, tais como o formato dos olhos e dos pômulos. Refletindo tais tendências, foi lançado na China um concurso de beleza exclusivo para mulheres transformadas dessa maneira: cirurgicamente *desorientalizadas*.¹²

⁸ A ameaça do surgimento de uma “nova frenologia”, legitimada nos postulados da neurociência contemporânea, é o tema do livro de UTTAL, William. *The New Phrenology*. The limits of localizing cognitive processes in the brain. Cambridge/Londres: The MIT Press, 2001.

⁹ Cf. BALTRUSAITIS, Jurgis. *Aberrações*: Ensaio sobre a lenda das formas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

¹⁰ Vários autores sublinham as ambições eugênicas da engenharia genética e de outras áreas da tecnociência contemporânea, sem referências raciais ou nacionalistas explícitas porém guiadas pela igualmente perigosa “mão invisível” do mercado. Cf. RIFKIN, Jeremy. *O século das biotecnologias*: A valorização dos genes e a reconstrução do mundo. São Paulo: Makron Books, 1999. Cf. também SIBILIA, Paula. “A alquimia dos genes e dos bits: uma eugenia a gosto do consumidor”. In: *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 146-156. O assunto também é problematizado no filme *Gattaca, a experiência genética* (Andrew Niccol, EUA, 1997). Para uma interessante história da eugenia, ver o filme *Homo Sapiens 1900* (Peter Cohen, Suécia, 1998).

¹¹ GILMAN, Sander. *Making the body beautiful*: A cultural history of Aesthetic Surgery. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2001.

¹² LIBEDINSKY, Juana; SCHERER, Fabiana. “La belleza global”. Revista *La Nación*. Buenos Aires, 10/10/2004. <http://www.lanacion.com.ar/642983>.

Impossível não remeter, então, à eugenia nazista? Há, porém, no contexto contemporâneo, pelo menos uma diferença fundamental: todas as aberrações que conspiram contra o “corpo perfeito” de hoje em dia parecem ter possibilidade de *cura*. Através das cirurgias plásticas e outras técnicas à venda, como se sabe, o corpo *ruim* pode ser corrigido: curado ou *sarado*, lipoaspirado. Portanto, diferentemente do que postulavam as teorias e práticas eugênicas da primeira metade do século XX, hoje a condenação não é necessariamente fatal e tampouco deve ser contornada mediante políticas públicas comandadas pelos Estados-Nação. Nesta “nova eugenia” da beleza e do mercado, a salvação depende de cada um. E, como também se sabe, alimenta um mercado bastante suculento.

Considerando esse contexto extremamente delicado, ganha novos contornos o crescente horror às adiposidades que recheiam os corpos humanos: a nossa *lipofobia*. Pois essa repugnância suscitada pela gordura não envolve apenas a intensa vontade de extirpá-la do próprio organismo (purificando-o mediante as técnicas *bio-ascéticas* e demais sacrifícios); esse desgosto contempla, também, o impulso de condenar a sua presença nos corpos alheios. Como afirma o historiador William Ian Miller em seus estudos sobre o *nojo*: trata-se de “um sentimento moral e social”. Como tal, o nojo parece desempenhar um papel semelhante e complementar ao da pureza: “classifica as pessoas e as coisas de acordo com uma espécie de ordenação cósmica”.¹³

Mary Douglas revela outro detalhe importante: não existe a sujeira absoluta. As coisas são puras ou impuras conforme as definições de quem as observa; ou seja, de acordo com uma certa cosmologia. E se toda pureza implica a criação de uma ordem, o objetivo desse movimento consiste na adaptação do mundo a uma idéia. Purificar não é uma atividade *negativa*, portanto, de mera eliminação da sujeira, mas uma atividade *positiva*: deflagra a luta por atingir um **ideal**.¹⁴ E cada modelo de pureza tem seu próprio modelo da sujeira que precisa ser ativamente combatida. Assim, tanto o nojo como “seu primo-irmão, o desprezo” assumem fortes significados políticos, relegando coisas e pessoas à categoria de *inferiores*, e propagando pretensões supostamente legítimas de superioridade e distinção. Mas parece haver outra constante universal: a **contaminação** do *inferior* costuma ser mais forte e pregnante do que a capacidade de **limpeza** do

¹³ MILLER, William Ian. *Anatomía del asco*. Madri: Ed. Taurus, 1998. p. 22.

¹⁴ DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

superior.¹⁵ Assim, abre-se a porta para todos os excessos e fundamentalismos nos programas de purificação — excessos que, por definição, jamais serão suficientes.

Além de legitimar a estigmatização dos outros (os não-escolhidos, os *impuros*) a idéia de pureza ainda ganha força em outro sentido. Nesta “sociedade dos riscos” em que atualmente vivemos, o *impuro* é portador de uma enorme potência negativa, pois é capaz de alterar a ordem e a tão prezada segurança, poluindo o mundo com uma ação tão *simbólica* como *real*.¹⁶ Assim, como mostram os diversos exemplos comentados ao longo desta tese — dos blogs proanoréxicos à comida digital, dos adeptos do biochip até o casal que se alimenta de luz — cabe deduzir que certos alimentos e certos “estilos de vida” tidos como perniciosos, hoje se apresentam como agentes poluidores da ordem. E desempenham um papel tão central em nossa cultura porque ameaçam nada menos que a pureza das formas do *corpo bom*. Colocam em **risco**, portanto, o último grande **ideal** que todos os membros da sociedade ocidental parecem almejar. É por isso que, para combater tais poluições, nenhuma estratégia será exagerada e nenhum sacrifício deverá ser poupado.

Neste contexto, parece lógico que os fumantes sejam estigmatizados por serem incapazes de cuidar da sua própria saúde; e sobretudo por colocarem em risco, de maneira irresponsável, a saúde alheia. Do modo semelhante, os obesos são desprezados por demonstrarem uma incapacidade flagrante para administrarem sua própria aparência com sucesso; isto é, por não saberem cuidar da sua *imagem*. O mesmo veredicto se aplica, cada vez mais, a qualquer pessoa cujo aspecto se distancie do modelo considerado “certo” ou *puro*, de acordo com a nossa cosmologia e com o conceito hegemônico de ordem que vigora entre nós: o *corpo bom* (e *belo*). Portanto, apesar da exacerbação do individualismo na sociedade contemporânea, da doutrina da “correção política” e do “pluralismo multicultural”, bem como da ênfase na livre-escolha e na responsabilidade individual, todos alicerces da nossa *risk society*, observa-se esta forte moralização das práticas corporais, e a evidente estigmatização de todos aqueles que não se enquadram nos rígidos padrões culturalmente impostos.

Mas talvez ainda caiba indagar uma questão insidiosa: por que tanto investimento em nome de um ideal tão pouco insigne? Por que hoje é tão valorizada

¹⁵ MILLER, op. cit.; p. 31.

¹⁶ Cf. HACKING, Ian. “Risk and Dirt”. In: ERICSON, Richard; DOYLE, Aaron (Orgs). *Risk and Morality*. Toronto: University of Toronto Press, 2003. p.22-47.

essa pureza das formas do *corpo bom*? Com a crise da “vida interior”, e o deslocamento da *essência* da identidade pessoal para as recônditas moléculas imaterializadas do DNA e da química cerebral, o **corpo** tem se tornado uma valiosíssima **imagem** a ser exibida. Pois é precisamente no aspecto visual do corpo, último grande refúgio da subjetividade, onde cada um *mostra* o que é. E, como se sabe, essa imagem *deve* ser jovem, bela e magra. Por tudo isso, o sujeito que estiver acima do peso considerado normal (ou *bom e belo*) será reprovado, acusado de não ser um bom gestor de si e de ser moralmente fraco. Pois em um mundo comandado pelos ditames do mercado e no qual vigora a administração individual dos capitais vitais, o lema é evidente: “só é gordo quem quer”. E, sendo óbvio que ninguém poderia mesmo “querer” tal coisa, supõe-se que só estará acima do peso quem não conseguir se auto-controlar. Ou seja, quem for incapaz de não ser gordo; quem além de impuro é negligente, ineficaz, fraco. Enfim: uma auto-empresa falida. Considerando essa falha de caráter, o sujeito *inadequado* é impelido a se adequar. Para isso, deverá recorrer às ferramentas fornecidas pela tecnociência e fazer *upgrade* do seu corpo obsoleto: atualizar-se, reciclar-se, recriar-se.

De acordo com esta perspectiva, hoje o desvio da normalidade não estaria encarnado nas perversões sexuais (como apregou longamente o saber psiquiátrico constituído no século XIX), do mesmo modo que o estigma não se baseia em categorias explicitamente nacionalistas ou raciais. As novas versões dos desvios, perversões, estigmas e condenações morais apontam para a negligência e o desleixo, ou a incapacidade individual de manter o auto-controle com relação a certos itens específicos: alimentos hiper-calóricos, cigarros, álcool, drogas, etc. Os sujeitos que se *desviam* são justamente aqueles que não *cuidam de si* neste novo sentido: aqueles que não conseguem tratar e moldar seus corpos da forma “certa”, falhando em sua função de auto-gestores. Em síntese: são aqueles que não conseguem cultivar estrategicamente a sua *imagem* pessoal. A falha é grave: esses seres perturbadores, maculados pela impureza, podem chegar a ser excluídos até mesmo da própria categoria de sujeitos. Pois, de certo modo, tais criaturas estariam no limiar da humanidade, sempre ameaçadas de caírem no domínio das monstruosidades e das aberrações. Ou quiçá pior ainda: da *invisibilidade*; uma condenação atroz em uma cultura como a nossa, cada vez mais seduzida pelas leis espetáculo.

Não é difícil encontrar indícios dessa estigmatização, e da crescente condenação moral que a nossa sociedade pende sobre todos aqueles que estão acima do peso.¹⁷ Um âmbito da nossa cultura onde isto se reflete de maneira exacerbada é nos reality-shows cujos participantes são obesos ou têm sobrepeso, e nos quais o objetivo consiste em emagrecer o mais possível e *eliminar* aqueles que não conseguem atingir a meta. Toda a retórica da fraqueza da vontade, da responsabilidade individual, das falhas morais e do estigma costuma estar presente nestes novos programas de TV que fazem sucesso em todo o mundo, além de exercer uma humilhação sistemática sobre os participantes que voluntariamente se submetem a esses maus-tratos. Também aqui parece inevitável a comparação com os campos de concentração nazistas, dos quais apenas podiam se salvar os “corpos *bons e puros*” dos arianos; embora as diferenças também sejam enormes e especialmente significativas.¹⁸

É sintomático que tornem a se tocar, aqui, os dois extremos do mal-estar corporal contemporâneo: o mais novo, produto do *excesso*, e o mais tradicional resultado da *falta* — a **obesidade** e a **fome**. Pois ambas as encarnações da impureza contemporânea (e do sacrifício do *não-comer*) suscitam o desprezo e provocam nojo. Bem diferenciados em termos socioeconômicos e culturais, porém, os dois tipos de corpos são estigmatizados de maneira semelhante. Esse desdém torna-se especialmente notório quando é praticado pelos profissionais de saúde, como denunciaram recentemente as agrupações de defesa dos direitos dos obesos nos Estados Unidos. Por sua vez, os famintos da favela Pelá, em Salvador, referiram-se de forma semelhante ao trato que recebem dos médicos que trabalham no posto de saúde pública mais próximo

¹⁷ Sobre a estigmatização dos obesos na sociedade contemporânea, ver MOSS, Donald. “Obesity, Objectification, and Identity: The encounter with the body as an object in obesity”. In: LEDER, Drew (Org.). *The body in medical thought and practice*. Dordrecht/Boston/Londres: Kluwer Academic Pubs., 1992. p. 179-196. Sobre o conceito de “estigma” em geral, cf. GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade manipulada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982; e FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹⁸ No Brasil, o primeiro programa do gênero foi produzido em 2005 pelo canal SBT; intitulado “O grande perdedor”, oferecia um prêmio de R\$ 300 mil ao participante que conseguisse perder mais peso em dez semanas, enquanto os demais seriam gradativamente eliminados em função do seu fracasso. Na Argentina, atualmente a TV aberta transmite um programa deste tipo todos os dias da semana, denominado “Cuestión de peso” (canal 13 de Buenos Aires). Todos são adaptações locais do pioneiro norte-americano “The biggest loser”, transmitido com bastante sucesso pela rede NBC em 2004. Para efetuar o programa brasileiro, os 14 participantes foram escolhidos entre os 33 mil candidatos que se inscreveram voluntariamente (de acordo com uma pesquisa do IBGE divulgada em dezembro de 2004, são 10,5 milhões as pessoas obesas no Brasil). Na época da estréia deste reality-show na TV brasileira, foram publicadas várias críticas referidas ao “show de grosserias” oferecido pelo programa, “com incontáveis perguntas preconceituosas e piadas de mau gosto em torno da gordura dos candidatos”. Cf., por exemplo, CAMACHO, Marcelo. “Silvio Santos, o grande perdedor”. *No Mínimo*, Rio de Janeiro, 06/05/2005.

do local: “aí só tem uma médica boa, o resto pensa que a gente é porco”, diz uma das entrevistadas pela nutricionista Maria do Carmo Soares de Freitas durante seu trabalho etnográfico, “são um bando de enfermeira e médico tudo grosso, tem nojo da gente”.¹⁹

No mais, outros extremos tornam a se cruzar neste ponto: assim como os padrões de beleza têm estreitado gradativamente as medidas consideradas “ideais” ao longo das últimas décadas — cada vez é preciso ser mais magra para ser considerada realmente “magra”—, também é verdade que as definições de “gordo” têm mudado de maneira equivalente e complementar em esse mesmo período.²⁰ Como mostra um estudo realizado pelo sociólogo Claude Fischler sobre a percepção dos obesos no mundo ocidental: “era preciso sem dúvida, no passado, ser mais gordo do que hoje para ser julgado obeso e bem menos magro para ser considerado magro”.²¹ Além disso, acompanhando esta veloz ampliação da impureza corporal em nossa sociedade, a mencionada pesquisa comprova que o velho estereótipo do gordo como um sujeito “simpático e bonachão” se converte, cada vez mais, em alguém *nojento* e *desprezível*, contaminado pela impureza e moralmente fraco.

Neste árduo contexto, não surpreende que estejam se tornando endêmicos certos distúrbios alimentares e distorções da imagem corporal, como a anorexia, a bulimia, a vigorexia e a ortorexia. Todas patologias que outrora constituíam casos raros e isolados, mas nos últimos tempos estão se espalhando de forma alarmante. A proliferação destes transtornos parece um efeito imprevisto — e certamente indesejado — da *corpolatria* contemporânea, da “moral das sensações” que vem solapando a velha “moral de sentimentos” na nossa sociedade guiada pelas leis do espetáculo, e o conseqüente aumento da importância que a performance sensorial do corpo e seu valor como imagem vêm desempenhando na construção dos nossos ideais de felicidade.

A anorexia e a bulimia, por exemplo, eram patologias praticamente desconhecidas pelo público leigo até pouco tempo atrás, porém nas últimas décadas têm se alastrado com a velocidade e a virulência de um vírus. Sobretudo entre as adolescentes das classes médias e altas das grandes cidades do mundo ocidental, com

¹⁹ SOARES de FREITAS, Maria do Carmo. *Agonia da Fome*. Salvador: EdUFBA/Fiocruz, 2003; p. 71

²⁰ Para constatar essas mudanças nos padrões de beleza em direção a um ideal corporal mais magro, alto e esguio, cf. VIGARELLO, Georges. *Historia de la belleza*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005; e o Capítulo 2 desta tese.

²¹ FISCHLER, Claude. “Obeso Benigno, Obeso Maligno”. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.

especial incidência em certos países da América Latina.²² De acordo com estudos publicados nos últimos anos em periódicos como o *Journal of Adolescent Health* e o *American Journal of Psychiatry*, a *anorexia nervosa* é a terceira doença crônica mais freqüente entre as adolescentes, depois da obesidade (!) e da asma. Existe um amplo leque de quadros *anorexoides*, todos caracterizados por uma busca tenaz da magreza e uma auto-avaliação baseada prioritariamente no aspecto corporal. No extremo mais grave figura a *anorexia vera*; cujas vítimas são mulheres em sua grande maioria: 90%. Em todos os casos, porém, o principal fator determinante da auto-estima é a eficácia conseguida no controle do próprio peso, visando à sua diminuição constante e sem fim.

As sondagens históricas revelam que os antecedentes mais remotos destes transtornos, na longínqua Idade Média, apontavam para a busca de **beatitude** através da **privação** alimentar. Curiosamente, já naqueles tempos remotos, esses episódios atípicos vinham com a marca feminina. O mais conhecido é o caso de Santa Catarina de Siena, que com 15 anos de idade iniciou uma severa restrição alimentar com motivações místicas, e acabou morrendo de desnutrição aos 32. Cumprindo rigorosamente o voto de castidade, seus hábitos incluíam diversas práticas de auto-flagelamento; quando forçada a alimentar-se, por exemplo, induzia o vômito inserindo galhos na garganta. Não foi a única: Santa Clara de Assis e Santa Teresa de Ávila, por exemplo, são outros casos famosos daquilo que alguns autores contemporâneos denominam “santas anoréxicas”, um fenômeno característico da Alta Idade Média. Entre as quase anônimas, há registros de pelo menos 260 freiras italianas que viveram entre os anos 1200 e 1600; todas elas adotaram comportamentos semelhantes, recorrendo a inanição como uma forma de ascetismo que visava à pureza espiritual e à comunhão com Deus.²³

No âmbito científico, entretanto, o primeiro caso documentado desta patologia data de 1689. Mas a *anorexia nervosa* só emergiria como uma entidade clínica independente e com nome próprio em 1873, com os relatos quase simultâneos de um médico inglês, William Gull, e um psiquiatra francês, C. Lasègue.²⁴ Já nestes primeiros

²² De acordo com pesquisas internacionais divulgadas recentemente, a Argentina é o segundo país em quantidade de casos de anorexia com relação à população nacional; precedido apenas pelo Japão. SHAPIRA, Valeria. “Anorexia: cómo enfrentarla en familia”. *La Nación*, Seção “Ciencia/Salud”. Buenos Aires, 30/11/2002, p. 14; http://www.lanacion.com.ar/02/11/30/sl_454087.asp.

²³ BELL, Rudolph. *Holy anorexia*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

²⁴ A psicanalista argentina Silvia Fendrick, autora de vários estudos sobre os transtornos alimentares, oferece um dado que — mesmo sendo ostensivamente irrelevante para os propósitos desta tese — foi impossível não deslizar aqui. Em seu livro mais recente, uma espécie de breve história ilustrada da

casos registrados, estão presentes o medo de engordar e a vergonha ou até mesmo a aversão ao próprio corpo, e a especial incidência do transtorno entre as jovens mulheres. Contudo, somente a partir de 1960, com o rápido aumento do número de pacientes, a doença foi reconhecida como uma síndrome psiquiátrica específica. Por sua vez, a *bulimia nervosa* tem uma história bem mais curta: a primeira descrição data de 1979. Mas seus avanços foram muito velozes: atualmente, refletindo sua vertiginosa importância clínica e epidemiológica, o número de artigos dedicados a analisar a bulimia chega a superar a quantidade de estudos sobre sua irmã mais velha, a anorexia. Aquela pesquisa hoje histórica que a descobrira há 25 anos, sugeria que o quadro era uma estranha evolução da anorexia, pois as pacientes mostravam um “impulso irresistível para comer excessivamente” seguido de “vômitos auto-induzidos como forma de purgação e um medo mórbido de engordar”.²⁵

Diante destas descrições, uma dedução parece óbvia: a sintomatologia destes distúrbios alimentares e dismórficos parece denotar um tipo de adaptação compulsiva às normas vigentes na nossa sociedade. Algo assim como uma exageração doentia na procura do *fitness*, que acaba desorbitando suas premissas na tentativa de adaptar o próprio corpo ao **ideal** mediante a **purificação** total de sua condição orgânica. Prova disso é a alta incidência desta patologia entre as modelos — isto é, aquelas mulheres que melhor adequaram seus corpos aos padrões ideais que vigoram entre nós; pois calcula-se que a anorexia afeta nada menos que 92% das profissionais das passarelas.²⁶

Não deixa de constituir certo paradoxo estes “fundamentalismos da norma” em uma sociedade como a nossa, que alardeia o triunfo definitivo das liberdades individuais e do hedonismo, instando à negociação permanente entre os riscos e os benefícios de

anorexia, Fendrik lembra que Sir William Gull, médico pessoal da Rainha Vitória e da família real britânica, é um dos principais suspeitos de ser o famoso assassino serial Jack o Estripador. Essa hipótese foi recriada no filme *Do Inferno* (Albert e Allen Hughes, EUA, 2001). FENDRIK, Silvia. *Viagem ao País do Nuncacomer*. São Paulo: Ed. Via Lettera, 2005.

²⁵ CORDAS, Táki Athanássios; CLAUDINO, Angélica de Medeiros. “Transtornos alimentares: fundamentos históricos”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo, Dec. 2002, vol.24 supl.3, p.03-06.

²⁶ A estimativa pertence ao psicólogo Marco Antônio de Tommaso, que trabalha para várias agências de modelos no Brasil. “Elogios, trabalhos, nada satisfaz a vaidade dessas moças”, afirmou o psicólogo em uma entrevista publicada na mídia; “querem estar cada vez mais magras, achando que isso fará com que sejam mais bem aceitas”. A título de exemplo, citou o caso da modelo paranaense Andrea Ulsenheimer, de 27 anos, que, com 1,70 metro de altura e 54 quilos, “se acha gorda e faz de tudo para perder peso”, chegando a passar até três dias sem ingerir alimento algum. “Tenho prazer em ver minha barriga para dentro e sinto pânico quando alguém me olha fixamente na rua, logo imagino que está me achando gorda”, confessa a própria modelo. MARTINS, Elisa; CASTRO, Inês de. “O risco da vaidade”. *Revista Época*, N° 336, Rio de Janeiro, 25/10/2004.

cada livre-escolha. Mas a disseminação destas patologias parece ser um efeito indesejado da “cultura somática” na qual vivemos, uma repercussão inesperada do “culto ao corpo” sobre o equilíbrio emocional de seus cultores: uma tentativa desesperada do eu para encarnar a imagem narcísica desejada pelo Outro.²⁷ Pois nessa dinâmica impõem-se metas extremamente desafiadoras, que são cada vez mais difíceis de concretizar: *seja diferente e seja você mesmo*, porém sempre dentro dos limites restritos de certos padrões ideais a serem emulados (e comprados), que se tornam cada vez mais rígidos e opressivos.

No complexo jogo de forças que impulsiona a nossa sociedade, desponta um vetor chamativo: uma certa vontade de transcender a materialidade orgânica do corpo. São muitos e bastante diversos os âmbitos da nossa cultura nos quais emerge esta curiosa “rejeição corporal à corporeidade”.²⁸ A expressão reproduzida entre aspas pertence à pesquisadora norte-americana Gail Weiss, que analisa tal tendência como sendo uma exacerbação de um fenômeno universal e de um mecanismo psicológico “normal” na construção da **imagem do eu**: a exclusão do **abjeto**.²⁹ Isto é algo “repulsivo” ligado à animalidade do corpo humano, às vísceras e às secreções orgânicas: “muco, fezes, urina, sangue, suor, saliva, vômitos, odores desagradáveis, líquidos seminais, etc”.³⁰ Enfim: o lado mais hediondo do pólo material do velho dualismo cartesiano, tradicionalmente desdenhado ao longo da história ocidental por se opor à transcendência imaterial da mente ou da alma. Esse elemento repulsivo costuma ser expulso da unidade corporal, uma entidade simbolicamente construída a partir da experiência sempre fragmentária do **corpo** e respeitando a norma culturalmente imposta.

Qual seria, então, a peculiaridade que leva um “mecanismo psicológico normal” a se converter em um transtorno epidêmico e um verdadeiro mal de época? Vejamos a resposta de Weiss. Embora o abjeto seja normalmente excluído das construções identitárias, ele sempre permanece assediando nas sombras e constitui uma ameaça

²⁷ Cf. COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 16-17.

²⁸ WEISS, Gail. “The abject borders of the body image”. In: WEISS, Gail e FERN HABER, Honi (Orgs.) *Perspectives on Embodiment: The Intersections of Nature and Culture*. Londres e Nova York: Routledge, 1999.

²⁹ Sobre o conceito laciano de “abjeto”, ver KRISTEVA, Julia. *Pouvoirs de l’horreur*. Paris: Seuil, 1980.

³⁰ COSTA, op. cit.; p. 74.

permanente de desestabilização para a unidade do eu. Os sujeitos “saudáveis”, porém, habituam-se a negociar com tais pressões, e conseguem manter as fronteiras dentro de limites toleráveis para a unidade subjetiva. Já aqueles que sofrem de patologias vinculadas às distorções da imagem corporal, ao contrário, exprimiriam uma incapacidade de negociar entre a norma que ensina o **modelo ideal** e a multiplicidade de **imagens corporais** decorrentes da experiência do corpo vivo. Nesse processo, fomenta-se uma excessiva coerência da imagem corporal, uma entidade que habitualmente é fluida e instável.

Essa demanda por uma “excessiva coerência”, essa compulsão por *enrijecer e sarar* aquilo que costuma ser brando e fluido, parece evocar uma busca desesperada por aqueles quatro elementos que compunham a velha segurança dos “mal-estares da cultura” analisados por Freud e Bauman: ordem, limpeza, beleza e pureza. Pois essa rigidez e essa dura obstinação na coerência acabam dando à luz a subjetividades “fundamentalistas” da imagem do corpo ideal; isto é, daquele modelo que opera como uma norma na nossa sociedade. A identidade individual se projeta nessa imagem especular (e cultural, portanto intersubjetiva), e adere a ela rigorosamente, a fim de obter o reconhecimento nos olhos dos outros. Na base deste fenômeno parece se esconder um temor excessivo à fragmentação identitária; e, também, um certo pavor suscitado pela viscosidade orgânica do corpo — ou seja: pelo abjeto que *deve* ser banido.

No entanto, ainda merecem uma breve reflexão aqueles antecedentes medievais da anorexia. Não é difícil enquadrar esses primeiros casos conhecidos de comportamento anoréxico, protagonizados por aquelas freiras com vocação beatífica, como episódios habituais nos mosteiros da época. Afinal, as práticas ascéticas exprimiam a excelência das virtudes enaltecidas pelo cristianismo: uma vontade de transcender as necessidades materiais do próprio corpo, refreando as tentações da carne para atingir um estado de pureza espiritual. Contudo, também naqueles tempos esses comportamentos extremos suscitavam perplexidade e temores, e costumavam ser reprimidos pelas autoridades da Igreja. As “santas anoréxicas” obedeciam seus mandatos de beatitude de uma forma exagerada: em um contexto absolutamente distinto ao contemporâneo, elas também eram fundamentalistas da pureza. E algumas semelhanças com a epidemia atual são chamativas: em ambos os casos, trata-se de encarnar “estados ideais” — beatitude na Alta Idade Média, magreza na sociedade

ocidental contemporânea. Além disso, em ambos os quadros há uma violenta intolerância às conseqüências que poderia ter a ingestão da comida; rejeita-se a sexualidade e se constata vários traços comuns, tais como a hiper-atividade, o perfeccionismo e a auto-suficiência.³¹

Ainda assim, embora as práticas sejam semelhantes, seus sentidos contextuais divergem amplamente; de todo modo, essas origens místicas da anorexia não devem passar despercebidas. Nos últimos anos, vários pesquisadores da atual obsessão com a saúde e a beleza corporal associaram tais crenças e práticas com o puritanismo — não por acaso, estas questões parecem ter raízes especialmente fortes nos Estados Unidos. A herança da “ética protestante” parece evidente, tanto na austeridade dos regimes alimentares como no moralismo dos exercícios físicos.³² Constata-se assim, portanto, que os novos fundamentalismos da imagem corporal que hoje em dia proliferam, não exalam apenas confusas lembranças dos velhos ascetismos cristãos da Idade Média e dos (nem tão velhos) dogmas nazistas; mas também há neles fortes reminiscências puritanas. Cumpre lembrar que tais visões do mundo não foram especialmente gentis com as materialidades do corpo humano, e que todas elas manifestaram uma genuína obsessão pela idéia de *pureza*.

Em um instigante artigo sobre as relações entre puritanismo e culto ao corpo, o historiador Jean-Jacques Courtine recorre ao exemplo hipertrófico dos *body-builders* para comparar uma série de imagens prototípicas de corpos masculinos considerados “ideais” em distintas épocas; todo um cânone que vale a pena evocar aqui. Na década de 1920, a figura de Charles Atlas impregnou o imaginário da época vendendo a possibilidade de converter qualquer corpo — inclusive o mais “desfavorecido” de todos, com muito esforço e dedicação — no exemplo mais perfeito de robustez e vigor masculino. A atração exercida pela silhueta arduamente trabalhada de Mr. Atlas centrava-se, segundo o pesquisador, “na visão de conjunto de uma pujança corporal

³¹ CORDAS; CLAUDINO, op. cit.; p. 4.

³² Cf, entre outros: TURNER, Bryan S. “The discourse of diet”. In: FEATHERSTONE, Mike; HEOWORTH, Mike; TURNER, Bryan (Orgs). *The Body*. Londres: Sage, 1992; SCHWARTZ, Hillel. *Never satisfied: A cultural history of diets, fantasies and fat*. Nova York: Anchor Books, 1990; GUSFIELD, Joseph. “Nature’s body and the metaphors of food”. In: LAMONT, M.; FOURNIER, M. (Orgs). *Cultivating differences*. Chicago: The Chicago University Press, 1992; CRAWFORD, Robert. “Healthism and the medicalization of everyday life”. *International Journal of Health Services*, vol. 10, n. 3, 1980; LEVENSTEIN, Harvey. “Dietética contra gastronomia: tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos”. In: FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 825-840.

harmoniosa”, construída à força de rigores e perseveranças. Já a silhueta de um de seus sucessores, Johnny Weissmuller, o famoso *Tarzan* dos anos 1940, fascinava pela plasticidade de seus movimentos: a “elegância ‘natural’ da sua musculatura” e sua “capacidade para nadar ou saltar”.

O que mais interessa aqui, porém, é o terceiro componente deste trio de beldades masculinas: Arnold Schwarzenegger, um tipo que se impôs nos anos 1980 e 1990. “Congelado numa luz crua, quase cirúrgica, faz sobressair os mínimos detalhes de sua massa corporal”, relata Courtine ao descrever uma fotografia do ator, e os detalhes continuam: “estrias das fibras musculares, ramificações da rede vascular, palpitações de um tórax estufado”. Por tudo isso, o historiador conclui que “a imagem ideal do corpo que o body-building de hoje configurará é aquela dos corpos destinados aos estudos anatômicos”. Isso não se obtém sem sofrimento, como se sabe: muita disciplina, esforço e dedicação. Trata-se, portanto, dos “*condenados da aparência*, submetidos a uma tirania do detalhe anatômico”.³³

Cada vez mais, os corpos exemplares são expostos à impiedosa “luz crua, quase cirúrgica”, sob a qual até os detalhes mais minúsculos são esmiuçados pela lente da câmera e limpidamente aumentados pelo *zoom*. E depois também são polidos e retocados, já na sua representação imagética bidimensional, com a ajuda das técnicas de edição digitais de fotografias. Nessas condições, não só aquele Mr. Atlas de 1920 e o Johnny Weissmuller de 1940 perdem seus cetros de maneira humilhante: após quinhentos anos de reinado indiscutido, até mesmo o *Davi* de Michelangelo Buonarroti viu desabar seu prestígio de “corpo perfeito”. Pois uma equipe de anatomistas e especialistas em estética acaba de descobrir que a figura masculina da famosa escultura renascentista “não é perfeita”. Logo ele, que há cinco séculos encarna na pedra o verdadeiro ícone da perfeição corporal, retomando os critérios classicistas das proporções exatas e do todo harmonioso. Severamente inspecionado sob a “luz crua” da tecnociência contemporânea, porém, o belo corpo de mármore não resistiu às sondagens do exame *digitalizante* e sua “tirania do detalhe anatômico”. Assim, os cientistas diagnosticaram e a mídia divulgou o veredicto: a célebre estátua teria um “defeito” em

³³ COURTINE, Jean-Jacques. “Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 105. (Os grifos são do autor.)

um músculo das costas.³⁴ Mas as dúvidas não podem deixar de aflorar: será que esse defeito sempre existiu e somente agora foi descoberto? Ou, talvez, o defeito se encontra no olhar *digitalizante* e na luz crua e *cirúrgica* que o examina?

Voltando, rapidamente, à imagem de Schwarzenegger: sua “taxa de gordura corporal era tão monstruosamente baixa”, cita Courtine, que ele “parecia com um desenho de anatomia humana”. Um corpo como esse só pode ser fruto de uma tendência cujo nascimento o historiador detecta nos Estados Unidos da década de 1980, quando floresceram, juntas, duas tendências paralelas e complementares: uma “obsessão dos invólucros corporais” e uma “cultura *visual* do músculo”. A partir de então, nenhum esforço bio-ascético deveria ser poupado, a fim de converter o próprio corpo em uma imagem de uma pureza jamais vista, com uma “tensão máxima da pele”.³⁵ Como se verá no próximo capítulo, esse intenso “amor pelo liso, pelo polido” aplicado ao corpo humano encontrará sua inspiração e seu máximo esplendor em um tipo bem específico de pureza que emergiu nos últimos anos: a pureza emanada das imagens digitalizadas.

³⁴ PIQUÉ, Elisabetta. “El David de Miguel Angel no es tan perfecto como se creía”. *La Nación*. Buenos Aires, 11/10/2004. <http://www.lanacion.com.ar/643928>.

³⁵ COURTINE, op. cit. As citações deste parágrafo pertencem às páginas 83, 86 e 114.

9

IMAGEM

**A sensualidade redefinida:
o “corpo belo” é uma miragem bidimensional**

A mulher espectral será a mulher desmontável.

Salvador Dalí¹

O belo tem retornado para dar esplendor ao nada.

Félix de Azúa²

Este modelo corporal *fat-free* que está se espalhando nas culturas aglutinadas pelo mercado global parece aproximar-se, cada vez mais, de um ideal de pureza *digital*. Não é por acaso que programas de edição gráfica como o *PhotoShop* desempenham um papel primordial na construção das fotografias midiáticas que expõem “corpos belos”, e que constituem uma poderosa fonte de imagens corporais no mundo contemporâneo. Com esses bisturis de software, todos os “defeitos” e outros detalhes demasiadamente orgânicos presentes nos corpos fotografados são eliminados, retocados ou corrigidos na tela do computador. Assim, as imagens expostas aderem a esse ideal de pureza apenas possível graças às técnicas digitais: longe de toda imperfeição toscamente analógica e de toda viscosidade que pareça orgânica demais.

Exemplos bem ilustrativos destes processos podem ser observados na Internet, em sites como os do designer gráfico californiano Greg Apodaca, que oferece seus serviços profissionais exibindo seus trabalhos de edição digital realizados sob encomenda.³ A partir de fotografias originais, fornecidas por agências de publicidade e outras empresas ligadas ao espetáculo e à mídia, o especialista efetua suas intervenções e retoques utilizando programas de edição de imagens como o mencionado *PhotoShop*, o *Illustrator* e o *Indesign*, além de diversos filtros e outros instrumentos de composição digital. Particularmente reveladores são os trabalhos realizados sobre fotografias de rostos e corpos femininos, pois é evidente que a tarefa do designer consiste em aproximá-los o mais possível do modelo de beleza hegemônico.

¹ DALÍ, Salvador. “Nouvelles couleurs du sex-appeal spectral”. Apud: MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível. A decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002. p. 125.

² AZÚA, Félix de. *Diccionario de las Artes*. Barcelona: Ed. Planeta, 1995. p. 69.

³ Greg's Page: <http://homepage.mac.com/gapodaca/digital/digital.html>.

Assim, por exemplo, no rosto de uma moça que sorri são apagadas as pequenas rugas e outras marcas da pele. Além de ser “esticada”, esta é iluminada e todas as *impurezas* visíveis se eliminam. O resultado traduz um efeito semelhante ao que prometem as técnicas dermatológicas de aplicação de *botox* (toxina botulínica) sob a pele do rosto por meio de injeções subcutâneas, um tipo de serviço médico-cosmético já disponível no mercado há alguns anos e amplamente utilizado em todo o mundo. Mas o mesmo procedimento de *limpeza e estiramento* digital é aplicado aos dentes e ao cabelo do rosto fotografado.

Outra imagem exposta no site do designer gráfico mostra uma jovem vestindo um biquíni, e neste caso o resultado da edição digital é ainda mais eloqüente. Além de “corrigir” as olheiras e outros “defeitos” do rosto, as marcas dos tendões e dos ossos nas mãos são suavizadas. A pele do corpo inteiro é *esticada, alisada e iluminada*, enquanto os seios são arredondados e aumentados. A leve protuberância do abdome, apenas insinuada, é polida e achatada. Os quadris são afinados, recortados e definidos com linhas mais nítidas. O resultado evoca um efeito visual comparável ao que prometem a lipoaspiração, os implantes de silicone e outras técnicas de cirurgia estética cada vez mais populares.⁴

Todo e qualquer sinal de adiposidade ou flacidez, por imperceptível que for, é eliminado com a destreza e a eficácia de um verdadeiro escalpelo digital. Evita-se, entretanto, a incômoda sujeira do sangue, da pele cortada e das vísceras expostas, bem como a dor das feridas e o desconforto das cicatrizes. Todas vantagens evidentes da imaterialidade e da falta de organicidade do universo digital. Tudo é convenientemente *deletado*, de forma limpa e eficaz, dando à luz a uma beleza tão asséptica como descarnada. Convém lembrar, aqui, dos body-builders estudados por Jean-Jacques Courtine e mencionados no capítulo anterior. Segundo esse historiador francês, a partir de 1980 começou a se impor uma crescente ansiedade diante de “tudo que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido ou distendido”.⁵

⁴ As fotografias originais e os resultados dos “retoques digitais” no rosto mencionado são expostos em <http://homepage.mac.com/gapodaca/digital/blonde/index.html>; enquanto os trabalhos efetuados sobre a imagem de corpo inteiro estão em <http://homepage.mac.com/gapodaca/digital/bikini/index.html>.

⁵ COURTINE, Jean-Jacques. “Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In: SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 86.

As técnicas de edição digital oferecem a essas imagens corporais tudo o que a ingrata Natureza costuma escamotear aos organismos vivos, e que as duras práticas bioascéticas com raízes puritanas (e tortuosamente hedonistas) ainda insistem em lhes negar. É precisamente esse modelo *digitalizado* — e, sobretudo, *digitalizante* — que hoje extrapola as telas para impregnar os corpos e as subjetividades, pois as imagens assim editadas se convertem em objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne “virtualizada”. E, como ocorre com os distúrbios alimentares e seus transtornos dismórficos, o bisturi digital também costuma escolher os jovens corpos femininos como seu alvo predileto. Trata-se de uma coincidência que, certamente, não convém nomear com a palavra acaso.

Mas há um detalhe particularmente interessante nas desmesuradas ambições destas “bonecas digitais”: elas pretendem abandonar todo e qualquer vínculo com a materialidade. Isso as distingue de suas ancestrais no catálogo histórico das tecno-divas: aquelas andróides (ou ginóides) imaginadas entre os séculos XVIII e XX, personagens decalcadas no modelo da máquina analógica que vigorou no auge da sociedade industrial. Essa linhagem começa com a pioneira Olímpia, personagem do conto *O Homem de Areia* de Hoffmann (1817), e continua com a protagonista do romance *Eva Futura*, de Villiers de L’Isle Adam (1886), para se prolongar na famosa robô do filme *Metrópolis* (1927); uma estirpe que chega até o famoso seriado de TV dos anos 1970: *A Mulher Biônica*.⁶ Entretanto, as mais novas versões da feminilidade tecnologizada superam claramente esses antigos modelos. Pois agora não é apenas a materialidade orgânica que se rejeita em proveito de um corpo mecânico considerado “superior”. As reluzentes damas de bits que povoam as fantasias contemporâneas dispensam também o hardware mecânico para assumirem seus corpos de puro *software*; ou melhor: de pura imagem *imaterial*.

Em certo sentido, estaríamos vivenciando uma redefinição radical da sensualidade. Pois esse modelo tão almejado é um corpo-ícone descarnado e bidimensional (embora com polidos “efeitos 3D”), desenhado exclusivamente para ser exibido e observado; isto é, consumido apenas visualmente. Nessa curiosa dissipação da matéria que subjaz aos novos modelos corporais, somente um dos cinco sentidos

⁶ HOFFMANN, E.T.A. “O homem de areia”. *Contos sinistros*. São Paulo: Max Limonad, 1987; VILLIERS DE L’ISLE-ADAM, Auguste. *A Eva Futura*, São Paulo: Edusp, 2001; LANG, Fritz. *Metrópolis*. Alemanha, 1927.

perceptuais é privilegiado. Significativamente, é aquele que opera melhor com a distância: a visão. Munido de toda uma tradição objetivante que o legitima como um mecanismo detentor da *verdade*, no mundo ocidental moderno a visão ostentou a sua capacidade de objetivar: “criar o visível” e “tornar real” aquilo que focaliza.⁷

Esse domínio da visão na nossa cultura, bem como a enorme importância da representação mimética e *realista* na Modernidade, foi sedimentando com a aparição dos mais diversos dispositivos tecnológicos a partir de imprensa, especialmente as “máquinas de visualidade” como a câmera fotográfica, o cinema e a televisão. Assim, durante os séculos XIX e XX desenvolveu-se uma capacidade inaudita de produção e reprodução de imagens. Com os avanços dos meios de comunicação de massa e, mais tarde, da Internet e das redes informáticas, eclodiu uma intensa midiaticização tecnológica da nossa experiência cotidiana do mundo, saturada de imagens e narrativas aos quais não temos acesso direto.⁸ O corpo humano é, sem dúvida, um dos protagonistas desse turbilhão de imagens e narrativas. Especialmente, os corpos femininos. Este ponto é importante, porque neste processo de ocular-centrismo ocidental, “as mulheres foram educadas para se verem sendo vistas”, de acordo com o célebre ensaio de Laura Mulvey sobre a mulher no cinema, segundo o qual haveria uma internalização de um suposto olhar masculino que as abaliza e avalia constantemente em tanto *imagens*.⁹

Assim, na cultura moderna, o olhar foi monopolizando a sinestesia, e esse processo pode concluir empobrecendo toda a riqueza sensorial na apreciação da beleza, da espessura e da potência dos corpos. Para ilustrar esta tendência, vale citar os depoimentos de um famoso criador de produtos para maquiagem, Serge Lutens. “As mulheres que têm a aparência de estarem imóveis, petrificadas, são muito intensas em sua imobilidade”, disse Lutens, e por isso “deslumbram mais que alguém que dá a impressão de movimento”. Ao criar nos rostos femininos essa beleza estática —como uma imagem em dos dimensiones, congelada para ser observada — o profissional

⁷ Cf. PARENTE, André (Org.). *Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993

⁸ Sobre o ocular-centrismo da nossa cultural e a construção histórico-política do “observador”, ver JAY, Martin. *Downcast eyes: The Denigration of Vision in Twentieth-Century French Thought*. Berkeley: University of California Press, 1993; CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the Nineteenth Century*. Cambridge: MIT Press, 1990; BERGER, Peter. *Ways of Seeing*. Londres: Penguin Books, 1972; LOWE, Donald. *Historia de la percepción burguesa*. Buenos Aires: FCE, 1986; GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

⁹ MULVEY, Laura. “Prazer visual e cinema narrativa”. In: XAVIER, Ismail (Org.). *A Experiência do Cinema*. São Paulo: Graal, 1991.

concluía: “com a maquiagem não faço mais do que mostrar uma visão pessoal; a mulher se converte em uma imagem de mim mesmo”.¹⁰ Eis, sem dúvida, mais um êmulo do mítico escultor grego Pigmalião.

Mas as conseqüências desta transformação do corpo em imagem podem ir muito além de tudo isto. As vivências corporais e o leque de experiências possíveis também podem terminar cerceados por essa imobilidade, essa bidimensionalização e essa exigência de pureza meramente imagética. Nos estudos clínicos sobre as patologias que afetam a imagem corporal, por exemplo, alguns especialistas enxergam um embate entre o uso da representação do corpo como *imagem* e seu uso como *esquema*. Em outras palavras: esta súbita primazia da imagem do corpo sensorial na nossa cultura não deixa imunes as aptidões do corpo que se movimenta e age no ambiente. Nesse tipo de distúrbios — que hoje se multiplicam com nunca antes — o ímpeto de afetar a intencionalidade alheia (isto é, provocar mudanças no desejo do outro) pode comprometer outras funções básicas do eu corpóreo. “O desejo de usar a representação do corpo como imagem pode se opor à tendência do corpo físico em manter o equilíbrio e a presteza para agir”, explica o psicanalista Jurandir Freire Costa, “provocando uma fratura na experiência da identidade do eu”.¹¹ Portanto, o forte apelo atual para que o sujeito se torne uma mera imagem pode causar sérios desequilíbrios emocionais e ainda físicos, que podem desembocar em sofrimentos intensos e derivações patológicas.

Se o *eu* se constitui como um correlato mental da forma corpórea, como um conjunto de expressões físicas e mentais que se articulam para constituir o nosso sentimento de identidade, em seu aspecto *narcísico* essa identidade é modelada pela imagem corporal que atende às demandas do outro. Ao encarnar a percepção imaginária desejada pelo outro, resiste a integrar à sua imagem toda expressão física que contradiga essa expectativa de perfeição ideal. Mas esta satisfação narcísica entra inevitavelmente em conflito com outras necessidades corporais, tais como os interesses auto-regulatórios e sensorio-motores. E por isso deve “negociar” com elas, visto que as exigências orgânicas denunciam o caráter fantasioso daquela ilusão de pureza ideal e compacta, revelando que o corpo na realidade é “uma superfície furada por onde brotam coisas que

¹⁰ LUTENS, Serge (entrevista). In: PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998; p. 114-115.

¹¹ COSTA, Jurandir Freire. “Considerações sobre o corpo em psicanálise”. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 72.

desmentem a aspiração do sujeito à completude”.¹² Assim, novamente, o *abjeto* vem a sujar a bela imagem ego-narcísica com todo o elenco de suas manifestações e o conseqüente *nojo* ou *asco* provocado pela materialidade orgânica, enfim, com toda a repulsão de suas viscosidades, secreções e impurezas.

Quiçá hoje como nunca antes, experimentamos na própria carne o choque entre os interesses narcísicos e as demais necessidades do nosso corpo, devido à forte influência das **novas imagens ideais do corpo**: a presença opressiva e universalizante desse **modelo perfeito e puro**. Neste quadro, o *abjeto* parece abandonar seu esconderijo sempre temível porém oculto nas profundezas abissais do organismo, e ameaça irromper na superfície epidérmica do corpo. Afinal, o aspecto visível do corpo é o lugar onde se expressam “rugos, manchas, estrias, flacidez, barrigas, obesidade, textura indesejável da pele, tensão muscular, conformação óssea viciosa, pneus, pelos e cabelos a mais ou a menos, etc.”. E é neste novo cenário onde “o *abjeto* e o recalcitrante são exaustiva e implacavelmente vigiados, esquadrinhados e temidos de maneira fóbica, obsessiva, histórica ou persecutória”.¹³ Assim, sem poder ocultar a aparência sempre deficitária do corpo, sempre degradada por sua falta de adequação às exigentes regras do *fitness*, o ego narcísico é acuado pela dor e pela humilhação, temendo ser incapaz de atrair o olhar admirador do outro.

Não mais protegido do olhar alheio pelas regras do decoro e do pudor que vigoravam em outras épocas, o *abjeto* não pode mais ser *dissimulado* ou guardado na intimidade dos ambientes privados — ou, então, recalcado ou negado, provocando as velhas e tradicionais neuroses. Agora, porém, no auge da nossa sociedade espetacular e da sua corpolatria, “o que se estampa no espelho do corpo não pode ser *escondido*, pode apenas ser *eliminado*”. Assim, pelo menos neste aspecto, as tiranias da corporeidade se revelam mais ferozes que as antigas tiranias da intimidade. Pois neste novo quadro, toda mácula ou falha que afete a perfeição ideal da imagem corporal alimenta o desprezo pelo próprio organismo, muitas vezes convertido em ódio virulento e em comportamentos auto-destrutivos que denotam uma compulsão pela perfectibilidade corporal. É por isso que toda e qualquer marca de imperfeição na superfície polida do próprio corpo ganha uma gravidade incomensurável, que só pode ser contornada por meio da **correção técnica** fornecida pelas soluções *bio-ascéticas*.

¹² COSTA, op. cit; p. 74.

¹³ COSTA, op, cit; p. 78-79.

Nesta complexa conjuntura, ainda, as imagens digitais têm suas características próprias, que parecem intensificar certos atributos gerais da *imagem*, ao mesmo tempo em que acrescentam novas qualidades e complexificam o quadro. Em princípio, focalizando o tema aqui abordado, interessa o fato de que as imagens **analógicas** (foto-ópticas) e as **digitais** (numéricas) possuem relações distintas com o mundo sensível e com o *real*. São diversos os autores que examinam estas questões, após os primeiros passos dados por Paul Virilio em um artigo publicado em 1988 sobre a “digitalização da visão” e a “automatização da percepção. O ensaísta francês assinalava o surgimento de uma “óptica ativa”, que se estava juxtapondo (e contrapondo) à “óptica passiva” das lentes foto-cinematográficas tradicionais, prescindindo de noções clássicas como as de sombreamento e iluminação. Em outros termos: a velha perspectiva **analógica** estava cedendo seu terreno à reluzente lógica **digital**.

As imagens informáticas se compõem de impulsos luminosos (*pixels*) que o computador processa e calcula de maneira extremamente veloz, como se fosse um “córtex occipital eletrônico”, constatava Virilio. Mas as metáforas anatômico-tecnológicas fluem em ambos os sentidos, revelando a configuração do paradigma do “sujeito cerebral” e do corpo informatizado, pois o sistema de percepção visual humano, por sua vez, também começava a ser compreendido não mais por analogia com a câmera fotográfica tradicional (o velho modelo mecânico, com seu típico funcionamento analógico), mas como “uma série de impulsos luminosos e nervosos que nosso cérebro decodifica rapidamente”.¹⁴

Assim, por exemplo, Edmond Couchot sugere que as imagens digitais ultrapassam a lógica da *representação* para entrar na lógica da *simulação*. Esta nova dinâmica procura “recriar inteiramente uma realidade virtual autônoma”, pois “não pretende mais representar o real com uma imagem, mas sintetizá-lo em toda sua complexidade, segundo leis racionais que o descrevem ou explicam”.¹⁵ A imaterialidade que signa a informação digitalizada, portanto, inunda também com seus sentidos as imagens produzidas através das técnicas computadorizadas. Assim, a relação com a matéria do mundo *real* se esfumaça, virtualizando em imagem imaterial (puramente visível) todo seu peso físico e sua opulência sensorial.

¹⁴ VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

¹⁵ COUCHOT, Edmond. “Da Representação à Simulação: Evolução das Técnicas e das Artes da Figuração”. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 37-48.

“O programador é como o demiurgo platônico”, resume André Parente. E ainda vai além, pois o editor digital de imagens “dobra a matéria, sujeitando-a aos modelos matemáticos”. Assim, a dura matéria é *desmaterializada* pelo designer-cirurgião-demiurgo, que converte a tela do computador em sua bancada de operações. Nesse ambiente virtualizado, ele consegue vencer as resistências da matéria, dobregando todas suas rigidezes tipicamente analógicas para “dobrá-las” e modelá-las no dócil universo dos bits. Inclusive aquela matéria tão particular que compõe os corpos humanos: a carne. “Se a imagem se opõe ao real, é para melhor desqualificar o sensível”, explica Parente, “e não para afirmar o simulacro como potência do falso que destrói qualquer modelo de representação”. Pois com a imagem de síntese, “o *sensível* só se torna *visível* se submetido e controlado pela modelização”.¹⁶ Assim, o **visível** digital só se faz possível, e portanto ganha *realidade*, desqualificando o **sensível**. E uma vez que a matéria é dominada (sintetizada e modelada) pelos bisturis digitais, a **carne virtualizada** se torna **imagem pura**.

O cinema é um catalisador privilegiado destas questões. E não apenas pelas imagens que, cada vez mais, suas telas produzem e mostram; mas também pela temática abordada nas mais diversas obras. “Tenho nojo do cheiro dos humanos”, diz um dos personagens do filme *Matrix* com visível desgosto. O sujeito da fala, como se sabe, é incorpóreo — e inodoro, ou talvez convenientemente perfumado — pois é uma construção de puro software de inteligência artificial. Ele existe apenas como imagem digital: uma série de instruções imateriais, desprovido de suporte carnal e de uma ancoragem em qualquer gênero de matéria.

É claro que a gradativa *digitalização* dos sentidos que acompanha essa *virtualização* da carne, sob o ritmo da tecnociência contemporânea, é um processo que não se restringe à visão. E nem sequer ao mero par **áudio-visual**, tradicionalmente privilegiado na tradição ocidental. Como bem mostra o caso já amplamente comentado da “comida digital”, todos os sentidos humanos estão na mira desse projeto universal de *digitalização* do mundo, que inclui as noções antropológicas do sujeito cerebral e do corpo informatizado. Ao concluir o artigo antes mencionando, escrito no final dos anos 80, Paul Virilio pressagiava que logo seriam desenvolvidas “próteses de percepção assistida por computador”. Quinze anos depois, constatamos que houve avanços

¹⁶ PARENTE, André. “Introdução”. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993; p. 23. (Os grifos são meus.)

notáveis na *digitalização* dos corpos e em sua crescente *compatibilização* com os dispositivos informáticos. Pois já são várias as operações bem sucedidas de recuperação da visão em pacientes que tinham permanecido cegos durante anos, por meio da implantação de chips microscópicos no globo ocular dos pacientes, que convertem a luz em sinais elétricos e os transmitem ao cérebro como informação. Multiplicam-se também as intervenções tendentes a restaurar o sentido auditivo em pacientes surdos, graças a diversas próteses biônicas e implantes eletrônicos.

Mas não é só isso: já existem também os “**narizes eletrônicos**”, artefatos equipados com sensores que captam níveis bem baixos de substâncias químicas voláteis, e convertem cada cheiro em um sinal mensurável que um computador pode processar. Estes sistemas se usam nas indústrias para controlar a qualidade dos produtos; por exemplo, permitem determinar o grau de maturação das frutas sem necessidade de prová-las, pois uma vez que o aparelho “aprende” as características de cada fruta, pode analisar o aroma de forma automática com a máxima precisão. A NASA também desenvolveu seu próprio modelo de nariz eletrônico: sumamente versátil e “muito mais sensível que o olfato humano”, é capaz de reconhecer praticamente qualquer combinação de compostos aromáticos — o que torna inevitável uma comparação completamente obsoleta: evoca as incríveis proezas olfativas do protagonista do romance *O Perfume*, de Patrick Süskind, que mesmo utilizando apenas seu nariz orgânico e analógico, tinha uma sensibilidade extrema na hora de reconhecer (e criar) todo tipo de aromas.¹⁷

De modo semelhante, já começou a ser conquistada uma das fronteiras da sensibilidade que parecia mais resistente à digitalização: o gosto. Um aparelho desenvolvido por investigadores da Universidade de Campinas e promovido com o apelido de “**língua eletrônica**”, é capaz de reconhecer um amplo leque de sabores em substâncias líquidas, com uma precisão mais aguçada que os paladares humanos melhor treinados. De fato, o dispositivo foi elaborado para desempenhar uma tarefa que exige um alto refinamento das papilas: a degustação de vinhos.

Quanto à digitalização do tato, além dos promissores mercados do ciber-sexo e dos videogames que procuram incorporar *realismo* às experiências interativas mediante

¹⁷ SÜSKIND, Patrick. *O perfume*, História de um assassino. São Paulo: Record, 1992. Cf. também CORBIN, Alain. *Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

sensores e outros dispositivos eletrônicos, a NASA também deu um grande passo neste terreno: desenvolveu uma espécie de “pele” para incorporar a seus robôs interplanetários, que lhes permitirá “sentir os movimentos de objetos próximos”. Essa pele artificial tem mais de mil sensores infravermelhos que detectam objetos e enviam informações ao “cérebro” do robô, para que este responda com os movimentos adequados. O pesquisador responsável pelo projeto, Vladimir Lumelsky, fez uns depoimentos bastante significativos para o tema aqui tratado. De acordo com o cientista, embora já se tenha avançado muito no aumento da capacidade **visual** dos robôs, “o mais importante é melhorar o **tato** e a sensibilidade das máquinas, já que os humanos podem sobreviver sem ver, mas não conseguem prescindir do tato; a pele é nosso maior órgão, e não é mais do que um gigantesco sensor”.¹⁸

Ainda assim, apesar deste processo generalizado de *digitalização* do mundo, da vida e dos corpos humanos, é claro que a visão não perdeu seu histórico cetro. Longe disso, o olhar continua reinando soberano, como o sentido humano mais “objetivo” e “racional”, o mais capaz da abstração necessária para discernir e estabelecer a *verdade*, deslocando para um segundo plano os outros quatro sentidos e monopolizando a sinestesia. No entanto, recorrer à experiência de outros universos de sentido pode ser esclarecedora. Vale lembrar, por exemplo, que segundo o clássico tratado renascentista sobre *A beleza e o amor*, escrito em 1549 pelo italiano Augusto Nifo, a “beleza perfeita” devia responder a cinco elementos, que por sua vez correspondiam aos cinco sentidos humanos: a forma (vista), a harmonia (ouvido), a suavidade (gosto), a doçura (olfato) e a brandura (tato).¹⁹ A proeminência da visão estava só começando, portanto a sinestesia ainda reinava na apreciação da beleza corporal.

Já no relato etnográfico da nutricionista Maria do Carmo Soares de Freitas na favela baiana do Pelá surge outro dado interessante: na escassez de um objeto valioso e útil como o espelho nessa comunidade da cidade de Salvador, os “famintos” utilizam outros sentidos como o tato para “se olharem”.²⁰ Eis, novamente, um universo que parece repelir o processo universal de *digitalização* dos corpos, e não apenas é por ele repellido. Pois não é preciso indagar demais para perceber o papel fundamental que os

¹⁸ Cf. SIBILIA, Paula. *El Hombre Postorgánico: cuerpo, subjetividad y tecnologías digitales*. Buenos Aires: FCE, 2005.

¹⁹ NIFO, Augusto. *A beleza e o amor* (1549). Apud: PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998; p. 46.

²⁰ SOARES de FREITAS, Maria do Carmo. *Agonia da Fome*. Salvador: EdUFBA/Fiocruz, 2003.

espelhos desempenham na elaboração do corpo contemporâneo como uma *imagem*. Não basta apenas pensar na presença fundamental destes elementos nesses templos da bio-ascese e da construção corporal como são as academias de ginástica, por exemplo. A nossa tecnociência sempre vai além: há pouco tempo, a empresa Philips anunciou o desenvolvimento de um espelho que se converte em tela de TV ou computador, para permitir o acesso à informação digital enquanto retocamos o visual.²¹ Assim, a própria imagem corporal parece perder definitivamente sua qualidade analógica, e anuncia até mesmo a digitalização dos sonhos da Alicia de Lewis Carroll...

Ou prognostica uma versão digital do pictórico Dorian Gray. Algo parecido já existe, de fato, nos programas de software que alguns cirurgiões plásticos utilizam para mostrar a seus clientes os possíveis “resultados finais” das intervenções em seus rostos e corpos, recorrendo a técnicas de *morphing* de imagens para incorporar à fotografia original do paciente os traços desejados de outros rostos e corpos — sejam *reais* e digitalizados, ou diretamente programados em puro software *imaterial*.²²

Em 1999, uma das principais agências de modelos do mundo, a Elite, lançou a primeira integrante de uma equipe de “modelos digitais”, versões em bits dos tipos femininos mais valorizados no mercado das aparências. “Estamos lançando um novo conceito de beleza para o próximo milênio”, declarou na ocasião o diretor da agência internacional.²³ Alguns anos mais tarde, foi organizado um concurso na Web para escolher a Miss Mundo Digital, com a participação de várias modelos 3D (todas femininas e digitais) criadas por programadores de software de diversos países (todos masculinos e analógicos). De acordo com o coordenador do evento, a meta é buscar “um ideal de beleza contemporâneo através da realidade virtual”.²⁴

A curiosa proposta evoca a figura de uma pioneira: Lara Croft, famosa personagem do jogo de computador *Tomb Raider*, que após se converter em “símbolo sexual” em sua versão *virtual*, chegou a ser interpretada no cinema por uma atriz *real*. Como já é de praxe, porém, tanto no filme como nas fotografias de divulgação, as

²¹ Philips: <http://www.philips.com/InformationCenter/Global/FArticleDetail.asp?lArticleId=2896>.

²² Com este tipo de recursos parece dialogar a obra de Orlan, uma artista performática francesa que realiza “arte-carnal”, variantes radicais do auto-retrato, efetuando diversas cirurgias plásticas em seu rosto; em certos casos utiliza, também, esse tipo de software de *morphing* de imagens para hibridizá-las com seu corpo retocado e *virtualizado*.

²³ John Casablancas: <http://www.illusion2k.com>.

²⁴ Miss Digital World: <http://www.missdigitalworld.com>.

imagens do corpo e do rosto da protagonista foram convenientemente retocadas e “turbinadas” com artimanhas digitais. Ecoando esses fenômenos, a emblemática revista *Playboy* resolveu publicar uma série de ensaios eróticos com imagens de várias “divas virtuais”, como a heroína do jogo *Bloodrayne*.²⁵ A moda já foi até dramatizada em um filme de ficção, *SImOne*, que apresentava o drama de outro discípulo de Pigmalião: um diretor de cinema que tinha criado a atriz “perfeita” — e portanto digital e *imaterial*, é claro.²⁶

Como não podia deixar de ser, a TV Globo também acabou criando a sua própria “bela digital” para apresentar algumas matérias do seu programa dominical, o *Fantástico*. Apontando para uma “imperfeita perfeição”, a Eva Byte da Globo foi desenhada por seis animadores após três meses de trabalho, e “é um tipo bem brasileiro: morena de olhos e cabelos castanhos e lábios grossos”. No entanto, “fugindo do estilo *Photoshop* de ser, Eva não é perfeita: aos 30 anos de idade, tem sardas no rosto, olheiras, pintinhas no colo e vincos na face; até porque, como sabemos, quanto mais imperfeito o ser virtual, mais ele estará próximo do ser humano”. Em palavras do diretor de arte da TV Globo, “se ela fosse linda demais as pessoas iam logo achar que ela se parecia com um boneco”.²⁷

Vale mencionar, ainda, o caso de outra “brasileira virtual”, de nome Kaya, uma das candidatas ao mencionado título de Miss Mundo Digital. Seguindo o costume na área, os criadores desta Miss Brasil também resolveram incorporar algumas *imperfeições* à sua criatura — tais como sobrelhas grossas, dentes grandes e algumas sardas no rosto — para que ela parecesse mais *real*.²⁸ Impõe-se aqui uma comparação com outra Miss Brasil, desta vez na versão analógica do certame. Juliana Borges, a jovem gaúcha que em 2001 ganhou o concurso de beleza nacional, pôs em perigo a legitimidade do seu título quanto admitiu que tinha se submetido a 19 cirurgias estéticas: lipoaspirações em diversas partes do corpo, silicone nos seios, correções no nariz e nas orelhas. Antes de viajar para disputar o título de Miss Universo, a candidata brasileira passou novamente pelos bisturis, a fim de aumentar o tamanho das nádegas.

²⁵ REZENDE, Emerson. “Playboy fará ensaio com personagem de Bloodrayne”. *Yahoo! Notícias Brasil*, 24/08/2004. <http://br.news.yahoo.com/040824/7/mkmr.html>.

²⁶ *SImOne* (Andrew Niccol, EUA, 2002). <http://www.s1m0ne.com>.

²⁷ MONTEIRO, Elis. “A garota do ‘Fantástico’”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24/5/04. <http://oglobo.globo.com/jornal/suplementos/informaticaetc/capa.asp>.

²⁸ Kaya: <http://www.vetorzero.com.br/kaya>.

Não faltaram, é claro, na época, as discussões e polêmicas, que obviamente não foram motivadas pela *qualidade* (já habitual) mas pela escandalosa *quantidade* das intervenções. A artificialidade da beleza feminina que Charles Baudelaire enaltecera em seu famoso *Elogio da maquiagem* parecia ter ido longe demais; porém, era impossível determinar o ponto exato em que tal desborde tinha ocorrido.²⁹

Apesar da preocupação com o “excesso de beleza”, portanto, e do cuidado com a adição de pequenas *imperfeições* que visem a manter um certo realismo nas beldades de bytes, todas estas novidades parecem ilustrar — embora de uma maneira mais patética e caricata — uma fantasia coletiva que propõe modelos certamente *hiperrealistas*. Ou seja: mulheres especialmente planejadas para serem belas e visualmente atraentes, constituindo modelos quase impossíveis de tão “perfeitas” e com evidentes “vantagens” se comparadas com suas colegas tradicionais e *analógicas*, aquelas que são produtos do acaso biológico e que se compõem da matéria mais vulgar e mundana: átomos, ossos, carne e vísceras, entre outros abjetos e partes malditas. Assim, os novos vetores do biopoder desdobram seus imperativos: os corpos *reais* devem *sofrer* para estarem à altura desses modelos *hiperreais*. Isso implica, como vimos, uma negociação: o sacrifício da **carne impura** em prol de uma **pureza imagética**.

²⁹ BAUDELAIRE, Charles. “Elogio del maquillaje”. In: *El pintor de la vida moderna*. Disponível em: <http://www.educarchile.cl/autoaprendizaje/estetica/modulo4/clase4/doc/ baudelaire.doc>.

10

BISTURI

**Da beleza como dom divino
aos imperativos fáusticos**

*Se não, digei-me: se como o céu me fez formosa, por acaso me fizesse feia...?
Eu não escolhi a beleza que tenho, que assim como ela é foi o céu que me a
dera de graça sem que eu a tenha pedido ou escolhido; e assim como a
víbora não merece ser culpada pelo veneno que tem, pois com ela mata por
ter lhe sido dada pela natureza, tampouco eu mereço ser repreendida por
ser bela.*

Miguel de Cervantes ¹

E nem toda a gente gosta de árvores de plástico.

Hermínio Martins ²

A palavra cirurgião tem uma origem curiosa: provém do latim *chirurgia*, por sua vez tomado do grego *kheirurgia*, cuja etimologia remete ao trabalho manual ou à prática de um ofício, pois deriva de *kheirurgeon* (trabalhar com as mãos), um termo composto por *kheir* (mão) e *érgon* (trabalho). Estas raízes interessam-nos, aqui, por revelarem algumas características esquecidas dessa prática: desde a Antiguidade até alguns séculos atrás, a tarefa do cirurgião não era muito valorizada socialmente. Até o Renascimento, inclusive, os médicos costumavam deixar esse “trabalho sujo” aos cuidados dos açougueiros ou dos barbeiros.³

Se pensarmos no auge das cirurgias plásticas no mundo contemporâneo, e no crescente prestígio (e concomitante fortuna) de seus executores, surge uma ironia: hoje cirurgiões e cabeleireiros tornam a se aproximar, como profissionais bem cotados a serviço desse recurso tão prezado — a beleza do corpo. Há uma enorme diferença, porém, com o que ocorria antigamente: sua qualidade de “trabalho sujo” foi abafada, e sua boa reputação não cessa de aumentar. Ou, pelo menos, seus orgulhosos representantes teimam em remanescer o mais longe possível da pavorosa figura do açougueiro. E de fato conseguem-no: aquela imagem violenta e ensangüentada foi

¹ CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote*. Paris: Ed. Garnier Hermanos, 1900; p. 67.

² MARTINS, Hermínio. “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica”. In: *Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social*. Lisboa: Ed. Século XXI, 1996; p. 192.

³ Há quem diga, inclusive, que o sinal branco e vermelho colocado em alguns países na entrada das barbearias e dos salões de cabeleireiros alude ao pano que os barbeiros usavam para limpar suas navalhas após as cirurgias. Ainda outra curiosidade: em Buenos Aires, o popular termo *ciruja* (mendigo ou vagabundo) remete à mesma origem de *cirujano* (cirurgião); a imagem daquele que anda entre despojos e recolhe restos orgânicos no lixo estaria na base da curiosa palavra.

asseada e, inclusive, *glamourizada*. Assim, os cirurgiões estéticos de nossos dias se posicionam cada vez mais distantes do Dr. Frankenstein... e cada vez mais perto de Pigmalião.

A alusão a essas duas figuras míticas da tradição ocidental vem à tona, aliás, por diversos motivos. Começemos pelo criador do célebre monstro gótico: quase duzentos anos depois do seu nascimento, o velho ser engendrado na literatura pelo Dr. Frankenstein — inaugurando com toda a pompa o gênero da ficção-científica — talvez requeira um *upgrade*. Se tivesse que ressuscitar hoje, aquela criatura imaginada em 1818 por Mary Shelley seria bastante diferente: em vez dos fragmentos de cadáveres mal costurados e do choque elétrico que lhe dera o inefável sopro vital, é provável que a informática, as biotecnologias e os bisturis estéticos entrassem em cena. Nas mãos dos cientistas-escultores da atualidade — sejam engenheiros geneticistas ou cirurgiões plásticos — cujas precisão e assepsia parecem inspirar-se na lógica digital, aquelas rudezas analógicas da era industrial são claramente superadas. As criaturas produzidas pelos cientistas de hoje em dia iludem com sua ambigüidade, dificultando a diferenciação entre o que é natural e o que é artificial. Basta lembrar dos protagonistas de filmes como *Blade Runner* e *Matrix*, cuja qualidade não-humana é impossível de determinar a olho nu, e nem com a ajuda das ferramentas analógicas desenvolvidas pelos saberes de antigamente.⁴

As cicatrizes dos novos “monstros”, que poderiam revelar os rastros da intervenção tecnocientífica em seus corpos, são bem mais sutis do que aquelas que delatavam a grotesca artificialidade daquele ser inventado nos inícios do século XIX. Agora elas se tornam imperceptíveis, convertendo inclusive as novas criaturas híbridas ou tecno-humanas em seres menos “monstruosos” do que os originais pré-technologizados.⁵ É o que pretende provar Cindy Jackson, autora de dois livros de

⁴ Vale lembrar que o personagem interpretado pelo ator Harrison Ford no filme *Blade Runner*, uma espécie de policial especializado na caça aos andróides, recorre a uma série de testes psicológicos e questionários, observações e exames, e utiliza um conjunto de aparelhos mecânicos para medir o tamanho e a dilatação do íris ocular, etc. Tudo isto, a fim de determinar se a criatura que tinha na sua frente era um ser humano ou um “replicante”; isto é, um ser artificial construído mediante engenharia genética e programado tecnicamente. Mas todas essas técnicas e saberes de raiz analógica se revelam ineficazes e obsoletas na hora de detectar a condição não-humana das criaturas híbridas mais avançadas. Algo semelhante ocorre em outros filmes deste tipo, tais como *Inteligência Artificial*, de Steven Spielberg, e a saga *Matrix*.

⁵ Um dos médicos que participaram na cirurgia do primeiro transplante de rosto, no final de 2005 na França, referiu-se recentemente à condição da paciente no estado prévio à intervenção como “monstruosa”, enquanto a cirurgia teria lhe devolvido sua condição “humana”.

sucesso e também do seu próprio corpo, inspirado na boneca Barbie: “aplicando os princípios de beleza que aprendi em meus estudos artísticos, incluindo regras centenárias sobre as proporções faciais e corporais, bem como algumas leis antropológicas básicas sobre a atração humana, elaborei um plano”.⁶ Tal estratégia contemplava uma série de 38 cirurgias plásticas, que resultou em uma transformação radical do seu corpo e da sua subjetividade; uma versão extrema de uma tendência que está se popularizando velozmente em todo o mundo.⁷

Conforme o imaginário atual, essa renomada especialidade médica não parece mais operar com bisturis e tesouras, que fazem cortes na carne e deixam horríveis (e dolorosas) cicatrizes no pós-operatório. Mas não deveria nos surpreender muito essa construção imaginária da cirurgia estética como uma técnica menos cruenta e violenta do que na verdade é, pois a ocultação da dor é um tópico da nossa tradição. “Quanto mais civilizada for a sociedade que ministra dor, tanto mais ela irá ocultar o fundamento da crueldade na qual essa dor se sustenta”, explica Enrique Ocaña, autor de diversos estudos sobre a relação entre técnica e dor. O ensaísta espanhol ainda recorre a um texto escrito por John Stuart Mill em 1836, para lembrar que “cirurgiões, juizes e soldados mantêm relações de parentesco com o carrasco e o açougueiro”. Mas a tarefa da “civilização” consiste em ocultar tais parentescos, e “somente uma perspectiva diferente ou um estranhamento pode nos revelar as crueldades em virtude das quais sobrevivemos”.⁸

Assim, enquanto os resultados almejados nos rostos e corpos dos pacientes são notoriamente exibidos e publicitados, ao mesmo tempo costumam esconder-se os procedimentos (sujos e dolorosos) que levam a atingi-los. Mostra-se apenas a reluzente “versão final”, o resultado como uma bela imagem. Portanto, a cirurgia plástica é “vendida” como uma técnica não apenas onipotente e quase mágica, mas também *clean* e asséptica — e virtualmente indolor. Quase *digital*, como se em vez de operar com instrumentos de metal afiado que rasgam a pele e dilaceram a carne, os profissionais

⁶ <<http://www.cindyjackson.com>>.

⁷ No Brasil, esse mercado cresce 20% ao ano desde 1994; o país ocupa o segundo lugar no mundo, logo atrás dos Estados Unidos – onde o crescimento em 2004 foi de 44%, totalizando 11,9 milhões de operações e 12,5 bilhões de dólares. RIOS, Sebastián. Auge de las cirugías plásticas en EE.UU. *La Nación*, Buenos Aires, 27/03/2005.

⁸ OCAÑA, Enrique. “Técnica y metafísica: sobre la esencia del dolor”, *Artefacto, Pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires, UBA, vol. 2, Mar. 1998, p. 49.

desta área trabalhassem apenas sobre a mais etérea imagem corporal, utilizando as dóceis ferramentas de software de design como o *PhotoShop*.

Apesar da extrema novidade destes fenômenos, é possível rastrear as raízes históricas desse cauteloso distanciamento da matéria orgânica, demasiadamente orgânica, que teima em compor os corpos humanos. Basta pensar nos “processos civilizadores” e no “higienismo” que há três ou quatro séculos começaram a purificar, organizar e disciplinar os corpos de acordo com os ideais modernizadores. Junto com eles, cabe lembrar, impôs-se um certo “refinamento da sensibilidade”: uma sofisticação sensorial que parece ter gerado um novo **pavor da carne**, quiçá mais intenso que aqueles outros que vigoraram nos sombrios tempos medievais. Desenvolveu-se uma desconfiança e uma progressiva rejeição no que tange à matéria orgânica e perecível, especialmente àquela que conforma o corpo humano. Essa tendência não se deteve até hoje, e provavelmente ainda tenha se revigorado e sofisticado com o passar do tempo.

Além disso, os fenômenos aqui comentados remetem a uma certa tradição *fáustica* do pensamento ocidental sobre a tecnociência, da qual fluem algumas reminiscências *neo-gnósticas*, de acordo com as análises do epistemólogo português Hermínio Martins.⁹ Trata-se de uma série de práticas e crenças de origem cientificista, que rejeitam a organicidade e a materialidade do corpo humano para procurar, na sua superação, um ideal asséptico, artificial, virtual, imortal. Embora pouco conhecidos entre nós, os conceitos trabalhados por Martins são proveitosos para examinar os processos aqui estudados, pois permitem enxergar algumas arestas usualmente descuidadas quando se utilizam categorias estritamente cronológicas como os pares “modernidade / contemporaneidade”, por exemplo. Por isso, vale a pena apresentar brevemente sua argumentação no que tange ao par “fáustica / prometéico”, para logo retomar a nossa análise e aplicar produtivamente tais categorias nesse percurso.

Para começar, cumpre apontar que são vários os mitos que dão conta, na tradição ocidental, da mistura de fascínio e terror provocada pelas potencialidades da tecnologia e do conhecimento. Entre os gregos se destaca o grande clássico Prometeu, o titã que forneceu aos homens o fogo e obteve por isso um severo castigo dos deuses. Tal mito denuncia a arrogância da humanidade, em sua tentativa de usurpar as prerrogativas

⁹ MARTINS, Hermínio. “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica”; “Tecnologia, Modernidade e Política”. In: *Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social*. Lisboa: Ed. Século XXI, 1996; p. 167-198 e p. 199-250.

divinas por meio de artimanhas e saberes terrenos. Outro personagem mítico muito relevante é, precisamente, Fausto. De incerta e remota origem, sua história foi contada em diferentes versões ao longo dos séculos. Em todas elas, porém, de acordo com a análise de Marshall Berman, “a tragédia ou a comédia se produz quando Fausto ‘perde o controle’ das energias de sua mente, que passam a adquirir vida própria, dinâmica e altamente explosiva”.¹⁰ Animado por uma vontade de crescimento infinito e pelo desejo de superar suas próprias possibilidades, Fausto compactua com o Diabo e assume o risco de desatar, com isso, as potências infernais. A essas duas figuras míticas da cultura ocidental, Fausto e Prometeu, recorre o mencionado Hermínio Martins para examinar as bases da nossa tecnociência.

Cumprido sublinhar que se trata de aproximações metafóricas: a alusão aos referidos mitos pretende nomear duas tendências identificáveis na base epistemológica da tecnociência de diversas épocas, porém elas não constituem necessariamente uma dicotomia. As duas linhas permanecem em perpétua tensão e inclusive costumam conviver; entretanto, em determinados momentos históricos, a influência de alguma delas se intensifica e passa a solapar a outra, tornando-se protagonista eminente de certos movimentos. É o que parece ocorrer hoje em dia com a vertente fáustica, particularmente no que tange aos processos aqui analisados. Para compreender melhor essa primazia contemporânea, cabe delinear rapidamente ambas as tendências.

Confiantes no progresso e nos benefícios que a dominação racional da natureza acarretaria para a Humanidade, os prometeístas colocam a ênfase na ciência como “conhecimento puro” e têm uma visão meramente instrumental da técnica: capaz de melhorar gradativamente as condições de vida dos seres humanos, a longo prazo permitiria erradicar a miséria humana. Mas não se trata de um projeto infinito, pois conforme esta perspectiva haveria limites com relação ao que pode ser conhecido, feito e criado. Os “mistérios” da origem da vida e da evolução biológica, por exemplo, são questões que excederiam a racionalidade científica. Ao que parece, então, tais cientistas entenderam a lição do mítico titã: certos assuntos pertencem exclusivamente aos domínios divinos.

Talvez por causa disso, também, a célebre história do monstro criado em laboratório pelo Dr. Frankenstein mereceu um subtítulo esclarecedor: *O Moderno*

¹⁰ BERMAN, Marshall. “El Fausto de Goethe: la tragedia del desarrollo”. *Todo lo sólido se desvanece en el aire: La experiencia de la Modernidad*. Madri: Siglo XXI, 1988; p. 28.

Prometeu. Como apontam os especialistas na obra de Mary Shelley, o relato foi escrito em meio às curiosas experimentações científicas que proliferavam nos inícios do século XIX, junto aos debates suscitados pela descoberta da eletricidade e pelas potências vitalistas que esse novo tipo de energia poderia trazer, incluindo a possibilidade de ressuscitar os mortos e de reacender a indizível “faísca da vida”.¹¹ Assim, envergonhado e arrependido, nas páginas do romance o médico-criador confessa o estranho impulso que alimentara as desmesuras do seu projeto, inspirado por essa sugestiva variante técnica do fogo que é a eletricidade: “com uma paciência incontida e constante, eu perscrutava a natureza em seus lugares ocultos”; “recolhia ossos nos necrotérios e perturbava, com dedos profanos, os segredos tremendos da estrutura humana”. E logo se pergunta, desesperado: “quem poderia imaginar os horrores de meus trabalhos secretos, enquanto eu profanava sepulturas frescas ou torturava animais vivos para animar o barro inerte?”. Mas já era tarde; como se sabe, o castigo não demoraria a chegar: “quando lembrar disso, agora, meu corpo treme e meus olhos se enchem d’água; mas naquela época um impulso irresistível e quase frenético me impelia para adiante”.¹² Embora tal impulso tenha sido nitidamente fáustico, as conclusões são de um prometeísmo impecável: os conhecimentos e as técnicas dos homens não são todo-poderosos; seus “dedos profanos” não podem perturbar todos os âmbitos, pois há limites que devem ser respeitados.

Ainda que o progresso dos saberes e das ferramentas prometéicas redunde em um certo “aperfeiçoamento” do corpo, essas melhorias jamais quebrarão os limites impostos pela “natureza humana”, pois os artefatos técnicos constituem meras extensões, projeções e amplificações das capacidades próprias ao corpo humano. Aí a tecnociência de inspiração prometéica se detém, sem pretender ultrapassar o umbral da vida: aqueles “segredos tremendos da estrutura humana” profanados pelo Dr. Frankenstein. Mas essa recusa da vida orgânica em se deixar penetrar pelas ferramentas tecnocientíficas constitui uma forte limitação para o conhecimento e as potencialidades humanas, e hoje as coisas certamente mudaram. Os avanços em biologia molecular, por exemplo, com toda a sua artilharia informática a serviço do “deciframento da vida”, pretendem vencer as resistências que esse derradeiro vestígio do caráter sagrado da

¹¹ Cf. BUTLER, Marilyn. Introduction: “The Shelleys and Radical Science”. In: SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Nova York: Oxford University Press, 1994. p. IX-LI.

¹² SHELLEY, Mary. *Frankenstein: O Moderno Prometeu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973; p. 53.

natureza costumava opor ao instrumental tecnocientífico.¹³ Por sua vez, sofreram sérios abalos a fé na racionalidade e a confiança no progresso e no sentido da história, todos pilares que sustentavam o projeto científico moderno. O antigo prometeísmo, enfim, parece estar em decadência.

É aqui onde entra em cena a outra vertente filosófica da tecnociência: a tradição **fáustica**. Não se trata de uma corrente nova no pensamento ocidental: destacam-se, nessa linhagem, alguns representantes da filosofia da técnica de origem alemã, de Spengler a Heidegger. Com todos seus matizes e suas divergências, os arautos desta tradição esforçam-se por desmascarar os argumentos prometéicos, revelando o caráter eminentemente tecnológico do conhecimento científico: a sua fecundidade nessa área não seria um mero subproduto da ciência, como um saber que apontaria para o conhecimento puro e abstrato; ao contrário, seria seu objetivo primordial. De acordo com a perspectiva fáustica, os procedimentos científicos não visariam à *verdade* ou ao conhecimento da natureza íntima das coisas, mas à compreensão dos fenômenos para exercer a previsão e o *controle*. Estaria ocorrendo, portanto, ao longo das últimas décadas, um deslocamento na base filosófica da tecnociência: uma ruptura com relação ao pensamento moderno, de características prometéicas, e uma abertura para um novo horizonte.

Assim, o velho Prometeu abandona o palco e cede seu lugar ao ambicioso Fausto. A força simbólica do titã grego ainda persiste, todavia: o fogo é tido como uma das grandes conquistas da humanidade, talvez a maior de todas. A revolução industrial se baseou na utilização do fogo, e os combustíveis fósseis ainda a emblematizam. Mas os novos saberes e as reluzentes práticas da tecnociência de inspiração fáustica parecem deixar para trás essas velhas artes pirotécnicas. A prometéica idade do fogo estaria, enfim, chegando ao seu remate, com a substituição das ferramentas e dos combustíveis característicos da sociedade industrial por outro tipo de instrumental e outras fontes de energia. Não mais mecânicas e analógicas, mas de inspiração eletrônica e digital: capazes de modelar de formas inusitadas as matérias vivas e inertes.

Os cirurgiões plásticos desempenham um papel preponderante nesse projeto. Dignos heróis da era fáustica, estes personagens tão contemporâneos encarnam a versão mais atual daquele mítico perfil: “o doutor que obra milagres e tem, na sua

¹³ Para um aprofundamento sobre estes processos, cf. SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

contrapartida, o demônio”.¹⁴ Ao que parece, como vimos nos diversos desdobramentos desta tese, já se foram os tempos em que a beleza era um dom divino e sua falta uma maldição, um lamentável castigo dos deuses que exigia a mera resignação. Ou, no máximo, levava a exercer as discretas (e prometéicas) artes da dissimulação *cosmética*.¹⁵ Foram-se embora, também, os tempos em que os primeiros “cirurgiões da beleza” — verdadeiros pioneiros desta especialidade hoje triunfal, nos inícios do século XX — eram desprezados por seus colegas devido à “futilidade” de suas metas, sendo acusados com o apelativo de *quack* (charlatães). Em todos esses casos, procurava-se diferenciá-los dos cirurgiões plásticos “sérios”, aqueles dedicados à “reconstrução” e à “restauração de funções”; isto é, todas metas orgulhosamente prometéicas.¹⁶

Os **cirurgiões estéticos** de hoje em dia não obedecem à cartilha do prometeísmo; isto é evidente. Eles têm a missão de realizar esses sonhos *digitalizantes* na própria carne dos pacientes, *deletando* com extrema limpeza e eficácia todas as imperfeições dos corpos, e gerando uma beleza tão asséptica como descarnada. A tarefa destes profissionais volta a se aproximar dos cabeleireiros, como dizíamos no início deste capítulo, porém trilhando um caminho original; pois os salões de beleza de nosso tempo também distam muito de se assemelharem às toscas barbearias de alguns séculos atrás. E outros profissionais aos quais os cirurgiões plásticos da atualidade se aparentam cada vez mais são os **editores de imagens**. Tanto a atividade específica como o rol social desempenhados por ambos é comparável, porque a sua função consiste em produzir de corpos belos: projetar imagens de beleza. Ambos criam corpos exemplares para serem observados. A sua tarefa consiste em criar *artificialmente* uma beleza mais perfeita que a de qualquer corpo real, carnal, *natural*.

Outra comparação é inevitável, pois as proezas conseguidas por estes profissionais tão contemporâneos registram pelo menos um antecessor na nossa rica

¹⁴ KAHLER, Erich. “El Doctor Fausto, de Adan a Sartre”. *Nuestro Laberinto*. México: FCE, 1972; p. 305.

¹⁵ Cabe lembrar da diferenciação que existia na Grécia Antiga entre os termos “cosmética” (*kosmêtikê technê*) e “comótica” (*kommôtikê technê*). O primeiro se refere à higiene e outros cuidados corporais, tais como a ginástica e as massagens, todas práticas destinadas a realçar a “beleza natural”; enquanto o segundo termo tinha uma carga pejorativa e aludia às artes da maquiagem, ligadas à ilusão, ao engano e ao artifício. Mais adiante essas diferenças foram perdendo força, e a cosmética passou a englobar tanto o asseio como a maquiagem, que por sua vez passou a ser menos condenável e mais habitual. PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998; p-18-21.

¹⁶ GILMAN, Sander. *Making the body beautiful: A cultural history of Aesthetic Surgery*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2001; p. 14.

tradição. Há muito tempo e graças às maravilhas da arte, o mítico escultor grego Pigmalião conseguira criar uma mulher que fugia da teimosa imperfeição característica a feminilidade. Como sabemos, a bela estátua de marfim por ele esculpida ganhara vida através do mágico toque de suas mãos. Digno padroeiro dos cirurgiões plásticos, é fácil notar a distância que separa a diáfana felicidade de **Pigmalião** (afinal, um artista clássico que acabou desposando sua obra mais perfeita) da tragédia de **Frankenstein** (afinal, um médico publicamente condenado por ter dado à luz a um monstro maléfico, com seus ares de açougueiro necrófilo e seus tortuosos arrependimentos).¹⁷

Um par de décadas após a publicação do romance de Mary Shelley, entretanto, no ainda remoto ano de 1843, Nathaniel Hawthorne dera a conhecer seu conto *The Birthmark*.¹⁸ Trata-se de uma aterrorizante história gótica sobre uma “mulher enlouquecida”, Georgiana, capaz de qualquer coisa por apagar uma marca de nascença que sujava seu belo rosto e se tornara uma verdadeira obsessão para seu marido. Um pequeno traço vermelho na bochecha, em forma de mão — nada mais próximo, alias, do “estigma diabólico” que delatava as bruxas nos tribunais da Inquisição e as condenava à fogueira. A intenção explícita do relato, porém, era denunciar os desvarios e as cegas ambições deste último personagem, chamado Aylmer, um cientista alucinado, como uma alegoria dos perigos aos quais poderia conduzir a audaciosa ciência da época: seus impulsos fáusticos começavam a latejar sob suas prometidas conquistas.

Esse temor despertado pelos obscuros poderes dos saberes era habitual naqueles longínquos inícios do século XIX, encarnado em mitos como o do “aprendiz de feiticeiro”, um rapaz que sabia o suficiente de magia para iniciar um processo, mas nem tanto para interrompê-lo no momento apropriado. E ainda há um terceiro médico gótico, igualmente desvairado e ambicioso: o Dr. Spalanzani, personagem do conto *O Homem de Areia*, de Hoffmann, em cujas páginas redigidas em 1816 passeia aquela outra humanóide fatal chamada Olímpia.¹⁹ Se o Dr. Frankenstein era um “moderno Prometeu”, seus colegas Aylmer e Spalanzani também poderiam assumir o papel do mítico titã grego: todos eles foram duramente punidos pelos deuses, por terem desafiado

¹⁷ Caberia ainda notar os motivos que subjazem à escolha do termo “*aesthetic surgery*”, em inglês, em vez do “menos literário *esthetic surgery*”, que segundo Sander Gilman contribuía para assentar a “seriedade do campo”, quando ainda era muito discutido (na década de 1930), conferindo-lhe uma “linhagem clássica”. GILMAN, op. cit., p. 15.

¹⁸ HAWTHORNE, Nathaniel. “La Mancha de Nacimiento” (1843). In: BERGA, Miquel (Org). *Cinco mujeres locas*. Cuentos góticos de la literatura norteamericana. Barcelona: Ed. Lumen, 2001. p. 19-48.

¹⁹ HOFFMANN, E.T.A. “O homem de areia”. *Contos sinistros*. São Paulo: Max Limonad, 1987.

as limitações humanas com suas ousadas engenhocas e suas ainda mais ousadas pretensões.

Mas já há tempos que os deuses abandonaram a cena. Quase dois séculos depois dessas fantásticas invenções, os riscos passaram a ser meramente terrenos e individuais — e, conforme nos é dito, a decisão de corrê-los pode até valer a pena. Afinal, nestes tempos de individualismo feroz e igualdade supostamente obrigatória, todos temos (ou deveríamos ter) um fundamental *direito ao risco*. A responsabilidade é de cada um, e todos podemos decidir livremente se desejamos (ou não) livrar-nos — nem que seja provisoriamente — das imperfeições corporais que nos são teimosamente inerentes. Assim, todos podemos (ou talvez *devamos*) escolher a técnica bio-ascética mais propícia em cada caso (não apenas as cirurgias plásticas, mas também dietas, musculação, etc.), avaliando os riscos e os benefícios a fim de atingir a “perfeição” que os deuses insistem em nos negar, como também negaram à belíssima porém maculada Georgiana de Hawthorne.

Por isso, nos complexos tempos atuais, a tecnociência parece alentar o surgimento de outras figuras míticas, cada vez mais distantes do castigado **Prometeu** (afinal, um titã desobediente e portanto culpável) e mais próximas do destemido **Fausto** (afinal, um homem com ambições demasiadamente divinas). E ainda mais **Pigmalião** do que **Frankenstein**. No entanto, nesta passagem de um arquétipo para outro, vislumbram-se naqueles médicos góticos dos inícios do século XIX, Frankenstein, Aylmer e Spalanzani, inquietantes ecos ancestrais dessa espécie hoje triunfante que aqui tratamos: a dos cirurgiões plásticos. Versões contemporâneas do clássico Pigmalião, longe de protagonizarem dramas góticos com finais terríveis, esses profissionais da medicina estética orgulham-se de sua primorosa coleção de *happy ends*. Afinal, com seus afiados bisturis, eles costumam esculpir os melhores exemplares da beleza feminina que hoje brilham nas telas do mundo.

O Dr. Robert Rey é um caso emblemático. Além de fazer sucesso em sua clínica de Beverly Hills e no reality-show *Dr. 90210* (assistido por 330 milhões de espectadores em 120 países), este profissional brasileiro é um genuíno descendente direto do mítico escultor grego. Entre suas melhores obras, por exemplo, ostenta as “incríveis” transformações que efetuara no corpo de sua própria esposa. Cabe lembrar, aqui, um detalhe importante: antes de criar a bela Galatéia, sua “perfeita virgem de marfim”, Pigmalião tinha optado pelo celibato, pois considerava “todas as mulheres pecaminosas

e censuráveis”.²⁰ Somente a musa criada artificialmente poderia ser “perfeita”, ecoando as medidas humanamente inatingíveis da boneca Barbie — o corpo-modelo por antonomásia na nossa contemporaneidade.²¹ Ecoando, também, outras muitas vozes mencionadas ao longo desta tese, como as dos programadores de Kaya e demais “divas digitais”, profissionais do design informático que resolvem acrescentar *imperfeições* às suas criaturas de software para que “de tão *perfeitas*, não pareçam *irreais*”. E ainda vale a pena evocar aqui as êmulas de carne e osso dessas “beldades digitais”, como a Miss Brasil 2001 e a inglesa Cindy Jackson, que modelam a tosca matéria orgânica de seus “corpos perfeitos” recorrendo a dezenas de cirurgias plásticas e outras técnicas à venda.

Finalmente, também ressoam aqui as vozes de várias autoras contemporâneas que procuram desnudar as conotações políticas em torno da perpetuação da mítica “imperfeição feminina” (e inclusive da sua crescente intensificação na nossa sociedade), como a norte-americana Naomi Wolf e a brasileira Silvia Alexim Nunes.²² Mergulhando bem mais fundo nos labirintos da nossa história, a fim de desvendar as raízes destas reverberações tão atuais, ainda cabe lembrar neste contexto dos veredictos do longínquo Odon de Cluny. Os ecos desses discursos chegam até nós desde o século X, quando este servidor de Deus advertia que se os homens pudessem ver o que se encontra sob a pele das moças brutalmente carnais que os seduzem com seus sortilégios ilusórios, teriam um genuíno ataque de náuseas. Pois “toda essa graça feminina não é mais do que saburra, sangue, humores e fel”, visto que os obscuros recantos de seus corpos escondem sob belas aparências o que seria mera “imundice”; deste ponto de vista mais aguçado, portanto, o corpo das mulheres *reais* não seria apenas “imperfeito” mas um horrendo “saco de excrementos”, com todas suas viscosidades orgânicas e sua flagrante impureza perecível.²³

Entretanto, se o bem-sucedido cirurgião midiático dos reality-shows de hoje em dia encarna uma versão atual do grego Pigmalião, vale lembrar também do primeiro

²⁰ “Pigmalião”. In: *Dicionário de Mitologia Greco-Romana*. São Paulo: Ed. Abril, 1973. p. 150.

²¹ Ver Capítulo 2 desta tese.

²² WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991; NUNES, Silvia Alexim. “De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea”. *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*. Rio de Janeiro, 2003. Sobre as análises destas autoras no sentido aqui mencionado, ver ainda o Capítulo 2 desta tese.

²³ CLUNY, Odon de. Apud: PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998; p. 109.

antecessor histórico da figura de Fausto — e do seu nome, pois tal era o apelido por ele adotado. Trata-se de Simão o Mágico, famoso praticante da magia negra que teria vivido na época dos apóstolos e, muito significativamente, também é tido como o fundador do gnosticismo. Este personagem se identificava com o Sol, astro-*rei*, e sua mulher chamava-se Helena em alusão a Selene, que em grego remete à Lua: a alma humana fatalmente caída na matéria, que só podia ser redimida por seu fáustico parceiro. Mas a figura decisiva para a cristalização deste mito no imaginário ocidental foi Sabellicus Helmstedter, que inspirado nos textos de Simão se apresenta no século XVI como Fausto II, obtendo grande fama devido a seus “poderes sobrenaturais”. Alguns críticos permitem-se deles duvidar, porém, e afirmam que seu grande mérito teria sido outro: “sua notável capacidade para se auto-promover”.²⁴

Voltando ao Dr. Rey, portanto, agora sua linhagem fáustica parece confirmada em mais de um sentido, especialmente se prestarmos atenção quando alardeia possuir “tecnologia para tornar quase qualquer pessoa muito bonita”. O cirurgião não esconde a origem de seus mágicos poderes: “sou um artista a serviço do Senhor”, afirma, pois “Ele nos deu a Ciência para fazer nossa experiência um pouco melhor, para tornar mais leve a cruz dada para a gente carregar”. E ainda acrescenta: “fizemos uma beleza tão perfeita que todas as pessoas também querem”.²⁵

Paradoxalmente (ou não), tínhamos confirmado que já ficou longe a época em que a beleza era um “dom divino” e escasso, que *se tinha* ou *não se tinha*, e em cuja sublime arbitrariedade era prometeicamente arriscado se intrometer. Até meados do século XX, os manuais de beleza destinados ao público feminino recomendavam “enriquecer, conservar e restaurar a Natureza, mas sem ousar uma mudança profunda e irrevogável das linhas, das cores e dos volumes corporais”, pois considerava-se “perigoso intervir no próprio corpo em nome de objetivos pessoais e dos caprichos da moda”.²⁶ Somente nos anos 1950 a beleza começou a se converter em um *direito* (e provavelmente também em um *dever*) de toda mulher — e, cada vez mais, de todo

²⁴ KAHLER, op. cit.; p. 302-334.

²⁵ EDUARDO, Cléber. “Médico brasileiro afirma em reality show que cirurgião plástico é misto de psiquiatra e artista”. *Época*, Nº 335. Rio de Janeiro, 18/10/2004.

²⁶ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. “Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil”. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 126.

homem.²⁷ Antes disso, dificilmente alguém acreditaria que a beleza fosse uma conquista individual, resultado de um trabalho pessoal e cotidiano, e dos sacrifícios bio-ascéticos que hoje se tornaram obrigatórios. Mas, como explica a historiadora Denise de Sant’anna, tudo mudou nas últimas décadas: “ao invés de simplesmente dissimular os pontos ‘feios’”, a nova ordem é “preveni-los e corrigi-los”.²⁸

Uma clara transição, enfim, entre dois tipos de intervenção tecnocientífica nos corpos humanos: dos procedimentos **prometéicos** (dissimular, aperfeiçoar, melhorar) para os métodos **fáusticos** (corrigir, criar, ultrapassar). Uma mudança, também, do paradigma **mecânico** para o **bioinformático**, e uma passagem do horizonte **analógico** para o **digital**. Assim, uma contradição aparente é desnudada: os sonhos de “virtualização” e o culto ao “corpo belo” não são duas tendências contraditórias da sociedade contemporânea. Ambas revelam uma raiz comum: escondem idêntico desprezo pela carne considerada impura e por todo o seu conjunto de viscosidades orgânicas, além da mesma vontade fáustica de eliminá-las com a ajuda das ferramentas tecnocientíficas.

É por isso que a tragédia protagonizada há mais de 160 anos pelo médico gótico Aylmer e sua infeliz Georgiana não parece mais desvairada ou exageradamente alegórica. Hoje em dia, tais inquietações fazem parte do nosso cotidiano do século XXI e coagulam no senso-comum. Basta evocar o sucesso internacional dos reality-shows como os que protagonista o mencionado Dr. Rey, cujos participantes se submetem às mais diversas técnicas de aperfeiçoamento físico, sobretudo cirurgias plásticas,

²⁷ Sobre o incremento da preocupação masculina com o aspecto físico nos últimos tempos, basta constatar o notório crescimento em anos recentes do mercado de produtos e serviços de beleza específicos para o público masculino, inclusive as cirurgias plásticas. Além disso, cabe consultar as discussões midiáticas em torno do novo tipo de masculinidade “metrosexual”, cf. SIMPSON, Mark. “Eu, eu mesmo e eu também”. *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, São Paulo, 18/01/2004; ROIG, Catherine. “Metrosexuales: cuando más cuidados más hermosos”. *Elle*, Buenos Aires, Jun. 2004; SIMPSON, Mark. “Metrosexual”. *Veja*, Edição Especial *Homem*, São Paulo, nº 34, ano 37, p.22, Ago. 2004. Por outro lado e acompanhando todas estas mudanças mercadológicas e comportamentais, é cada vez mais ampla a discussão sobre o assunto nos âmbitos acadêmicos e científicos. Cf. ROSENBERG, Jocelyne Levy. *Lindos de Morrer: Dismorfia Corporal e Outros Transtornos Obsessivos*. São Paulo: Ed. Celebris, 2004; OLIVARDIA, Roberto; POPE JR., Harrison; PHILLIPS, Katharine. *O complexo de Adonis: A obsessão masculina pelo corpo*. São Paulo: Ed. Campus, 2000; SABINO, César. “Anabolizantes: Drogas de Apolo”. In: GOLDENBERG, Miriam. (Org.) *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188; GILMORE, David. “The Beauty of the Beast: Male Body Imagery in Anthropological Perspective”. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 191-214; COURTINE, Jean-Jacques. “Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In: SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.

²⁸ SANT’ANNA, op. cit., p. 135.

enfrentando sérios riscos e dores para atingir uma certa pureza na sua imagem corporal; isto é, uma aproximação do modelo ideal cada vez mais inatingível.²⁹ Diante do arsenal e da truculência mostrada neste tipo de programas de TV, os truques alquímicos do Dr. Aylmer parecem meras brincadeiras antiquadas. Enquanto percorria o laboratório de seu marido, porém, a horrorizada Georgiana talvez tenha descoberto o ovo da serpente: “não deixou de observar que seus mais esplêndidos sucessos eram quase sempre fracassos se comparados com o ideal ao qual aspiravam”.³⁰

Entregue às vertigens fáusticas, a tecnociência anuncia quotidianamente toda sorte de proezas. Como o transplante de rosto, cuja primeira incursão foi executada com êxito após uma leve demora por “problemas éticos e espirituais”, ligados ao fato de o rosto ainda estar fortemente vinculado à idéia de uma “identidade” inalienável de cada sujeito.³¹ Agora, após ao menos duas experiências bem-sucedidas, não é tão difícil imaginar uma eventual aplicação *cosmética* deste recurso técnico no futuro, passando a integrar o cardápio dos cirurgiões plásticos.

Apagadas do rosto as últimas nuances da mancha de nascença (único indício de imperfeição humana), o derradeiro suspiro da jovem, já perfeita, misturou-se com o ar... Ouviu-se novamente uma bronca gargalhada! Assim debocha sempre a crua fatalidade da terra em seu triunfo invariável sobre a essência imortal...

Nathaniel Hawthorne³²

²⁹ Depois do pioneiro *Extreme Makeover* (Sony) veio *The Swan* (Fox), que faz uma releitura não isenta de ironia do clássico conto “O patinho feio”, de Hans Christian Andersen; e a MTV transmite *I want a famous face*, documentando as transformações daqueles que desejam se parecer com determinadas “celebridades”. O Brasil também teve uma versão local: *Beleza comprada* (GNT). Para uma interessante análise deste fenômeno, cf. FELDMAN, Ilana. “Reality show, reprogramação do corpo e produção de esquecimento”. *Trópico*. Nov. 2004. <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2469,1.shl>>.

³⁰ HAWTHORNE, op. cit. p. 39.

³¹ Em depoimentos ao jornal *Le Figaro*, quase dois anos antes da realização da primeira cirurgia desse tipo, disse o cientista francês Laurent Lantier: “Tecnicamente é possível, minha equipe já pode fazê-lo. Podemos transplantar o rosto de uma pessoa falecida para uma viva que tenha sofrido um acidente grave. No entanto, não iremos avançar enquanto não tenhamos a aprovação da sociedade e de um comitê ético e científico nacional”. A matéria adverte que o Dr. Lantieri “está numa corrida contra o tempo e contra dois concorrentes rivais: o britânico Peter Butler e o americano John Barker”. QUIÑONERO, J.P. “La cirugía que faltaba: el trasplante de cara”. *La Nación*, Buenos Aires, 19/02/2004. Pouco tempo depois, a revista *New Scientist* informava que uma equipe da University of Louisville (liderada pelo mencionado John Barker) submeteu um pedido ao comitê ético da universidade para “executar o primeiro transplante mundial de uma face inteira”. “Cientistas querem fazer transplante total de face”. *Jornal da Ciência*, Nº 2534, 28/05/2004. <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalle.jsp?id=18901>>.

³² HAWTHORNE, op. cit. p. 47.

CONCLUSÕES

**Agruras da perfeição imaterial
(e da felicidade lipoaspirada)**

Um grupo de crianças se deteve aos pés de sua cama, observando-a com a medrosa e estúpida curiosidade de animais que se encontram bruscamente diante do desconhecido...

— O que ela tem? Por que está tão gorda?

Nunca tinham visto um rosto como aquele, nunca tinham visto um rosto que não fosse túrgido e juvenil, nem um corpo que tivesse deixado de ser magro e reto. Todas aquelas sexagenárias moribundas da sala 81 tinham o aspecto de mocinhas, quase meninas.

Aldous Huxley ¹

O texto da epígrafe, extraído do famoso romance de ficção-científica publicado em 1931, *Admirável Mundo Novo*, parece ecoar o depoimento de um dos primeiros cirurgiões estéticos. Entusiasmado com os surpreendentes resultados e os rápidos avanços da nova especialidade médica, aquele pioneiro dessa fáustica profissão exclamara: “daqui a vinte anos, será tão repreensível ter o aspecto de um velho ou ser feio como se vestir de forma inadequada”.² Isso foi em 1930; anos mais, anos menos, hoje sabemos que de algum modo este cirurgião tinha razão. Hoje, ser velho ou feio (ou gordo) parece ser uma falha; em síntese, é *inadequado*. E, portanto, é um problema grave a ser resolvido tecnicamente.

Para isso, o mercado oferece todo um amplo catálogo de *soluções*, que prometem adequar o próprio corpo ao modelo ideal emanado das imagens midiáticas. E, ao mesmo tempo, em sua complexa dinâmica da falta e do excesso, da escassez e da abundância, da moderação e da distinção, da fome e da obesidade, dos sacrifícios e dos prazeres... o mercado também nos oferece o *problema*. Costumamos comprar ambos, no mesmo pacote: tanto o problema como a solução — isto é, ao menos, o que se espera daquela parte da população global que foi incluída na definição de *consumidores*. Porém, isso não basta. É preciso renová-los sem cessar, atualizá-los constantemente; enfim: estarmos atentos a toda mudança e a qualquer detalhe o sinal, a fim de fazermos *upgrade* para evitarmos o risco de ficarmos obsoletos.

¹ HUXLEY, Aldous. *Un mundo feliz*. Barcelona: Plaza y Janés, 1962; p. 242.

² PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998; p. 81.

Mas esse corpo que tanto se deseja e cultua, aquele que se compra e se vende como imagem, não parece ser o corpo vivo e vivido da fenomenologia, nem tampouco o corpo do *self* ecológico e da subjetividade encorpada. É, como vimos, um corpo imagético cuja presença constante no primeiro plano das nossas preocupações pode impedir a emergência de outros desenvolvimentos e realizações, monopolizando todas as atenções no *cuidado de si* e limitando o leque das experiências individuais e coletivas. Conseqüentemente, essa dinâmica pode gerar a produção de subjetividades extremamente vulneráveis, escravizadas pelo próprio umbigo. Livres enfim das ancoras e tiranias do *eu interiorizado* da Modernidade, em vez de aproveitarmos essa valiosa oportunidade para enriquecer o campo do possível, os espaços ociosos liberados por todas essas pesadas referências costumam ser preenchidos por meras mercadorias descartáveis.

Para concluir esta tese, então, resta uma pergunta que clama por respostas. Quais são as implicações desta valorização extrema das aparências em nossa sociedade, que leva a desprezar a materialidade orgânica dos corpos humanos na procura de um “corpo perfeito” decalcado das imagens ideais emanadas pela mídia? Em princípio, apreciar excessivamente alguma coisa costuma implicar, como contrapartida, a desvalorização de outros aspectos da vida. Nesse sentido, valorizar demasiadamente a imagem corporal (própria e alheia) pode esconder um crescente desprezo pela satisfação com a ação criativa na interação com os outros e com o mundo.

“Quanto mais próximos do corpo e longe do mundo, mais o mundo surge como um décor extravagante e fantasmagórico de coisas e acontecimentos que não podemos entender, recriar ou, se preciso, descartar”, resume Jurandir Freire Costa.³ Se permanecermos enclausurados no universo limitado dos nossos corpos-imagens, se o “cuidado de si” focaliza apenas as formas corporais e o gozo das sensações, além dos sacrifícios e purificações necessários para estar à altura do modelo; então o mundo parecerá algo estranho e imutável, inatingível pela ação e apenas experimentável pela sensação epidérmica. Pois é provável que esse corpo bidimensionalizado em sua beleza descarnada e perfeitamente codificada, procure compensações para a sua imobilidade e sua falta de outros sentidos; e nessa busca quiçá apenas encontre refúgio nos paraísos

³ COSTA, Jurandir Freire. “O uso do corpo como objeto transicional”. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 124.

artificiais da sensorialidade. Mas é bem provável que aí torne a achar ainda mais paralisia e ainda mais distanciamento com relação aos outros e ao mundo.

Em seu livro *A condição humana*, Hannah Arendt procura compreender a emergência histórica do consumismo como um fenômeno relacionado diretamente com o desinvestimento cultural da ação política. Pois um novo princípio moral passou a associar o ideal de felicidade à aquisição de bens materiais — para além da sua *utilidade* ou *necessidade* concretas, mas devido a seu valor mormente simbólico (a autora ainda lembra que os *alimentos* são, de fato, os únicos objetos que realmente *consumimos*). Isto teria sido algo insólito antes do advento da Revolução Industrial, pois segundo Arendt até tal momento histórico teria sido impensável um tal ideal de felicidade. Ou, curiosamente, talvez apenas teria sido viável para “os mais necessitados e pobres”; isto é, apenas para aqueles que sofriam de graus extremos de privação física.⁴ Hoje em dia, porém, vemos que isto mudou radicalmente: o imperativo do consumo e (sobretudo) suas alegres promessas de felicidade têm se espalhado por toda a superfície do planeta, conquistando com vigor equivalente ricos e pobres, riquíssimos e paupérrimos.

“Por que se conduzir como miserável quando se é opulento?”, pergunta neste contexto o autor antes mencionado. “Por que se comportar de forma tão contrária ao senso comum de todas as épocas?”.⁵ Talvez a resposta resida nesse curioso — e de algum modo opressivo — ideal de felicidade. Porque através do consumo de bens e serviços, os indivíduos não só exprimem e cultivam seu desejo de insaciabilidade, sempre atizada pelo imperativo do gozo constante e pela tensão entre carência e privilégio que vigora entre nós, como também encontra nesses objetos novas formas de impregnar de sentido a suas identidades atomizadas — e, também, para suprir a carência de outras fontes de sentido.

Apropriar-se dos objetos para com eles preencher os sentidos que nos faltam. Isso parece ser o que ocorre, também, na apropriação imaginária dos corpos *modelo* expostos na mídia. Nesses atos de *consumo*, o que se busca é *ser* alguém — e sermos *felizes*, de acordo com a definição ainda vigente. Apropriar-se do brilho daqueles corpos perfeitos que cintilam nas telas midiáticas, esses corpos fetichizados como mercadorias

⁴ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000; p. 146.

⁵ COSTA, Jurandir Freire. “Declínio do comprador, ascensão do consumidor”. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004; p. 137.

e vorazmente consumidos como imagens, que nesse processo tornam-se — eles também — “valores de troca”. Mas não basta apenas *comprar*, também é preciso *pagar*. Pois para estarmos à altura dessas imagens ideais é preciso *sofrer*; é preciso purificar o próprio corpo sacrificando a nossa carne imperfeita mediante as técnicas bio-ascéticas à venda.

Duas publicidades, escolhidas meio ao acaso, podem servir para oferecer uma última ilustração da pregnância destes imperativos em nossa sociedade. Por um lado, a campanha de um “creme modelador” que recentemente fez sucesso em todo o mundo por cometer uma verdadeira ousadia: colocar um grupo de mulheres *reais* no lugar normalmente restrito aos corpos imagéticos das *modelos*. “Testado em curvas *reais*”, sublinhava o anúncio do produto da marca Dove, enquanto mostrava os corpos semi-nus de quatro ou cinco mulheres jovens; e ainda esclarecia que era fácil “firmar” os corpos das modelos, difícil mesmo era fazê-lo com as “curvas de verdade” das mulheres reais. A mensagem, portanto, é a mesma de sempre: é preciso usar este produto para que você, consumidor demasiadamente orgânico, carnal e imperfeito, possa se aproximar daquele corpo imagético que tanto deseja porém jamais poderá atingir. No contexto descrito nesta tese, não surpreende que o cinismo de tamanha ousadia tenha tido amplas repercussões na mídia e nos debates efêmeros do mundo inteiro.⁶

A outra publicidade que gostaria de mencionar aqui, para concluir, é ainda mais trivial. Trata-se da propaganda de outro creme miraculoso desse gênero, da marca Lyposine. Uma fotografia de página inteira publicada em revistas de diversos países mostra umas nádegas e coxas femininas. A mulher fotografada parece estar retirando uma espécie de calça da mesma cor da sua pele, porém com uma textura porosa e irregular, enquanto a nova epiderme que deixa à vista é pura e lisa, sem poros nem rugas ou qualquer sinal de adiposidades e imperfeições. Como se estivesse se livrando da sua própria condição orgânica, desagradável e indesejada, para se tornar um corpo imagético e “perfeito”.

⁶ A campanha publicitária, conhecida como “Real Curves” ou “campanha pela beleza real”, não só representou para a marca Dove um crescimento de cerca de 700% nas vendas; além disso, como peça publicitária, teve uma repercussão inaudita e foi premiada em diversos festivais ao longo de 2004 e 2005, incluindo Prata no CLIO Awards 2005, Grand Prix no Euro EFFIE 2005 e o Grand Prix em Print no Festival de Londres 2005. A empresa fabricante dos produtos anunciados, a Unilever, explica que a idéia de fazer essa campanha publicitária decorreu da constatação da “insatisfação feminina no que concerne ao ideal de beleza”, graças a uma pesquisa mundial que delatara que “apenas 2% das mulheres se consideravam bonitas e que mais de 90% delas queriam ver idades, tamanhos e formas femininas diferentes retratadas na mídia”.

Uma e outra vez, a mídia alia-se à tecnociência e ao mercado para nos oferecer esse tipo de soluções: fausticamente, a técnica permite que ultrapassemos as falhas da nossa indigna condição carnal — de forma sempre momentânea, porém supostamente *eficaz*. Como se sabe, tal é o objetivo da técnica: produzir efeitos, ser *eficaz*. Pois a técnica não busca elucidar um sentido ou enunciar grandes perguntas; apenas oferece intervenções corretivas para problemas tecnicamente definidos, dos quais estão ausentes todos os outros aspectos que podem participar na enunciação de um problema — sejam políticos, sociais, culturais, morais ou éticos.⁷ Pouco importa, portanto, que suas propostas ignorem os antigos e ainda vorazes *fantasmas da fome* para se concentrar exclusivamente nos novos *fantasma da obesidade*, e que desdenhem todas as questões éticas e filosóficas sobre a condição humana que esta decisão poderia implicar. Em um mundo que enaltece o *saber-fazer* da técnica e despreza o *saber-saber* de outras fontes de sentido, o único que importa é que os dispositivos inventados sejam capazes de produzir os efeitos desejados.⁸ E, com a imprescindível ajuda do mercado e da mídia, o que importa é que tanto o *problema* como a *solução* sejam constantemente reinventados, comprados e vendidos. A insatisfação, porém, parece garantida. E a possibilidade de desdobrar todos esses impulsos em ações criativas no mundo permanece esquecida.

⁷ Cf. GALIMBERTI, Umberto. “Psiché y Techné”. *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 4, p. 37-46, inverno 2001.

⁸ Cf. SIBILIA, Paula. “Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico: a crise da interioridade”. *Semiosfera*, Rio de Janeiro, Ano 3, Nº 7, 2004.

BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano y a vida nua*, vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- AIACH, P. E DELANOË, D. (orgs.). *L'ère de la médicalisation: Ecce homo sanitas*. Paris: Economica, 1998.
- AISENSON KOGAN, Aída. *Cuerpo y persona: Filosofía y psicología del cuerpo vivido*. México: FCE, 1981.
- ALLEN, Stewart Lee. *In the Devil's Garden : A Sinful History of Forbidden Food*.
- AMATO, Joseph A. *Victims and Values: A history and a theory of suffering*. Nova York: Praeger Publishers, 1990.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- ARIËS, Philippe; DUBY, Georges. *Historia de la vida privada*. Madri: Taurus, 1991.
- ATTALI, Jacques. *Diccionario del siglo XXI*. Barcelona: Ed. Paidós, 1999.
- AZÚA, Félix de. *Diccionario de las Artes*. Barcelona: Ed. Planeta, 1995.
- BALTRUSAITIS, Jurgis. *Aberrações: Ensaio sobre a lenda das formas*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- BATAILLE, Georges. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- BAUDELAIRE, Charles. "Elogio del maquillaje". In: *El pintor de la vida moderna*; p. 25-28. <<http://www.educarchile.cl/autoaprendizaje/estetica/modulo4/clase4/doc/ baudelaire.doc>>.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BEAULIEU, Anne. Images Are Not the (Only) Truth: Brain Mapping, Visual Knowledge, and Iconoclasm. *Science, technology & Human Values*, vol. 27, No.1, Winter 2002. p. 53-86.
- BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. Londres: Sage, 2002.
- BELASCO, Warren. Food, morality and social reform. In: BRANDT, Allan; ROZIN, Paul (Orgs.). *Morality and health*. Londres: Routledge, 1997. p. 185-200.
- BELL, R.M. *Holy anorexia*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- BERGER, Peter. *Ways of Seeing*. Londres: Penguin Books, 1972.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERMAN, Marshall. "El Fausto de Goethe: la tragedia del desarrollo". *Todo lo sólido se desvanece en el aire: La experiencia de la Modernidad*. Madri: Siglo XXI, 1988. p. 28-80.
- BERMUDEZ, José Luis; MARCEL, Anthony; EILAN, Naomi (Orgs.). *The Body and the Self*. Cambridge: 1998.
- BESANÇON, Alain. *A Imagem Proibida: uma história intelectual da iconoclastia*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- BEZERRA Jr., Benilton. "Seremos sujeitos amanhã?", *Cadernos de Psicanálise*, n. 21. Rio de Janeiro: CPRJ, 1999.
- BEZERRA Jr., Benilton. "O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica". In: PLASTINO, C. A. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002; p. 229-239.
- BEZERRA Jr., Benilton. "A retomada do futuro: tempo e utopia na subjetividade

- contemporânea”. In: JOBIM, S.; SOUZA (orgs.). *Mosaico, imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Rios Ambiciosos, 2000.
- BODEI, Remo. *As formas de beleza*. Bauru: EdUSC, 2005.
- BOLTANSKI, Luc. *Distant Suffering: Morality, Media and Politics*. Cambridge University Press.
- BORDO, Susan. “Bringing Body to Theory”. In: WELTON, Donn (Org.) *Body and Flesh: A Philosophical Reader*. Malden: Blackwell Publishers, 1998. p. 84-97.
- BORDO, Susan. “Eating disorders: The feminist challenge to the concept of pathology”. In: LEDER, Drew (Org.). *The body in medical thought and practice*. Dordrecht/Boston/Londres: Kluwer Academic Pubs., 1992. p. 179-196.
- BORDO, Susan. *Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body*.
- BORGES, Contador. A beleza terrível. Revista *Verve – Um Incômodo*, v. 6. São Paulo: Nu-Sol/PUC-SP, Nov. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinción: Criterios y bases sociales del gusto*. Madri: Taurus, 1988.
- BRANDT, Allan; ROZIN, Paul (Orgs). *Morality and health*. Londres: Routledge, 1997.
- BRILLAT-SAVARIN, Jean-Anthelme. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BRUMBERG, Joan Jacobs. *Fasting Girls: The history of anorexia nervosa*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- BUARQUE de ALMEIDA, Heloisa. A construção do corpo na sociedade de consumo. *CD-ROM XXVII Encontro Anual ANPOCS*. Caxambu-MG, 2003.
- BUTLER, Judith. Bodies that Matter. In: WELTON, Donn (Org.) *Body and Flesh: A Philosophical Reader*. Malden: Blackwell Publishers, 1998. p. 71-83.
- BUTLER, Marilyn. Introduction: “The Shelleys and Radical Science”. In: SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Nova York: Oxford University Press, 1994. p. IX-LI.
- BYNUM, Caroline. Why all the fuss about the body? A Medievalist’s Perspective. *Critical Inquiry*. Nº 22, 1995, pp. 1-33.
- BYNUM, Caroline. *Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- CANGUILHEM, Georges. Máquina y organismo In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ediciones Cátedra, 1996. p. 37-64.
- CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CARTWRIGHT, Lisa. *Screening the Body. Tracing Medicine’s Visual Culture*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1997.
- CASTEL, Robert. *La gestión de los riesgos*. Buenos Aires: Anagrama, 1995.
- CASH, Thomas; PRUZINSKY, Thomas. (Orgs.) *Body Image: A Handbook of Theory, Research, and Clinical Practice*. Nova York: Guilford Press, 2003.
- CLAY, Jean. *L’Impressionisme*. Paris: Hachette, 1976.
- COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994.

- COLL, Eduardo. *Los vicios capitales en la Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino. La Gula*. Análisis de Suma Teológica, II-II, q. 148. Disponible em http://www.iveargentina.org/Foro_SAlfonso/seminarios/Vicios_capitales/gula2.htm.
- CORDAS, Táki Athanássios; CLAUDINO, Angélica de Medeiros. “Transtornos alimentares: fundamentos históricos”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo, Dec. 2002, vol.24 supl.3, p.03-06.
- CORBIN, Alain. *Saberes e odores: O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CORBIN, Alain (Org.). *Histoire du corps*: vol. 1;2;3. Paris: Ed., 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- COTTINGHAM, John. *Descartes: A filosofia da mente de Descartes*. São Paulo: UNESP, 1999.
- COUCHOT, Edmond. “Da Representação à Simulação: Evolução das Técnicas e das Artes da Figuração”. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 37-48.
- COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny Van. *Food and Culture: A Reader*. Nova York: Rutledge, 1997.
- COURTINE, Jean-Jacques (Org.). *Histoire du corps*: vol. 1;2;3. Paris: Ed., 2005.
- COURTINE, Jean-Jacques. “Os Stakhanovistas do Narcisismo : Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo”. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.
- CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ed. Cátedra, 1996.
- CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the Nineteenth Century*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- CRAWFORD, Robert. Healthism and the medicalization of everyday life. *International Journal of Health Services*, vol. 10, n. 3, 1980.
- CRAWFORD, Robert. The boundaries of the self and the unhealthy other: reflexions on health, culture and aids. *Social Sciences and Medicine*, vol. 38, n. 10, 1994.
- CROSSLEY, Nick. *The social body: Habit, identity and desire*. Londres: SAGE Publications, 2001.
- CSORDAS, Thomas (Org.). *Embodiment and experience: The existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DA VINCI, Leonardo. *Apuntes de Cocina: Pensamientos, Misceláneas y Fábulas*. Buenos Aires: Ed. Distal, 2003.
- DARWIN, Charles. *El Origen de las Especies*. Buenos Aires: Edaf, 1997.
- DAVIS, Erik. *Techgnosis: Myth, Magic & Mysticism in the Age of Information*. San Francisco: Three Rivers Press, 1999.
- DEBORD, Guy. *La sociedad del espectáculo*. Buenos Aires: Ed. La Marca, 1995.
- DELEULE, Didier. La máquina viva: la psicología como organología. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ediciones Cátedra, 1996. p. 167-200.
- DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 209-226.

- DERRIDA, Jean. *La verdad en pintura*. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- DESCARTES, René. *Meditaciones Metafísicas*. Navarra: Ed. Folio, 1999.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- DOUGLAS, Mary e WILDAVSKY, A. *Risk and Culture: An Essay on the selection of technological and environmental dangers*. Berkeley: University of California Press, 1982.
- DOUGLAS, Mary. Deciphering a Meal. In COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny van. *Food and Culture*. Londres: Routledge, 1997. p. 36-54.
- DUBIN, Steven. “Who’s that Girl? The World of Barbie Deconstructed”. In: MCDONOUGH, Yona Zeldis (Org.). *The Barbie Chronicles*. Nova York: Touchstone, 1999.
- DUBY, George; PERROT, Michelle (orgs.). *Historia de las Mujeres en Occidente*. Madri: Ed. Taurus, 1993.
- DUDEN, Barbara. *The Woman beneath the Skin: A Doctor’s Patients in Eighteenth-Century Germany*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- DUMIT, Joseph. *Picturing Personhood. Brain Scans and Biomedical Identity*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2004.
- DUMONT, Louis. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- ECKERMAN, Liz. Foucault, embodiment and gendered subjectivities. The case of voluntary self-starvation. In: PETERSEN, Alan; BUNTON, Robin (Orgs.) *Foucault, Health and Medicine*, London, Routledge. p. 151-169.
- ECO, Umberto. *História da Beleza*. São Paulo: Ed. Record, 2004.
- EDGLEY, Charles e BRISSETT, Dennis. “Health nazis and the cult of the perfect body: some polemical observations”. *Symbolic Interaction*. Vol. 13, n. 2, 1990.
- EHRENBERG, Alain. *La fatigue d’être soi: Dépression et société*. Paris: Editions Odile Jacob, 2001.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994
- ESPÓSITO, Roberto. *Immunitas: Protección y negación de la vida*. Madri: Amorrortu, 2005.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- FARB, Peter; ARMELAGOS, George. *Consuming Passions: The Anthropology of Eating*. Boston: Washington Square Press, 1983.
- FEATHERSTONE, Mike. “The body in consumer culture”. In: FEATHERSTONE, Mike; HEOWORTH, Mike; TURNER, Bryan (Orgs). *The Body: Social Process and cultural theory*. Londres: Sage, 1992.
- FELDMAN, Ilana. “Reality show, reprogramação do corpo e produção de esquecimento”. *Tópico*. Nov. 2004. <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2469,1.shl>>.
- FELINTO, Erick. “O corpo impuro: sobre a digitalização da matéria no imaginário da cibercultura”. CD-ROM *XIII COMPÓS*, UESP, São Bernardo do Campo, Julho 2004.
- FELINTO, Erick. *A religião das máquinas*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.
- FENDRIK, Silvia. *Viagem ao País do Nuncacomer*. São Paulo: Ed. Via Lettera, 2005.
- FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. *Comida: Uma História*. Record, 2003.

- FERRARI, Giovanna. "Public Anatomy Lessons and the Carnival: The Anatomical Theatre of Bologna". *Past and Present*, Vol. 0, 117, 1987. p. 50-106
- FERRER, Christian. "La curva pornográfica. El sufrimiento sin sentido y la tecnología". *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 5, p. 5-11, fev. 2004.
- FERRER, Christian. "Barbitúrica. La Barbie cumple cuarenta años". *Clarín*, Revista "Viva". Buenos Aires, 07/02/1999.
- FISCHLER, Claude. "Obeso Benigno, Obeso Maligno". In : SANT'ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.
- FISCHLER, Claude. "A McDonalizacao dos costumes". In : FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 841-862.
- FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Hermenéutica del sujeto*. México: FCE, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologias del yo*. México: Paidós, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOX, Evelyn Keller. *Reconfiguring Life: Metaphors of Twentieth-Century Biology*. Nova York: Columbia University Press, 1995.
- FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. *Platão: As artimanhas do fingimento*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. *Nove variações sobre temas nietzschianos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FREIRE FILHO, João. "Poder de compra: Pós-feminismo e consumismo nas páginas da revista *Capricho*". CD-ROM XIV COMPÓS, UNESP, Bauru-SP, Junho 2006.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Madri: Ed. Biblioteca Nueva, 1948.
- GALIMBERTI, Umberto. "Psiché y Techné". *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 4, p. 37-46, inverno 2001.
- GARLAND, David. The Rise of Risk. In: ERICSON, Richard; DOYLE, Aaron (Orgs.). *Risk and Morality*. Toronto: University of Toronto Press, 2003. p.48-86.
- GAY, Peter. Fortificación para el yo. In: *La experiência burguesa, de Victoria a Freud*, v. 1: "La educación de los sentidos". México: FCE, 1992. p. 374 a 426.
- GIBSON, William. *Neuromancer*. Nova York, Ace Books, 2000.

- GILMAN, Sander. *Making the body beautiful: A cultural history of Aesthetic Surgery*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2001.
- GILMORE, David. Te Beauty of the Beast: Male Body Imagery in Anthropological Perspective. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 191-214.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade manipulada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- GOLDENBERG, Miriam. (Org.) *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GROOT, Janet. Eating Disorders, Female Psychology, and Developmental Disturbances. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 127-144.
- GUERRERO, Luis Juan. *Qué es la belleza*. Buenos Aires: Ed. Columba, 1954.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A Modernização dos Sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- GUSFIELD, Joseph. "Nature's body and the metaphors of food". In: LAMONT, M.; FOURNIER, M. (Orgs.). *Cultivating differences: Symbolic boundaries and the making of inequality*. Chicago: The Chicago University Press, 1992.
- HACKING, Ian. "Risk and Dirt". In: ERICSON, Richard; DOYLE, Aaron (Orgs.). *Risk and Morality*. Toronto: University of Toronto Press, 2003. p.22-47.
- HARRIS, Marvin. *Good to eat*.
- HAWTHORNE, Nathaniel. "La Mancha de Nacimiento" (1843). In: BERGA, Miquel (Org.). *Cinco mujeres locas*. Cuentos góticos de la literatura norteamericana. Barcelona: Ed. Lumen, 2001. p. 19-48.
- HAY, Phillipa J. "Epidemiologia dos transtornos alimentares: estado atual e desenvolvimentos futuros". *Rev. Bras. Psiquiatr.* São Paulo, Dez. 2002, vol.24 suppl.3, p.13-17.
- HAYLES, Katherine. *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature, and Informatics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- HAYWARD, J.A. *Historia de la medicina*. México: FCE, 1989.
- HEKMAN, Susan. Material Bodies. In: WELTON, Donn (Org.) *Body and Flesh: A Philosophical Reader*. Malden: Blackwell Publishers, 1998. p. 61-70.
- HESSE-BIBER, Sharlene. *Am I Thin Enough Yet?: The Cult of Thinness and the Commercialization of Identity*.
- HIGONNET, Anne. "Mujeres, imágenes y representación", in In: DUBY, Georges; PERROT, Michel (Orgs.). *Historia de las Mujeres en Occidente*; vol. 9. Madri: Taurus, 1993; p. 368-391.
- HIRSCHHAUER, Stefan. The Manufacture of Bodies in Surgery. *Social Studies of Science*, 21, 1991. p. 279-319.
- HOFFMANN, Ernest T.A.. "O homem de areia". In: Oscar Cesarotto (Org.). *Contos Sinistros*. São Paulo: Max Limonad, 1987; p. 19-52.
- JACOB, H.E. *Seis mil años de pan: Su historia sagrada y profana*. Buenos Aires: Ed. Impulso, 1945.
- JAGUARIBE, Beatriz. "Bonecas Hiper-Reais e Virtuais: o fetiche do desejo". Rio de Janeiro, 2005 (inédito).

- JAY, Martin. *Downcast eyes: The Denigration of Vision in Twentieth-Century French Thought*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- JOHNSON, Mark; LAKOFF, George. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- KAFKA, Franz. *Um artista da fome*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KAFKA, Franz. *Na colônia penal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KAFKA, Franz. *A construção*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- KAHLER, Erich. "El Doctor Fausto, de Adan a Sartre". *Nuestro Laberinto*. México: FCE, 1972; p. 302-334.
- KANT, Immanuel. Analítica do belo; Analítica do Sublime. In: *Crítica da Faculdade do Juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- KATZ, Chaim Samuel; KUPERMANN, Daniel; MOSÉ, Viviane (Orgs.). *Beleza, Feiúra e psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2004.
- KATZ, Solomon. Secular morality. In: BRANDT, Allan; ROZIN, Paul (Orgs). *Morality and health*. Londres: Routledge, 1997. p. 297-330.
- KRISTEVA, Julia. *Pouvoirs de l'horreur*. Paris: Seuil, 1980.
- LABRIOLA, Rodrigo. *A fome dos outros: literatura, comida e alteridade na Conquista*. Dissertação do Mestrado em Letras da UFF. Niterói, 2004.
- LASH, Sott. *Crítica de la información*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
- LECCESE, Arthur. Differential Prohibition, Scientific Discourse, and Anorexiant Stimulants. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 108-125.
- LEDER, Drew. *The absent Body*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1990.
- LEITE, Marcelo. *Os Alimentos Transgênicos*. São Paulo: PubliFolha, 2000.
- LESSING, Gotthold Ephraim. *Laocoonte, ou sobre as Fronteiras da Pintura e da Poesia*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1999.
- LEVENSTEIN, Harvey. *Paradox of Plenty: A Social History of Eating in Modern América*.
- LEVENSTEIN, Harvey. Dietética contra gastronomia: tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos. In: FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo (Orgs.). *História da alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 825-840.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido - Mitológicas 1*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991;
- LEWONTIN, Richard. *Biology as Ideology: The doctrine of DNA*. Nova York: Penguin Books, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1988
- LIPOVETSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.
- LONDON, Jack. *O Povo do Abismo: Fome e Miséria no Coração do Império Britânico (1902)*. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.
- LOWE, Donald. *Hstoria de la percepción burguesa*. Buenos Aires: FCE, 1986.
- LUPTON, Deborah. *Medicine as Culture: Illness, Disease and the Body in Western Societies*. Londres: Sage, 1994.

- LUPTON, Ellen; MILLER, Abbot. “La higiene, la cocina y el mundo de los productos comerciales en los Estados Unidos de principios de siglo”. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ed. Cátedra, 1996. p. 429-446.
- LYMAN, Stanford. *The seven deadly sins: society and evil*. Nova York: St. Martin’s Pres, 1978.
- LYOTARD, Jean-François. “Se pudermos pensar sem corpo”. *O inumano: Considerações sobre o tempo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.
- MALINA, Roger. “Realidades úmidas: as artes e as novas biológicas”. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *A arte no século XXI: A humanização das tecnologias*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 226-232.
- MARTINS, Hermínio. “Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da Técnica”; “Tecnologia, Modernidade e Política”. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Edições Século XXI, 1996; p. 167-198 e p. 199-250.
- MAUSS, Marcel. “Las técnicas del cuerpo”. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ed. Cátedra, 1996. p. 385-408.
- MCDONOUGH, Yona Zeldis (Org.). *The Barbie Chronicles*. Nova York: Touchstone, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MILES, Margaret. “Textual Harassment: Desire and the Female Body”. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 49-63.
- MILLER, William Ian. *Anatomía del asco*. Madri: Ed. Taurus, 1998.
- MINTZ, Sidney. Sugar and morality. In: BRANDT, Allan; ROZIN, Paul (Orgs.). *Morality and health*. Londres: Routledge, 1997. p. 173-184.
- MITCHAM, Carl. Tres formas de ser con la tecnologia. *Anthropos*, Baelona, v. 14, p. 13-27, 1990. Dossier Tecnología, ciencia, naturaleza, y sociedad.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. A decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002.
- MOSS, Donald. Obesity, Objectification, and Identity: The encounter with the body as an object in obesity. In: LEDER, Drew (Org.). *The body in medical thought and practice*. Dordrecht/Boston/Londres: Kluwer Academic Pubs., 1992. p. 179-196.
- MULVEY, Laura. “Prazer visual e cinema narrativo”. In: XAVIER, Ismail (Org.). *A Experiência do Cinema*. São Paulo: Graal, 1991.
- MUMFORD, Lewis. *Técnica y civilización*. Madri: Alianza Editorial, 1994.
- MUMFORD, Lewis. *El mito de la máquina I*, Buenos Aires: Emecé Editores, 1969.
- MURPHY, Michael P. e O’NEILL, Luke A. J. (Org.). “O que é a vida?” 50 anos depois: Especulações sobre o futuro da Biologia. São Paulo: UNESP, 1997.
- NEGROPONTE, Nicholas. *Vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NELKIN, Dorothy; LINDEE, Susan. *The DNA Mystique: The Gene as a Cultural Icon*. Nova York: W.H. Freeman & C., 1995.
- NETTLETON, Sarah. Governing the risky self: how to become healthy, wealthy and wise. In: PETERSEN, Alan; BUNTON, Robin (Orgs.) *Foucault, Health and Medicine*, London, Routledge. p. 207-222.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *El nacimiento de la tragedia*. Madri: Alianza, 1981.
- NUNES, Silvia Alexim. “De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea”. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial. Rio de Janeiro, 2003.
- OCAÑA, Enrique. “Técnica y metafísica: sobre la esencia del dolor”. *Artefacto, pensamientos de la Técnica*, Buenos Aires: UBA, v. 2, p. 40-51, mar. 1998.
- O'DONOVAN-ANDERSON, Michael (Org.) *The Incorporated Self: Interdisciplinary Perspectives on Embodiment*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 1996.
- OLIVARDIA, Roberto; POPE JR., Harrison; PHILLIPS, Katharine. *O complexo de Adonis: A obsessão masculina pelo corpo*. São Paulo: Ed. Campus, 2000.
- ORTEGA, Francisco. “Modificações corporais na cultura contemporânea: Produção auto-engendrada do simbólico e acesso ao corpo vivido”. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 33: Corpo, técnica, subjectividades. Lisboa, jun. 2004.
- ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese, ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: ORLANDI, Luiz; RAGO, M. e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002; p. 9-20.
- OTTO, Walter. *Teofanía*. Buenos Aires: Eudeba, 1978
- PAQUET, Dominique. *La historia de la belleza*. Barcelona: Claves, 1998.
- PARENTE, André (Org.). *Imagem-Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- PLATÓN. “Fedro”; “El Banquete”. In: *Diálogos*. México: Editorial Porrúa, 1991.
- POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: As práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 115-120.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (Org.) *A escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 291-326.
- PORTER, Roy. *Das Tripas Coração*. São Paulo: Ed. Record, 2004
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da Alimentação*. Florianópolis: EdUFSC, 2004.
- PROSE, Francine. *Gula*. São Paulo: Ed. Arx, 2004.
- PROUDFOOT, Mike (Org.) *The Philosophy of the Body*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.
- RABINOW, Paul. Artificialidad e ilustración: de la sociobiología a la biosocialidad. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ediciones Cátedra, 1996. p. 201-221.
- RIFKIN, Jeremy. *O século das biotecnologias: A valorização dos genes e a reconstrução do mundo*. São Paulo: Makron Books, 1999.
- RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso: A transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia*. São Paulo: Makron Books, 2001.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org.). *Cadernos de Subjetividade*. Campinas: Papyrus, 1997. p. 19-24.
- ROSEN, George. *Da Polícia Médica à Medicina Social: Ensaio sobre a história da assistência médica*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

- ROSENBERG, Jocelyne Levy. *Lindos de Morrer: Dismorfia Corporal e Outros Transtornos Obsessivos*. São Paulo: Ed. Celebris, 2004.
- SABINO, César. “Anabolizantes: Drogas de Apolo”. In: GOLDENBERG, Miriam. (Org.) *Nu & Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188.
- SAHLINS, Marshall. *Economía de la Edad de Piedra*. Madri: Akal, 1983.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In : SANT’ANNA, Denise (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 69-80.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- SCHWARTZ, Hillel. *Never satisfied: A cultural history of diets, fantasies and fat*. Nova York: Anchor Books, 1990.
- SCHWARTZ, Hillel. Torsión: la nueva cinestética del siglo XX. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ediciones Cátedra, 1996. p. 121-140.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: Tirantias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SFEZ, Lucien. *A saúde perfeita: Crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SHAW, Teresa M. *The burden of the flesh: fasting and sexuality in early Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1998.
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein: O Moderno Prometeu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: Corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SIBILIA, Paula. Tirantias do ‘software humano’: redefinições de saúde e doença. Revista *Logos*. Rio de Janeiro: UERJ, Ano 11 N° 20, 2004. p. 39-59.
- SIBILIA, Paula. “A desmaterialização do corpo: da alma (analógica) à informação (digital)”. Revista *ESPM*, São Paulo, 2006 (no prelo).
- SIBILIA, Paula. “O bisturi de software: Ou como fazer um ‘corpo belo’ virtualizando a carne impura?”. CD-ROM *XIII COMPÓS*, UFF, Niterói-RJ, Junho 2005.
- SIBILIA, Paula. “Cirurgias plásticas: Da beleza como dom divino aos imperativos fáusticos”. In: VILLAVARDE CABRAL (Org.). *Festschrift Hermínio Martins*. Lisboa: Ed. Imprensa de Ciências Sociais, 2006 (no prelo).
- SIBILIA, Paula. “Blogs, fotologs e webcams: El show del yo via Internet”. In: HERNÁNDEZ, Iliana (Org.). *Relaciones entre estética, ciencia y tecnología*. Bogotá: Ed. Pontificia Universidad Javeriana, 2005; p. 261-186.
- SIBILIA, Paula. “A digitalização dos corpos”. In: BENTES, Ivana (Org). *Corpos Virtuais*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Telemar, 2005; p. 118-121.
- SIBILIA, Paula. “A digitalização do mundo”. Revista *Cibercultura*. São Paulo: Itaú Cultural, Julho 2004. <http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2014&cd_materia=1242>.

- SIBILIA, Paula. “Do homo psico-lógico ao homo tecno-lógico: a crise da interioridade”. Revista *Semiosfera*, Rio de Janeiro, ECO-UFRJ, Ano 3, Nº 7, 2004. <http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/conteudo_mm_psibilia.htm>.
- SILVA MELLO, A. *Alimentação, instinto, cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- SOARES de FREITAS, Maria do Carmo. *Agonia da Fome*. Salvador: EdUFBA/Fiocruz, 2003.
- SOLER, Jean. “The Semiotics of Food in the Bible”. In: COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny Van. *Food and Culture: A Reader*. Nova York: Rutledge, 1997; 55-66.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Ed. Arbor, 1981.
- SONTAG, Susan. *La enfermedad y sus metáforas*. Buenos Aires: Ed. Taurus, 1996.
- SONTAG, Susan. Acerca de la belleza. *La Nación*, Caderno Cultura. Buenos Aires, 24/072002.
- STAFFORD, Barbara Maria. *Good Looking. Essays on the Virtue of Images*. Cambridge: The MIT Press, 1996.
- STELARC. Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *A arte no século XXI: A humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997. p. 52-62
- SÜSKIND, Patrick. *O perfume, História de um assassino*. São Paulo: Record, 1992.
- TANNAHILL, Reay. *Food in History*.
- TAMBORINO, John. *The corporeal turn: Passion, necessity, politics*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2002.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.
- THACKER, Eugene. Performing the Technoscientific Body: RealVideo Surgery and the Anatomy Theater. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.) *Body Modification*. Londres: Sage Publications, 2000. p. 317-336.
- TODES, Samuel. *Body and World*. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- TOUSSAINT-SAMAT, Maguelonne. *History of Food*.
- TRILLING, Lionel. *Sincerity and Authenticity*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- TURNER, Frederick. Biología y Belleza. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ed. Cátedra, 1996. p. 335-358.
- TURNER, Bryan S. The discourse of diet. In: FEATHERSTONE, Mike; HEOWORTH, Mike; TURNER, Bryan (Orgs). *The Body: Social Process and cultural theory*. Londres: Sage, 1992.
- UTTAL, William. *The New Phrenology*. The limits of localizing cognitive processes in the brain. Cambridge/Londres: The MIT Press, 2001.
- VARELA, Francisco e THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. *A mente incorporada: Ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed-Bookman, 2003.
- VARELA, Francisco. El nuevo encanto de lo concreto. In: CRARY, Jonathan; KWINTER, Stanford. *Incorporaciones*. Madri: Ed. Cátedra, 1996. p. 277-292.
- VAZ, Paulo. Corpo e risco. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F; KOSOVSKI, E. (org.). *Que corpo é esse?* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- VAZ, Paulo. O corpo-propriedade. In: NETO, Antonio Fausto; PINTO, Milton (org.), *Mídia e Cultura*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

- VAZ, Paulo. O futuro da genética. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F (org.). *Nas Fronteiras do Contemporâneo*. Rio de Janeiro, v.1, p.137-146, 2001.
- VIDAL, Fernando. Brains, Bodies, Selves, and Science: Anthropologies of Identity and the Resurrection of the Body. *Critical Inquiry*, 28. Chicago: The University of Chicago Press, 2002, p. 930-974.
- VIDAL, Fernando. *Brainhood*. Conferência proferida no encontro *Mind, Brain and Education*. Pontifical Academy of Sciences, Roma, Novembro 2003 (inédito). Versão em francês disponível em <http://www.brainhood.net>.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: Uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIGARELLO, Georges. *Corregir el cuerpo: Historia de um poder pedagógico*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.
- VIGARELLO, Georges. *Historia de la belleza*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.
- VIGARELLO, Georges (Org.). *Histoire du corps: vol. 1;2;3*. Paris: Ed., 2005.
- VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- VIRILIO, Paul. “Do super-homem ao homem superexcitado”. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- VOGEL, Klaus. The Transparent Man: Some comments on the history of a symbol. In: BUD, Robert; FINN, Bernard; TRISCHLER, Helmuth (Orgs.) *Manifesting Medicine. Bodies and Machines*. Amsterdam: Harwood Academic Publishers, 1999. p. 31-61.
- WEBER, Max. *La ética protestante y el espíritu del capitalismo*. Buenos Aires: Ed. Andrómeda, 2004.
- WELTON, Donn (Org.) *Body and Flesh: A Philosophical Reader*. Malden: Blackwell Publishers, 1998.
- WEIS, Gail. The abject borders of the body image. In: WEISS, Gail e FERN HABER, Honi (Orgs.) *Perspectives on Embodiment: The Intersections of Nature and Culture*. Londres e Nova York: Routledge, 1999. p. 41-59.
- WEISS, Gail e FERN HABER, Honi (Orgs.) *Perspectives on Embodiment: The Intersections of Nature and Culture*. Londres e Nova York: Routledge, 1999.
- WEISS, Gail. *Body images: Embodiment as intercorporeality*. Nova York e Londres: Routledge, 1999.
- WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço, de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- WIEDEMANN, Julius. *Digital Beauties: 2D and 3D CG Digital Models*. Colônia: Taschen, 2002.
- WILLIAMS, Simon; BANDELOW, Gilliam. *The lived body: Sociological themes, embodied issues*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.
- WINKLER, Mary. *Model Women*. In: COLE, Letha e WINKLER, Mary (Orgs.). *The good body: Ascetism in contemporary culture*. New Haven: Yale University Press, 1994. p. 215-230.
- WOLF, Naomi. *El mito de la belleza*. Barcelona: Emecé, 1991

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)